



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Câmpus de Bauru



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE JORNALISMO

PEDRO GABRIEL OLIVEIRA

'VOZ ATIVA':

uma análise do processo de letramento racial a partir do *podcast Mano a Mano*

BAURU - SP

2024

PEDRO GABRIEL OLIVEIRA

‘VOZ ATIVA’:

uma análise do processo de letramento racial a partir do *podcast Mano a Mano*

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social (DCSO), da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier

BAURU - SP

2024

O48'

Oliveira, Pedro Gabriel
'Voz Ativa' : uma análise do processo de
letramento racial a partir do podcast Mano a Mano /
Pedro Gabriel Oliveira. -- Bauru, 2024
167 f.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado -
Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Juarez Tadeu de Paula Xavier

1. Podcast. 2. Letramento Racial. 3. Mídia Radical.
4. Cultura Negra. I. Título

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp.

Dados fornecidos pelo autor

PEDRO GABRIEL OLIVEIRA

‘VOZ ATIVA’:

uma análise do processo de letramento racial a partir do *podcast Mano a Mano*

Monografia do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social (DCSO), da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Bauru _____ de _____ de _____ .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier (Orientador)
Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”

Prof^a. Dra. Michelle Roxo de Oliveira (Examinadora Interna)
Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”

Prof. Me. Alan Tomaz De Andrade (Examinador Interno)
Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho”

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é a conclusão de um sonho que foi apoiado por pessoas muito especiais que me acompanharam desde muito antes de iniciar minha jornada acadêmica. Primeiramente, preciso agradecer à minha mãe Juliana Dutra e ao meu pai Sergio Magno, pois sem o apoio deles, a confiança e as mensagens de incentivo quando eu estava na pior fase, eu não estaria hoje aqui. Eu amo vocês por isso e agradeço todos os dias por me escolherem como filho. Da mesma maneira agradeço aos meus irmãos Larissa Soares e Sergio Magno Soares Filho por estarem presentes nesses momentos tão importantes.

Um agradecimento especial a minha avó, que foi e sempre será a pessoa mais forte e batalhadora que eu conheço. Uma mulher que lutou a vida inteira para conseguir fazer com que suas filhas e seus netos pudessem alcançar a sua melhor versão. Se não fosse sua insistência e suas “pesquisas”, eu não estaria na Unesp e muito menos em Bauru. Do mesmo modo eu agradeço ao meu avô, que tinha o sonho de me ver na TV e falava orgulhoso que seu neto estava fazendo jornalismo. A Unesp fez com que ele conseguisse me ver na televisão antes de partir e sinto que está me acompanhando em cada conquista da minha vida.

Agradeço às minhas amigas Flávia Piai e Heloise Estanislau, que estão ao meu lado desde o ensino médio — mesmo que às vezes eu fosse levemente chato — e que me apoiaram neste sonho que era entrar na faculdade. Também agradeço às amigas que a Unesp me deu e sou imensamente grato por ter colocado pessoas incríveis e acolhedoras no meu caminho, que me incentivam e me motivam todos os dias e de quem sou muito fã: Ana Clara Archanjo, Ana Beatriz Rodrigues, Juliana Gottardi, Bianca Penteado, Vitória Lopes Gomez, Renata Otaviano, Bruna Milori e Vinícius Rodrigues. Eu amo cada uma e não consigo imaginar minha vida até aqui sem vocês.

Agradeço ao meu orientador, Juarez Tadeu de Paula Xavier, pelo trabalho cuidadoso, pelas críticas construtivas e pela sabedoria compartilhada em cada encontro. Ser orientado pelo senhor foi uma honra que levarei por toda minha vida. Também agradeço à professora Ângela Maria Grossi, que desde o primeiro momento em que pisei na Unesp esteve ao meu lado me dando conselhos, se preocupando comigo e apoiando minha vida acadêmica. Muito obrigado por ser uma ótima professora e colega nesses cinco anos de graduação.

Agradeço também aos amigos do Apart Hotel e demais parceiros conquistados nesses cinco anos de faculdade, que fizeram com que minha entrada e passagem pelo curso tenha sido mágica e cheia de memórias que sei que levarei para o resto da minha existência. Vocês fizeram com que esses fossem os melhores anos da minha vida.

Por fim, quero agradecer ao estudante honorário, mascote do curso e animal de suporte emocional, meu cão Chico, que foi uma das maiores companhias durante minha passagem por Bauru e que me manteve calmo nos momentos mais difíceis de crises.

“Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras”

bell hooks

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objeto de análise o *podcast* *Mano a Mano*, um programa que aborda temas relacionados à cultura negra e questões sociais com uma linguagem informal e acessível. A pesquisa busca identificar como o discurso sobre letramento racial é construído em um conteúdo não didático, focando em um formato de conversa que se diferencia de materiais tradicionais de ensino. O estudo explora a abordagem utilizada pelo apresentador e seus convidados para promover a conscientização sobre racismo e identidade racial, analisando de que maneira as discussões conseguem ressoar com um público amplo. A partir dessa análise, pretende-se contribuir para o entendimento de práticas de letramento racial em mídias contemporâneas e sua eficácia no engajamento social.

Palavras-chave: Letramento racial, *podcast*, cultura negra, discurso informal, engajamento social, mídia contemporânea

ABSTRACT

This thesis analyzes the podcast *Mano a Mano*, a program that addresses topics related to Black culture and social issues with an informal and accessible language. The research seeks to identify how the discourse on racial literacy is constructed in a non-didactic content, focusing on a conversational format that differs from traditional educational materials. The study explores the approach used by the host and his guests to promote awareness of racism and racial identity, examining how these discussions resonate with a broad audience. Through this analysis, the aim is to contribute to understanding racial literacy practices in contemporary media and their effectiveness in social engagement.

Keywords: Racial literacy, podcast, Black culture, informal discourse, social engagement, contemporary media

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Participantes da primeira temporada do <i>podcast Mano a Mano</i>	35
Tabela 2 - Participantes da segunda temporada do <i>podcast Mano a Mano</i>	36
Tabela 3 - Participantes da terceira temporada do <i>podcast Mano a Mano</i>	37
Tabela 4 - Participantes da quarta temporada do <i>podcast Mano a Mano</i>	38

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 LETRAMENTO RACIAL	13
2 O PODCAST COMO MÍDIA RADICAL	17
2.1 RÁDIO ALICE	18
2.2 FANON E A ARGÉLIA	20
2.3 INTERNET E SUA UTILIZAÇÃO COMO UMA MÍDIA RADICAL	23
2.4 O PODCAST COMO UMA ALTERNATIVA RADICAL	26
2.4.1 O que é um podcast?	26
2.4.2 O podcast como ferramenta de embate a mídia hegemônica	28
3 ANÁLISE DO PODCAST MANO A MANO	32
3.1 PODCAST MANO A MANO	33
3.1.1 Formato entrevista	39
3.1.2 Racionais MC's e a luta racial	42
3.1.3 A equipe do Mano a Mano	47
3.1.3.1 Mano Brown	48
3.1.3.2 Semayat Oliveira	49
3.1.3.3 Eliane Dias	50
3.1.3.4 Gilvana Viana	50
3.1.3.5 Renata Hilário	51
3.1.3.6 Kaire Jorge	51
3.1.3.7 Jacques de Paula	51
3.1.3.8 Tainá Vieira	52
3.1.3.9 Arthur Abrami	52
3.1.3.10 Jef Delgado	52
3.1.3.11 Bruno Zibordi	52
3.1.3.12 Henrique Oliveira	53
3.1.3.13 Leandro Rodrigo	53
3.1.4 Análise dos episódios	53
3.1.4.1 Fernando Holiday	56
3.1.4.1.1 Episódio 6	58
3.1.4.2 Glória Maria	69
3.1.4.2.1 Episódio 16	71
4 RESULTADOS	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92
APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO 6 DO PODCAST MANO A MANO: ENTREVISTA COM FERNANDO HOLIDAY	97
APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO 16 DO PODCAST MANO A MANO: ENTREVISTA COM GLÓRIA MARIA	126

1 INTRODUÇÃO

Cabelo quimicamente alisado. Os produtos culturais, todos regidos pela supremacia branca¹. A ancestralidade que me² é contada sempre retorna aos parentes europeus, que vieram tentar a vida no Brasil. Comentários que reforçam constantemente que deveria negar qualquer traço da minha negritude. Inconscientemente, essa foi a criação que me levou a começar a me enxergar e refletir como um jovem preto apenas aos 17 anos.

Para uma parte da minha família, não eramos negros, mas sim, o que Fanon brinca como “essessivamente morenos”. Uma tática para conseguir validar que não temos “nada em comum com os negros de verdade”, e, assim, conseguir se encaixar em uma ala da supremacia branca como merecedor de respeito (FANON, 1952, p. 84).

A negação da sua racialidade — ou melhor, a não identificação como pessoa preta ou parda na sociedade — pode ser marcada por uma série de motivos. Seja uma imposição dos meios de comunicação que pautam em uma supremacia branca (HOOKS, 2019, p.32), seja pela vilanização do negro posta diariamente nos mitos, falas, ritos religiosos e na personificação do mal (FANON, 1952, p. 200). No meu caso, uma mistura desses fatores.

Quando comentava com minha avó sobre qual seria o tema da monografia que escreveria para o Trabalho de Conclusão de Curso, ela rapidamente me repreendeu dizendo que eu não “era negro”, e citou que eu não teria melanina o suficiente. Minha avó tem 58 anos³, nasceu na divisa com o Paraná, engravidou cedo e foi expulsa de casa aos 13 anos. Cresceu com a família do meu avô, um homem branco — que na época tinha seus 16 anos —, com ancestralidade italiana,

¹ O termo “supremacia branca” está sendo utilizado na significação de bell hooks no livro “Olhares Negros: raça e representação”, em que não está ligado “a ideologias de pureza racial, mas a circunstâncias relacionadas à ideologia racista e ao colonialismo, em que as narrativas culturais e a produção de conhecimento partem do ponto de vista de pessoas brancas” (HOOKS, 2019, pg. 26)

² Na introdução, optei por utilizar uma narrativa em primeira pessoa para mostrar a maneira como a pesquisa surgiu para mim e como ela impacta diretamente a maneira como minha visão de mundo foi criada.

³ Minha avó nasceu em 1966, dois anos após a instauração da ditadura militar no Brasil. O regime militar intensificou a repressão a ativistas e organizações negras no período de vigência, impactando negativamente os avanços raciais. O regime utilizou órgãos de repressão, como o Centro de Informações da Marinha (CENIMAR) e o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), para perseguir e silenciar aqueles que lutavam contra o racismo e pela independência dos países africanos (RIOS, 2014, pg.79).

espanhola e indígena, mas que o lado europeu sempre era reforçado por tudo e todos.

A negritude⁴, inclusive, era rejeitada pelo meu tataravô, que era abertamente racista e não aceitava o fato de seus netos terem se casado com pessoas negras retintas. A ideia começou a ser mudada apenas na geração do meu avô, mas ainda sem um aprofundamento sobre as questões raciais.

A vivência acabou refletindo em minha avó. Ainda que seja uma negra de pele clara, ela não se reconhece nesse espectro. Ainda que minha avó seja negra, ela não consegue identificar seus traços de negritude, e até luta contra alguns. Ela nunca foi motivada a se identificar como pessoa negra, nunca foi apresentada a uma ancestralidade que não fosse branca e, conseqüentemente, foi o que ela entendeu como correto para passar a suas filhas.

Entretanto, esse espectro de não pertencimento a nenhum lugar é, no final das contas, uma prisão sem identidade. Bianca Santana, no texto *Nossa negritude de pele clara não será negociada*, ressalta como ao mesmo tempo que a pessoa parda está mais próxima da preta do que da branca em diversos aspectos, seu não pertencimento a faz ficar “no conforto de ser constantemente informada de que não era branca, sem ter qualquer outra identidade racial, usufruindo da sensação plena de inadequação” (SANTANA, 2020).

Eu perguntei à minha avó o que ela entendia como negritude e como ela se definia, para tentar traçar um entendimento como eu me enxergo atualmente. Ela me respondeu que, em primeiro lugar, não se via como uma pessoa negra. “Eu não me acho negra. Tem pessoas muito mais escuras do que eu. Eu não me acho negra jamais. Mas, se alguém me achar, é indiferente” (Ester, 58 anos).

Bell hooks avalia essa relutância em querer reavaliar as condições da vida como uma forma de fugir da militância. “As pessoas negras se afastam da realidade porque a consciência é dolorosa demais. No entanto, só nos tornamos mais conscientes quando começamos a ver com clareza” (HOOKS, 2019, p. 39).

⁴ O conceito de negritude, segundo Kabengele Munanga em *Negritude Afro-Brasileira: Perspectivas e Dificuldades*, trata-se de uma reação racial negra a uma agressão racial branca, que surge como uma resposta à inferiorização da cultura e do físico negro perpetrada pelo racismo. Ela é uma recusa à assimilação e uma afirmação da identidade e dos valores da civilização negra e retoma a própria história e cultura, negadas pelo sistema colonial e escravocrata. Em suma, se configura como um movimento anti-racista e anti-imperialista que busca a libertação dos negros do sistema colonial e do racismo. (MUNANGA, 1990, pg. 111)

Ainda que tentemos fugir da vivência, em algum momento de nossas vidas ela nos encontra. Quando somos confrontados com um mundo regido pela supremacia branca, entendemos que acabamos *traídos* pelo nosso arredor, “já que os brancos não me reconheciam como um dos seus e os negros praticamente me renegavam” (VENEUSE *apud* FANON, 1952, p.88). E, nisso, entra a necessidade de um letramento racial mais ativo.

1.1 LETRAMENTO RACIAL

Segundo o Censo de 2022, uma das apurações feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 55,5% da população total do Brasil se autodeclarava como preta ou parda⁵.

A informação de que mais de 50% da população brasileira é negra não é nova. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) Contínua de 2007⁶ já apontava que o número de pessoas que se autodeclararam como pretas e pardas vinha aumentando ano a ano. Entretanto, mesmo que a percepção individual venha se alterando, ainda não há informações o suficiente para entendermos se essa maior autodeclaração se trata de um crescimento no número de pessoas letradas racialmente. Em uma análise mais profunda, não é possível nem mesmo apontar a origem deste suposto aumento no letramento racial.

Antes de adentrar no que é o letramento racial em si, é importante entender que letramento é uma compreensão das práticas sociais que definem, a partir de um modo específico de funcionamento, implicações nas maneiras que os sujeitos firmam suas relações de poder (SOUZA, 2011, p. 35).

A partir disso, o conceito de letramento racial surge no artigo *A white side of black Britain: The concept of racial literacy*, escrito pela socióloga France Winddance Twine, em 2004. A socióloga tenta entender as relações do que chamou de “letramento racial” em família formadas por casais interracialis no Reino Unido, em um período quando as informações sobre os “processos micro culturais que ocorrem em lares multirraciais” eram escassos (TWINE, 2004, p. 879).

Twine define:

⁵ **Censo Demográfico 2022 Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade Resultados do universo.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3105/cd_2022_etnico_racial.pdf>.

⁶ SILVA, P. et al. **Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA -IBGE.** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/59/pnad_2007_v28_br.pdf>.

Letramento racial é um conjunto de práticas. Pode ser melhor caracterizado como uma "prática de leitura" - uma forma de perceber e responder individualmente às tensões raciais e estruturas raciais. Os critérios analíticos que empregamos para avaliar a presença do letramento racial [...] e incluem o seguinte: 1) um reconhecimento do valor simbólico e material da Brancura; 2) a definição de o racismo como um problema social atual e não como um legado histórico; 3) um entendimento que as identidades raciais são aprendidas e um resultado de práticas sociais; 4) a posse de gramática racial e um vocabulário que facilite uma discussão sobre raça, racismo e antirracismo; 5) a capacidade de traduzir e interpretar códigos raciais e práticas racializadas e 6) uma análise das formas como o racismo é mediado pelas desigualdades de classe, gênero hierarquias, e heteronormatividade (TWINE & STEINBUGLER *apud* PEREIRA, 2022, p. 3)

Em linhas gerais, o letramento racial seria a racialização das relações, com a atribuição arbitrária de direitos e posições hierárquicas distintas entre branco e negros, que justifica uma suposta superioridade dos não-negros. Sobre este parâmetro, bell hooks reflete:

Sem uma forma de nomear a nossa dor, nós também não temos palavras para articular nosso prazer. De fato, uma tarefa fundamental dos pensadores negros críticos tem sido a luta para romper com os modelos hegemônicos de ver, pensar e ser que bloqueiam nossa capacidade de nos vermos em outra perspectiva, nos imaginarmos, nos descrevermos e nos inventarmos de modos que sejam libertadores. Sem isso, como poderemos desafiar e convidar os aliados não negros e os amigos a ousar olhar para nós de jeitos diferentes, a ousar quebrar sua perspectiva colonizadora? (HOOKS, 2019, p.32)

O estudo inicial de Twine abriu caminho para outras pesquisas acerca do letramento racial pelo mundo. No Brasil, pesquisadores como a filósofa Sueli Carneiro e a escritora Djamilia Ribeiro começam a trazer, de uma forma mais didática, os conceitos raciais aplicados na rotina do brasileiro, lançando *best-sellers* que logo adentram o imaginário popular, como o *Pequeno Manual Antirracista*.

O aprofundamento do letramento racial está presente em produções audiovisuais de portais voltados a discutir questões étnico-raciais, que trabalham na apresentação de pautas raciais em diferentes formatos. Pratibha Parmar afirma no ensaio *Black Feminism: The Politics of Articulation* que "as imagens desempenham um papel crucial na definição e no controle do poder político e social a que têm acesso indivíduos e grupos sociais marginalizados. A natureza profundamente ideológica das imagens determina não só como outras pessoas pensam a nosso

respeito, mas como nós pensamos a nosso respeito” (PARMAR *apud* HOOKS, 2019, p.38).

A mídia sonora se destaca como uma maneira eficaz no acesso de pessoas marginalizadas. Um exemplo é o rádio, que foi extremamente importante para a construção midiática no Brasil por ser acessível para uma população analfabeta (DOWNING, 2002, p.243). E quando falamos de analfabetismo no Brasil, os dados do Censo 2022 apontam que as taxas são maiores em pretos (10,1%) e pardos (8,8%), do que em brancos (4,3%) — sem falarmos, claro, dos indígenas (16,1%), que apresentam números quase quatro vezes maiores e poderiam gerar uma nova pesquisa focada apenas no impacto do rádio para essa parcela da população⁷.

Por outro lado, temos o surgimento do *podcast* como uma alternativa ainda mais simples para a produção de conteúdos segmentados de forma independente. Essa tecnologia permite que a pessoa seja protagonista da sua própria transformação, e, dessa maneira, siga os caminhos traçados por Paulo Freire, de acordo com Nemer, no processo de libertação.

Freire destaca a importância da conscientização — o processo de ‘aprender a perceber contradições sociais, econômicas e políticas e agir contra os elementos opressores da realidade’ — para catalisar ações transformadoras do oprimido durante sua busca por liberdade (NEMER, 2019).

A visão de Nemer de o protagonista conseguir transmitir sua realidade através da mídia e, conseqüentemente, abrir os olhos das pessoas que vivem em uma realidade semelhante, entremeia-se com a linha de pensamento de Fanon, que “ênfatizava a necessidade de se fornecer às populações nativas uma educação que fosse moderna e anticolonial” (NEMER, 2019).

Um exemplo prático da comunicação por *podcasts* para suprir as necessidades comunicacionais de pessoas pretas foi o *Pandemia sem neurose*, lançado em 2020. O projeto foi uma iniciativa conjunta do *Alma Preta*, *Desenrola e Não Me Enrola* e do *Periferia em Movimento*, que usufruía da plataforma do *podcast* *Papo Preto* para fazer um apanhado das informações sobre a crise sanitária que poderia afetar diretamente a periferia da cidade de São Paulo.

⁷ **Censo 2022: Taxa de analfabetismo cai de 9,6% para 7,0% em 12 anos, mas desigualdades persistem** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/40098-censo-2022-taxa-de-analfabetismo-cai-de-9-6-para-7-0-em-12-anos-mas-desigualdades-persistem#:~:text=As%20taxas%20de%20analfabetismo%20de,%C3%A9%20quase%20quatro%20vezes%20maior.> Acesso em 15 de set de 2024.

Mas esse não é o único. Aos que procuram por informações mais *quentes*, com uma pegada *O Assunto* com atualidades, uma ótima escolha é o próprio *Papo Preto*. Quem busca algo didático, com histórias de figuras negras na construção do Brasil, há o *Vidas Negras*, da *Rádio Novelo*, por exemplo. Se o objetivo são entrevistas, cujo assunto principal não seja as questões raciais, mas que ao final das contas, os assuntos sobre a vivência negra permeiam a conversa, o *podcast Mano a Mano*, do rapper Mano Brown, é um ótimo exemplo — tão interessante que surge como foco desta monografia.

Porém, para conseguir entender como um *podcast* como o *Mano a Mano* trabalha no letramento racial e atua no combate ao racismo no Brasil, é necessário compreender a utilização do formato como um meio de revolução e luta. Tendo em mente que o *podcast*, assim como o rádio, surge como uma mídia radical dos tempos modernos para a racialização de um povo que não se enxerga como tal.

2 O PODCAST COMO MÍDIA RADICAL

A comunicação é uma ferramenta poderosa que molda percepções, constrói identidades e influencia ações sociais. Dar voz a um povo transcende a mera disseminação de informações: é um ato de ruptura que transforma a população em um agente ativo de mudança. Neste contexto, a mídia radical surge como uma resposta contundente às narrativas dominantes que frequentemente marginalizam vozes que clamam por reconhecimento e justiça. Este conceito abrange formas de comunicação que não apenas desafiam a hegemonia da mídia tradicional, mas também promovem a inclusão e o engajamento social por meio de plataformas digitais e redes sociais.

O termo mídia radical, discutido a partir dos conceitos do comunicador John D. H. Downing, trata-se das formas de comunicação que são contra-hegemônicas e possibilitam visões alternativas sobre um mesmo assunto — ou assuntos *não interessantes* para a mídia dominante. Essa forma de mídia é frequentemente associada a movimentos sociais e políticos que buscam a transformação social.

Para Downing, a mídia radical se expressa em uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas dominantes, frequentemente vinculada a agendas políticas radicais (LOPEZ, 2011). Essa definição é crucial para entender como a mídia radical não apenas informa, mas também mobiliza e organiza comunidades em torno de causas sociais, promovendo uma cidadania mais ativa e participativa. Ele define a mídia radical ativista como aquela que “tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também [de] pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico” (DOWNING, 2002, p.16).

A mídia radical se distingue por sua natureza alternativa e seu compromisso com o ativismo, buscando amplificar as vozes que, historicamente, foram silenciadas ou distorcidas. No livro *Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais*, o pesquisador inglês aprofunda nas diversas maneiras como a comunicação pode se desenvolver de forma radical, sendo nas artes plásticas, dança, grafite, impresso, internet e rádio, por exemplo.

A ascensão das mídias sociais trouxe mudanças significativas ao cenário da mídia radical, proporcionando a grupos marginalizados a oportunidade de atingir um público mais vasto e mobilizar apoio para suas causas. Essa transformação é

particularmente evidente entre os jovens adultos da geração digital, que se mostram mais suscetíveis à radicalização em ambientes online. Através dessas plataformas, ideologias podem ser disseminadas de forma eficaz, influenciando a opinião e o comportamento dos usuários (SUGIHARTATI, 2020).

A presente pesquisa possui um foco na maneira como os *podcasts* podem ser utilizados como essa mídia radical. Mas, para isso, é necessário retornar a maneira como o rádio, uma mídia sonora que antecede os *podcasts* e *broadcasts*, foi utilizada como essa mídia alternativa. O rádio é descrito por Fanon como:

um meio singular de resistir às opressões psicológicas e militares cada vez maiores do ocupante, a sociedade argelina, por um movimento autônomo interno, decide assumir a nova técnica e estar, assim, ligada aos novos sistemas de sinalização postos no mundo pela Revolução (FANON, 1959, p.687).

Nessa definição, ele trabalha a mídia em uma época e lugar específico. Entretanto, a mídia sonora, seja ela ao vivo ou *on demand*, pode ser vista como essa mídia de fácil produção e com um grande alcance, o que possibilita o desenvolvimento de uma mídia alternativa e contra-hegemônica.

2.1 RÁDIO ALICE

Entre 1976 a 1977, surgiu em Bolonha, Itália, um marco na história da comunicação quando o assunto é movimentação radical e de contracultura. Em um país que estava sendo regido pelo Democracia Cristã⁸ desde o fim da Segunda Guerra Mundial e que detinha o controle das transmissões nas mãos de um grupo expressivo de de arqui-revolucionários e até mafiosos, começa uma luta pelas ondas de rádio, protagonizadas principalmente por dois grupos:

⁸*Democrazia Cristiana*, no original, foi um partido italiano inserido no conceito moderno de democracia como governo para e pelo povo. Ela se destacava por incorporar valores cristãos à política. Ela defende a igualdade dos cidadãos perante a lei, a representação parlamentar e a garantia de liberdades fundamentais, como expressão, opinião e voto. Ao contrário do marxismo, que prega a luta de classes, a Democracia Cristã valoriza a cooperação entre classes sociais, buscando uma sociedade baseada na justiça econômica e no respeito à dignidade humana, inspirada pelos princípios morais do cristianismo.

A Democracia Cristã teve grande influência no governo italiano ao promover uma agenda que conciliava democracia política com justiça social, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Com raízes no Partido Popular Italiano fundado em 1919, ela tornou-se uma força política central, liderando governos e moldando a política italiana por décadas. Defendendo uma sociedade livre e solidária, o partido conquistou amplo apoio popular, especialmente durante as eleições de 1948, quando emergiu como uma barreira contra o comunismo, consolidando sua posição no cenário europeu e ajudando a reconstruir a Itália com base em valores sociais cristãos. Retirado do verbete *Democrazia Cristiana* da **Enciclopédia Treccani**. Disponível em [https://www.treccani.it/enciclopedia/democrazia-cristiana_\(Enciclopedia-Italiana\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/democrazia-cristiana_(Enciclopedia-Italiana)/). Acesso em: 08 de out de 2024.

Um constituído pelos grandes movimentos políticos dos trabalhadores, dos jovens e das mulheres, que agitavam o país desde 1969. A outra era a agressiva ambição corporativa de lucrar com a radiodifusão. (DOWNING, 2002, p.249)

Em 1977, cerca de um quarto das emissoras independentes que surgiram no país — que passavam de duas mil — possuíam, em conjunto, uma transmissão de 24 horas por dia. Já metade, conseguia promover uma transmissão entre quatorze e dezenove horas (DOWNING, 2002, p.249).

Entretanto, a mais notória foi a Rádio Alice. Inserida no Movimento de 1977, ela foi fruto da agitação social que emergiu após os protestos estudantis de 1968, quando estudantes e trabalhadores começaram a questionar as estruturas tradicionais de poder e a buscar novas formas de organização social. Esse movimento foi marcado pela insatisfação com o *milagre econômico* italiano, um período de rápida industrialização que, embora trouxesse prosperidade, também gerava alienação e precarização para grande parte da população (POLLARD, 2020).

A *Rádio Alice*, como outros projetos do período, operava de maneira autônoma, distanciando-se das instituições tradicionais, como partidos políticos e sindicatos, que eram vistos como comprometidos com o capital. Lumley (1990) descreve a "autonomia dos trabalhadores", que se manifestava na recusa de submeter suas necessidades às exigências do capital, e isso também refletia a filosofia da *Rádio Alice*. A emissora serviu como um espaço para que vozes marginalizadas pudessem se expressar, promovendo uma comunicação horizontal e democrática, em oposição aos veículos tradicionais controlados por interesses corporativos e políticos (LUMLEY *apud* POLLARD, 2020).

Segundo Downing, a emissora subvertia a ideia que se tinha do que era um "exemplo típico de rádio esquerdista na Itália" (DOWNING, 2002, p.249). Entretanto, essa imagem muda quando os após intensificarem os confrontos policiais, que acarretam na morte de um estudante da Universidade de Bolonha. "A emissora tornou-se por um breve momento o centro nervoso do movimento estudantil nacional, de forte militância" (DOWNING, 2002, p.249).

Além de ser um meio de comunicação reativo, a *Rádio Alice* se destacou por seu papel criativo e contracultural. Ela abrigava práticas que buscavam questionar e subverter a lógica capitalista, privilegiando formas de expressão que promoviam o prazer, a criatividade e a comunidade, como os concertos musicais e eventos culturais. Na época dos combates no campus, por exemplo, os debates na rádio

giravam em torno dos assuntos no país, no mundo, da política cultural, questões relacionadas a gênero, sobre o socialismo, sobre o anarquismo e, por fim, sobre a vida universitária.

As estações alternativas incluíam desde pequenos grupos de amigos reunidos no apartamento de alguém, com pilhas de discos, um microfone e um pequeno transmissor, até prosélitos experientes que davam a receita certa para salvar o mundo e ativistas do movimento estudantil que usavam as transmissões como esfera pública alternativa para a organização e o debate, além de outros formatos, alguns particularmente novos e originais no contexto, que davam voz, por exemplo, às donas-de-casa ou aos gays ativistas (DOWNING, 2002, p.250)

Essas práticas uniam as facções mais criativas e militantes do movimento, que partilhavam a rejeição de uma ordem social marcada pela alienação e pela produção em massa. Ao adotar uma postura que privilegiava a exploração das relações interpessoais e a participação ativa, a rádio se tornou um espaço central para a experimentação social e cultural (LUMLEY *apud* POLLARD, 2020).

2.2 FANON E A ARGÉLIA

Na Argélia, entre 1954 e 1962, a rádio radical teve um importante papel no levante argelino. Na época, a mídia deixou de ser tratada como um “instrumento estritamente hegemônico para servir também à contra-hegemonia” (DOWNING, 2002, p.245).

Frantz Fanon no livro *Em Defesa da Revolução Africana*, de 1968, e no ensaio *Aqui a voz da Argélia...*, de 1959, o autor descreve a ascensão do rádio como uma ferramenta contra-hegemônica para que a população argelina conseguisse saber o que estava acontecendo na revolução, sem se escorar numa mídia comandada pelos colonos franceses.

Entretanto, o rádio não foi aceito de imediato pelo povo argelino. Fanon afirma que “os programas na Argélia indiferenciados porque são calcados sobre o modelo ocidental, não se adaptam à hierarquização patriarcal do tipo estrito, ou mesmo feudal, e as múltiplas proibições morais da família argelina” (FANON, 1959, p.678).

O rádio era visto pelos europeus como uma forma de ostentar uma posse para o pequeno-burguês ocidental. Ao mesmo tempo, era a maneira como ligava às cidades longe da capital, colônias como a Argélia, à metrópole, ao “mundo civilizado”, sendo descrita pelo colonizador, segundo Fanon, como “o único meio de ainda se sentir um homem civilizado”. Logo, isso fazia com que a presença do rádio

nas casas argelinas fossem vistas como uma “presença francesa” e as emissoras, como a *Radio-Alger*, eram representações dos franceses falando para os franceses.

Em contrapartida, entre os argelinos a situação é totalmente diferente. Nós vimos que a família abastada hesitava em adquirir um aparelho. No entanto, não é constatada uma resistência explícita, organizada e fundada, mas antes um desinteresse desolado por este pedaço de presença francesa. Nos meios rurais e nas regiões afastadas dos centros de colonização, a situação é mais clara. Há a ignorância do problema, ou, mais precisamente, o problema está, neste ponto, afastado das preocupações cotidianas do autóctone, tanto que prevemos de maneira muito nítida o escândalo que haveria em perguntar ao argelino a razão pela qual ele não possui o aparelho de rádio. (FANON, 1959, p. 679)

Entretanto, os argelinos veem a necessidade de estarem inteirados das ações acerca da revolução e ter suas próprias fontes de informação para isso. Segundo Fanon, era fundamental, uma vez que se sabia a cara do inimigo, “conhecer ao mesmo tempo as perdas reais do inimigo e as próprias” (FANON, 1959, p. 681).

Fanon afirma que a falta e a omissão de informações sobre a Revolução fez com que os rumores crescessem no país. Apelidado de “telefone árabe” foi elevado à enésima potência, com casos como pessoas correndo nas ruas aos gritos afirmando que os colonizadores teriam sido derrotados e expulsos. Essas pessoas costumavam ser capturadas e torturadas pela polícia e, quando “tentavam escapar”, eram mortas a tiros. Isso aumentava o clima de tensão (DOWNING, 2002, p.246).

Para isso, começa um trabalho com os jornais impressos para que a informação radical fosse entregue ao povo argelino:

Os arautos, todos jovens argelinos, vendem exclusivamente à imprensa local. Os jornais europeus não são levados ao consumidor. Estes jornais devem ser solicitados nos quiosques. Os proprietários da imprensa escrita argelina sentem imediatamente a concorrência que os seus jornais fazem à imprensa vinda da França. As campanhas de denúncia visando a imprensa ‘cúmplice do inimigo’, e as apreensões repetidas de algumas destas publicações adquirem, evidentemente, uma significação particular. Por sua vez, os proprietários adotam cada vez mais o hábito de responder agressivamente que ‘a imprensa dos sacanas não chegou hoje’ (FANON, 1959, p. 685).

A informação pela mídia impressa, no entanto, era arriscada. Uma vez solicitado nos quiosques uma edição do *L'Express*, *L'Humanité* ou *Le Monde*, o argelino estaria assinando uma sentença de que apoiava a Revolução e, portanto, um “ato perigoso”. Era assinalar que não confiava nas informações oficiais, não

confiava nos seus “colonos”, e, com isso, era visto como um ato de guerra contra os proprietários dos quiosques. Eis então que entra em ação a rádio.

Mas, por quê agora o rádio era uma boa escolha? Primeiro pela acessibilidade às pessoas analfabetas, que conseguiam assimilar as informações que antes lhes eram negadas pela mídia impressa. Segundo pela crescente venda dos aparelhos, que atingiam locais que não tinham energia elétrica caso o aparelho fosse movido à pilha. Assim, o rádio deixa de ser um artigo de luxo do inimigo e passa a ser “o único meio de entrar em comunicação com a Revolução”.

Quem se destaca neste momento é a emissora *A Voz da Argélia Combatente*, entregando aos argelinos uma noção de como a luta pela libertação estava andando:

Veremos que a utilização das línguas árabe, cabila e francesa, expressão de uma concepção não racista como o colonialismo teve de convir, teve a vantagem de desenvolver e reforçar a unidade do povo, de fazer existir a Djurdjura ao combate para os argelinos patriotas de Batna ou de Nemours. Os atos cortados e fragmentados, publicados pela correspondência de um jornal mais ou menos atado à dominação colonial, ou comunicados pelas autoridades militares adversas, perdem sua característica anárquica e se organizam num pensamento político nacional e argelino, tomam lugar numa estratégia de conjunto, da reconquista da soberania popular. Os atos esparsos se inserem numa vasta epopeia e os Cabilas não são mais ‘aqueles das montanhas’, mas os irmãos, que com Ouamrane e Krim levam a vida dura para as tropas inimigas (FANON, 1959, p.687).

Ainda que o consumo do rádio não revele de forma tão nítida quem o ouve quanto o impresso, rapidamente as autoridades francesas começam um processo de cerceamento dessa fonte de informação. Primeiro, há a interdição da venda dos rádios, sendo liberada apenas com “sob reserva de produção de um bom documento emitido para a segurança militar ou os serviços da polícia” (FANON, 1959, p.687). Já os rádios à pilha são completamente proibidos, bem como a venda das pilhas reservas. Por fim, as ondas sonoras da emissora começaram a ser derrubadas, sendo necessário uma nova sintonização.

Começa então um processo de escuta constante. Os guerrilheiros pediam ao público que ouvissem uma frequência por duas horas ininterruptas, para que, quando ela fosse derrubada, os ouvintes procurassem a próxima sintonia. E assim, ficavam horas com os rádios colados aos ouvidos, tentando identificar as vozes abafadas no aparelho e interpretando cada emissão sonora. “Até os chiados e a

estática produzidos pela obstrução eram interpretados como confirmação de que a resistência ainda estava de pé e lutando” (DOWNING, 2002, p.247).

Com a criação de uma Voix de l'Algérie combattante, o argelino se encontra na obrigação vital de escutar a mensagem, de assimilá-la e, em breve, de assumi-la. Comprar um rádio, se colocar de joelhos, a cabeça contra a tela, já não é mais querer as informações, ao nível da formidável experiência que se desenrola no país, é ouvir as primeiras palavras da Nação.

Visto que a nova Argélia em marcha decide se contar e se dizer, o aparelho de rádio se torna indispensável. É ele que permite a la Voix se enraizar nas vilas e sobre as colinas. Ter um aparelho de rádio é, solenemente, entrar na guerra. (FANON, 1959, p.692)

2.3 INTERNET E SUA UTILIZAÇÃO COMO UMA MÍDIA RADICAL

Se durante o século XX, o rádio entra como uma maneira barata e de simples compreensão para a mídia radical, na virada para o século XXI, a internet muda o cenário e surge como um facilitador em diversos níveis. Segundo Downing, na época, a limitação do rádio e da televisão, os altos custos para se manter diálogos prolongados via ligação ou fax e a rápida disseminação dos computadores levaram a uma nova maneira de se pensar e trabalhar a comunicação radical e solidária. (DOWNING, 2002, p. 272)

Torna-se portanto essencial dar à Internet um enfoque da mídia radical: consiste na participação das pessoas na criação de formas interativas de comunicação que atuam como força de compensação para o fluxo unilateral que é o próprio da mídia comercial. [...] Embora o acesso ainda seja limitado e distribuído de forma irregular, ela está crescendo no mundo todo, inclusive em regiões rurais e empobrecidas (DOWNING, 2002, p.275).

A internet, em sua concepção, pode até não ter sido criada com o intuito de servir como uma voz para uma população desassistida pela mídia hegemônica. Entretanto, o resultado que temos é ela sendo usada por produtores não convencionais de mídia⁹ como uma maneira de dar luz a questões de sua própria vivência, para denunciar descasos e, assim, lutar contra uma mídia que pretende apagar seus problemas.

É como se a mídia estivesse sendo utilizada seguindo os moldes descritos pelo educador brasileiro Paulo Freire. Não é novo o entendimento deste *hackeamento* de uma mídia como forma de usá-la para lutar contra um sistema opressor. No livro *Tecnologia do Oprimido: desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil*,

⁹ Esse termo está sendo utilizado para se referir a pessoas que não são propriamente ditas comunicadoras, mas que, a partir do acesso à internet, ganham um palanque em que suas reivindicações ganham proporções maiores.

David Nemer discorre sobre como a *internet* e outras tecnologias podem ser utilizadas de diversas formas para trabalhar na libertação com o próprio oprimido sendo o agente protagonista da revolução.

Para isso, ele se utiliza vastamente do termo “tecnologias mundanas”:

O termo 'tecnologias mundanas' conota aquelas tecnologias cuja inovação já passou; são tecnologias que hoje são completamente integradas à vida cotidiana, como parte corriqueira dela. Estudar tecnologias mundanas significa explorar como elas mediam e refletem a vida cotidiana, como servem para a reprodução de configurações tecnossociais locais (MICHAEL *apud* NEMER, 2021, p.22).

Em suma, falar de tecnologias mundanas é aprofundar em um mar de possibilidades. Nemer, por exemplo, focou em como as comunidades periféricas de Vitória, no Espírito Santo, conhecida como Território do Bem, utilizavam das redes sociais, celulares de baixo custo e as *lan houses* como forma de socialização, reforço de poder e comunicação. Se para muitos publicar uma foto no *Instagram* significa apenas um registro de um dia legal, ou de um momento importante, para as histórias descritas por Nemer no livro essa foto poderia ser crucial para comunicar à família que a pessoa está viva e passa bem após um tiroteio no bairro na noite anterior.

Eu vivo em Itararé e não tenho créditos o suficiente no meu celular para ligar para ela todos os dias... e tentar subir o morro para vê-la é muito arriscado. Eu nunca sei quando as coisas por lá vão ficar ruins. [As mídias sociais nos Telecentros ajudaram-na a continuar em contato com a filha e a neta.] Minha filha vai para a LAN house ao lado de sua casa e nós entramos no Facebook e conversamos, trocamos a palavra do Senhor, ela me manda fotos da minha neta, e a gente até joga jogos às vezes... Não é a mesma coisa que estarmos juntas, mas pelo menos posso ficar tranquila que estão seguras (NEMER, 2021, p.99).

Em outro relato trazido pelo autor, é possível mostrar como a internet era uma maneira de desabafo para uma população que, dependendo do que falasse publicamente, poderia sofrer as consequências com as facções. As fotos, os emojis utilizados e as expressões eram revestidos com um significado maior por trás, para poderem desabafar sobre suas realidades.

‘Você viu isso?’ Ele queria saber qual era o motivo da minha selfie... me perguntou se a selfie estava relacionada ao movimento [atividade da facção do tráfico]. Eu disse que não, e falei que a foto era sobre uma briga que tive com meu namorado.... E ele acreditou em mim. Meus amigos me entendem, e eles sabem que é sobre essa guerra armada insuportável. É assim que a gente consegue se expressar

por aqui — falamos muita coisa, ao esconder algumas (NEMER, 2021, p.110).

Esse movimento de mensagens criptografadas que foram desenvolvidas pelas pessoas do Território do Bem foi definido por Alice Marwick e Danah Boyd como esteganografia social. O termo define quando uma pessoa posta um conteúdo em uma rede social pública, mas que, para uma pessoa ou grupo específico, aquela mídia possui um significado maior. (NEMER, 2021, p.110)

Essa tática também era usada como forma de prevenir que jovens fossem cooptados pelo tráfico, com adolescentes enviando fotos durante o dia para os pais, que estavam trabalhando fora do Território de Bem, de que estava seguro. Da mesma maneira, as fotos eram a forma como tinham para expressarem suas revoltas, objeções e descontentamento contra a desigualdade e violência nas favelas. (NEMER, 2021, p.112)

Nas diversas histórias contadas por Nemer, é possível ver a comunidade partindo das tecnologias para lutar contra um sistema opressor que não lhes entregam o necessário. Um dos principais cenários em que tudo acontece são os *Telecentros*¹⁰ localizados em três comunidades da capital capixaba. Além de um espaço que fornecia internet às pessoas, os *Telecentros* eram locais de socialização e movimentação em busca de “algo melhor”.

Por serem precarizados, foi a partir dos Telecentros que muitos conseguiram, por exemplo, começar a pesquisar e trabalhar com o conserto de aparelhos eletrônicos. Ou, em outros casos, promover campanhas para a reforma de uma praça pública na comunidade, que seria benéfica para a população. Segundo Nemer:

O reparo é uma maneira de se apropriar de projetos tecnológicos coloniais e impostos que não foram feitos para lugares como as favelas. Tais apropriações vêm nas formas de unidade, organização e luta comunitária. Conforme declarado por Paulo Freire, essas formas de apropriação são perigosas para os opressores, porque a realização delas provoca atos de libertação (NEMER, 2021, p. 256).

¹⁰ “Os *Telecentros* são instalações em que o público geral pode acessar computadores sem custo. Os computadores são, normalmente, equipados com uma variedade de softwares livres e proprietários e uma conexão com a internet. O *Telecentros.BR* foi um programa financiado pelo governo federal que apoiava espaços públicos e comunitários de inclusão digital. Os beneficiados pelo programa recebiam roteadores de internet, computadores, e auxílio financeiro para contratar Agentes de Inclusão e treiná-los” (NEMER, 2021, p. 42)

Quando voltamos o olhar para o Brasil e a utilização da internet no território, podemos entender que se trata de um fator facilitador para ser *hackeado*¹¹ e usado como uma mídia radical. De acordo com o relatório da *Data Reportal de 2024*, 86,6% da população brasileira tinha acesso à internet em casa no início de 2024. Esse número é maior quando falamos de conexões de telefonia celular ativas, chegando a 96,9%.¹²

A grande presença da internet no país possibilita que as mídias sociais se tornem espaços de expressão ativa das pessoas para conseguir que suas mazelas sejam ouvidas, viralizadas e discutidas por uma mídia supremacista branca que não se interessa por esses assuntos. Novamente, invocando o educador Paulo Freire, o advento da internet possibilita que a população se torne agente transformador da própria realidade. E o leque de possibilidades é enorme. Seja pela utilização das mídias sociais (*TikTok, Instagram, Facebook, X* e afins), ou com produções mais estruturadas, como são os casos dos *podcasts*.

2.4 O PODCAST COMO UMA ALTERNATIVA RADICAL

2.4.1 O que é um podcast?

O *podcast* é um um arquivo de mídia em áudio que está disponível para ouvir no seu computador ou para download para um dispositivo portátil, como um celular por exemplo. Ou seja, trata-se de

um arquivo de áudio ou vídeo que está disponível para se ouvir ou ver no seu computador ou para download para um dispositivo de mídia portátil ou mp3 player. Podcasts são geralmente partes de uma série e são distribuídos através de episódios individuais. Você pode se inscrever para uma série de podcasts usando um feed RSS¹³ para que os novos podcasts sejam transferidos automaticamente para o computador quando novos episódios estiverem disponíveis (LIBRARY OF CONGRESS *apud* CARVALHO; SALDANHA, 2018)

¹¹ A palavra aqui é utilizada como forma de entender, compreender e utilizar a tecnologia de uma maneira que ela não foi propriamente criada.

¹² **Digital 2024: Brasil** [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>. 15 de set de 2024..

¹³ RSS, abreviação em inglês para Rich Site Summary ou Really Simple Syndication, é uma maneira simplificada de exibir o conteúdo de um site. Criado em formato XML, um documento RSS resume as muitas informações disponíveis em uma página da web. Com a função de entregar notícias atualizadas, esses documentos RSS também são conhecidos como Feeds. Em resumo, os usuários utilizam essa ferramenta para que o agregador de conteúdo detecte se o site foi atualizado, dispensando a necessidade de visitas frequentes ao site para verificar novas informações. Retirado da explicação *O que é RSS?* da **Universidade Federal de Minas Gerais**, escrito por Luis Carlos Rubino. Disponível em: <https://www.ufmg.br/online/web/arquivos/003127.shtml>. Acesso em: 05 de nov de 2024.

O *podcast* surge em 1993 com a criação do *Internet Talk Radio*, um programa de entrevistas que dava espaço para pessoas envolvidas com tecnologia e apresentado por Carl Malamud¹⁴. Para a viabilidade do programa, ele utiliza o serviço RCS (*Radio Computing Services*) para transmitir o áudio, que se baseava no formato de arquivo MIDI (*Musical Instrument Digital Interface*).

O RCS trata-se de um serviço fundado nos anos 1980 que possibilitava a automação dos rádios. Esses programas, como o RCS Sound e o Selector, permitiam que as estações otimizassem a gestão de suas programações, automatizando a reprodução e organização de músicas, comerciais e vinhetas. Essa automação facilitou a operação das estações, possibilitando uma programação mais consistente e menos dependente de intervenções manuais. (POLITI, 2024)

Já o MIDI foi um padrão lançado em 1983 para a comunicação entre instrumentos eletrônicos e computadores. Criado por Dave Smith e Ikutaro Kakehashi, o MIDI permitia a transferência de dados musicais de forma digital, o que possibilitou a eliminação de fitas cassete e a introdução de novas possibilidades de produção e distribuição de áudio. Com o MIDI, instrumentos e equipamentos podiam se conectar para controlar sons e músicas com precisão, criando um novo padrão de mercado que influenciou tanto a radiodifusão quanto a produção musical. (POLITI, 2024)

Entretanto, a utilização dessa tecnologia ainda caminhava lentamente. Poucas pessoas conseguiam instalar e utilizar esses arquivos nos computadores pessoais, o que barrava a grande difusão dos conteúdos de Malamud. Ainda assim, foi o Internet Talk que marca uma virada na maneira como o conteúdo *on demand* é produzido e consumido, mesmo que em primeira instância de forma *offline*. (POLITI, 2024)

No Brasil, a nova forma de comunicação surgiu em 2004, com o lançamento do que é considerado o primeiro *podcast* do país: o *Digital Minds*, criado por Danilo

¹⁴ Carl Malamud é um ativista, escritor e tecnólogo norte-americano conhecido por seu trabalho em prol do acesso público à informação. Fundador da organização sem fins lucrativos Public.Resource.Org, Malamud dedica-se a disponibilizar gratuitamente documentos governamentais e regulatórios que, de outra forma, estariam presos a restrições de pagamento. Desde as décadas de 1980 e 1990, quando escrevia sobre redes de computadores, ele defende uma internet aberta e democrática, onde o conhecimento público é acessível a todos. Envolvido em batalhas legais em vários países, Malamud vê seu trabalho como uma forma de garantir que informações financiadas pelos cidadãos não sejam exploradas por governos ou entidades privadas, mas que estejam ao alcance de todos, promovendo transparência e justiça social. Retirado da matéria *Meet Carl Malamud, the man making public information open to the public* da **The Hindu**. Disponível em <https://www.thehindu.com/society/meet-carl-malamud-the-man-making-public-information-open-to-the-public/article26110262.ece>. Acesso em: 05 de nov de 2024.

Medeiros. O programa não foi o primeiro em conseguir disponibilizar sons para *download*, mas se destaca em fazer isso via *podcasting*¹⁵. Já em 2005, aconteceu a primeira edição da *Conferência Brasileira de Podcast*, a *PodCon Brasil*, que visava conectar produtores da então mídia emergente durante dois dias de evento, que aconteceu em dezembro, em Curitiba.

Entretanto, entre 2006 e 2008, o *podcast* ganha uma onda de crescimento, principalmente após a criação da categoria *Podcast* no prêmio *iBest* — um dos maiores prêmios voltados à internet no Brasil.

Os podcasts pós-podfade eram inspirados em programas de rádio voltados para o público jovem, trazendo humor e utilizando-se de técnicas e mixagens de som. Além disto, os assuntos abordados eram de fácil entendimento e de gosto geral. Comparados aos pioneiros nacionais, estes eram totalmente diferentes, pois os pioneiros buscavam se assemelhar a programas norte-americanos de pouca edição e mixagem, assemelhando-se bastante a programas ao vivo de rádio. (CARVALHO; SALDANHA, 2018, p. 39)

2.4.2 O podcast como ferramenta de embate a mídia hegemônica

A mídia hegemônica supremacista branca entende que alguns assuntos são interessantes apenas de uma maneira estigmatizada. Nemer, por exemplo, cita no livro a maneira como as favelas são representadas pelos grandes jornais. O que é ressaltado é a violência, o tráfico, a criminalidade e as mortes. Assuntos como cultura, esporte, saneamento básico, economia e solidariedade são deixadas de lado, com reportagens esporádicas e sem a devida importância. (NEMER, 2021, p.112)

Eis então que surge a necessidade de uma voz ativa que possa suprir as necessidades da população e, dessa forma, a partir de uma vivência semelhante, entregar um conteúdo que agregue para a realidade dessa população. São diversos os casos que temos na história da comunicação brasileira de produtos jornalísticos segmentados que visam entregar um recorte não explorado pela mídia hegemônica. Sobre pautas feministas, um portal de relevância atualmente é o *Az Minas*. Assuntos

¹⁵ Podcasting é o nome dado a transmissão de um podcast, um arquivo de mídia, geralmente em áudio, distribuído via feed RSS. Esse processo de transmissão publica regularmente conteúdos de áudio sobre diversos temas de interesse para os usuários. O termo podcasting deriva da junção de iPod com Broadcast (distribuição/transmissão de dados). (CARVALHO; SALDANHA, 2018)

relacionados ao combate do desmatamento da Amazônia temos o *Amazônia Real*. Conteúdos sobre negritude, temos o *Alma Preta* e a *Revista Raça*¹⁶.

Segundo os dados do relatório *Data Reportal 2023*¹⁷, o Brasil se destaca como o país que mais ouve *podcasts* no mundo. Da população usuária de internet no Estado entre 16 e 64 anos, 42,9% escutam *podcast* toda semana. Essa pesquisa leva em consideração outros formatos do que apenas o *podcast* propriamente dito, como os chamados “*videocasts*”.

No Brasil, a popularidade dos *podcasts* tem crescido de forma exponencial, com a pesquisa da *Associação Brasileira de Podcasters* (ABPOD, 2022) revelando que, em 2020, o país contava com mais de 34,6 milhões de ouvintes ativos, dobrando o número do ano anterior. Esse fenômeno se intensificou em um período de distanciamento físico, onde as plataformas digitais se tornaram essenciais para a conexão social. (COELHO, 2023, p.75)

A ascensão do *podcast* também reflete uma mudança nas dinâmicas sociais e nas interações entre os consumidores de conteúdo. Com o avanço das tecnologias de comunicação, novas oportunidades de trabalho surgiram, especialmente para os *podcasters*, que, embora semelhantes aos radialistas, estabelecem um vínculo mais próximo com seus ouvintes. Essa relação é facilitada pela acessibilidade do conteúdo, que permanece disponível para audição a qualquer momento, criando uma experiência única e atemporal. (COELHO, 2023, p.76)

Além de ser um meio de entretenimento, os *podcasts* atuam como fontes de informação e memórias coletivas, proporcionando um espaço para a troca de ideias

¹⁶ É importante ressaltar o papel da Revista Raça como um entendimento de que a população negra brasileira não apenas era um mercado a ser explorado, como também necessitava de um conteúdo voltado para si que o exaltasse. Na entrevista dada por Aroldo Macedo — primeiro editor-chefe da Revista Raça — ao Portalafro, na matéria Aroldo Macedo - Energia e audácia para realizar grandes sonhos, o editor afirma que as agências afirmavam que a revista não conseguiria patrocínio porque o “negro não gosta de ser negro, não tem orgulho de ser negro e não possui poder de compra”. É importante ressaltar que se trata de uma revista que teve sua primeira edição em 1996. (SANTOS, p. 75, 2004)

Segundo o antigo editor, não se fez nenhuma pesquisa de mercado antes de soltar a revista. Entretanto, os assuntos tratados pelo periódico, principalmente nas pautas relacionadas a cabelo, pele e beleza, fez com que a população negra brasileira conseguisse se ver nas páginas e consumir esse produto jornalístico. Para ele, a aceitação da revista por parte do público fez com que caísse por terra o mito de que não havia um consumidor negro interessado em assuntos envolvendo sua negritude. Ainda que a revista em si não trate propriamente de assuntos de emergências públicas voltadas para a comunidade negra, ela serve como um case de como as pessoas querem ser vistas pela mídia e como isso, no final das contas, se reverte como uma atitude radical para inserção da imagem do negro como um possível consumidor. (SANTOS, 2004, p.77)

¹⁷ **Digital 2023: Global Overview Report** [s.l.: s.n.]. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>. Acesso em: 15 de set de 2024.

entre produtores e ouvintes. Essa interação enriquece a experiência da escuta, permitindo que os ouvintes se conectem com temas de seu interesse de maneira mais profunda. Assim, os *podcasts* se consolidam como uma forma inovadora de comunicação e aprendizado na sociedade contemporânea. (COÊLHO, 2023, p.76)

O *podcast*, então, se torna uma importante ferramenta de luta contra a mídia hegemônica graças a dois fatores chave: a construção de uma proximidade com o público; e a facilidade garantida a qualquer pessoa para se tornar agente na construção e disseminação de conteúdos.

Um exemplo de como os *podcasts* podem ser utilizados como uma mídia de luta é o projeto *Pandemia sem neurose*, de 2020. O programa é uma colaboração entre *Alma Preta*, *Desenrola e Não Me Enrola* e *Periferia em Movimento*. Utilizando a plataforma do *podcast Papo Preto*, a iniciativa buscou compilar informações sobre a crise sanitária e seus impactos diretos nas comunidades periféricas de São Paulo.

O objetivo do projeto era informar e conscientizar a população sobre os desafios impostos pela pandemia, promovendo um espaço de diálogo e troca de experiências. Ao abordar questões relevantes para a periferia, *Pandemia sem neurose* se tornou uma ferramenta importante para ajudar a população a enfrentar a crise com mais clareza e suporte comunitário.

Logo no primeiro episódio, o programa é descrito da seguinte forma:

Oi, tudo bem? Como é que vocês 'tão'? Muita neurose na pandemia? Não dá nem para saber no que confiar. A gente 'tá' aqui para fazer um resumo de algumas das notícias mais interessantes para quem vive nas periferias de São Paulo. [...] Então, se você quer saber mais sobre o 'Corona' nas periferias, quer saber mais sobre essas iniciativas, dá um 'Google' nelas.¹⁸

Nesta breve introdução do primeiro episódio, pode-se identificar que se trata de um projeto que utiliza de uma linguagem de fácil compreensão para explicar o que é de mais relevante para as comunidades periféricas de São Paulo acerca da crise sanitária. Foram 50 episódios seguindo os mesmos moldes, com episódios entre três e seis minutos.

No dia 26 de setembro de 2024, na *Semana de Jornalismo 2024* da Universidade Estadual Paulista (Unesp), o jornalista Pedro Borges — co-fundador do portal *Alma Preta* — foi um dos convidados para comentar sobre a produção de

¹⁸ **Pandemia sem neurose #001.** Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/04kR2Z8tdTmfxJxHdf7bR8>. Acesso em: 15 de set de 2024.

jornalismo negro no Brasil. Na ocasião, ele foi questionado sobre o porquê de escolher o *podcast* para este projeto e a curta duração dos episódios.

Borges explicou que trata-se de uma mídia que é de rápida absorção e fácil disseminação, ideal para trazer as informações básicas sobre os cuidados que as pessoas deveriam ter na pandemia. Explicar, por exemplo, o porquê usar máscaras, passar álcool em gel nas mãos e como conseguir pegar os auxílios disponibilizados pelo governo brasileiro. Além disso, como é visto pela forma como é editado o programa, trata-se de um *áudio de WhatsApp*. Em 2020, a ferramenta de mensagem estava sendo amplamente utilizada para compartilhamento de informações — verdadeiras e falsas — e a equipe por trás do *podcast* viu uma brecha para conseguir disseminar essas informações, que eram de interesse público, através da rede social. Então, além de publicar nas plataformas digitais de som, esses episódios eram disparados em grupos no *WhatsApp*.

Para esta pesquisa, a escolha de análise é o *podcast Mano a Mano*, apresentado pelo rapper Mano Brown. Diferente do *Pandemia sem neurose*, os temas abordados nos episódios são mais difusos, não tendo especificamente a negritude como a pauta base. Entretanto, as vivências do apresentador e dos convidados acarretam em tais discussões.

3 ANÁLISE DO PODCAST *MANO A MANO*

O *podcast Mano a Mano*, apresentado pelo rapper e ativista Mano Brown, destaca-se como um espaço único de diálogos sobre questões sociais, políticas e culturais, sobretudo no que tange às realidades das periferias e às vivências da população negra no Brasil. O programa é estruturado em entrevistas, em que Brown conduz conversas que, embora descontraídas e carregadas de informalidade, trazem à tona temas de grande relevância para o letramento racial, apresentando nuances, desafios e conquistas da população negra em diversas esferas. Essa característica torna o *podcast* um objeto relevante para estudo, pois o formato descontraído e acessível permite que discussões profundas sejam abordadas de maneira menos formal.

O caráter não didático do *Mano a Mano* proporciona um ambiente em que o discurso sobre letramento racial emerge naturalmente, no fluxo das conversas. Ao contrário de conteúdos estritamente educacionais, que seguem estruturas formais de ensino e têm um propósito claro de instrução, o *podcast* adota uma abordagem que privilegia a troca de experiências e perspectivas. Assim, ao abrir espaço para que convidados compartilhem suas histórias e percepções sobre temas como racismo, identidade e representação, *Mano a Mano* promove um tipo de educação informal, onde o conhecimento é construído em conjunto com o ouvinte, a partir da vivência dos entrevistados.

A estrutura do programa, o alcance que ele detém e a maneira como a imagem do Mano Brown está atrelada na luta anti-racista desde a formação do grupo *Racionais MC's* motivaram a escolha do *Mano a Mano* como objeto de estudo para a presente pesquisa. Dessa maneira, será possível compreender como o discurso sobre letramento racial é moldado em um ambiente menos didático e mais acessível. Identificar as estratégias discursivas e as temáticas recorrentes nas conversas pode revelar como um conteúdo midiático pode atuar como ferramenta de letramento racial, ainda que não seja oficialmente classificado como um meio educacional.

Portanto, este capítulo busca explorar as maneiras como o *podcast Mano a Mano* integra e comunica conceitos de letramento racial em suas conversas informais, conectando-se com um público amplo e diverso. A análise pretende destacar como essa plataforma de mídia contribui para a conscientização social

sobre as dinâmicas raciais, promovendo um espaço de diálogo e reflexão onde temas complexos são abordados de forma envolvente. Através dessa abordagem, almeja-se compreender como um meio comunicacional voltado para o entretenimento pode influenciar a percepção e o conhecimento sobre o letramento racial entre os ouvintes.

3.1 PODCAST MANO A MANO

O *podcast Mano a Mano* estreou no dia 26 de agosto de 2021, com o objetivo de ser um programa de entrevistas comandado pelo cantor e *rapper* Pedro Paulo Soares Pereira, mais conhecido como Mano Brown, integrante do grupo *Racionais MC's*. O programa é uma produção original da plataforma de *streaming* de música *Spotify*, em que, semanalmente, o artista recebe personas influentes na mídia para uma conversa sobre os mais variados temas. Ele é descrito no *Spotify* da seguinte forma:

Salve, rapa! Salve, massa! Mano Brown vem para ampliar a visão e o debate trazendo diversidade de ideias e pensamentos com profundidade e respeito. Se prepare para ouvir assuntos importantes, interessantes, relatos inéditos e controversos com convidados amados ou odiados - você decide! Todas as quintas-feiras já estão reservadas para esse papo no melhor estilo Mano a Mano, um Original Spotify.¹⁹

Dividido em quatro temporadas, o programa conta com 73 episódios publicados no perfil do *Spotify*, com entrevistados que se diferenciam na área de atuação, posicionamento político, classe social e etnias. Os episódios possuem tempos irregulares, variando entre uma hora e duas horas e meia de duração, dependendo de como a conversa com Mano Brown flui e com o número de entrevistados (veja quem participou em cada uma das temporadas nas Tabela 1, Tabela 2, Tabela 3 e Tabela 4).

Cada temporada contém 16 episódios inéditos. A terceira e a quarta temporada foram as únicas que apresentaram episódios especiais: uma entrevista com a filósofa e ativista dos direitos negros nos Estados Unidos Angela Davis, que aconteceu em formato de vídeo e com tradução das falas da norte-americana; a presença de reprises, com a republicação de quatro episódios das temporadas anteriores em um período recesso de fim de ano do *podcast*; e dois episódios

¹⁹ Descrição do programa retirado da página inicial do perfil do *Spotify* do *podcast Mano a Mano*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0GnKiYeK11476CfoQEYIEd>. Acesso em: 06 de nov de 2024.

temáticos na quarta temporada que trabalharam os temas “Saúde, alimentação e raça” (episódio 14) e “Cannabis” (episódio 15).

Tabela 1- Participantes da primeira temporada do *podcast Mano a Mano*

Nome	Profissão	Episódio	Data	Duração
Karol Conká	Cantora	1	26 de ago de 2021	1h 08min
Drauzio Varella	Médico	2	02 de set de 2021	1h 37min
Lula	Político	3	09 de set de 2021	2h 03min
Gilberto Sorriso, Juary e Pitta	Ex-jogadores do Santos	4	16 de set de 2021	1h 33min
Henrique Vieira	Pastor	5	23 de set de 2021	1h 16min
Fernando Holiday	Vereador	6	30 de set de 2021	1h 28min
Vanderlei Luxemburgo	Técnico de futebol	7	07 de out de 2021	1h 19min
Leci Brandão	Cantora, atriz e ativista política	8	14 de out de 2021	1h 32min
Djonga	Cantor	9	21 de out de 2021	1h 39min
Ludmilla	Cantora	10	28 de out de 2021	1h 14min
Taís Araújo e Lázaro Ramos	Atores	11	04 de nov de 2021	1h 46min
Rodrigo Silva	Professor e Arqueólogo	12	11 de nov de 2021	1h 15min
Gloria Groove	Cantora e drag queen	13	18 de nov de 2021	1h 26min
Djamila Ribeiro	Filósofa e escritora	14	25 de nov de 2021	2h 02min
Wagner Moura	Ator	15	02 de dez de 2021	1h 46min
Glória Maria	Jornalista	16	09 de dez de 2021	2h 04min

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados do perfil do *podcast*

Tabela 2- Participantes da segunda temporada do *podcast Mano a Mano*

Nome	Profissão	Episódio	Data	Duração
Emicida	Cantor	1	24 de mar de 2022	1h 50min
Jojo Todynho	Cantora	2	31 de mar de 2022	2h 34min
Seu Jorge e Jeferson De	Cantor e ator; cineasta	3	07 de abr de 2022	2h 56min
Yuri Marçal e Felipe Kot	Comediantes	4	14 de abr de 2022	1h 38min
Sidarta Ribeiro	Neurocientista, biólogo e professor	5	21 de abr de 2022	1h 55min
Dilma Rousseff	Ex-presidente do Brasil	6	28 de abr de 2022	1h 39min
Cecília Oliveira e André Caramante	Jornalistas especialistas em Direitos Humanos	7	05 de mai de 2022	2h 08min
Thiaguinho, Salgadinho e Marquinhos Sensação	Cantores de pagode	8	12 de mai de 2022	2h 40min
Rabino Ventura	Rabino	9	19 de mai de 2022	1h 54min
Sueli Carneiro	Pesquisadora e professora	10	26 de mai de 2022	2h 19min
Kondzilla	Produtor musical	11	02 de jun de 2022	1h 48min
Mãe Carmen de Oxum e Ebomi Cici de Oxalá	Sacerdotisas	12	09 de jun de 2022	2h 23min
Dom Filó	Mentor do Movimento Black Rio	13	16 de jun de 2022	2h 16min
Katiuscia Ribeiro e Salloma Salomão	Doutora em filosofia africana; artista afro-periférico	14	23 de jun de 2022	2h 13min
Luizão Chic Show	Fundador do Chic Show e referência em baile black	15	30 de jun de 2022	1h 52min
Zeca Pagodinho	Cantor	16	07 de jul de 2022	1h 28min

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados do perfil do *podcast*

Tabela 3- Participantes da terceira temporada do *podcast Mano a Mano*

Nome	Profissão	Episódio	Data	Duração
Gregorio Duvivier	Ator e humorista	1	27 de out de 2022	1h 54min
Angela Davis*	Filósofa, professora e ativista	2	28 de out de 2022	25min 10seg
Djavan	Músico	3	03 de nov de 2022	1h 58min
Linn da Quebrada	Cantora e atriz	4	10 de nov de 2022	1h 56min
Silvio de Almeida	Filósofo pesquisador	5	17 de nov de 2022	2h 35min
Walter Casagrande	Comentarista de futebol e ex-jogador	6	24 de nov de 2022	2h 22min
Padre Júlio Lancellotti	Padre e ativista dos Direitos Humanos	7	01 de dez de 2022	1h 52min
Charles do Bronx	Ex-lutador de UFC	8	08 de dez de 2022	1h 58min
Txai Suruí	Ativista dos direitos indígenas	9	15 de dez de 2022	1h 31min
Lula**	Político	10	22 de dez de 2022	2h 03min
Sueli Carneiro**	Pesquisadora e professora	11	29 de dez de 2022	2h 19min
Djonga**	Cantor	12	05 de jan de 2023	1h 39min
Glória Maria**	Jornalista	13	12 de jan de 2023	2h 04min
Anielle Franco	Ministra da Igualdade Racial do Brasil	14	19 de jan de 2023	1h 32min
Dexter e Preto Zezé	Rapper; ativista dos direitos dos negros	15	26 de jan de 2023	1h 56min
Delegado Da Cunha	Deputado Federal eleito por São Paulo	16	02 de fev de 2023	1h 20min
Sônia Guajajara	Ministra dos Povos Originários do Brasil	17	09 de fev de 2023	1h 46min
Igor 3k	Host do <i>Flow Podcast</i>	18	16 de fev de 2023	1h 41min
Flávia Oliveira	Jornalista	19	23 de fev de 2023	2h 14min

Igão e Mítico Hosts do *PodPah* 20 02 de mar de 2023 1h 49min

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados do perfil do *podcast*

*Episódio especial com a filósofa norte-americana, sendo o primeiro e único que contém menos de um hora de duração e com vídeo.

**Reprises dos episódios no período de recesso de fim de ano.

Tabela 4- Participantes da quarta temporada do *podcast Mano a Mano*

Nome	Profissão	Episódio	Data	Duração
Marcelo Adnet	Ator e humorista	1	27 de abr de 2023	2h 01min
Regina Casé	Apresentadora e atriz	2	04 de mai de 2023	2h 33min
Galo de Luta e Chavoso da Usp	Influenciadores e ativistas dos direitos negros	3	11 de mai de 2023	2h 48min
Craque Neto	Comentarista de futebol e ex-jogador	4	18 de mai de 2023	2h 33min
Baco Exu do Blues e Rincon Sapiência	Cantores de hip hop	5	25 de mai de 2023	2h 47min
Zezé Motta e Elisa Lucinda	Atrizes e cantoras	6	01 de jun de 2023	2h 32min
Eduardo Suplicy, Supla e João Suplicy	Vereador de São Paulo; músicos	7	08 de jun de 2023	2h 30min
Conceição Evaristo	Escritora	8	15 de jun de 2023	2h 27min
Thaíde	Rapper	9	22 de jun de 2023	2h 17min
Rodrigo GR6 e Evandro Fióti	Produtores musicais	10	29 de jun de 2023	2h 34min
Ronaldo Fenômeno	Ex-jogador de futebol	11	06 de jul de 2023	1h 58min
Gilberto Gil	Cantor	12	13 de jul de 2023	1h 51min
Ivete Sangalo	Cantora	13	20 de jul de 2023	1h 52min
Bela Gil e Dra. Denize Ornelas	Chef de cozinha e apresentadora; médica da família e comunidade	14	27 de jul de 2023	2h 36min

Emilio Figueiredo, Juliana Borges e Dra. Jackeline Barbosa	Advogado; autora do livro "Encarceramento em Massa"; médica	15	03 de ago de 2023	2h 49min
Marina Silva	Ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Brasil	16	10 de ago de 2023	2h 13min

Fonte: Elaboração própria a partir de dados retirados do perfil do *podcast*

O *podcast* conta com uma avaliação dos usuários de 4,9 estrelas de 5, com 48.800 avaliações. Diferentemente de outras plataformas em que disponibilizam a todos os números de ouvintes e *streamings* do conteúdo, o *Spotify* não mostra quantas visualizações os episódios tiveram. Entretanto, anualmente a empresa faz uma retrospectiva e mostra quais foram os artistas, músicas e *podcasts* mais ouvidos durante o ano, no chamado *Spotify Wrapped*. Em 2023, ano da última temporada lançada até o momento do *podcast*, o programa de entrevistas de Mano Brown foi o segundo mais ouvido do Brasil²⁰.

As críticas ao programa também são positivas, destacando a maneira como o *rapper* consegue se conectar e conversar com os seus entrevistados. A jornalista Marina Lourenço publicou em 2021 uma crítica ao *podcast* na seção *Escuta Aqui*, da *Folha de S.Paulo*²¹. Ela destaca:

Na contramão da ideia de que um bom entrevistador deve encurralar o entrevistado, Brown consegue arrancar dos seus convidados um tesouro de respostas sem constranger ninguém. Em vez de aderir a um tom agressivo ou acusatório, ele investe em conquistar a confiança e recolhe uma série de declarações relevantes (LOURENÇO, 2021).

A jornalista então define o programa como uma produção que “tem um baú rico de informações. É uma boa oportunidade de aprender um pouco sobre — ou se aprofundar em — assuntos como racismo, desigualdade social, futebol e música” (LOURENÇO, 2021).

²⁰PANCINI, L. **Spotify divulga artistas, músicas e podcasts mais escutados em 2023**. EXAME, 29 de nov de 2023. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/spotify-divulga-artistas-musicas-e-podcasts-mais-escutados-em-2023/>. Acesso em 6 de nov de 2024.

²¹ LOURENÇO, M. **Mano Brown se revela um ótimo entrevistador em podcast valioso**. Folha de S.Paulo, 21 de out de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/10/mano-brown-se-revela-um-otimo-entrevistador-em-podcast-valioso.shtml>. Acesso em 6 de nov de 2024.

Em 2021, o episódio número três da primeira temporada, em que o convidado foi o político Luiz Inácio Lula da Silva²², foi o *podcast* mais ouvido no Brasil. Além dele, o episódio dois, com a entrevista com o médico Drauzio Varella, ficou em quarto lugar²³. O *podcast* também foi premiado em 2022 durante a *CCXP Awards*, prêmio dado durante a *Comic Con Experience*, em São Paulo. O programa conseguiu ultrapassar outros grandes *podcasts* brasileiros, como *NerdCast*, *Modus Operandi* e o *Um Milkshake Chamado Wanda*.

3.1.1 Formato entrevista

Para falar do *podcast* *Mano a Mano* é necessário adentrar no formato escolhido para o programa: a entrevista. Segundo Nilson Lage, a entrevista trata-se de um dos movimentos clássicos da apuração jornalística.

A palavra entrevista é ambígua. Ela significa (a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; (b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público; (c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b). (LAGE, 2003, p. 32)

²² Em 2021, o então ex-presidente Lula despontou como uma figura central e contrastante na política brasileira em relação ao então presidente Jair Bolsonaro. Enquanto Bolsonaro priorizava eventos simbólicos, como passeios de moto, e acentuava a divisão política ao atacar governadores e outros opositores, Lula traçava um caminho oposto, focado em visitar diferentes regiões do Brasil e dialogar com lideranças locais e nacionais. Em estados do Nordeste e outras localidades, ele manteve contato com governadores, artistas, e catadores de recicláveis, sempre em busca de um projeto de reconstrução e unidade para o país. Lula também demonstrou solidariedade às vítimas da Covid-19 e visitou centros de recuperação para pacientes afetados pela pandemia, marcando uma postura empática que contrastava com a indiferença de Bolsonaro diante da crise sanitária.

No plano internacional, Lula reforçou seu papel como um líder brasileiro receptivo, especialmente durante sua viagem à Europa, em que foi recebido com grande reconhecimento em contraste com o isolamento de Bolsonaro, que buscava apoio limitado de aliados de mesma orientação ideológica, como o presidente da Guiné-Bissau. Em sua agenda europeia, Lula foi recebido com honrarias pelo Parlamento Europeu e encontrou líderes de destaque, como Emmanuel Macron (França) e Olaf Scholz (Alemanha). Em sua visita à Argentina, no Dia da Democracia, Lula defendeu uma América do Sul unida e solidária, reforçando seu discurso de integração continental. Suas ações e postura representaram, para muitos, uma liderança que promovia diálogo e cooperação, em contraste com o cenário de divisão e isolamento promovido pelo governo Bolsonaro.

Durante a conversa entre Mano Brown e Lula, muito se discutiu sobre as atitudes tomadas pelo *rapper* em 2018, quando o cantor discursou em um comício de Fernando Haddad (PT) na campanha presidencial daquele ano. Lula elogiou o discurso do *rapper* e disse que o partido “se esqueceu do seu discurso originário, que buscava dar voz ao povo oprimido”. Lula ainda comentou como enxergava a gestão de Jair Bolsonaro e ressaltou: “Bolsonaro não é de direita. Ele tem que ser analisado mais para Hitler e Mussolini do que para um cara de direita. Porque ele não pensa. Ele não constrói um pensamento, ele constrói bobagem”.

²³ Lula no “Mano a Mano” é o episódio de *podcast* mais ouvido do Spotify em 2021. **Poder 360**. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/lula-no-mano-a-mano-e-o-episodio-de-podcast-mais-ouvido-do-spotify-em-2021/> Acesso em 6 de nov de 2024.

A entrevista possui em seu escopo diferentes formatos, podendo ser rituais, temáticas, testemunhais ou em profundidade. No caso do *podcast Mano a Mano*, o modelo escolhido pela produção do programa se encaixa na definição dada por Lage de entrevistas em profundidade. Neste modelo de entrevista, a conversa entre entrevistador e entrevistado não possui um tema ou acontecimento específico, com o foco da conversa sendo a imagem do entrevistado e sua construção de mundo, para que, no final, seja arquitetado um ensaio sobre a figura deste personagem a partir de seus depoimentos e impressões. (LAGE, 2003, p. 33)

As entrevistas presentes no programa também são caracterizadas como dialogais, uma vez que são marcadas previamente, colocando o entrevistador e o entrevistado em um ambiente controlado — os estúdios de gravação do *podcast* —, com ambos construindo o tom da conversa e tendo a liberdade para aprofundar e detalhar os temas discutidos no diálogo. Além disso, elas levam um caráter exclusivo a partir do momento em que essas conversas foram direcionadas apenas para o *podcast* do Mano Brown (LAGE, 2003, p. 34). Em certos momentos, no entanto, ele toma a liberdade de fazer uma entrevista de confronto, principalmente quando há uma discordância de pensamento político. Neste modelo de entrevista, o entrevistador despeja sobre o entrevistado contra argumentos com maior veemência para bater de frente com uma informação dada pelo entrevistado (LAGE, 2003, p. 34). No episódio seis da primeira temporada, na entrevista com o vereador de direita Fernando Holiday, por exemplo, Mano Brown questiona diversas vezes o discurso do parlamentar quanto a cotas raciais e comemora quando encontra contradições, como no trecho a seguir:

Acredito que você vai ser um grande político, mas acredito também que você vai mudar, porque não é possível Billie Holiday se emocionar com um negro enforcados e ser contra cotas. Não é questão de misericórdia ou de assumir de que é inferior. São números. São dados. São corpos. Vidas negras aos montes.²⁴

Mano Brown se utiliza de diversas técnicas para fazer uma boa entrevista que são descritas por Lage. A primeira delas é o contato próximo entre entrevistador e entrevistado, com as entrevistas sendo realizadas de forma presencial no estúdio — salvo exceção do episódio dois da terceira temporada, em que a entrevista com a filósofa norte-americana Angela Davis foi realizada de forma *online*. Segundo Lage,

²⁴ MANO A MANO: Fernando Holiday. Entrevistado: Fernando Holiday. Entrevistador: Mano Brown e Semayat Oliveira. Mugshot e Boogie Naípe, 30 de set de 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2MdfHSziNAbsdCdj8ZmXVD>. Acesso em 7 de nov de 2024.

a conversa olho a olho permite que a interação entre as partes seja mais dinâmica, com o entrevistador conseguindo aferir as respostas não verbais do entrevistado. Se uma pergunta é incômoda, a pessoa pode fazer gestos e sons que mostrem isso, o que pode resultar numa compreensão para o entrevistador sobre qual caminho tomar, por exemplo. (LAGE, 2003, p. 34)

Segundo ponto trata-se da pesquisa prévia sobre o entrevistado. Nas conversas, Mano Brown mostra que se debruçou sobre a vida do convidado da semana para começar a entrevista. Entretanto, é importante ressaltar que quem detém o papel de consultora jornalística no programa é a jornalista Semayat Oliveira. Ela está presente em todos os programas, fazendo apontamentos durante a conversa, com dados e fatos sobre a vida do entrevistado. Essa pesquisa, no entanto, trata-se apenas de um ponto de partida. Mano Brown se mostra, na realidade, um bom ouvinte do que o entrevistado está dizendo, trazendo perguntas e apontamentos sobre as respostas dadas durante a entrevista. Para Lage, esse é o trunfo para uma boa entrevista.

De modo geral, é estimulante para o entrevistado, nos momentos em que a fala se interrompe, perceber que o entrevistador está compreendendo o enunciado. Para isso, produzem-se questionamentos que constituem, na verdade, inferências imediatas a partir do que acabou de ser dito. Se o entrevistado declarou que a economia vai bem, uma observação óbvia, tal como "o senhor é então otimista quanto aos acontecimentos do futuro próximo" vale não por seu conteúdo, mas pela demonstração de interesse e entendimento. Dependendo, no entanto, das circunstâncias, pode ser conveniente apresentar um dado de contestação, no momento adequado, para obter maior espontaneidade, expansão ou aprofundamento. (LAGE, 2003, p. 36)

Terceiro ponto é conseguir deixar que o entrevistado brilhe. O *podcast Mano a Mano* ganha um prestígio inicial por ser um programa comandado por Mano Brown. Ele é uma figura importante na mídia, com mais de sete milhões de seguidores nas redes sociais e vocalista de um dos grupos mais famosos do Brasil, os *Racionais MC's*. Porém, durante a conversa, é notável que Mano Brown trabalha para deixar que seus convidados se sintam confortáveis para falar e se expressar, sem tomar o protagonismo.

No episódio 16 da primeira temporada, na entrevista com a jornalista Glória Maria — episódio esse que foi um dos escolhidos para a análise desta monografia —, Mano Brown explica um pouco da maneira como o *podcast* surgiu. O discurso do

rapper sintetiza os pontos ressaltados por Lage sobre a relação entrevistador e entrevistado:

O que me impulsionou a fazer isso foi que alguns amigos meus falaram “Você é um bom contador de história, você gosta de protagonizar, contar as histórias, por que você não faz um podcast contando histórias?”. Aí eu falei com o pessoal, falei com o Jorge, a produção, falei: “Pô, o que você acha do...” — foi no meio da pandemia, no meio da pandemia, no começo ali, bem naquele pior momento ali de desilusão total sem perspectiva, expectativa e tal. E a gente usando a cabeça pra procurar maneiras de não ficar louco e poder trabalhar, e ser útil, entendeu? Não era nem uma coisa de mudar de profissão, “Ah, vamos escolher uma coisa nova pra fazer”, não era isso! Era uma maneira de trabalhar e não ficar louco, não ficar louco, eu estava estudando muito e tal e sempre quando eu ia conversar com as pessoas eu vinha com um caminhão de informação. [...] E o lance é que eu gosto de falar bastante assim. Eu tenho muitas ideias. Mas eu também sei ouvir, eu gosto de ouvir também, então eu estou aprendendo muito aqui, estou aprendendo muito. Porque o meu universo, vamos dizer assim entre aspas, a gente se informa de muita coisa pra poder fazer o que a gente faz, porém, de alguma maneira a gente também se aliena dentro do próprio universo. E todas as lógicas parte do princípio da visão do rap para o resto, ou do músico... tudo é poético, tudo é romantizado... tudo é... moro?²⁵

3.1.2 Racionais MC's e a luta racial

Para falar de Mano Brown e o seu envolvimento com a luta racial é necessário falar da importância dos *Racionais MC's*. O grupo surge em 1988, na periferia de São Paulo, com a junção de Paulo Eduardo Salvador, Kleber Geraldo Lelis Simões, Pedro Paulo Soares e Edivaldo Pereira Alves, ou como são conhecidos, Ice Blue, DJ KL Jay, Mano Brown e Edi Rock. Na canção *O Mal e o Bem*, música que compõe o álbum *Cores & Valores* de 2014, é descrito como ocorreu o encontro entre os integrantes do grupo (SANTOS; VIEIRA, 2023, p.4).

Kl Jay, DJ, Vila Mazzei
O Jó me apresentou em meados de 83
Dançando break a parceria fechou, formou
Mais uma dupla de São Paulo se aventurou
Em meio às trevas, é, e o sereno
Elaboramos a cura, a fórmula com veneno
E até hoje convivendo com o perigo
Andando em facções, roubando os corações feridos
Contra o racismo, contra a desigualdade
A máquina, a fábrica que exporta criminalidade
Várias cidades, só, vários parceiros

²⁵ MANO A MANO: Glória Maria. Entrevistado: Glória Maria. Entrevistador: Mano Brown e Semayat Oliveira. Mugshot e Boogie Naípe, 09 de dez de 2021. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7Cp1UH7ummJ0VS0Hw9PuNG?si=5bc846464daa4e78>. Acesso em 7 de nov de 2024.

Um salve nas quebradas de São Paulo ao Rio de Janeiro
 Pelo ponteiro a 220 estou
 Desde 80 é o espírito que me levou

Uma vida de histórias, de vitórias na memória
 Igual o livro “O Mal e o Bem”
 Pro seu bem, pro meu bem
 Um espinho, uma rosa, uma trilha
 Uma curva perigosa a mais de cem
 Pro seu bem, pro meu bem
 Céu azul (Zona Sul)
 Céu azul, yeah
 Céu azul, uh, uh, uh, uh
 Céu azul
 Então vai, em 90 a cena ficou violenta
 Brown e o Blue com pânico na Zona Sul
 Escolha o seu caminho, negro limitado
 A voz ativa de um povo que é discriminado²⁶

No dia 26 de março de 1969 nasceu Ice Blue, vindo de uma família de músicos na Zona Sul de São Paulo. No dia 10 de agosto do mesmo ano nasceu na Zona Norte de São Paulo KL Jay, que veio entrar no mundo da música apenas aos 12 anos. Mano Brown nasceu em 22 de abril de 1970, na Zona Sul, começando sua carreira na música nas rodas de samba comunitárias. Por fim, também na Zona Norte, nasceu Edi Rock no dia 20 de setembro de 1970. (SANTOS; VIEIRA, 2023, p.5).

A junção do grupo ocorreu descentralizada. Enquanto Edi Rock e KL Jay se conheceram na região norte da cidade e começaram a dançar *breaking* juntos no centro, Mano Brown e Ice Blue se conheceram através da família, uma vez que suas mães eram amigas de terreiro, crescendo juntos e tendo interesses semelhantes quando o assunto era música produzida por pessoas negras. Ainda que morassem nos extremos das cidades, o grupo se conheceu no centro de São Paulo, local em que a população negra se reunia desde o final do século XIX para atividades sociais, culturais, políticas e econômicas, e que, no início dos anos 1980, surgia os precursores do *hip hop*. (SANTOS; VIEIRA, 2023, p.5)

Mano Brown declara que embora tenha nascido num contexto de muita precariedade e violência na Zona Sul da cidade de São Paulo, onde convivia com cadáveres nas ruas, nos anos 1980 eles saíam da condição de miséria das suas comunidades para ir “onde a luz estava acesa”, ou seja, ao centro da cidade. Esse deslocamento era motivado pela atividade negra na região, já que lá eles obtinham informações sobre discos, as roupas, os cortes de cabelo e as festas

²⁶ RACIONAIS MC’S. **O Mal e o Bem**. São Paulo: Cosa Nostra; Boogie Naípe, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nqnBqnDexzY> (4min 59seg). Acesso em 7 de nov de 2024.

que aconteciam na cidade. O centro era um espaço de sociabilidade e de circulação de ideias e ideais. (SANTOS; VIEIRA, 2023, p.7)

O grupo se tornou um ícone no *rap* brasileiro, marcando profundamente a música e cultura do país ao denunciar a desigualdade social, o racismo e a violência que afetam a população negra e periférica, sendo uma importante voz do Movimento Negro²⁷. Em seu início, a coletânea *Consciência Black Vol. 1* trouxe sucessos como *Pânico na Zona Sul* e *Tempos Difíceis*, que escancararam as condições de vida nas favelas e tornaram o grupo um porta-voz das quebradas. (MESQUITA, 2019)

Deivison Faustino, no prefácio do livro *Racionais: Entre o Gatilho e a Tempestade*, conta a história de quando foi ao show dos *Racionais MC's* em 1995, mas que, no caminho, foi vítima de agressão policial que era ainda mais dura por ele ser um jovem negro da periferia.

Assim, sem hesitar, matamos aula no ginásio noturno, pegamos carona no busão e seguimos cantando, em oito amigos, em direção ao Centro da cidade para o show gratuito do melhor grupo musical do Brasil. Eu era adolescente sabidamente negro: descobri pelas ofensas e humilhações em uma família interracial ou pelas pessoas brancas passando com medo para o outro lado da rua quando eu ia trabalhar; mas foram inúmeras batidas policiais na minha rua ou na frente da escola que consolidaram a percepção de que a minha aparição provocava fantasias alheias que eu não controlava. Mas isso ainda não era uma questão pra mim, pelo menos não até aquela quinta, enquanto conversávamos sobre as minas, os pipas e o futebol ou enquanto mandamos um *rap* pelas ruas escuras e desertas do Centro, ansiosos para chegar ao show... quando fomos surpreendidos pelos gritos: “É a Polícia, caralho, mão na cabeça, filho da puta! Encosta na parede vai, vai, vai neguinho... se tem droga ou arma, fala logo! Cadê a droga, macaco...” (FAUSTINO, 2023, p. XVIII)

O relato de Faustino continua com detalhes das agressões que sofreu dos policiais naquela noite de 1995. Ele explica que no grupo de oito amigos, três eram

²⁷ Nilma Lino Gomes, em *O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação*, define o Movimento Negro como “as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação deste perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negra no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação dos diferentes espaços e lugares da sociedade. Trata-se de um movimento que não se reporta de forma romântica à relação entre os negros brasileiros, à ancestralidade africana e ao continente africano da atualidade, mas reconhece os vínculos históricos, políticos e culturais dessa relação, compreendendo-a como integrante da complexa diáspora africana. Portanto, não basta apenas valorizar a presença e a participação dos negros na história, cultura e louvar a ancestralidade negra e africana para que um coletivo seja considerado como Movimento Negro. É preciso que as ações deste coletivo se faça presente e de forma explícita uma postura política de combate ao racismo. Postura essa que não nega os possíveis enfrentamentos no contexto de uma sociedade hierarquizada, patriarcal, capitalista, LGBTfóbica e racista” (GOMES, 2017, p.24).

brancos e foram “liberados” pelos policiais, com os negros sendo obrigados a passar pela “revista”, ou seja, violência e agressões, principalmente quando havia a tentativa de argumentar que não tinham nada. A noite poderia ter terminado ali para eles. Entretanto, Faustino afirma que não, que continuaram até o show, que contava com mais de duas mil pessoas, em sua maioria preta. (FAUSTINO, 2023, p. XVIII)

Nós estávamos quebrados, fragilizados e vulneráveis, mas fomos atingidos em cheio por aquelas vibrações que nos acolhiam e, ao mesmo tempo, nos incitavam a constatar que “a maioria por ali se parecia comigo”. Ao escutar “O Homem na Estrada”, cantado ao vivo e em coro por milhares de mãos e mãos, eu sentia que a música falava comigo. Quando, de repente, o som, cuidadosamente dentro do compasso, foi interrompido e Mano Brown, sempre imponente e com muito sangue nos olhos — como se tivesse testemunhado a violência que acabáramos de sofrer (talvez tivesse) — disparou: “Aê mano! O sistema te trata como lixo. Te humilha! Te pisa e dá as costas... mas hoje é o dia de provar que você é mais. Quem aqui já tomou geral violenta da polícia? Quem aqui já foi seguido numa loja por ser preto?... Aí favela...” (FAUSTINO, 2023, p. XIX)

O relato de Faustino mostra a maneira como o discurso do grupo é explícito e acusatório, assim como destacado no conceito de Movimento Negro dado por Gomes. Dessa maneira, os *Racionais MC's* se despoja através de seus discursos, letras, shows e ações como um expoente na luta anti-racista e escancara, ainda mais, as vivências e a violência sofrida pela comunidade negra e periférica para uma parcela da população imersa na sociedade supremacista branca que não olham para os negros. (GOMES, 2017, p.24)

Nos anos 1990, a obra dos *Racionais MC's*, especialmente com o lançamento de *Sobrevivendo no Inferno*, de 1997, consolidou a importância do grupo no cenário nacional e foi um marco ao abordar a brutalidade policial e os desafios vividos pelos jovens negros. A influência dos *Racionais MC's* transcendeu a música, inspirando mentalidades mais críticas e conscientes sobre as injustiças no Brasil. O disco foi tão impactante que, em 2018, suas letras foram publicadas em um livro, posteriormente incluído na lista de leitura obrigatória da Unicamp. (MESQUITA, 2019)

Em 2022, durante uma aula aberta do grupo na disciplina *Tópicos especiais em Antropologia IV: Racionais no Pensamento Social Brasileiro*²⁸, DJ KL Jay explicou a

²⁸ AULA ABERTA COM RACIONAIS MC'S NA UNICAMP, 2022. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 30 de nov de 2022. 1 vídeo (2h52min). [Live]. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=1302766693908370. Acesso em 9 de nov de 2024.

importância do *Projeto Rappers de Geledés Instituto da Mulher Negra*²⁹ na criação das músicas dos *Racionais MC's* e como esse ponto de encontro de troca de informações foi importante para situar o grupo na luta antirracista. Segundo KL Jay, esse ponto de encontro proporcionou trocas com a pesquisadora Sueli Carneiro — que posteriormente viria a ser entrevistada no *podcast Mano a Mano* — e deu início a “uma história de escrever as letras e de praticar as coisas que Malcon X falava” (KL JAY, 2022). O *rapper* afirma que a participação ativa no grupo de discussão foi essencial para a consciência dos *Racionais MC's* para enfrentar a sociedade supracista branca, trazendo em suas letras, em suas músicas e shows a consciência racial (KL JAY, 2022). É possível dizer ainda que a participação do grupo no *Geledés* foi essencial para que eles traduzissem para uma população que sofria os efeitos da sociedade supracista branca o que era aquilo. Dessa maneira, o grupo trabalhava em um processo pedagógico de letramento racial da população através de suas letras, trazendo conceitos, líderes negros e a luta antirracista para o palco. Um processo de letramento racial parecido com o que viria a acontecer no *podcast Mano a Mano* décadas depois.

O caso de *Sobrevivendo ao Inferno* é interessante de analisar uma vez que o discurso politizado do grupo ultrapassa a periferia de São Paulo, atravessando a distância entre lugares como Capão Redondo e Paraisópolis até bairros como Morumbi e Vila Madalena. Essa expansão intensificou a politização da indignação presente nas letras e sugeriu novos rumos para o movimento, ainda que limitados

²⁹ Geledés Instituto da Mulher Negra é uma organização brasileira, fundada em 30 de abril de 1988, que se dedica à promoção e valorização das mulheres negras, tornando-se a maior e mais importante entidade voltada para essa população no Brasil. O nome “Geledés” vem da tradição iorubá, onde se refere a uma sociedade feminina responsável por rituais em honra às grandes mães e às forças femininas. Esse nome foi escolhido para simbolizar a força e resiliência das mulheres negras na luta por justiça e igualdade. O instituto atua em áreas como educação, saúde, direitos humanos e mantém um portal de notícias focado em temas relevantes para a população negra. Dentre os projetos de destaque, estão o S.O.S Racismo, que oferece assistência jurídica contra a discriminação racial; o Projeto Rappers, voltado para a juventude periférica e suas manifestações culturais; e o curso de Promotoras Legais Populares, uma capacitação em direitos humanos para o enfrentamento à violência contra a mulher.

Em parceria com o Itaú Educação e Trabalho, o Geledés lançou recentemente o projeto “Pedagogias da Geração Hip-hop e Culturas Juvenis nas Escolas”. Este projeto visa reconhecer e valorizar a cultura hip-hop e outras expressões juvenis, integrando suas práticas no ambiente escolar para enfrentar as desigualdades educacionais e combater o racismo. Inspirado no legado do Projeto Rappers, o novo programa destaca o potencial do hip-hop como ferramenta pedagógica que atravessa disciplinas como história, matemática e artes, contribuindo para uma educação mais inclusiva e representativa. Retirado da reportagem *Geledés: 30 anos de amor e luta pelos direitos das mulheres negras* do jornal **Brasil de Fato**. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2018/04/03/geledés-30-anos-de-amor-e-luta-pelos-direitos-das-mulheres-negras>. Acesso em 9 de nov de 2024.

pelas condições sociais da época. Neste mesmo período, houve o surgimento de várias organizações do *hip hop*, como as posses Quilombo Urbano, Posse Housa, Força Ativa, NegroAtividades e Aliança Negra, além de articulações maiores, como o MHHOB (Movimento Hip Hop Organizado Brasileiro). Faustino afirma que o impacto cultural dos *Racionais MC's* e dessas organizações ampliou a mensagem de consciência negra a públicos inéditos, transformando a dinâmica das relações raciais no país e mostrando que o grupo era apenas uma parte de um movimento muito maior. (FAUSTINO, 2023, p. XXII)

“Eu costumo dizer que *Sobrevivendo* foi minha carta de alforria”, aponta Ice Blue, mesmo que a censura ao trabalho do grupo tenha crescido com o lançamento do álbum. Ao lado da censura, aumentou a violência durante a realização dos shows. Se por um lado as polícias embargavam e invadiam as apresentações do Racionais, por outro lado, o público também levava o cenário de conflitos e violência a esses espaços. No documentário *Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo* (2022) Mano Brown diz: “Quando comecei a ver cara morto na porta da festa com a minha camisa, do Racionais, comecei a repensar”, já que brigas e tiroteios passaram a ser um fator recorrente em seus shows (SANTOS; VIEIRA, 2023, p.22)

Em turnês como *Racionais 3 Décadas*, em 2019, o grupo adaptou sua sonoridade ao novo cenário do rap, incorporando influências de *black music* e temáticas mais dançantes, acompanhando a evolução do gênero e abordando novas pautas identitárias, como o feminismo e os direitos LGBTQIAPN+. Com isso, os Racionais passaram a omitir canções com letras machistas e promoveram reflexões sobre representatividade. Assim, o grupo continua relevante ao se reinventar musical e socialmente, mantendo seu papel de influência nas novas gerações. (MESQUITA, 2019)

3.1.3 A equipe do *Mano a Mano*

O *podcast Mano a Mano* é uma produção original do *Spotify* lançada no dia 26 de agosto de 2021, com a primeira entrevista sendo com a cantora e *rapper* Karol Conká. A presente pesquisa tratará apenas da primeira temporada do programa, que finalizou no dia 9 de dezembro de 2021, com a entrevista com a jornalista Glória Maria. Por isso, neste bloco, será apresentado apenas os nomes que são citados na produção do *podcast* em sua primeira temporada, não analisando futuras mudanças nas outras três temporadas.

3.1.3.1 Mano Brown

Pedro Paulo Soares nasceu em 22 de abril de 1970, na Zona Sul de São Paulo. Cresceu na região periférica dos bairros Capão Redondo e Parque Santo Antônio. Mano Brown é filho de mãe negra e pai branco, sendo criado pela mãe Ana Pereira Soares. O apelido surgiu quando tinha 16 anos nas rodas de samba em que participava. O jovem gostava de tocar repique de mão e fazia batidas inspiradas no funk estadunidense, com muita influência do cantor norte-americano James Brown.³⁰

Aos 17 anos, formou sua primeira dupla, os BB Boys, com Ice Blue, um amigo de infância cujas famílias eram amigas por conta do terreiro em que frequentavam. Os amigos começam a se engajar nos movimentos sociais movidos, principalmente, pelas críticas sociais de Thaíde (1967). Nesta época, Brown e Ice Blue frequentavam os pontos de encontro de jovens para dançar e fazer rap nos anos 1980 e 1990. Lá, conhecem Edi Rock e KL Jay e dão início aos *Racionais MC's*.

Mano Brown se torna cantor, compositor e líder dos *Racionais MC's*, com letras mais incisivas no início, com uma mensagem direta e bebendo de influências do discurso do líder negro norte-americano Malcolm X. Depois, aposta em escrever letras mais longas que propõe que o ouvinte tire suas conclusões sobre seus significados.

As letras de Brown abordam as experiências dos negros e moradores de periferias, trazendo temas como racismo, violência, desigualdade e orgulho comunitário. Com o lançamento de álbuns emblemáticos como *Sobrevivendo no Inferno*, os *Racionais MC's* ampliaram sua influência para além das periferias, chegando a escolas e festivais de grande escala, como o *Rock in Rio*. O grupo também se destacou por composições de impacto social, incluindo *Mil Faces de um*

³⁰ MANO Brown. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa530982/mano-brown>. Acesso em 9 de nov de 2024. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Homem Leal sobre Carlos Marighella³¹, e pelo uso da linguagem do cotidiano periférico para promover a conscientização e o empoderamento.

Mano Brown é reverenciado como uma figura de resistência e educador informal, um dos maiores intelectuais periféricos do país. Ele usa sua música para denunciar injustiças sociais, desafiar estigmas e inspirar uma luta por direitos e inclusão, sendo essencial para várias gerações e um símbolo de transformação cultural e social no Brasil.

3.1.3.2 Semayat Oliveira

Semayat Oliveira é jornalista e co-apresentadora do *podcast Mano a Mano*. Ela participa de discussões que abordam questões centrais para a população negra e periférica, como violência policial, cultura e política. Semayat é formada em jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo, com pós-graduação em educação, cultura e relações etno-raciais pela Universidade de São Paulo.³²

Antes do *Mano a Mano*, Semayat já tinha experiência em jornalismo independente, sendo uma das fundadoras do Nós, *Mulheres da Periferia*, uma plataforma que se baseia em uma perspectiva feminista e contra-hegemônica. Ao longo de sua carreira, Semayat tem se dedicado a contar histórias do ponto de vista das pessoas negras e periféricas, uma missão que, segundo ela em entrevista à Ponte Jornalismo, não depende da grande mídia. No entanto, observa que a mídia tradicional passou a valorizar o trabalho de jornalistas independentes como ela, um movimento que fortalece a relevância das mídias alternativas e permite que vozes marginalizadas contem suas próprias histórias com autonomia.

A gente aprendeu que não precisa tanto. Eu tracei a minha trajetória até agora muito pautada no Nós, Mulheres da Periferia. Eu criei laços com pessoas que estão no meio da mídia independente e me

³¹ Carlos Marighella foi um político, guerrilheiro e militante comunista brasileiro, nascido em Salvador, Bahia, em 1911. Tornou-se uma figura central na luta contra a ditadura militar, fundando a Ação Libertadora Nacional (ALN), uma organização que liderou a resistência armada no país. Sua trajetória de militância começou ainda jovem, ingressando no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e sendo preso e torturado várias vezes por seu ativismo. Com o endurecimento da ditadura, Marighella rompeu com o PCB, assumindo uma posição radical que culminou na criação da ALN, responsável por ações emblemáticas, como o sequestro do embaixador dos Estados Unidos em 1969. Considerado "inimigo número um" pela ditadura, Marighella foi emboscado e morto pelo DOPS em 1969, em uma ação violenta que caracterizou seu assassinato como uma execução sumária. Retirado da biografia de Carlos Marighella, do **Memorial da Resistência de São Paulo**. Disponível em <https://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/carlos-marighella/>. Acesso em 9 de nov de 2024.

³² MENDES, G. **Semayat Oliveira, do Mano a Mano: 'podcast causou espanto nas pessoas brancas'**. Ponte Jornalismo, 28 de fev de 2022. Disponível em: <https://ponte.org/semayat-oliveira-do-mano-a-mano-podcast-causou-espanto-nas-pessoas-brancas/>. Acesso em 9 de nov de 2024.

interessei pelo jeito que a gente inventou de fazer jornalismo. Eu achava que eu não era capaz de estar nas grandes redações e quando eu tentei, eu não consegui acessar esse lugar.

O curioso é que agora as grandes redações se interessam pelo nosso trabalho e se interessam por pessoas como eu, por exemplo. É muito simbólico que a gente tenha chegado nesse lugar de escolher. A gente precisa ter a noção de que a gente até pode acessar esses outros espaços, mas que a gente não deixe de construir os nossos, porque, no nosso caso, a gente tem uma liberdade maior. Montamos organizações desde sempre comprometidas com uma luta anti patriarcal, antirracista. (OLIVEIRA, 2022)

3.1.3.3 Eliane Dias

Eliane Dias é uma das produtoras executivas do *podcast Mano a Mano*. Advogada, ativista e empresária, ela é conhecida como uma das vozes mais influentes na luta por direitos das mulheres negras e pela igualdade racial no Brasil. Criada na periferia de São Paulo, Eliane enfrentou desafios extremos desde a infância, incluindo a pobreza e abusos, e começou a trabalhar cedo como faxineira e babá. Eliane é casada com Mano Brown. Após o casamento, ela decidiu retomar os estudos, formou-se em Direito e, desde então, tem atuado na política e em causas sociais. Em 2012, assumiu a administração da *Boogie Naipe*, produtora musical responsável pela carreira dos *Racionais MC's* e pelo *podcast*.³³

3.1.3.4 Gilvana Viana

Gilvana Viana é uma das produtoras executivas do *podcast Mano a Mano*. Empresária, Giovana é CEO da *Mugshot*, produtora responsável pelo *podcast*, e fundadora de empresas como Punks S/A e Casablack. Mãe de três filhos, Gilvana divide seu tempo entre Portugal, onde reside, e o Brasil, onde supervisiona suas empresas que abrangem desde licenciamento de conteúdo musical até a criação de um *hub* cultural voltado à promoção da cultura negra.³⁴

³³NEVES, M. "Mano Brown me proibiu de ir a uma viagem pelo simples fato de ser mulher", diz Eliane Dias, mulher do rapper. Marie Claire, 08 de mar de 2017. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2017/03/mano-brown-me-proibiu-de-ir-uma-viagem-pelo-simples-fato-de-ser-mulher-diz-eliane-dias-mulher-do-rapper.html>. Acesso em 9 de nov de 2024.

³⁴ MAZZEI, B. Produtora do 'Mano a Mano' quer mais pretos no topo das empresas: 'Missão'. UOL ECOA, 30 de mar de 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2023/03/30/queremos-mostrar-a-excelencia-preta-diz-produtora-do-mano-a-mano.htm>. Acesso em 9 de nov de 2024.

3.1.3.5 Renata Hilário

Renata Hilário é estrategista de *marketing* e defensora dos direitos humanos de São Paulo. Ela atua como *Gerente de Eventos e Conteúdo do Pacto Global da ONU - Brasil*. Ela também é co-criadora e produtora executiva do *podcast Mano a Mano*, e escreve como colunista no portal *Mina Bem-Estar*, da *UOL*, além de colaborar na plataforma *Women to Watch do Meio & Mensagem*. Mestre em Comportamento do Consumidor pela ESPM, Renata leciona no programa de mestrado da instituição, contribuindo para o desenvolvimento de novos profissionais. Renata é co-autora do livro *Publicidade Antirracista*, desenvolvido com o grupo *Publicitários Negros* e finalista do Prêmio Jabuti em 2020. Nesse mesmo ano, foi reconhecida pela Forbes Brasil como uma das 20 criadoras negras mais inovadoras.³⁵

3.1.3.6 Kaire Jorge

Kaire Jorge atua como produtor executivo do *podcast*. Filho do rapper Mano Brown e da empresária Eliane Dias, Kaire é sócio da *Boogie Naipe*. Ele começou sua carreira na moda com a marca de streetwear *Müe* e depois entrou para a produção artística, atuando com o grupo *Racionais MC's* desde os 17 anos. Atualmente, Kaire também lidera o selo *Labbel Records*, focado em artistas de trap. O jovem é formado em *marketing* e trabalha na condução de projetos e parcerias estratégicas na *Boogie Naipe*.³⁶

3.1.3.7 Jacques de Paula

Jacques de Paula é produtora do *podcast*. Ela possui mais de 12 anos de atuação em produtoras de imagem e som. Entre seus trabalhos mais notáveis além do *Mano a Mano*, ela colaborou com marcas como *SKY*, *Claro*, *Nestlé*, *Apple*, e *Spotify*, coordenando campanhas de publicidade para empresas e gravando com artistas como Grazi Massafera, Iza e Ludmilla. Entre 2011 e 2017, atuou como Atendimento Comercial em produtoras de imagem, sendo responsável por gerenciar

³⁵ Renata Hilário. *Sobre* [página do LinkedIn]. LinkedIn. Acesso em 9 de nov de 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/renata-hilario/?originalSubdomain=br>

³⁶ VERGÍLIO, I. **Kaire Jorge, entre o trap e os Racionais MC's**. ELLE, 25 de out de 2021. Disponível em: <https://elle.com.br/cultura/kaire-jorge-entre-o-trap-e-os-racionais-mcs?srsId=AfmBOoof3EpjF1wjQo6hGzmZY6L8le84lLepUho58BZKhj15nWMr2Gvz>. Acesso em 9 de nov de 2024.

campanhas publicitárias para agências como AKQA, Africa e Publicis. Em 2017, coordenou a websérie *Marias* para a marca *Intimus*³⁷

3.1.3.8 Tainá Vieira

Tainá Vieira tem sete anos de experiência como secretária na *Mugshot Produtora de Som*, onde desempenha funções essenciais na área administrativa, incluindo gestão e controle da empresa, recursos humanos e produção. Ela também contribui como produtora do *podcast Mano a Mano*.³⁸

3.1.3.9 Arthur Abrami

Arthur Abrami trabalhou na direção do *podcast Mano a Mano*. Ele é produtor musical e co-fundador da *Mugshot* e da plataforma de licenciamento musical *Punks S/A*. Arthur trabalhou na inserção de músicas em produções de grandes nomes como *Globo*, *HBO*, *Netflix* e *MTV*.³⁹

3.1.3.10 Jef Delgado

Jef Delgado é um jornalista, fotógrafo, diretor e criador com forte presença no universo do *rap* e do *hip-hop* brasileiro. Ele atuou como diretor de fotografia do *podcast*. Entretanto, seu trabalho é reconhecido por sua colaboração com artistas de peso como Mano Brown, Djonga, Emicida e os *Racionais MC's*, além de projetos como *Black Rocket* e *Favela Business*, que se destacam no audiovisual e na produção de conteúdo. Jef é co-fundador do canal no *Twitch* com sua irmã, Andreza Delgado, abordando temas como quadrinhos, funk, moda e games.⁴⁰

3.1.3.11 Bruno Zibordi

Bruno Zibordi é um compositor e produtor musical. Ele trabalhou como editor no *podcast Mano a Mano*. Bruno já fez colaborações com marcas, como *Nestlé*, *Budweiser*, *Netflix*, *Colgate*, *Chevrolet* e *Itaú*, com a supervisão de agências como

³⁷ Jacques de Paula. *Sobre* [página do LinkedIn]. LinkedIn. Acesso em 9 de nov de 2024. Disponível em:

https://www.linkedin.com/in/jaqueline-de-paula-5b38707a/?trk=public_post_main-feed-card_resshare-text&originalSubdomain=br

³⁸ Tainá Vieira. *Sobre* [página do LinkedIn]. LinkedIn. Acesso em 9 de nov de 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/tain%C3%A1-vieira-a3b061203/?originalSubdomain=br>

³⁹ Arthur Abrami. *Sobre* [página do LinkedIn]. LinkedIn. Acesso em 9 de nov de 2024. Disponível em: https://www.linkedin.com/in/arthur-abrami-1554ba46/?locale=pt_BR

⁴⁰ Jef Delgado. *Quem sou* [página do portfólio]. Portfólio Jef Delgado. Acesso em 9 de nov de 2024. Disponível em: <https://jefdelgado.com/quem-sou-eu/>

AKQA, Africa e WMCcann. Ele trabalha como *Music Producer* na produtora *Mugshot*. Bruno também tem mais de 100 músicas licenciadas para canais de grande audiência como *Globo*, *Multishow*, *MTV Brasil*, *GNT* e *Discovery*.⁴¹

3.1.3.12 Henrique Oliveira

Henrique Oliveira é engenheiro de som, finalizador e *sound designer* da produtora *Mugshot*. Trabalhou como um dos editores do *podcast Mano a Mano*. Henrique já trabalhou em projetos como o clipe *Pretos Ganhando Dinheiro Incomoda Demais* do rapper Criolo e o clipe *Bluesman* de Baco Exu do Blues e o *podcast* "Mano a Mano". Henrique também é produtor e *beatmaker*, especializado nos gêneros funk e *trap*.⁴²

3.1.3.13 Leandro Rodrigo

Leandro Rodrigo é produtor e técnico de áudio em São Paulo. Ele trabalhou como um dos editores do *podcast Mano a Mano*. Especializado na criação de trilhas sonoras, *sound design* e finalizações, ele trabalhou para marcas como *Nestlé*, *Hellmann's*, *P&G*, *GE* e *Citroën*. Atualmente, ele é parte da equipe da *Mugshot* e tem um histórico de atuação como produtor musical na *Lucha Libre Audio*. Leandro é formado em Engenharia Eletrônica pela ETESP, além de cursos em Rádio e TV pela Universidade Bandeirantes de São Paulo (UNIBAN) e na Omid Academia de Áudio.⁴³

3.1.4 Análise dos episódios

Para a presente pesquisa, foi definido um recorte temporal e de número de episódios para fazer a análise. Inicialmente foi pensando que a análise dos episódios aconteceria após uma entrevista semiestruturada com a equipe do *podcast*, que seguiria uma abordagem de pesquisa autoetnográfica em primeira pessoa. O objetivo das entrevistas era entender a maneira como a equipe por um todo pensa na produção do programa, com quatro perguntas sendo as centrais:

⁴¹Bruno Zibordi. *Sobre* [página do LinkedIn]. LinkedIn. Acesso em 9 de nov de 2024. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/brunozibordi/?originalSubdomain=br>

⁴² Henrique Oliveira. *Home* [página do portfólio]. Portfólio Henrique Oliveira. Acesso em 9 de nov de 2024. Disponível em: <https://henrique-oliveira7.webnode.page/>

⁴³ Leandro Rodrigo. *Home* [página do portfólio]. Portfólio Leandro Rodrigo. Acesso em 9 de nov de 2024. Disponível em: https://vimeo.com/leandrorodrigo?fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAaYBSCzRaY3U89n-AgG3JJUmv8LaQxcF9U7sCFyBomPZlyB-Oevzar9DPYg_aem_uldM7SgVWFwM-auqxCP9Q

Qual o processo de produção?; Quem produz e quem é a audiência?; Qual a política editorial do *podcast*?; Qual a política do *podcast* em relação ao público que ele atinge?. Entretanto, a ação foi impossibilitada por falta de respostas da produção do *podcast*.

Com a falta de respostas, foi feita uma análise qualitativa dos episódios. Em conversa com o orientador, foi entendido que não havia tempo hábil para a análise de uma temporada completa. Por esse motivo, foi primeiro definido que os episódios escolhidos seriam da primeira temporada, por ser uma novidade e por trazer um Mano Brown no início da carreira como entrevistador. Para a análise, ficou decidido que seriam escolhidos dois episódios.

Dentre os 16 episódios que compõem a temporada, o desafio foi identificar quais seriam os mais interessantes em trabalhar na análise. De cara, o primeiro corte foi nos entrevistados não-negros, uma vez que gostaria de identificar quais os artifícios utilizados por Mano Brown para trazer a tona os assuntos relacionados a vivência de pessoas negras, além deste assunto ser enriquecido com as personas negras presentes nas conversas. O segundo ponto levantado era sobre o gênero⁴⁴. A primeira temporada, diferentemente das demais, é formado apenas por homens e mulheres cisgênero⁴⁵⁴⁶. Por isso, ficou definido que para a análise seriam escolhidos

⁴⁴ Aqui vai um adendo: o objetivo da pesquisa não era reforçar o binarismo de gênero, sendo levado em consideração esse ponto uma vez que as vivências de uma mulher negra é completamente diferente do homem negro. Fanon em *Peles Negras, Máscaras Brancas* mostra como o gênero determinava como as pessoas eram vistas na França do século XX, sendo realizado dois textos para comentar as diferenças: *A mulher de cor e o branco* e *O homem de cor e a branca*.

⁴⁵ Cisgênero refere-se a indivíduos cuja identidade de gênero coincide com o sexo biológico atribuído ao nascimento. Por exemplo, um homem é considerado cisgênero se tanto seu sexo biológico quanto sua identidade de gênero forem masculinos, independentemente de sua orientação sexual. Assim, é possível encontrar homens e mulheres cisgêneros que são homossexuais, heterossexuais ou bissexuais. Retirado do verbete *Cisgênero/transgênero* da **Pró-reitoria de assuntos estudantis da Universidade Federal de Minas Gerais**. Disponível em <https://www.ufmg.br/prae/diretoria-de-aco-es-afirmativas/identidades-de-genero/>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

⁴⁶ No episódio 13 da primeira temporada, a entrevista é a *drag queen* Gloria Groove. É importante ressaltar que esse é o nome de Daniel Garcia Felicione Napoleão, um homem cisgênero que performa com roupas e acessórios tidos como do universo feminino como expressão artística. *Drag queens* são artistas que se caracterizam de forma extravagante e estereotipada, muitas vezes assumindo papéis do gênero oposto para fins artísticos ou de entretenimento. Uma pessoa que performa como *drag queen* não tem a ver com sua identidade de gênero (homens e mulheres cisgêneros, homens e mulheres transgênero e pessoas não-binárias fazem *drag*) ou com sua orientação sexual (gays, lésbicas, bissexuais, assexuais, pansexuais e héteros podem se apresentar como *drag*), uma vez que se trata de uma expressão artística. A arte drag tem raízes históricas no teatro, como na Grécia Antiga e no Japão, e evoluiu ao longo dos séculos, assumindo um papel de resistência e expressão dentro da comunidade LGBTQIA+. Nos anos 90, RuPaul trouxe grande visibilidade para as drag queens, impulsionando a arte no cenário global. Retirado da matéria *Drag Queen: História e Perspectiva de quem vive a arte* da **Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da Universidade Estadual Paulista 'Júlio de Mesquita Filho'**. Disponível

um episódio em que o entrevistado seria um homem cisgênero e o outro uma mulher cisgênero, para trazer as diferentes visões de crescer como uma pessoa negra e também entender a maneira como Mano Brown atua na entrevista.

Seguindo esses padrões, a lista de episódios que encaixavam foi reduzida para os seguintes entrevistados: Karol Conká, Pastor Henrique Vieira, Fernando Holiday, Leci Brandão, Djonga, Ludmilla, Taís Araújo e Lázaro Ramos, Rodrigo Silva, Gloria Groove, Djamila Ribeiro e Glória Maria. O primeiro nome escolhido foi o do então vereador Fernando Holiday, uma vez que se trata de uma pessoa conservadora e de direita que possui ideias conflitantes com Mano Brown, além de ser uma pessoa abertamente contra cotas raciais nas universidades. O segundo nome, com o objetivo de trazer uma pessoa com uma profissão e pensamento político diferente, foi escolhido a entrevista da Glória Maria, uma vez que foi um nome importante para o jornalismo, sendo pioneira em diversos momentos da história do telejornalismo.

Após a escolha dos episódios, foi realizada a transcrição dos episódios, que podem ser vistos no APÊNDICE A e APÊNDICE B. A entrevista de Fernando Holiday foi transcrita inteiramente de forma manual, com a escuta do episódio no *Spotify* e a reprodução no escrito em um arquivo no *Google Docs*. Já a entrevista da Glória Maria, foi utilizada a ferramenta Whisper⁴⁷ para transcrever o episódio e, após isso, foi realizada uma revisão detalhada da transcrição para separar as falas de Mano Brown, Semayat Oliveira e Glória Maria, além de corrigir possíveis erros cometidos pela ferramenta. Nessa revisão, assim como feito no primeiro episódio, foi ouvido o episódio no *Spotify* e acompanhado o que foi transcrito no arquivo no *Google Docs*. Em ambos os casos, como forma de ajudar na análise, foram realizados apontamentos através de comentários sobre o que estava sendo discutido. Esses comentários serão desenvolvidos logo a seguir.

em <https://www.faac.unesp.br/#!/noticia/2051/drag-queen-historia-e-perspectiva-de-quem-vive-a-arte>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

⁴⁷ “Whisper é um sistema de reconhecimento automático de fala (ASR) [da OpenAI], treinado em 680.000 horas de dados supervisionados multilíngues e multitarefa coletados da web. Mostramos que o uso de um conjunto de dados tão grande e diverso leva a uma robustez aprimorada para sotaques, ruído de fundo e linguagem técnica. Além disso, ele permite a transcrição em vários idiomas, bem como a tradução desses idiomas para o inglês. Estamos abrindo modelos de código-fonte e código de inferência para servir como base para a construção de aplicativos úteis e para pesquisas futuras sobre processamento robusto de fala”. Retirado da matéria de apresentação *Apresentando o Whisper da OpenAI*. Disponível em: <https://openai.com/index/whisper/>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

3.1.4.1 Fernando Holiday

Fernando Holiday Silva Bispo é natural de São Paulo. Ele nasceu no dia 22 de setembro de 1996, em Carapicuíba, no bairro Cohab 5. Holiday foi criado pela mãe, Dona Maria, após o desaparecimento do pai, que saiu para visitar os familiares mas que nunca chegou ao destino e nunca se teve mais notícias sobre ele. A matriarca trabalhava como auxiliar de limpeza para conseguir manter a família.⁴⁸

Holiday estudou majoritariamente no ensino público. Se formou em 2013 no ensino médio e, segundo ele, viu que tinha vocação para a política devido aos debates em que se envolvia na escola. Ele começou a cursar Direito no Instituto de Direito Público de São Paulo, mas acabou abandonando o curso no meio. Ele então iniciou o curso de História na Universidade Presbiteriana Mackenzie, se formando posteriormente e fazendo uma pós-graduação em Ciências Políticas. Atualmente cursa Medicina na Universidade Santo Amaro.

A carreira política Holiday foi bastante movimentada. Em 2015, aos 19 anos, ele ganha notoriedade ao se envolver nas manifestações contra a então presidente Dilma Rousseff⁴⁹, integrando o Movimento Brasil Livre (MBL), tendo marchado a pé cerca de 1100 km, de São Paulo até Brasília, para protocolar um pedido de impeachment. Na época, Holiday cresceu na internet por publicar vídeos em seu

⁴⁸ Fernando Holiday - Portal da Câmara Municipal de São Paulo. (2017). **Portal Da Câmara Municipal de São Paulo**. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/vereador/fernando-holiday/>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

⁴⁹ O impeachment de Dilma Rousseff, iniciado em dezembro de 2015 e concluído em agosto de 2016, foi um golpe marcado por polêmicas e divisões profundas no Brasil e no Congresso Nacional. Com forte apoio inicial no Parlamento, a presidente viu seu suporte diminuir gradativamente à medida que a crise econômica e as acusações de crimes de responsabilidade se intensificaram. A decisão de impeachment foi justificada pelos juristas que apresentaram o pedido, que acusaram Dilma de cometer crime de responsabilidade ao autorizar "pedaladas fiscais" e decretos de suplementação de crédito sem a aprovação do Congresso, com o intuito de maquiar a situação fiscal do país.

Na Câmara dos Deputados, o processo ganhou velocidade quando Eduardo Cunha, presidente da Casa à época, acolheu o pedido de impeachment. A tramitação na Câmara foi complexa, com várias votações, incluindo a composição de uma comissão especial, e contou com o apoio de partidos que, com o passar do tempo, romperam com o governo, como o PMDB. Após aprovação na Câmara por ampla maioria, o processo seguiu para o Senado, onde também recebeu análise detalhada em uma comissão especial e, posteriormente, no Plenário, que aprovou a abertura do processo e afastou temporariamente Dilma de suas funções em maio de 2016.

O julgamento final ocorreu em agosto, com a presença de Dilma no Senado para se defender, onde ela alegou que o processo era um golpe e acusou o então vice-presidente, Michel Temer, e Eduardo Cunha de conspirarem contra ela. Após seis dias de julgamento, o Senado votou pelo impeachment, com 61 votos favoráveis e 20 contrários, cassando o mandato de Dilma, mas preservando seus direitos políticos. Retirado da matéria *Impeachment de Dilma Rousseff marca o ano de 2016 no Congresso e no Brasil* do **Senado Notícias**. Disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

canal no *Youtube* em oposição ao governo e ao Partido dos Trabalhadores (PT) e chegou a assumir o cargo de coordenador nacional do MBL.⁵⁰

Em 2016, Holiday concorreu e venceu as eleições municipais para o cargo de vereador, filiado pelo Democratas (DEM). Holiday foi o vereador mais jovem da história do município de São Paulo, sendo o décimo terceiro mais votado, com 48.055 votos. Em 2020, após o término de seu primeiro mandato, Holiday decidiu sair do DEM e se filiou ao Patriotas, partido mais alinhado com setores conservadores. No entanto, em 2021, ele foi expulso do Patriotas após manifestar oposição ao candidato à presidência da Câmara dos Deputados apoiado pelo partido, Arthur Lira. Holiday preferia apoiar Marcel Van Hattem, do partido Novo, enquanto o MBL, ao qual ainda era ligado, apoiava Baleia Rossi, do MDB. Esse episódio gerou conflitos e resultou em sua saída tanto do Patriotas quanto do MBL.

Sua saída do MBL reverberou bastante na época pela mídia. Em entrevista ao *Estado de S.Paulo*, Holiday afirmou que saída teve como maior motivação o movimento não estar preocupado com o combate ao aborto e a luta pelos direitos LGTQIAPN+, uma vez que ele é um homem negro e abertamente homossexual:

É uma conversa que a gente já vinha tendo desde o fim do ano passado, a partir das reformulações que eles estão pensando em fazer no movimento, com certas pautas que serão trabalhadas no futuro, de política nacional e estadual. Há duas áreas, nas quais eu pretendo desenvolver projetos próprios e mais amplos que não estavam na lista de prioridades do MBL: as causas LGBTs e as pautas antiabortistas. [...] Apesar de a gente ter uma visão semelhante em relação ao tema, isso não é uma bandeira de frente do movimento. Hoje, por exemplo, eles têm como bandeiras a defesa da reforma administrativa e do impeachment do Bolsonaro. Antes, defendiam as reformas da Previdência e trabalhista. Quer dizer, sempre têm algum grande projeto ou alguma causa à frente. Mas a luta contra o aborto e a defesa de causas LGBTs dentro de uma ótica liberal foram relegadas a um papel secundário. (HOLIDAY, 2021)⁵¹

Após a expulsão, Holiday se filiou ao partido Novo, que compartilha algumas de suas pautas de liberalismo econômico e defesa da redução do Estado. Em 2022, ele concorreu pelo Novo a uma vaga de deputado federal por São Paulo, mas não foi

⁵⁰ Retirado do perfil *Fernando Holiday* do **Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP**. Disponível em: <https://neamp.pucsp.br/liderancas/fernando-silva-bispo>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

⁵¹FUCS, J. **'O combate ao aborto e a causa LGBT não são bandeiras do MBL', diz Holiday**, Estado de S.Paulo, 29 de jan de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2021/01/29/o-combate-ao-aborto-e-a-causa-lgbt-nao-sao-bandeiras-do-mbl.htm>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

eleito. Decepcionado com os resultados e divergências dentro da legenda, ele deixou o Novo no final de 2022.

Posteriormente, Holiday ingressou no Republicanos, partido de perfil conservador, no qual ele viu a possibilidade de expandir sua atuação política. No entanto, sua candidatura por esse partido também não obteve sucesso, e ele acabou se desfiliando do Republicanos em julho de 2023. Em julho de 2023, o político decidiu se filiar ao Partido Liberal (PL), partido do ex-presidente da República Jair Bolsonaro e figura em que Holiday criticou quando estava no MBL. Na mesma entrevista ao *Estado de S.Paulo* em 2021, Holiday (2021) criticou Bolsonaro, dizendo que ‘é melhor para o País que ele saia do governo’. Entretanto, no evento de filiação ao PL, que contou com a participação do ex-presidente, Holiday disse no discurso:

Me sinto como o filho pródigo. Um filho que se arrepende amargamente de seus erros, mas que mesmo assim está voltando pra casa. Eu estava morto e voltei a viver. [...] Quem diria, hein, presidente Bolsonaro? A imprensa sempre dizendo que você é homofóbico, racista e você aqui filiando um negro meio viado (HOLIDAY, 2023)⁵²

3.1.4.1.1 Episódio 6

Fernando Holiday participou do sexto episódio da primeira temporada do *podcast Mano a Mano*. O episódio foi ao ar no dia 30 de setembro de 2021, período em que ele ainda era vereador da cidade de São Paulo. A conversa durou cerca de 1 hora e 28 minutos, mantendo uma boa média de tempo uma vez que os episódios da temporada, em sua maioria, chegavam em 1 hora e 30 minutos.

As perguntas iniciais da entrevista tentam remontar a base da vida de Holiday. É evidente que Mano Brown fez uma pesquisa sobre quem é Fernando Holiday e quais são os ideais defendidos por ele. Entretanto, o *rapper* opta em seguir uma linha de relembrar o passado, como ele foi criado, quais os seus referenciais para, então, cair no discurso defendido pelo político. Para isso, percebe-se que as perguntas de Mano Brown parte de uma experiência própria. “Você tem ligação alguma com... Tem algum tipo de ligação com esse tipo de ritmo? Qual que é?”;

⁵²GUIMARÃES, S. **Em filiação de Holiday ao PL, Bolsonaro diz: 'Acho que errei mais que você'**. UOL, 25 de jul de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/07/25/bolsonaro-holiday-filiacao-pl.htm>. Acessado em: 10 de nov de 2024.

“Tem irmãos? Qual que é?”; e “Filho único e de mãe solteira? Ou você tinha o seu pai com você?”, foram as primeiras perguntas da entrevista.

O primeiro ponto a se destacar é a linguagem utilizada por Mano Brown. Naturalmente, a língua falada⁵³ se diferencia da norma culta padrão que, por muitas vezes, pode ser um empecilho para o entendimento por parte de uma parcela da população. Segundo Marcos Bagno (1999), a norma culta é frequentemente confundida com a própria língua portuguesa, levando à crença de que apenas aqueles que a dominam “sabem português”. Essa concepção ignora a complexa realidade linguística do Brasil, marcada pela diversidade de variantes e pela competência linguística inata dos falantes nativos (BAGNO, 1999, p.35).

Então, é possível ver que as falas, quando vem do Mano Brown, não são trabalhadas de maneira que pareçam polidas ou como se estivesse lendo uma lista de perguntas prontas. Elas trazem a maneira como ele fala no dia a dia, com vícios de linguagem que remetem ao local de onde ele veio. Repetição do pensamento, de término de frases como “Qual que é?” e até mudança no sentido da frase com o fluxo de pensamentos são comuns durante a entrevista.

Outro ponto já citado são as perguntas em si. Trata-se de perguntas que podem dar sinais sobre o que moldou o entrevistado. O próprio entrevistador admite isso durante a conversa quando diz:

Mano Brown: A máquina é muito rápida. E por isso que eu pergunto para você da onde você é, o que você viu na infância, o que que te atinge, o que sensibiliza o seu coração, porque é muita gente que perde a vida, ‘moro’?

Saber quais estilos musicais o formou pode, de certo modo, mostrar se o entrevistado integrou uma comunidade negra mais sólida, com um *background* racial através da música, por exemplo. O próprio Mano Brown, em sua história, começou sua carreira nas rodas de samba e ganha uma consciência racial quando começa a frequentar espaços de *rap* e *hip-hop*. Ainda que a pergunta não seja diretamente sobre questões raciais, ela trará uma informação que somará ao entendimento de como o entrevistado se porta na atualidade. Veja o exemplo a seguir em que a

⁵³ A linguagem falada é a forma de língua que aprendemos no contato com a família e a comunidade desde os primeiros anos de vida. É o instrumento básico de sobrevivência, sendo mais eficaz em situações urgentes do que a escrita, como em um grito de socorro. A linguagem falada é o objeto de estudo primordial da ciência linguística, pois é nela que ocorrem as mudanças e variações que transformam a língua. As gramáticas tradicionais, por outro lado, dedicaram-se por muito tempo apenas à língua escrita literária e formal, ignorando os fenômenos da oralidade (BAGNO, p.45, 1999).

pergunta aberta e simples, mas que deságua em uma discussão sobre temas raciais:

Mano Brown: Sim! Você estudou até que ano? Qual que é o seu...

Fernando Holiday: Eu fiz o ensino médio e todo o meu ensino fundamental, todo em escola pública. Tive as clássicas dificuldades de quem estuda em escola pública, com professores que, às vezes, não queriam tá ali; material didático defasado; escola com diversos problemas. Mas, já no final do meu ensino médio, eu tive um professor — essa história é até interessante — que ele era um professor de língua portuguesa, Moisés o nome dele, e ele era filiado no PT, inclusive. E esse professor começou a me incentivar a debater mais assuntos sobre política, especialmente as cotas raciais — que é o que eu falo muito até hoje. E, na época, eu comecei a pesquisar mais por conta deste professor, pesquisar sobre política. Comecei a debater com ele em sala de aula. E fui formando o meu posicionamento que eu tenho até hoje, que é um posicionamento mais à direita e liberal. E, a partir daí, eu comecei a gravar vídeo, comecei a entrar para o movimento político, participar de manifestações e tudo mais.

Na entrevista, Holiday se descreve como uma pessoa da direita liberal⁵⁴, dizendo, na época, que queria se distanciar dos ideais do então presidente Jair Bolsonaro. Ainda que Mano Brown o questione como ele se define politicamente e peça uma definição do que é a direita para ele no Brasil, a intenção de o conhecer antes de aplicar uma entrevista de confronto é dito abertamente pelo apresentador: “Eu divirjo da tua opinião. Acredito que os avanços do governo Lula em direção a uma justiça social e uma certa diminuição do impacto das diferenças, que está longe de igualdade, foi o governo que mais se aproximou disso. Mas eu não vou entrar nesse... não ainda nisso. Eu quero saber mais sobre você!”.

Com isso, Mano Brown retorna às perguntas de aprofundamento, sendo a mais essencial para o rumo que a conversa tomaria o seguinte trecho:

Mano Brown: Deixa eu te perguntar uma coisa sobre você mesmo, pessoais. Quem eram as pessoas que você admirava na sua

⁵⁴ Segundo o próprio na entrevista, ele definiu a direita brasileira da seguinte forma: “A direita hoje se divide em dois grandes grupos. A primeira é a que acredita que o Bolsonaro é a grande salvação e é a direita mais conservadora, que acredita que ele é o bastião contra a corrupção e da moralidade, e etcetera. E quanto a essa direita não tem o que dizer porque ela tá nos jornais constantemente e é isso que a gente vê por aí. E tem uma direita liberal, que ao meu ver ainda não tem muito espaço, que é uma direita que acredita que o nosso Estado brasileiro é muito grande. A gente precisa se desfazer de algumas coisas, principalmente de empresas estatais e cargos públicos que... enfim, tem aos montes. E com essa diminuição, nós poderíamos focar naquilo que é realmente essencial. Isso é: investimento em saúde, educação e segurança, e em assistência social, já que a gente é um país subdesenvolvido. A partir do investimento nessas áreas essenciais, a gente consegue trazer um pouco de maior qualidade de vida para as pessoas. É isso que a direita liberal defende.”

adolescência e 'pa', em qualquer ramo da sociedade? Quem eram suas referências?

Fernando Holiday: Olha, uma figura que eu sempre gostei muito e, inclusive, está no meu nome, é Billie Holiday⁵⁵. Eu acho que as músicas dela, realmente, me inspiraram muito e me inspiram muito. Inclusive, uma que eu gosto muito é — não foi ela quem escreveu, mas a melhor interpretação foi a dela — que é *Stranger fruit*, 'Fruto estranho', onde ela fala dos frutos estranhos do Sul, que na verdade eram os negros enforcados no Sul dos Estados Unidos. Além de Billie Holiday, sempre gostei muito de acompanhar os discursos de Martin Luther King⁵⁶, eu acho que o modo como eu falo, principalmente discursando, é meio que tentando imitar mesmo Martin Luther King. E uma figura que eu gosto muito, apesar de não

⁵⁵ Billie Holiday foi uma das maiores cantoras de jazz da história, conhecida por sua voz intensa e emotiva, além de sua trajetória pessoal e artística marcada por lutas e sofrimentos. Nascida Eleanora Fagan em 1915, Holiday passou por uma infância difícil, enfrentando abuso e condições de vida precárias. Desde cedo, buscou consolo na música e adotou o nome artístico inspirado na atriz Billie Dove e em seu ídolo de jazz, Louis Armstrong. Sua trajetória musical começou em clubes de jazz de Nova York, onde desenvolveu um estilo único, combinando emoção profunda com habilidade técnica, que a transformaria em ícone do jazz.

Holiday entrou na cena do protesto racial nos Estados Unidos com sua interpretação da canção *Strange Fruit*, escrita pelo poeta Abel Meeropol. A música descreve o linchamento de negros no sul dos Estados Unidos e rapidamente se tornou um símbolo da luta contra o racismo. Mesmo com os riscos de represália, Holiday insistiu em apresentá-la ao final de seus shows, desafiando proibições e ordens de donos de clubes e da polícia. Essa canção revolucionária deu à artista um papel de destaque no ativismo antirracista e a transformou em alvo de perseguições políticas e policiais, particularmente por Harry Anslinger, comissário do Serviço de Narcóticos dos EUA, que usou a guerra às drogas para atacá-la e tentar silenciá-la.

Politicamente, Holiday era vista como uma figura subversiva e perigosa pelo governo dos Estados Unidos, tanto por seu ativismo quanto por sua ligação com círculos artísticos e culturais de esquerda. Sua resistência em continuar cantando *Strange Fruit* apesar das ameaças a colocou no centro de uma batalha contra o preconceito racial e a repressão política. Embora sua vida tenha sido marcada por traumas e tragédias, a força de sua música e seu impacto social são inegáveis, e seu legado permanece como um poderoso símbolo de resistência e luta pela justiça social. Retirado da reportagem *Racismo, marxismo, drogas e sangue: a incrível história de Billie Holiday e sua 'Strange Fruit'* da **Music no stop**. Disponível em <https://musicnonstop.uol.com.br/billie-holiday/>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

⁵⁶ Martin Luther King Jr. foi um líder afro-americano, pastor batista, sociólogo e teólogo que, a partir de 1955, tornou-se a figura mais importante do movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Sua infância foi marcada pelo racismo e pela segregação racial, o que inspirou seu envolvimento precoce em ações contra a injustiça social. Inspirado pelos princípios do amor e da não-violência, como defendidos por Mahatma Gandhi e Henry David Thoreau, King organizou protestos pacíficos e campanhas pela igualdade racial, incluindo o famoso boicote aos ônibus de Montgomery e a Marcha de Washington de 1963, onde proferiu seu icônico discurso "Eu tenho um sonho".

Politicamente, King adotou uma postura liberal, defendendo a integração racial, os direitos civis e a justiça econômica. Ele acreditava que a mudança social poderia ser alcançada através de métodos pacíficos, apoiando a desobediência civil contra leis injustas. King presidiu a Conferência da Liderança Cristã do Sul (SCLC) e, com suas ações, influenciou diretamente leis fundamentais, como a Lei dos Direitos Civis de 1964 e a Lei dos Direitos de Voto de 1965. Recebeu o Nobel da Paz em 1964, sendo reconhecido mundialmente por seu compromisso com a igualdade e a justiça. Em 1968, foi assassinado em Memphis, deixando um legado duradouro na luta pelos direitos humanos e pela erradicação do racismo nos EUA. Retirado da biografia *Martin Luther King Jr.* da **COMPOR-MPMG**. Disponível em

<https://www.mpmg.mp.br/data/files/CA/00/B3/D7/5D3AC710E97C3AC7860849A8/BIOGRAFIA%20Martin%20Luther%20King.pdf>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

representar as minhas ideias, mas eu gosto da história dele, é o Barack Obama.

Holiday evocar nomes como de Billie Holiday, Martin Luther King e Barack Obama⁵⁷, três nomes que, em suas esferas, trouxeram contribuições para a luta antirracista, apresenta um dos primeiro pontos de incoerência no discurso político do entrevistado. E isso é explorado por Mano Brown com uma pergunta que dá início a um debate mais forte sobre a visão de Holiday sobre as questões raciais:

Mano Brown: Interessante você falar tudo isso. Da Billie Holiday, dos símbolos que você citou... Negros enforcados pelo simples fato de serem negros. E todo tipo de má sorte que o nosso povo — posso chamar assim, nosso povo — vem sofrendo nos últimos cem anos após... nos últimos cento e trinta/cento e vinte anos. Isso te comove até que ponto? Essa coisa racial?

Fernando Holiday: Olha, acho que me comove desde sempre e para sempre. Eu acho que um caso que me marca bastante e eu já contei isso em algumas entrevistas, algumas poucas mas eu já contei, acho que foi o meu primeiro contato — pelo menos o primeiro contato que eu tenha memória — com o racismo. Foi quando eu tava na pré-escola, era um dos primeiros dias de aula numa sexta-feira, porque na sexta-feira era o dia das crianças levarem os brinquedos. E aí eu ia brincar com os meus colegas, e eu fui um dos últimos a sair da sala, e eu fiquei com mais um colega branco. O nome dele era Daniel. E aí ele falou: “Mas você vai brincar com a gente?”. Eu falei: “Vou, ué?! Dia do brinquedo, trouxe meu brinquedo”, era um *Jeep* azul. Aí ele falou: “Ah, mas acho que meus pais não vão gostar muito disso”. Eu perguntei: “Por que? Você nem me conhece e tal”. Aí ele pegou e falou: “Porque eles dizem que criancinhas pretas como você roubam os nossos brinquedos e eu precisava tomar cuidado”. Na época eu não entendi bem o que aquilo significava e eu não tinha noção do tamanho daquele negócio. Seis anos de idade. Seis para sete anos de idade. E aí passou e eu fiquei chateado. Eu fiquei mais chateado porque eles não queriam brincar comigo. Eu não tinha entendido direito esse negócio da cor da pele e tal. Eu fiquei chorando por não poder brincar com eles e por não poder brincar porque eu tinha aquela cor. Foi um dos sentimentos mais terríveis, e, talvez assim, não desejaria nem para o meu pior inimigo,

⁵⁷ Barack Obama é um advogado e político americano que serviu como o 44º presidente dos Estados Unidos, de 2009 a 2017. Nascido em Honolulu, Havaí, em 1961, ele foi o primeiro presidente negro dos EUA e ganhou notoriedade política rapidamente após um impactante discurso em 2004, quando ainda era senador pelo estado de Illinois. Com uma mensagem de unidade e esperança, Obama conquistou os eleitores com promessas de renovação e mudanças, especialmente em temas de política externa, saúde pública e recuperação econômica após a crise financeira de 2008.

Politicamente, Obama é associado ao espectro progressista do Partido Democrata. Suas principais políticas e propostas eram voltadas para ampliar a igualdade social, expandir o acesso à saúde, proteger os direitos civis e combater as mudanças climáticas. Com a reforma do sistema de saúde (popularmente conhecida como “Obamacare”), ele buscou facilitar o acesso dos americanos a planos de saúde acessíveis. Retirado da matéria *Barack Obama: o primeiro negro na Presidência dos EUA*. da **BBC News Brasil**. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55958325>. Acesso em: 1 de nov de 2024.

porque quando você é criança, isso eu acho que impacta muito mais, tanto é que eu nunca esqueci. E aí, naquele momento, passou uma professora que era de uma outra sala, uma professora negra. Ela me viu chorando, entrou na sala, achou que fosse uma briga ou alguma coisa, acho que deve ter sido isso. E ela me perguntou o que tinha acontecido. E eu falei o que o menino tinha dito. Ela começou a chorar também. E aí, nisso que ela começou a chorar, ela disse que nunca mais, depois que eu saísse daquela sala, eu deveria abaixar a cabeça para pessoas que pensassem como ele. E eu acho que aquilo me marcou de uma forma tão grande que eu não tenho condições de esquecer o quão isso é presente ainda hoje no nosso país. Só que os raciocínios que eu fiz, me levaram a acreditar que o caminho para superar esse problema não está nos caminhos que o Brasil tomou nos últimos anos.

O que ocorre depois de Holiday dar um relato sobre seu primeiro contato com o racismo é uma mudança na maneira como Mano Brown trabalha a entrevista. Se até o momento ele atua apenas como a inserção de perguntas para entender sobre a vida do entrevistado, aqui ele ultrapassa mais a linha de entrevistador e torna a conversa em um diálogo que usa de argumentação para contextualizar e pontuar as discordâncias no discurso. Em um monólogo, coisa que não é comum para um entrevistador, Mano Brown despeja as percepções que teve antes e depois do início da entrevista com Holiday. A fala dele ressalta questões históricas e dados factuais sobre a situação do negro no Brasil:

Mano Brown: E acha difícil chegar num lugar onde, realmente, o mesmo povo negro que você fala e que é o que eu falo, seja realmente, tratado de uma forma digna e humana como nunca foi nesse país. Entendeu? Eu não posso ser um personagem de mim mesmo e ser um símbolo imutável de qualquer perfil político. Eu tenho que ser mente pensante e entender o que está acontecendo. Eu prefiro acreditar que você é um cara que ainda possa mudar o que você pensa. Acredito nisso. Não na força e nem na ofensa, mas no entendimento. Você é jovem. Você tem prioridades. E existem outras prioridades, que são prioridades das prioridades. Quando eu era da sua idade, eu também não ouvia, entende? Acredito que você vai ser um grande político, mas acredito também que você vai mudar, porque não é possível Billie Holiday se emocionar com um negro enforcados e ser contra cotas. Não é questão de misericórdia ou de assumir de que é inferior. São números. São dados. São corpos. Vidas negras aos montes. Eu sou mais velho que você. Anos 80, teve um dia que eu tava no ônibus, e eu olhei para o ponto do ônibus — tava eu e o Bru, que é meu parceiro de grupo — e falei: “Porra Bru, não tem mais preto no Capão, mano”. Não tinha, tá ligado? Alí, a raça em extinção. Funcionando a mil por hora. Como é que morre? De mim formas. Como é que um povo subjuga o outro? Você gosta de história?

Fernando Holiday: Gosto, sou estudante de história.

Mano Brown: Olha que coisa maravilhosa estudar história, eu amo história. Você sabe como um povo subjuga o outro. A primeira coisa que acontece é o declínio numérico do povo: um povo some e o outro emerge. Houve momentos dos anos 80 em que a população negra estava em franco declínio.

Mano Brown utiliza deste momento de discurso para traduzir uma informação referente a população negra brasileira. Quando ele traz sua percepção sobre uma “raça em extinção”, ele escancara para os ouvintes um ponto de reflexão que transcende o áudio, algo que em um primeiro momento pode não ter sido visto pelas pessoas, mas que ela poderá começar a pensar sobre o assunto mais constantemente.

Esse processo de tratar dos assuntos de forma mais explícita, abrindo a realidade das pessoas negras e também das periferias, é algo comum do Mano Brown, que traz isso desde sua participação nos *Racionais MC's*. O que ele faz aqui é trabalhar as conversas para trazer a tona o assunto racial, ouvir o que os entrevistados têm a dizer e complementar com dados, vivências e opiniões sobre o que está sendo discutido, abrindo margem para que o público que os ouvem consiga absorver uma provocação que pode, dessa maneira, iniciar uma jornada de pesquisa e autoconhecimento como pessoa negra ou, no caso de pessoas não-negras, ver onde se encaixa na sociedade supremacista branca.

Em determinado momento, Holiday expõe para Mano Brown o que o levou a ser contra as cotas raciais e os argumentos que sustentam sua defesa, trazendo o estudo de Florestan Fernandes em *A inclusão do negro na sociedade de classes* como ponto central do argumento. Nesta parte da entrevista, Holiday remonta o Brasil pós-libertação da escravidão e a maneira como o Estado negligenciou a população negra. Então, um ponto de discussão se inicia com o Mano Brown a partir desta fala:

Fernando Holiday: Mas o meu ponto é o seguinte: se o Estado brasileiro tivesse dado condições, educação, qualificação profissional, para que aquelas pessoas conseguissem se incluir na sociedade naquele momento, ainda haveria as consequências do racismo, porque havia e há uma repulsa a cor da pele, é a verdade. Só que...

Mano Brown: Você acredita nisso?

Fernando Holiday: Acredito.

Mano Brown: Na cor da pele...

Fernando Holiday: Há um elemento...

Mano Brown: De rejeição da parte de quem pratica pra quem?

Fernando Holiday: Do branco para com o negro

Mano Brown: Certo!

Fernando Holiday: Isso existe. Isso é um fato também.

Mano Brown: Você admite isso?

Fernando Holiday: Sim, com certeza!

Mano Brown: Isso é importante.

Fernando Holiday: É, porque tem muita gente que acha que eu nego isso.

Aqui, ele não tenta mais retirar informações sobre a vida do entrevistado, mas sim escancarar para os ouvintes que o que está sendo falado pode, em certa maneira, apresentar discordâncias com o pensamento inicialmente proposto. Ele mostra que Holiday, ainda que tenha um discurso contra uma luta do Movimento Negro que foram as cotas raciais, ele admite — frisando a palavra “admitir” — que há diferenças gritantes entre a vivência entre negros e brancos na sociedade brasileira.

Após essa troca mais incisiva com o entrevistado, é dado a palavra novamente para Holiday para explicar quais são seus pontos contra as cotas raciais:

Fernando Holiday: Então, a partir daquele momento, se tivesse tido uma qualificação profissional, independente dessa rejeição, que já haveria por conta da cor da pele, muito mais negros teriam conseguido ser incluídos ali. Teriam sido empregados, ou montarem o seu próprio negócio, ou aconteceria como aconteceu nos Estados Unidos, em algumas regiões, que é meio que a comunidade negra cria ali a sua própria comunidade, seus próprios comércios. Viviam em condições piores do que se comparado aos brancos, mas melhores do que se comparado aos negros brasileiros. Acho que poderia ter se desenvolvido uma situação parecida no Brasil. Só que como não houve isso, a maioria deles simplesmente não sabiam o que significava relação trabalhista, como funcionava essa relação chefe/patrão sem você ser um objeto do seu patrão. E isso causou uma série de dificuldades. Por isso, defendo que hoje nós precisamos de um sistema que corrija esses problemas sociais, e eu acho que as cotas sociais são um caminho para isso. Que é quando você pega um aluno da escola pública de baixa renda e o inclui na Universidade. A maioria dessas pessoas são negras, mas nem todas serão, é verdade. Mas você já vai ter uma inclusão muito boa nesse sentido. O meu problema com a cota racial em si, é que ao contrário da cota social, você não tem um dado objetivo de inclusão. Você incluir uma pessoa negra pelo meio das cotas, e as universidades

federais fizeram isso, e os concursos públicos também fizeram isso, você precisa que alguém diga, por algum critério, quem é negro e quem não é, até para evitar a fraude. E aí, por conta disso, você cria verdadeiros tribunais raciais. Aqui em São Paulo, por exemplo, você tem as cotas pros concursos públicos. E teve muitos casos de pessoas que eram brancas e tavam entrando pelo sistema de cotas. E aí criaram essa comissão para analisar. E muitas pessoas que eram — mulheres, principalmente — que eram negras, mas tinham um cabelo liso, foram recusadas. Mas foram mulheres que passaram por um racismo na sua vida inteira. E se o critério tivesse sido social, aquela mulher negra de cabelo liso, teria sido incluída. Então, o meu ponto principal é que eu entendo a necessidade da inclusão, mas eu acho que a cota racial, ela é uma inclusão de má qualidade. Eu acho que a cota social ela é de maior qualidade. Então, nesse sentido, o que eu defenderia é a extinção das cotas raciais em detrimento da ampliação das cotas sociais. A partir disso, na minha visão, nós incluiremos mais pessoas negras, mas, acima de tudo, incluiremos não por critérios subjetivos, mas por critérios que dá para você medir no papel ou na realidade social daquelas pessoas.

Mano Brown, no trecho acima, assume novamente uma posição de escuta para compreender o discurso do entrevistado perante a um tema de suma importância para a população negra. Após o fim da fala, Mano Brown volta com um monólogo expondo, novamente, as vivências duras da população negra brasileira de forma explícita, mostrando para os ouvintes um contraponto duro sobre o que foi falado e, assim, colocando a audiência para refletir sobre como é ser uma pessoa negra no Brasil:

Mano Brown: Mas você há de concordar que quando você admite que houve escravidão, houve um prejuízo histórico de muitos anos, houve proibições de... genocídio e todo tipo de violência psicológica, desencorajamento, todo tipo de violência físico e mental. Quando eu falo: 'Morre como? Morre na mão, baleado?', às vezes morre baleado, acidente de moto na marginal, muitos são negros. População negra está exposta a todo momento, o tempo todo. Seja lá como for. Há um discurso errôneo também, e às vezes, sensacionalista que atribui a raça negra ao crime organizado ou coisas do tipo. Crime e tal... contravenções... É assim que a população negra morre. Morre gente negra em, todos dessa forma também, mas morrem nos corredores dos hospitais, morrem nos manicômios, em baixo das pontes, e agora, cada vez mais, nas esquinas, depois deste último governo. E é inegável a cor de origem desse povo. Tá na cor. Como se faria justiça a um povo que foi escravizado e que sofre consequências até hoje por isso, pela herança toda que trouxe? Se não for focado na raça, eu não vejo solução para isso. Eu acho que em algum momento vão se chocar o social e o racial. O social não é... As cotas sociais não são tão justas quanto parecem. Inclusive, eu pedi para alguns amigos meus formularem perguntas para você.

Pela primeira vez no *podcast* desde o início da entrevista, há a participação da jornalista Semayat Oliveira, que é a consultora jornalística do programa. O que percebe-se é que a jornalista é utilizada como um “ímã” para trazer a conversa de volta ao eixo, além de apresentar dados checados sobre o assunto discutido. Oliveira explicita após uma fala sobre as diferenças entre negros e brancos nas periferias:

Semayat Oliveira: Mas tem uma coisa que eu acho que quando a gente olha para os números, a gente consegue entender um pouco mais de como essa diferença racial, ela se dá na prática. Então, por exemplo, dados de 2020 do IBGE mostram que o desemprego entre a população negra é 71% maior do que entre brancos, por exemplo. E com a pandemia, essa diferença tem aumentado significativamente.

Os dados da jornalista fazem com que a conversa, que possui uma lista de temas a ser debatida, mas que, também, há uma liberdade do Mano Brown em seguir o fluxo da conversa, não fique monotemática e vazia de argumentos. A presença dela serve como um fio condutor para novos assuntos, ao mesmo tempo que enriquece a discussão que poderia ficar em um eterno achismo de informações.

Mesmo com as discordâncias entre Mano Brown e Fernando Holiday, o objetivo do entrevistador é sempre voltar a conversa para uma entrevista de profundidade, não de confronto. Após um momento mais acalorado, Mano Brown entende que a conversa possa estar saindo para uma vertente de apenas discordâncias, volta um passo e tenta trazer o diálogo para outro assunto, mantendo sempre a cordialidade. Novamente, essa vontade é explícita, com entrevistador dizendo: “Okay. É, mas também não é para você ficar assim... achar que tudo o que você falar eu discordo, mesmo porque eu tô aqui para te ouvir também. Certo?”.

A conversa continua no âmbito de assuntos raciais. A ocupação de espaço na política sendo um jovem negro, o entendimento como uma pessoa que representa uma minoria em um ambiente que, antes, não lhe era permitido e a importância da militância para que tudo isso pudesse ser possível. Novamente, Mano Brown com o poder da voz expõe de forma “didática” essas informações antes de introduzir uma pergunta. Em determinado momento, no entanto, ele faz uma breve autorreflexão sobre a necessidade de estar falando sempre sobre a questão racial nos assuntos que discute:

Mano Brown: Certo. Vi também a chegada da Igreja Pentecostal nas periferias e nas favelas. Trabalho de resgate, cadeias e tal. E toda

essa movimentação que era como... funcionava como, não vou dizer ONGs, mas são órgãos não-governamentais de época. Esses empregadores, esses caras, movimentos de... antes da fase das ONGs. Então, a prioridade de se preservar vidas agora, ou de emergir uma classe imediatamente para que outras não caiam nessa vala, que pode demorar muito para acontecer isso que você está falando. Que através de uma ascensão natural dos pobres, uma grande quantidade de negros serem emergidos. É até meio crônico a gente ficar falando disso o tempo todo porque você é negro também. Eu to pensando isso aqui o tempo todo enquanto você responde. Essa temática racial, eu acho que você pode ser também um cara útil para tudo, não só para isso, para as questões raciais. Mas uma coisa que me... eu precisava ouvir isso de você, porque são coisas emergentes, coisas 'pra ontem'. Urgência. Deixar de perder vidas negras. Você entende? Por isso que eu falo: 'Morre como? Na mão da polícia?'. Não, morre em tudo qualquer jeito. Num *brazilian way of life*. Onde o negro é o lado mais fraco. Corda. Onde a corda estoura. Entendeu? Então não há tempo para que uma filosofia de quinhentos... sei lá... vinte anos a gente consiga tirar da cabeça do branco que a gente é inferior a eles. Não vai passar pelo crivo deles. Não pode ser. Vai demorar muito, se for pelo crivo dos brancos ou de quem se julga o medidor, o regulador de capacidade. O que você pensa sobre Cuba? Os médicos de Cuba e tal?

Fernando Holiday: Olha, eu sou muito crítico ao regime de Cuba, inclusive eu assisti recentemente a um documentário que acho que exemplifica bem a minha visão sobre Cuba que é *Cuba e o cameraman*. Ele foi por várias vezes em Cuba em décadas diferentes. Eu acho que uma vez a cada década, ou alguma coisa assim. Enfim, se via claramente que apesar do esforço e da dedicação dos médicos cubanos, a tecnologia que eles têm em disposição e a qualidade de atendimento que eles conseguem oferecer para os cubanos, ao meu ver, é absolutamente inferior se comparado com o mundo capitalista, se comparado inclusive com o próprio Brasil e com o nosso SUS. Então eu acho que a falta de liberdade política e a falta de liberdade econômica em Cuba são elementos centrais que acabam justificando o atraso que eles vivem lá.

Mano Brown: Teve essa polêmica envolvendo médicos cubanos que estariam dispostos a trabalhar em qualquer lugar do Brasil, enquanto médicos brasileiros se recusam a cuidar... de entrar em certos lugares, alegando falta de segurança, alegando problemas estruturais, precariedade e passa pelo preconceito o tempo todo. Entendeu? O cara que é formado em medicina mas ele quer atuar no centro, quer atuar no Hospital das Clínicas, quer atuar no Sírio Libanes, e não quer atender a periferia. O que você pensa sobre isso?

O que Mano Brown faz no trecho acima é racializar o tema. À primeira vista, há uma questão puramente de posicionamento sobre uma medida política. Entretanto, devido ao contexto apresentado, a pessoa que responde e a pessoa que pergunta, o que se vê é a pergunta ganhando um fundo diferente. O ponto central deixa de ser

apenas “você concorda com a vinda de médicos de Cuba o Brasil” e passa a ser “temos a possibilidade de médicos que podem atender as periferias e regiões que os médicos brasileiros não querem, muito movido por preconceitos sobre essas regiões, mas há a possibilidade dos médicos vindos de Cuba que podem atender essa população”. Nessa mudança de contexto, o que o *podcast* visa é também, de certa maneira, acender uma nova ideia nos ouvintes sobre esse assunto, traduzindo que essa medida pode, de alguma maneira, estar afetando positivamente eles.

O restante do *podcast* trabalha outros assuntos voltados para a vida política do entrevistado, com o aprofundamento em casos dele na Câmara dos Vereadores, trocas com outros vereadores de São Paulo e, em alguns pontos, Mano Brown retorna a assuntos já discutidos como as cotas raciais, ressalta a imagem de Fernando Holiday como um jovem negro no poder e traz histórias pessoais que complementam e fazem uma contextualização sobre o assunto.

3.1.4.2 Glória Maria

Glória Maria é natural de Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Filha de Cosme Braga da Silva, um alfaiate, e de Edna Alves Matta, dona de casa, Glória formou-se em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), iniciando na Globo em 1970 como rádio-escuta. Boa comunicadora, logo se cresceu na emissora, ascendendo para funções de maior visibilidade. Em 1971, estreou como repórter cobrindo o desabamento do Elevado Paulo de Frontin, adentrando o mundo do telejornalismo, coisa que a seguiria até o fim de sua vida.⁵⁸⁵⁹

Durante os anos 1970, Glória conquistou várias “primeiras” na televisão brasileira. Ela foi a primeira repórter a aparecer ao vivo e em cores no Jornal Nacional, cobrindo a saída de carros do Rio de Janeiro em um fim de semana, em 1977. Ela também foi a primeira mulher a cobrir a Guerra das Malvinas, em 1982. Na entrevista com Mano Brown, ela cita esse episódio e brinca que trouxe a paz para o local.

⁵⁸ Glória Maria. (n.d.). **Memória Globo**, 29 de out de 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/gloria-maria/noticia/gloria-maria.ghtml>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

⁵⁹ Glória Maria: Um ano após a morte, relembre trajetória - 02 de fev de 2024 - Ilustrada - **Folha de S.Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/02/relembre-a-trajetoria-de-gloria-maria-icone-da-tv-que-morreu-ha-um-ano.shtml>. Acesso em: 10 de nov de 2024.

Glória Maria: É punk, parceiro. É assim, eu fui a primeira mulher. Foram vários homens cobrir, porque o meu diretor disse: “Não, mulher não cobre guerra”, aquelas coisas, né? Mulher não cobre guerra, mulher não faz isso. Aí ele mandou vários homens, e como eu sou realmente uma pessoa abençoada, quando ele achou que não tinha mais nenhum repórter para ir, vai a Glória, porque eu ficava enchendo o saco dele. Deixa eu ir, irmã, eu quero cobrir uma guerra. Depois me arrependi tanto. Aí eu falei, deixa eu ir, bom, me deixou ir. Cara, eu em Buenos Aires, a gente ia para Punta Arenas, que era onde acontecia a guerra, e era uma guerra que não tinha tiro. Ela foi toda feita por minas terrestres. Tanto que depois morreram muito mais soldados desativando minas do que durante a guerra. Foi horrível. E eu tive a benção de — eu sou tão cagona —, eu acho que duas semanas depois que eu estava lá, a guerra acabou. Eu anunciei o fim da guerra. Quer dizer, eu sou uma pessoa do bem, entendeu? Mas foi um alívio tão grande. Meu Deus do céu.

No *Fantástico*, programa no qual trabalhou de 1986 a 2007, Glória era um dos maiores nomes quando o assunto eram matérias especiais e entrevistas exclusivas. Ela cobriu acontecimentos mundiais e entrevistou grandes celebridades, como Michael Jackson, Madonna e Leonardo DiCaprio. A entrevista com Madonna, por exemplo, foi marcada por uma tensão inicial, que Glória driblou com sua autenticidade, conseguindo um dos momentos mais lembrados de sua carreira. Na entrevista com Mano Brown, que será analisada logo adiante, ela detalha algumas dessas entrevistas e as táticas utilizadas para conseguir um bom material.

Famosa pelo espírito aventureiro, Glória Maria viajou para mais de 100 países em reportagens para a Globo. No Himalaia, enfrentou frio intenso; no Oriente Médio, caminhou pelo deserto montada em um dromedário; e na Jamaica, teve a chance de entrevistar Usain Bolt e participar de cerimônias rastafári. Em 2007, Glória participou de um marco técnico da televisão ao protagonizar a primeira transmissão em HD da TV brasileira, exibindo uma reportagem sobre a festa do pequi no *Fantástico*.

Após anos no *Fantástico*, ela se afastou brevemente para cuidar de projetos pessoais, incluindo adoção das filhas, Maria e Laura. Em 2010, retornou à TV no *Globo Repórter*, programa no qual manteve suas reportagens especiais focadas em viagens e descobertas de novos lugares. Entre suas primeiras matérias na nova fase, Glória visitou Brunei e Butão, lugares raramente explorados pela televisão brasileira.

Em 2019, Glória foi diagnosticada com câncer de pulmão. Ela passou por tratamentos intensivos e continuou aparecendo no *Globo Repórter* sempre que

possível. Glória Maria faleceu em fevereiro de 2023, deixando um legado profundo no jornalismo brasileiro.

Mesmo após sua morte, Glória Maria continua a ser reconhecida e homenageada. Em março de 2023, uma rua em Búzios foi renomeada para Rua Jornalista Glória Maria, em uma área onde ela possuía um imóvel. Em novembro do mesmo ano, ela foi uma das homenageadas no *Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*, ao lado de jornalistas consagrados, destacando seu papel na promoção da justiça social e direitos humanos.

A jornalista também foi celebrada no evento cultural *FlinkSampa* e na 21ª edição do *Troféu Raça Negra*, ambos em São Paulo. O jornal *The New York Times* prestou tributo à sua trajetória, destacando seu papel de pioneirismo como a primeira telejornalista negra do Brasil, que abriu espaço para mulheres negras em uma época em que o cenário televisivo era dominado por homens brancos.

3.1.4.2.1 Episódio 16

O episódio em que Glória Maria participa é o décimo sexto da primeira temporada. A jornalista foi a última entrevistada para o primeiro ano do programa, sendo veiculada no dia 9 de dezembro de 2021. A entrevista com Glória Maria durou 2 horas e 4 minutos, sendo esse o episódio mais longo da primeira temporada. Posteriormente, no dia 12 de janeiro de 2023, cerca de um mês antes da morte da jornalista, o episódio foi reprisado como um especial de férias do *podcast*.

A entrevista com Glória Maria, quando comparada com a do Fernando Holiday, possui algumas coisas em comum. No início, assim como na do então vereador, Mano Brown tenta remontar a história da entrevistada com perguntas sobre sua infância e sua vida. Logo de cara, o *rapper* questiona:

Mano Brown: Sim. Glória Maria, você é do Rio de Janeiro, certo?

Glória Maria: Carioca, sangue bom.

Mano Brown: Fala um pouco do seu bairro.

Glória Maria: Do meu bairro?

Mano Brown: Do seu bairro. Raiz.

Glória Maria: O meu bairro raiz já começa a complicação, porque eu nasci entre dois bairros, eu nasci no subúrbio do Rio, entre... aliás, dois não, três... entre Madureira, Oswaldo Cruz e Jacarepaguá. Quer dizer, já começa a complicação na minha vida assim. A gente morava

ali numa ruazinha, em que só tinham duas famílias negras, a minha e uma outra, o resto era tudo gente mais ou menos... não classe média, mas gente pobre, mas gente bacana, nós éramos os únicos pobres, pobres mesmo. Então, assim, Madureira tinha o samba, Portela, aquela coisa toda; Osvaldo Cruz também, berço do samba; e Jacarepaguá já era uma coisa assim mais classe média. E eu fui criada ali durante, bem pequenininha, minha infância — eu acho até seis anos, sete, oito. Aí depois fui morar com a minha mãe no outro bairro, mas no Méier. Sempre fui uma garota do subúrbio. Então, eu quando era muito pequena, até mais ou menos 12 anos, 13, eu mudei muito, porque como a gente não tinha grana... assim, não tinha dinheiro, não pagava aluguel, eu tinha que mudar para outro lugar. Então, a gente teve uma vida meio nômade, por isso que até hoje eu vivo no mundo... até hoje eu vivo no mundo sem parar, porque eu não sei ficar muito tempo em lugar nenhum.

O objetivo, novamente, é conseguir traçar um paralelo da vivência da entrevistada com a de pessoas negras e, no caso, de pessoas pobres. Após o relato da jornalista, ele comenta que passou por algo parecido quando criança e como essas experiências construiu quem ele é atualmente. Porém, diferente da entrevista com Holiday, o que se percebe é uma linguagem mais amena, menos incisiva nas perguntas. A todo momento, através da forma como Mano Brown se porta ao dirigir a palavra para a entrevistada, é possível notar que Glória Maria o derruba com as palavras e desmonta o *rapper*. Isso ocorre desde o primeiro momento, quando ele a apresenta, ressaltando seus feitos e suas “primeiras vezes”, mas que, imediatamente, ela o leva ao chão.

Glória Maria: Muitíssimo, boa tarde. E eu é que digo obrigada por você ter me convidado. Tô feliz, mas eu quero fazer umas reparações aí, tá? Vamos começar logo com isso. Todo mundo sabe que eu odeio data. Então já não era pra dizer 71, 70, 80, começou isso, é aquilo, então... Aí, nada do que se fala de números na minha vida é correto. Porque não tem dados pra provar e eu invento. Então não adianta botar números assim: “Em 1980, fez isso”. Só assim, quando eu entrei no *Fantástico*, no *Globo Repórter*. Mas lá atrás, ninguém vai conseguir bater *lé com cré*, porque eu confundi tanto, e eu continuo confundindo tanto, que ninguém vai conseguir fazer conta. E isso não é porque eu tenho, assim, essa vontade de esconder tempo e idade, não, não é não. Isso é uma questão de cultura familiar. Eu venho de uma família muito antiga em que o tempo nunca contou. Idade nunca fez parte da história da minha família, porque poucos, pra não dizer pouquíssimos, foram registrados. Ninguém sabia o ano que nasceu, nem há quanto tempo. Então eu acho que só a partir das duas últimas gerações é que começou a ter registro. Então essa coisa, quantos anos tem a minha bisavó, ninguém sabe. Quantos anos tinha a minha não sei o que, ninguém sabe. Então eu fui educada, eu fui criada assim. Tempo é tempo, não é número. Porque primeiro que as pessoas não sabiam fazer conta de matemática. Nasci em 1930, então eu tenho

tantos anos, não tinha. A minha família quase toda era analfabeta. A minha avó, que morreu com 104 anos, ela só sabia escrever números e ler pra, na época dela, fazer o jogo de bicho. Era a única coisa que ela sabia. Então eu fui praticamente a primeira a estudar, a me formar. Não tinha aquela coisa: “Vai pra escola”. Ninguém ia falar isso, ninguém estava preocupado com isso, porque ninguém estudou. Então assim, eu fui matriculada na primeira escola... maternal pela minha mãe. E depois disso eu me virei, eu é que ia pra escola sozinha, lá me matriculava, porque eu queria estudar. Então, esclarecido essa parte de números, que eu acho que...

Mano Brown: Ou seja, não esclarecido...

Glória Maria: É, mas todo mundo diz assim: “Ah, a Glória Maria esconde a idade”. Esconde a idade não.

Mano Brown: Esquece.

Glória Maria: Esquece, *forget about*. Porque como eu fui ensinada assim, vai continuar assim. Ninguém vai querer mudar a minha história. “Olha só, você tem que falar”. Não, não tem. Nunca ninguém disse como é que eu tinha que viver e não vai ser exatamente por causa de idade. Cada um da idade que quer, porque essa preocupação não é minha, é do mundo.

O motivo pela forma como Mano Brown não utiliza de uma persona mais dura e incisiva pode ser inúmeros: o fato dele possuir um pensamento que bata mais com as ideias da entrevistada; tratar-se de um ícone do telejornalismo que está nas casas dos brasileiros há décadas; ou o fato de Glória Maria ser avessa a entrevistas, com poucos registros em que ela deixou o espaço de entrevistadora e assumiu a cadeira de entrevistado. O que se sabe, no entanto, é que a entrevista segue de uma forma mais “leve” do que a vista no episódio com Fernando Holiday.

As perguntas “vagas” sobre onde Glória cresceu e quem a matriculou na escola resultam, a todo instante, em respostas trazendo as vivências dela como pessoa negra. O assunto permeia toda a entrevista. Porém, em alguns momentos, as perguntas com cunho racial são mais diretas, querendo remontar algo mais concreto.

Mano Brown: Pô, você falou essa coisa de não ter documentos, de não ter datação dos seus familiares, dos seus antecessores. É uma dificuldade que não só você, mas a maioria do nosso povo tem essa dificuldade, de rastrear os seus, de onde viemos.

Glória Maria: É verdade, é assim, eu até hoje tento saber as minhas origens, porque a minha família negra é muito especial, são todos muito altos. Então, eu sempre tentei, sempre tive a curiosidade — isso da família do meu pai — sempre tentei saber de onde eles vieram. A minha avó Alzira, mãe do meu pai, ela dizia que o bisavô dela tinha sido laçado nas matas de Minas Gerais.

Mano Brown: Então, ele é o quê? Índio?

Glória Maria: Não, escravo, escravizado como diz hoje. Eu fui, eu aprendi escravo, hoje você tem que dizer escravizado.

Mano Brown: É um estado, né?

Glória Maria: É um estado, mas na época quando você estava escravo, você era escravo. Você tinha sido escravizado, mas você passava um período enorme da sua vida como escravo. Então, são as coisas que vão mudando e que às vezes me incomodam um pouco, como se você mudando uma terminologia, você mudasse uma situação. São coisas que me incomodam porque você deixa de falar o que importa mesmo, para falar de coisas desnecessárias. Como se você mudando o escravo para o escravizado, você mudasse a situação de todo um povo que foi escravizado e que passou a ser escravo. Então, às vezes são umas coisas que me irritam. E aí, você não fala, você não fala dessas coisas, mas é, porque existe uma realidade, né? Nós fomos escravizados, nós fomos escravos e somos até hoje, eu não vejo...

Mano Brown: De alguma forma...

Glória Maria: De várias formas ou quase todas, a gente fica escravizado dentro de uma situação, a gente fica escravizado dentro de um mundo que quer que a gente seja colocado ou se coloque da maneira que esse mundo quer, seja da maneira que for. Então, agora os movimentos têm que ser assim, agora os movimentos têm que ser daquela maneira e a gente está sendo sempre dirigido. Eu odeio isso. Eu acho que a gente tem que viver os próprios sentimentos e não movimentos em ondas. E como eu fui educada, eu fui criada, educada não, mas fui criada pela minha família, para ser livre, a minha avó dizia assim: “Olha, você tem uma história”, ela falava disso do bisavô que tinha sido laçado, e ela disse: “A nossa história sempre foi de correntes, então você não pode permitir nunca que te acorrentem. Você tem que viver para ser livre, sempre, a qualquer preço, a qualquer custo.” E eu tenho vivido assim.

No trecho acima, é possível notar duas coisas interessantes: primeiro o interesse de Mano Brown em adentrar a historicidade da família de Glória Maria, entender a ancestralidade da jornalista e instiga sobre o que ela está falando e como isso remonta a história dos povos escravizados no Brasil; o segundo ponto é exatamente essa explicação. Glória apresenta em suas palavras o que seria o processo de escravização e, dessa forma, consegue trazer uma informação que pode ser lida como mais um aprendizado para uma pessoa que está em um processo de letramento racial.

Um ponto a se destacar é a crítica de Glória Maria quanto a mudança da terminologia da palavra “escravo” e “escravizado”. A jornalista, ainda que mostrasse ser uma pessoa muito bem racialmente letrada, demonstrou durante a conversa

diversas vezes que possui uma relação distante com o Movimento Negro. Ela afirma:

Glória Maria: Comigo não tinha pode ou não pode, só tinha pode. Eu nunca aceitei o pode e por isso eu me ferrei muitas vezes, mas a minha militância era o seguinte: primeiro o meu cabelo de negra. Eu não era linda, eu era uma menina, eu era dentuça, porque pobre não tem muito como cuidar de dente então meus dentes eram pra frente. Eu não tinha nada muito certinho, mas nada daquilo me preocupava nem me incomodava, eu tinha outros valores, eu tinha outras coisas.

Na conversa, Mano Brown identifica em Glória Maria um baú de informações sobre a vivência de pessoas negras no Rio de Janeiro e ele se utiliza disso para conseguir extrair o máximo de informações possíveis. As perguntas “simples”, como “Quais músicas que tocavam na sua casa?”, ficam em segundo plano para dar início a uma coisa mais profunda, e que resultam nas respostas que vão além do superficial. E isso é exaltado por Mano Brown:

Mano Brown: Deixa eu falar uma coisa, pra mim não esquecer. Eu tenho medo de interromper o raciocínio. É importante pra mim passar pra quem tá ouvindo, pra um público bem jovem, bem mais jovem do que eu — da idade dela, pra menos — quem é você, a sua figura... ela é a cara do Brasil, certo? Você tem um registro com seu rosto, nos últimos 40 anos, pelo menos. Eu lembro muito de você, daquela repórter negra, bonita, da Rede Globo, que é o maior canal da América Latina, e você era a única, a primeira e sempre esteve lá, o que é uma outra realidade. E olha só, sendo tudo isso e todo esse currículo que a gente falou no começo, você tá lembrando dos seus ancestrais que foram escravizados. Olha a ligação, como parece tão distante... pra quem vê filme de escravidão ou vê uma... Eu nunca suportei ver filmes de escravidão, nunca assisti um inteiro, eu tentava ver o primeiro e desistia no segundo, e me afetava muito na vida. O que que eu tô falando? Muita gente pensa assim: “Pô, ele fica falando de escravidão”... a noção que ele tem é a *Escrava Izaura*, aí a segunda versão da *Escrava Izaura*, o filme do Alex Haley, Kunta Kinte e *Memórias de Sofrimento*, não, não é televisão. A Glória Maria tá aqui na minha frente falando sobre ancestrais que foram escravizados.

Com essa fala, Mano Brown eleva o discurso e as informações dadas por Glória Maria, mostrando aos ouvintes que se trata de algo que é de suma importância prestar atenção. Ter esse material como essencial na sua jornada de entendimento da construção do país e da maneira como a comunidade negra se formou no Brasil Colonial. E esse discurso é reforçado por Glória Maria ao dizer que a história que ela aprendeu sobre a escravidão não é a vista nas escolas, mas sim a história real.

Glória Maria: Mano, deixa eu te falar uma coisa, eu não aprendi história, como você tá falando de escravidão, no livro. Eu aprendi com a minha família, eles contavam... isso aí pra mim, isso aí que faz toda uma diferença. Eu não fiquei lá lendo... depois que eu fui começar a me informar, aí sim fui pros livros. Mas primeiro eu aprendi a história real, a história original e realmente assim, você vai aprendendo a viver de uma maneira que você não tenha ficção. É a realidade. É isso, a gente vai passar por isso.

A fala da jornalista coloca suas histórias e “ensinamentos” em um patamar para quem ouve de algo inédito, o pontapé inicial para um estudo mais aprofundado sobre a história da escravidão no Brasil. Trazer que “eu não aprendi história, como você tá falando de escravidão, no livro” é mostrar aos ouvintes que ela possui uma informação que não vai ser encontrado de forma fácil, que o material que ela está dando para o conhecimento é enriquecedor e que deve ser levado com mais afinco. É a história da população negra sendo contada a partir da população negra, não uma visão de um historiador sobre o que aconteceu.

A história oral é fundamental para a compreensão da escravidão no Brasil, pois permite acessar as experiências e perspectivas dos próprios escravizados e seus descendentes, preenchendo lacunas deixadas pelos registros escritos oficiais da época. Os registros escritos, em sua maioria, refletem o ponto de vista dos dominadores e silenciam as vozes dos oprimidos. A história oral, por outro lado, dá voz a essas vozes silenciadas, revelando aspectos do cotidiano da escravidão que não seriam acessíveis de outra forma. As memórias transgeracionais, transmitidas de geração em geração através da oralidade, são um tipo de fonte histórica valiosa. Essas memórias, embora sujeitas à reconstrução e ao esquecimento, carregam em si vestígios de experiências e saberes ancestrais, proporcionando uma visão mais completa e complexa do passado (CARVALHO, 2022, p. 105).

Glória Maria retorna ao assunto sobre como foi criada e a maneira como entendeu desde pequena que o racismo estaria presente em sua vida. De forma explícita, a jornalista explica como percebeu que essa era a sua realidade e como ela lutou, da sua maneira, contra uma sociedade supremacista branca para impor o seu lugar.

Glória Maria: Eu desde que nasci, desde que eu era pequena, eu sempre soube que eu ia vivenciar, ia ter que enfrentar o preconceito, o racismo. Eu já vivia isso na rua que eu morava, que só tinha brancos, as minhas amigas brancas; na escola quando eu entrei no primário, sei lá, tinham quatro ou cinco meninas negras como eu; aí passei pro ginásio e só tinham duas ou três; passei pro clássico, só

tinha uma; na faculdade só tinha eu. Então eu aprendi isso tudo na minha vida, no meu dia a dia, de uma maneira natural, e nunca tive uma atitude, como você falou lá atrás, assim de vitimismo, eu tive de enfrentamento. Eu nunca tive medo. Eu assim, eu sabia, eu não era vítima, porque eu sabia que eu ia ter que passar por aquilo tudo, mas eu não queria passar, então eu tinha que fazer alguma coisa, e fazer essa alguma coisa era assim: “Não vou aceitar as cascas de banana que colocam no meu caminho, não vou! Se vão querer que eu olhe pra isso, tá perdendo tempo, eu quero ir em frente”. O que é esse em frente? Eu não sabia, não sei, porque eu não tinha... eu não tive referência, eu não tive em quem me espelhar, ninguém me ensinou, “olha, vai falar assim na televisão”. Eu quando comecei, eu usava o cabelo black power, porque eu queria usar, não é porque ninguém me falou, “olha o movimento negro”. Não, eu usava porque eu achava lindo e queria ser assim. Usei anos, de todas as maneiras: grande, pequeno, curto, careca, da maneira que eu queria. Depois, deu! Não quero mais, porque eu faço da minha vida e do meu corpo o que eu quero, não o que as pessoas querem que eu faça. Se daqui a pouco eu resolver botar black power de novo, eu boto. Se eu não quiser, eu não boto. Educo as minhas filhas assim, elas fazem o que elas querem do cabelo delas. Quando eu te falei que eu fui educada pra ser livre, é livre em todos os sentidos, todos, a qualquer preço e é um preço caro. Altíssimo hoje porque as pessoas te cobram, porque você tem que se enquadrar dentro do modelo que elas querem. Você tem que ser daquele jeito a qualquer preço. Ninguém me enquadra.

Glória Maria foi repórter de TV da Globo em um dos momentos mais sombrios do Brasil: durante a ditadura militar. Tudo se agrava ao lembrar que ela era uma mulher negra em uma das maiores emissoras do país. Ela relata como foi sua experiência durante as coletivas de imprensa com o então presidente João Batista Figueiredo⁶⁰:

Glória Maria: É. Ele sempre dizia que aquela neguinha da Globo não pode chegar aqui. Porque, o que acontece, eu comecei a trabalhar na época da ditadura, no final do governo Médici, né? Aí depois teve o Geisel. E todos de uma maneira ou de outra tinham uma certa elegância. E o general Figueiredo, ele chegou pra atropelar. E como eu tinha acesso aos lugares mais reservados quando tinha cobertura, quando eu chegava lá, todo mundo me deixava passar. Todo mundo

⁶⁰ João Baptista Figueiredo foi o último presidente da ditadura militar. Iniciou sua trajetória política como secretário geral do Conselho de Segurança Nacional durante o governo de Jânio Quadros e esteve envolvido no golpe militar de 1964. Em seguida, chefiou o Serviço Nacional de Informações (SNI) no Rio de Janeiro, comandou a Força Pública de São Paulo entre 1966 e 1967 e ocupou o cargo de chefe do Estado-maior do 3º Exército em 1969.

Eleito presidente pelo Colégio Eleitoral em 1978, Figueiredo prometeu guiar o país rumo à democracia. Seu governo, no entanto, foi marcado por ataques terroristas de setores militares contrários à abertura política, incluindo o atentado no Riocentro em 1981. A gestão também enfrentou uma grave crise econômica. Em 1984, após a derrota das Diretas Já, houve a primeira eleição civil desde 1964. Tancredo Neves venceu, mas faleceu antes de assumir, sendo sucedido por José Sarney. Figueiredo morreu em dezembro de 1999. Retirado do perfil *João Batista Figueiredo do Memórias da Ditadura*. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/joao-figueiredo/>. Acesso em: 1 de nov de 2024.

já me conhecia. Tinha tempo que eu estava fazendo isso. E ele ficava indignado.

Mano Brown: Ele?

Glória Maria: Ele. Porque a gente teve uma passagem que eu fui... quando ele foi indicado pra ser presidente, aí ele fez um pronunciamento na Vila Militar que ele dizia: “Ah, pra manter a democracia eu prendo, bato e arrebento, não sei o quê”. Só que na hora que ele falou isso, o meu filme na época era filme. O filme acabou, eu não consegui gravar. E aí eu fui lá falar: “General, por favor, isso pode repetir? Porque a gente não gravou”. E ele, “não, não vou repetir”. Aí eu pedi umas quatro vezes a ele, gentilmente, “é o *Jornal Nacional*, eu não posso voltar sem isso”. Ele falou: “Minha filha, eu já falei com sujeito, verbo, predicado, predicativo, indireto, que eu não vou falar”. Só que eu sou boa de português. Aí eu falei, caramba. Aí eu lembrava, agora eu não vou lembrar, mas eu sei que na época não tinha, quer dizer, não tinha mais o predicativo direto ou indireto, uma das coisas que ele tinha citado. Eu falei: “Presidente, desculpa, mas não tem mais predicativo direto”. Aí o cara ficou puto da vida. “Tira ela daqui, tira ela daqui”. A partir daí, ele tomou um ódio santo de mim. E eu não tinha como... ele não tinha como se enganar, porque a única preta era eu. Então eu chegava, era “tira a neguinha daqui”. E isso foi o tempo todo, enquanto ele foi presidente. Mas eu tava lá, ele mandava eu sair, mas eu tava lá. Então, assim, eu tive várias experiências terríveis, uma época terrível. A gente chegava na redação, tinha lá, hoje não pode falar sobre isso, hoje não pode falar sobre aquilo, era censura em cima de censura. Então eu me espanto hoje, as pessoas pensarem na possibilidade de uma volta à ditadura. É como se a gente voltasse pro inferno. Então, é como se a gente botasse o Boko Haram pro poder de novo. Então, assim, meu Deus do céu, ditadura nunca mais, nunca mais.

A fala de Glória Maria durante a entrevista é uma reflexão poderosa e pessoal sobre as complexidades e brutalidades do período da ditadura militar no Brasil, especialmente do ponto de vista de uma mulher negra atuando como repórter em uma das maiores emissoras do país. Ela narra não apenas o que viveu, mas o peso do preconceito e da censura que marcaram sua trajetória, demonstrando o quão desafiador era seu trabalho e sua própria presença nesses espaços.

Glória revela como a ditadura limitava a liberdade de imprensa, censurando temas que poderiam ser discutidos e até mesmo a presença de profissionais como ela, a única mulher negra em meio aos repórteres. O preconceito direto que ela sofria, com o presidente Figueiredo abertamente desqualificando sua presença, evidencia a intolerância do regime tanto com sua identidade racial quanto com seu compromisso jornalístico.

Esse trecho é importante ser ressaltado por se tratar de uma prática comum de racismo praticada pelo maior poder de um Estado, e trata-se de um apelo contra o

esquecimento dos horrores da ditadura. A experiência que ela compartilha faz um alerta explícito aos ouvintes, para que compreendam os perigos de um regime opressor e o quão desumanizadora foi a experiência, especialmente para aqueles que ocupavam minorias e desafiaram o poder.

Diferentemente da entrevista com Fernando Holiday, a conversa com Glória Maria toma um rumo de exaltar conquistas. Mano Brown, em nenhum momento, assume uma postura de entrevista de confronto, sempre deixando a palavra para que Glória mostre seus feitos, mostre sua personalidade e conte sobre suas vivências como telejornalista. Ele inclusive chega a elogiar a imagem da jornalista diversas vezes, ressaltando a importância dela para outras jornalistas negras, citando as expressões que a co-apresentadora Semayat Oliveira faz quando Glória conta suas histórias.

Um adendo é sobre a participação da jornalista Semayat Oliveira nessa entrevista. Se na anterior a repórter possui um papel de trazer a conversa de volta ao eixo, expor dados concretos sobre o assunto discutido e manter uma certa mediação entre entrevistado e entrevistador, aqui ela praticamente some. Em toda a entrevista, Semayat surge apenas uma vez, questionando as táticas que Glória Maria utiliza para extrair dos entrevistados uma conexão, citando o caso envolvendo a Madonna. Esse trecho é interessante analisar a maneira como Glória era uma pessoa que conseguia adentrar nas entrevistas e saber quais artifícios utilizar para conquistar seus entrevistados. Seja presentes, conversas com profundas — cito aqui a conversa com Michael Jackson, artista que passou por um grande estigma por acreditarem que ele queria ser branco, quando, segundo Glória Maria, a realidade era completamente diferente — e até a utilização da cor de sua pele perante a uma sociedade regida pela supremacia branca, tudo virava uma maneira de conquistar os seus entrevistados. O trecho a seguir demonstra exatamente essa percepção:

Glória Maria: Não, sabe por que? Eu acho que essa é uma coisa fácil de responder. Primeiro, que quando eu vou entrevistar, eu sei quem é o poder, que é o entrevistado. Isso é uma coisa que é uma regra básica. Você quando vai entrevistar Madonna, Fred Mercury, Roberto Carlos, eles são as estrelas. Ponto. Então eu não posso chegar lá, ó, sou a Glória Maria do Brasil, sou bacana, tenho fã, não. Eu chego sempre humilde. Dou todo espaço pro entrevistado. Deixo bem claro que eu tô ali pra fazer ele brilhar. Sempre. E aí eles já ficam à vontade, porque você, ali, são super estrelas. Super, super, super, super. Egos deste tamanho, em princípio. Aí se você consegue quebrar a resistência daquele ego, você já ganhou. A Madonna foi assim, eram quatro minutos, tinha um negócio que

chama junkets, sei lá, você chega, aquela coisa é toda programada, você já vai sentar do lado, a pergunta tá ali, né. Aí eu falei, caramba, o que que eu vou fazer? Eu tinha que fazer uma introdução pro Fantástico e falar, e a introdução já ia os quatro minutos. Falei, não vai rolar, não vai dar certo. Aí também sou malanda, mulher, né. Levei um, eu tava com um colar que eu adorava, e levei um igual pra ela, mas até aí ela não tinha visto. Só botei o meu lá bem pra ela ver, era uma pedra azul maravilhosa, ela olhou, mulher foi direto no olho na minha pedra, eu falei, bom, já ganhei um ponto. Aí sentei, cheguei e falei, olha, Madonna, o meu inglês é péssimo. O meu português é maravilhoso, mas o meu inglês, pra falar com você, eu tenho que fazer uma introdução e só tem quatro minutos. Eu não vou conseguir. Aí também tem outra coisa que, assim, eu já entro com o fato de eu ser negra. Que você já quebra, eles não podem te tratar mal, eu uso, tem horas que você tem que usar isso a seu favor. Não pode querer usar contra o tempo todo. Então tem hora que você tem que fazer disso também uma moeda de troca. Você não fala, mas você se coloca. E digo, eu já tenho, né, é difícil, né, eu, só tem eu de vir negra lá no meu programa, se eu não levar isso direito, vai ser um problema pra mim. Pô, me ajuda.

Mano Brown: Você usou isso?

Glória Maria: Claro, eu sempre uso. Mas sempre uso, na hora que precisa, eu falo, ó, cara, preciso da tua força, me ajuda. Aí ela chamou lá a diretora, “ela pode falar o tempo que ela quiser”. Aí, pô, fui, fiz a minha introdução, toda bonitinha, falei, fiz as minhas perguntas, e eu nunca vou esquecer, era sobre um disco que ela tava lançando, assim, me conte um segredo, não sei o quê, aí eu pedi pra ela contar o segredo, ela contou, aí no final — e o olho dela não saía da minha pedra — aí no final, que elas nunca recebem, não podem receber presente, você tem que dar pra assessora, elas não recebem nada, né, porque eu ia sair e já entrava outra. Aí eu cheguei e falei, ó, desculpa, mas eu adoro você e te trouxe aqui uma pedra aqui nessa, igual a minha, de presente, ela fez assim, eu queria que você visse, ela na mesma hora abriu a caixa, olhou a pedra, e botou na mesma hora e deu o resto das entrevistas todas com a minha pedra no pescoço. Então é uma questão de você ser humilde. Humildade não é subserviência, é você saber usar na hora certa. Humildade é inteligência. E eu, na hora que preciso, eu uso, sem problema. Por isso que eu consigo fazer todas essas entrevistas aí na boa.

Outro ponto da entrevista a se destacar é justamente a consciência da entrevistada sobre como o negro no Brasil é tratado e a maneira como ela vê a necessidade de mostrar diferentes realidades para suas filhas. Novamente, Mano Brown puxa o assunto ao questioná-la sobre a viagem que fez com as filhas para a África do Sul. Aqui, o objetivo é entender a maneira como ela criava suas filhas pautadas nas vivências de uma pessoa negra, ainda que Maria e Laura vivessem em uma realidade diferente da que Glória Maria viveu.

Glória Maria: Eu queria que elas conhecessem um país que tivesse maioria negra. Que elas pudessem ver o negro ocupando os espaços que eles não ocupam aqui no Brasil. Lá você vai pra hotéis maravilhosos, você vai pra restaurantes maravilhosos e 90% das pessoas são negras. Aqui quando a gente vai a qualquer lugar chique, só tem eu e elas. Não tem ninguém.

Mano Brown: A verdade é que a gente que mora aqui no Brasil, a gente não tem, a gente não sente esse gosto que você tá falando, de ver os negros ocupando lugares. Realmente no Brasil você não tem esse gosto.

Glória Maria: Vai, eu levo as minhas filhas no teatro, somos só nós. Levo no cinema, é basicamente nós. Vou num lugar chique, somos só nós. Então, eu queria que elas vissem que tem lugar em que o preto também é maioria. Aí ficamos na África do Sul, num hotel maravilhoso, em um restaurante maravilhoso e elas só havia um preto em volta da gente. Aí a gente diz: “Mamãe, nossa, mas aqui tem muito preto mesmo. Por que que no Brasil não tem?” Eu digo, tem minha filha, mas eles não vão nos lugares que a gente vai. Por uma questão de cultura, de educação, de falta de condição.

O restante da entrevista segue o mesmo *modus operandi* de apresentar um tema, em sua maioria perguntas relacionados a grandiosidade da jornalista, e depois, conseguir racializar esse tema. A entrevista, diferentemente da anterior com Holiday, assume um caráter totalmente de profundidade, com poucos momentos em que Mano Brown assume o papel de monólogo para expressar sua discordância com a entrevistada, ou para contar sua história. Esses momentos, na realidade, ocorrem apenas quando Glória Maria, que foi uma exímia entrevistadora, inverte as cadeiras e questiona o *rapper*. A última pergunta trabalha justamente esse ponto, em que Glória quer que Brown faça a pergunta que venha do seu coração para ela e, da mesma forma, ela fará uma pergunta para ele.

A entrevista com Mano Brown termina de forma alegre, cheia de vida, mas, ao mesmo tempo, com o prelúdio do que viria acontecer dois anos depois: com Glória dizendo que passou recentemente pelo médico e precisou fazer novos exames mais profundos, o que poderia ser um novo tumor. Ela, que afirma que não estava totalmente bem naquele dia, não tendo condições de voltar para o Rio de Janeiro de avião, termina o *podcast* sorrindo.

4 RESULTADOS

Com base na bibliografia estudada e na análise dos dois episódios podemos identificar padrões na maneira como Mano Brown decide comandar as entrevistas no *podcast*. Em ambos os casos, o *rapper* assume uma postura de perguntas mais cotidianas, tentando remontar o passado do entrevistado e identificar quais são as vivências que constrói a persona que está a sua frente.

É importante ressaltar que Mano Brown utiliza constantemente o que aprendeu na sua carreira como líder dos *Racionais MC's* para ditar o tom da conversa, para formular os pensamentos que serão debatidos e trazer o discurso que, facilmente, poderia ser dito para uma plateia de dois mil jovens em uma noite no centro de São Paulo. O grupo é formado desta maneira e, do mesmo modo, Mano Brown é formado desta forma. Os *Racionais MC's* trabalham com uma narrativa que visa sistematizar as questões políticas, principalmente a que aflige a população negra e periférica do Brasil. As denúncias feitas pelo grupo e por Mano Brown passam por uma análise dos processos sociopolíticos que possuem fundas raízes no racismo que minam as vidas negras do país (MACHADO, 2023, p.116).

O *podcast*, como já explicitado anteriormente, é uma ferramenta poderosa de informação e tradução de informação, uma vez que é falado. O ouvinte não precisa ser alfabetizado para conseguir compreender a informação que está sendo passada. No caso do *podcast Mano a Mano*, outro ponto dentro da lógica da linguagem falada ganha destaque: a maneira como Mano Brown opta em estruturar o programa. Pode-se pensar que o *podcast*, assim como outras mídias, possui inúmeras maneiras de ser estruturado, podendo ser um *podcast* informativo, com um roteiro pré-determinado que será lido pelo locutor; um *podcast* narrativo, também roteirizado com a inserção de entrevistas, mas com o corte da voz do entrevistador; ou, como é visto no *Mano a Mano*, um *podcast* de entrevista, em que as perguntas podem até ser pré-selecionadas e estruturadas de uma maneira que faça sentido na linha narrativa que a produção deseja seguir, mas que a fala não é lida e o fluxo da conversa segue a estrutura de um diálogo rotineiro.

Mano Brown não tenta rebuscar o seu discurso ou se enquadrar no que seria tida como uma norma padrão da língua portuguesa, uma vez que ele não fala dessa maneira na rotina diária dele. Não são incomuns os momentos em que o *rapper* usa palavras de baixo calão, gírias para finalizar frases como “moro” e “qual que é?” e

faz o encurtamento de palavras como “pra”, “cê” e “tava”. Essa é a maneira comum que a linguagem falada se desempenha, com adequações para a sonoridade e facilidade na hora de proferir algo (BAGNO, 1999, p.35).

A utilização dessa linguagem pelo apresentador faz com que o discurso, ainda que pautado em visões academicistas e estudadas por Mano Brown, seja traduzido e absorvido pelos ouvintes. As falas do *rapper* conseguem iniciar um questionamento sobre a própria negritude dos ouvintes e, assim, levar para uma busca de autoconhecimento sobre o ser negro da sociedade. Ainda que as vivências de todas nunca sejam as mesmas, alguns casos podem ser semelhantes e fazer com que essa faísca acenda uma trilha que leva ao letramento racial.

Quando Mano Brown questiona os argumentos de Fernando Holiday sobre cotas raciais e sobre ele ser inspirado por Billie Holiday, uma mulher negra que possui uma forte importância na luta antirracista e no Movimento Negro, ele expõe para os ouvintes as incongruências no discurso do entrevistado e traz um ponto de partida para que a audiência comece a pesquisar sobre o assunto. De forma simples, sem academicismos, ele explica conceitos dos estudos sobre negritude para uma população que pode não ter tido contato com isso anteriormente. Dessa maneira, ele mantém os moldes definidos na imprensa negra, desde o século XX como “produtora de saberes e conhecimentos emancipatórios sobre raça e as condições de vida da população negra” (GOMES, 2017, p.29).

A imprensa negra rompe com o imaginário racista do final do século XIX e início do século XX que, pautado no ideário do racismo científico, atribuía à população negra o lugar de inferioridade intelectual. Os jornais tinham um papel educativo, informavam e politizavam a população negra sobre os seus próprios destinos rumo à construção de sua integração na sociedade da época. [...] Várias matérias vinculavam a ideia da ascensão social do negro via educação. Nesse sentido, é possível discutir o papel da imprensa negra enquanto instrumento de luta dos negros frente à sociedade estabelecida (GOMES, 2017, p. 29)

O discurso que Mano Brown assume vai contra o pensamento que tinha em 2007, quando participou do programa *Roda Viva*, da TV Cultura, e se colocava como uma pessoa “ignorante” ou de “menos estudos” — mesmo que ele apresentasse uma análise profunda sobre as vivências de pessoas negras e pessoas periféricas, dizendo que “encontra muita sabedoria dentro do presídio” e sobre a “organização na favela” (CARVALHO, p.46, 2023). Entretanto, quando ele decide criar o *podcast*, ele visa desmistificar isso e mostrar que é uma pessoa detentora de um

conhecimento que, de certa forma, ultrapassa os limites da academia. Ele diz: “Porque vê bem, tem gente que fala assim: ‘Nossa, até que o Brown é inteligente’. Tinha uma aura de burrice em volta de mim grande, que eu associo ao racismo”. Com isso, ele escancara que o conhecimento dele, além de fontes tidas como tradicionais, está numa análise do seu arredor.

Em diversos momentos durante a conversa, ele mostra sua análise da sociedade, como quando ele cita um dia que estava andando de ônibus e percebeu que havia uma diminuição da população negra em uma região que, na sua época, possuía uma concentração muito maior. A maneira como ele conta e mostra as análises que faz diariamente apenas olhando ao seu redor mostra ao ouvinte pequenas coisas que podem ser feitas para identificar elementos da luta antirracista na própria realidade, contribuindo para a jornada de letramento racial dessas pessoas.

O “olhar” tem sido e permanece, globalmente, um lugar de resistência para o povo negro colonizado. Subordinados nas relações de poder aprendem pela experiência que existe um olhar crítico, aquele que “olha” para registrar, aquele que é opositor. Na luta pela resistência, o poder do dominado de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar “consciência” politiza as relações de “olhar” — a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência (HOOKS, 2019, p. 213).

Sobre a presença da jornalista Semayat Oliveira, é possível notar que ela é usada como um porto seguro para o andamento da entrevista. No primeiro episódio analisado, ela, que é a consultora jornalística da produção, possui poucas interferências na conversa. Todos os momentos que ela surge é com o intuito de apresentar um dado concreto para uma discussão que pode estar se encaminhando para uma disputa de achismos, e, de certa forma, trazer a entrevista para o eixo novamente, eliminando a divagação. O que se percebe é que o papel de Semayat está mais ligado à pré-produção do programa, sendo ela responsável pelas pesquisas sobre o entrevistado e preparação de Mano Brown para a entrevista.

A “estrela” do programa, como se pode imaginar, é o Mano Brown. O *podcast* existe por ele, é da forma como é por conta dele e leva seu nome por sua relevância. Entretanto, o papel de Semayat é de extrema importância para que o rigor jornalístico seja seguido e aplicado em sua essência. Se um entrevistado passa uma informação que não condiz com a realidade, ela está pronta para contra argumentar com fatos. A importância de ter uma jornalista formada em um programa

com o alcance e importância como o *Mano a Mano* é o entendimento da produção que trata-se de um *podcast* com compromisso com o que está sendo passado. É preciso explicitar isso para mostrar que não se trata de uma conversa sem fundamento.

Um ponto importante da ética jornalística é a entrevistas com fontes que você discorda do pensamento. Apresentar diferentes perspectivas e interpretações de um evento, sem comprometer a integridade da informação e o direito do público de formar sua própria opinião é um dos princípios da profissão (LAGE, 2003, p.9). Ainda que Mano Brown não seja jornalista por formação, o seu trabalho como comunicador resvala sobre tal. Havia a possibilidade, no entanto, dele optar por chamar apenas pessoas do seu convívio ou que pensassem o mesmo que ele para a entrevistar. Entretanto, parte dele introduzir uma persona que possui pensamentos discordantes, mas que, em certo ponto, possui algumas características que o traz mais próximo da sua realidade.

Logo no início, Mano Brown revela para Fernando Holiday que as pessoas ao seu redor foram contra a entrevista. Entretanto, parte dele a vontade de entender como a construção social do então vereador o levou a pensar da forma como ele pensa. O que levou um homem negro, periférico e pertencente a comunidade LGBTQIAPN+ a defender pautas que vão contra a existência da sua própria população⁶¹.

Em um primeiro momento, pode se pensar no mito da imparcialidade do jornalismo, que é fundamental para a credibilidade do jornalismo, garantindo que o público tenha acesso a diferentes visões e possa formar sua própria opinião — visão essa defendida por Lage (2003). Entretanto, isso deixa de existir quando Mano Brown não apenas discorda verbalmente do discurso dado pelo entrevistado, tirando ele do local de fonte confiável em que o ouvinte deve levar tudo o que ele fala como

⁶¹ É importante ressaltar que o conservadorismo negro não é algo novo. Para bell hooks a mídia supracista branca constrói a ideia de que o conservadorismo negro é recente e reprimido dentro da comunidade negra, posicionando as vozes conservadoras como “dissidentes” que necessitam de proteção das “radicais”. No entanto, hooks destaca que sempre houve negros conservadores, e que esses pontos de vista moldaram movimentos de resistência e reforma negra ao longo da história. Segundo hooks, a descoberta tardia do conservadorismo negro pelos brancos é usada para transformá-los em porta-vozes de agendas alinhadas aos interesses da cultura dominante branca. Ela critica como, em ocasiões como as audiências de Clarence Thomas, a mídia apresenta figuras negras conservadoras como autênticas e dignas de respeito, em contraste com os estereótipos frequentemente atribuídos aos negros. Essa narrativa permite que o público branco fale sobre raça e gênero de maneira confortável, evitando confrontar o racismo estrutural. Assim, o conservadorismo negro se torna uma ferramenta conveniente para os brancos, que podem falar sobre questões raciais sem questionar profundamente suas próprias posições de privilégio (HOOKS, p.161, 2019).

verdade absoluta, e desmonta o argumento dele traduzindo para a audiência os pontos problemáticos do discurso de Holiday.

Mano Brown vai contra os moldes propostos por Lage no sentido de apresentar os diferentes lados do debate de forma justa e equilibrada, mostrando os argumentos e contra-argumentos de cada lado, sem tomar partido (LAGE, 2003, p.61), deixa de lado a estrutura de entrevista de profundidade e assume uma postura de entrevista de confronto. Ele quer mostrar ao entrevistado que há contradições no seu discurso e instigá-lo a admitir isso. Ainda que o objetivo inicial do programa seja uma entrevista de profundidade, para conhecer melhor o que o levou a ter tal pensamento, no final, subverte-se para algo mais acalorado, com o apresentador tentando, em certo ponto, mudar a ideia do entrevistado. E nisso, há a importância da jornalista Semayat Oliveira para que haja o retorno ao assunto e dos papéis de entrevistador e entrevistado, não de debatedores.

Ao comparar as entrevistas do *rapper* com Glória Maria e com Fernando Holiday, é possível ver que Mano Brown toma a palavra para si em diversos momentos na conversa com o então vereador de São Paulo, e faz monólogos longos sobre os assuntos abordados para passar a mensagem que ele acredita certo para a sua audiência. Com Glória Maria, a estrutura de uma entrevista de profundidade é seguida mais à risca. Não só ele quer saber mais sobre as histórias da entrevistada como ele a coloca em um pedestal que deve ser ouvido e compreendido. Ele quer que os ouvintes veja nela uma fonte de informação sobre a história dos negros que não é de fácil acesso. Uma história que foi passada de forma oral⁶² e que enfrenta o olhar branco de muitos livros didáticos.

⁶² A língua falada e a oralidade no português brasileiro não são apenas marcos linguísticos, pois elas representam um legado de luta e resistência racial. A população negra, desde o período colonial, teve papel essencial na formação do português falado no Brasil, porém, esse processo foi muito mais profundo do que uma "influência" superficial. A comunicação entre africanos escravizados, que vinham de várias regiões e falavam diversas línguas, levou ao que se chama de "aprendizagem imperfeita" do português, criando uma forma de expressão linguística que carregava traços das línguas africanas.

Essa língua franca, nascida da necessidade de comunicação entre escravizados, tornou-se a base do português brasileiro. Apesar das condições adversas, essa nova variedade de português emergiu com características próprias de pronúncia, gramática e vocabulário, sendo transmitida e perpetuada nas gerações subsequentes. Ao longo do tempo, essa oralidade única foi se espalhando pelo território, reforçada pelo tráfico interno de escravizados. As populações negras levaram consigo o que, de forma depreciativa, era chamado de "pretuguês", termo que na época era usado para ridicularizar essa forma de português. No entanto, essa mesma linguagem tornou-se a base do português brasileiro atual.

A influência da oralidade vai além do vocabulário. Características estruturais, como a simplificação de encontros consonantais e a perda do "r" no infinitivo, são reflexos das línguas bantas e de outras línguas africanas. Essa presença evidencia que a oralidade moldada pelas culturas negras criou a diversidade linguística que caracteriza o português brasileiro. O vocabulário afetivo, com palavras

O *podcast*, então, trabalha de maneira a conseguir traduzir as vivências negras e explorar essas histórias e referências para a construção de um maior entendimento racial do ouvinte. Mano Brown diz que esse assunto o anima. Ele mostra o que estudou e viu nas ruas. Ele aplica o conceito de letramento de reexistência⁶³ e trabalha para que as informações que estão sendo passadas sejam traduzidas, assumindo o papel de intermediário entre as fontes de informação, com seus jargões e perspectivas particulares, e o público, que busca se informar e compreender a realidade (LAGE, 2003, p.10).

como "caçula" e "cafuné," reflete o papel das mães africanas e da cultura afro-brasileira na criação da linguagem emocional e do carinho no idioma.

A padronização da escrita, influenciada pelo latim clássico, resultou em uma norma culta que, muitas vezes, ignora e marginaliza a riqueza da língua falada por grande parte da população. Esse distanciamento entre a escrita e a fala contribuiu para a exclusão e desvalorização das formas de expressão popular, incluindo aquelas de origem africana. Essa distinção entre a língua escrita e falada revela as marcas da opressão histórica, que negou a oralidade negra e a presença africana nas normas linguísticas formais. (GALINDO, 2022)

⁶³ Refere-se a uma reinvenção de práticas de uso da linguagem por ativistas do movimento cultural hip hop, em resposta a uma história de exclusão e silenciamento, especialmente da população negra no Brasil. Mais do que apenas resistir a um modelo de letramento dominante e excludente, o letramento de reexistência busca reafirmar e recriar modos de usar a linguagem que valorizem as identidades e experiências dos marginalizados. No caso específico dos Racionais MC's, a conexão com o letramento de reexistência se manifesta de forma contundente. As letras do grupo, por exemplo, frequentemente abordam temas como racismo, pobreza e discriminação, utilizando uma linguagem crua e direta que reflete a realidade da periferia. Além disso, os Racionais se engajam em projetos educacionais e sociais, utilizando sua plataforma para conscientizar e mobilizar os jovens (SOUZA, 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *podcast* está sendo cada vez mais aceito pelo brasileiro como uma fonte de informação e entretenimento, com os números de ouvintes crescendo ano a ano e sendo aderido por famosos, marcas e jornais de renome do país como uma alternativa para aumentar a adesão de consumidores. Dessa maneira, dependendo da forma como ele é estruturado e por quem ele é produzido, o *podcast* se mostra como uma poderosa ferramenta para a propagação das ideias antirracistas e aprofundamento no Movimento Negro, resultando no processo de letramento racial da população.

O *podcast Mano a Mano* demonstra isso na prática. Como analisado, as conversas em profundidade com os entrevistados, mas que, em uma primeira vista do conceito do programa, pode parecer que se trata de uma conversa sem pautas bem definidas, pode fazer com que os ouvintes sejam fisgados e apresentados a conceitos e uma maneira de pensar diferente. Olhar para dentro da própria história e das próprias experiências e refletir de que forma o que está sendo falado pode estar ligado a si mesmo.

A estratégia de Mano Brown, que parece ser feita de forma consciente, em remontar as vivências dos entrevistados para entender como eles chegaram aonde estão e pensando da maneira como pensam é, em certa medida, mostrar também à audiência que eles passaram por situações semelhantes. Entretanto, é importante ressaltar que esse ponto pode gerar a ideia de uma generalização de vivências negras. Quando ele pergunta qual o bairro que a pessoa cresceu, quais as figuras que ela tem como inspiração ou qual estilo de música ela gosta de ouvir, ele parte do pressuposto das próprias vivências para, dessa forma, conseguir entender a formação do pensamento dela atualmente. Algumas vivências são intrínsecas e presentes numa sociedade regida por uma supremacia branca que leva as vivências, em algum grau, a converjirem. Mas, no entanto, o que se deve entender é que levar apenas isso em consideração pode gerar uma exclusão, apagamento e negação de pessoas que fogem deste escopo ou que não se enxergam em tal pensamento, levando a um distanciamento delas do Movimento Negro e uma negação da própria negritude (HOOKS, 2019, p.99).

O papel do programa, no entanto, ganha uma importância maior quando se analisa que trata-se de um *podcast* formado por maioria negra, discutindo assuntos

que afetam a população negra brasileira e trazendo pessoas negras do mais diversos campos que ascenderam na vida profissional. Trabalhar com a representação dessas personas negras, remontar suas histórias e mostrar que são pessoas que atingiram patamares de sucesso na sociedade é tirar das mãos dos brancos a representação dos negros nas mídias. Fanon relata como essa visão era na metade do século XX:

Em qualquer sociedade, em qualquer coletividade, existe, deve existir, um canal, uma porta de saída, por onde as energias acumuladas sob a forma de agressividade possam ser liberadas. É a que visam as brincadeiras nas instituições que acolhem crianças, os psicodramas nas terapias coletivas e, de forma mais ampla, as revistas ilustradas para os jovens – naturalmente, cada tipo de sociedade requer uma forma específica de catarse. As histórias de Tarzan, de exploradores mirins, de Mickey e de todas as revistas ilustradas visam uma genuína descompressão da agressividade coletiva. São revistas escritas por brancos para crianças brancas. Mas o drama reside nisso. Nas Antilhas, e temos todas as razões para acreditar que a situação seja a mesma nas outras colônias, são essas mesmas revistas ilustradas que são devoradas pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio Maligno, o Mal, o Selvagem são sempre representados por um negro ou um índio, e, como há sempre uma identificação com o vencedor, a criança negra se torna o explorador, o aventureiro, o missionário “que corre o risco de ser comido pelos negros malvados” com a mesma facilidade com que o faz a criança branca. Dirão talvez que isso não é tão importante; mas só porque não refletiram sobre o papel dessas revistas ilustradas. (FANON, 1952, p. 161).

A subversão da visão da supremacia branca sobre as vivências negras e a representação a partir de um olhar negro é a materialização que bell hooks (2019) defende. É necessário para poder escancarar as dificuldades que a comunidade negra vivencia dia a dia, o apagamento histórico, o não conhecimento da própria ancestralidade e a não aceitação da pessoa como pertencente dessa parte da população. Dessa maneira, o *podcast Mano a Mano* se revela como essa mídia radical que luta contra a visão hegemônica e estereotipada da população negra brasileira, apresenta referencial para que essa população que nem sempre se reconhece como tal inicie um processo de letramento racial e, dessa forma, resulta na ideia de Freire com as pessoas sendo agentes ativos da luta contra a opressão.

Ainda que a pesquisa tenha conseguido dar um panorama geral da maneira como Mano Brown consegue trabalhar as entrevistas para promover um processo de letramento racial nos ouvintes, o pouco número de episódios analisados não consegue identificar, profundamente, se as estratégias do *rapper* são usadas em

todos os episódios e se ela é efetiva como nas entrevistas analisadas. Seria necessário um trabalho mais extenso que conseguisse fazer a análise de, no mínimo, uma temporada para entender se a postura do músico é a mesma com todos os entrevistados e se a mudança para assuntos que não sejam tão racializados é mais comum. Vale salientar que apenas nesses dois episódios analisados já foi possível notar uma diferença na postura de Mano Brown quando o entrevistado não possui ideais iguais ao do cantor e quando ele possui uma admiração pela história da entrevistada.

Outro ponto que deve ser ressaltado é em relação a resposta do público. Por questões de tempo, recursos e foco da pesquisa, não foi possível analisar como esses discursos do *podcast* afetaram a audiência. Os estímulos para que os ouvintes soubessem mais sobre a história negra brasileira são passados pelo *podcast*. Entretanto, em que nível isso foi convertido em pesquisas, autoidentificação como uma pessoa preta ou parda ou engajamento no Movimento Negro? O resultado final fica uma página em branco, uma vez que o material que está à disposição são da mídia hegemônica, como as entrevistas e críticas citadas durante o desenvolvimento do trabalho.

Ao final, também fica a vontade de ter realizado a ideia original de entrevistas semiestruturadas nos moldes de uma estrutura autoetnográfica. Primeiro, pelo fato de conseguir extrair diretamente da fonte as perguntas que não conseguiram ser respondidas na pesquisa, como a visão deles em relação ao público; o preparo da pauta; as referências usadas para a preparação do Mano Brown e da Semayat Oliveira nas entrevistas; os objetivos que eles almejavam alcançar com o *podcast*; a escolhas dos entrevistados; e a visão de si próprio quanto a imagem de pessoa negra que está produzindo um conteúdo que luta pela pauta antirracista.

Segundo ponto está justamente no meu papel como pesquisador. Estamos inseridos em uma lógica de pesquisa estruturada por uma sociedade supracista branca que, até alguns anos, via na minha imagem — um jovem preto de 22 anos — o objeto de estudo e se colocava num patamar acima, em que eles são os pesquisadores analisando o meu comportamento e eu sou o objeto de pesquisa. Gomes (2017) aponta justamente que para conseguir trabalhar em um processo de emancipação, há a necessidade de vincular o “saber, o sabor, saborear, à sapiência e ao sábio” (GOMES, 2017, p.58). Ela explica que o papel do pesquisador não deve se conter em ficar apenas na academia, mantendo uma hierarquização entre

pesquisador e pesquisado. “Mas é aquele que conhece o mundo através do seu mergulho no mundo” (GOMES, 2017, p.58).

Havia a necessidade de mergulhar pessoalmente na produção do *podcast* e nos ouvintes. Os resultados mostram um mar de possibilidades que podem ser explorados, tanto no *podcast Mano a Mano* quanto em outras produções, com abordagens diferentes e direcionamentos distintos. Para a presente pesquisa, fica claro que o trabalho de Mano Brown e sua equipe possui expressivo resultado no processo de letramento racial da sua audiência e abre campo para aprofundamento em uma futura dissertação de mestrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALICE è in paradiso. Direção: Guido Chiesa. Roteiro: Guido Chiesa. Itália: Fandango e Tele+, 2002. Disponível em: <https://vimeo.com/249293958>. Acesso em: 14 nov. 2024.

ALMEIDA, Neide A. de. **Letramento racial:** um desafio para todos nós. Portal Geledés, 28 out. 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/letramento-racial-um-desafio-para-todos-nos-por-neide-d-e-almeida/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CARVALHO, Kelly Maria Ayala de; SALDANHA, Gustavo Silva. O som que o documento tem: o podcast e o princípio monográfico. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, SP, v. 12, n. 1, 2018. DOI: 10.36311/1981-1640.2018.v12n1.04.p36. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/6807..> Acesso em: 14 nov. 2024.

CARVALHO, Maria Cristina Machado de. História oral e memórias transgeracionais para o estudo da escravidão e pós-abolição. **História Oral**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 103–116, 2022. DOI: 10.51880/ho.v25i2.1268. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1268>. Acesso em: 14 nov. 2024.

CARVALHO, Paula Costa Nunes de. Fora do “Beat”: Racionais e a Imprensa Paulista. In: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org). **Racionais:** entre o gatilho e a tempestade. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 32-51.

COÊLHO, Jesilene Corrêa e Silva. **A cor da mídia:** análise da visibilidade dos telejornalistas negros em São Luís/MA e produção de podcast acerca da temática. Orientador: Pr.^a. Dr.^a. Flávia de Almeida Moura. 2023. 146 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Comunicação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, 2023. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/bitstream/tede/5139/2/JESILENECORR%C3%8AAESILVACO%C3%8ALHO.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

DOWNING, Jhon D. H. **Mídia Radical: Rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo, São Paulo: Editora SENAC, 2002. 544 p.

FAUSTINO, Deivison. Notas Confusas, Mas Reais e Intensas, Sobre os Quatro Pretos Mais Perigosos do Brasil. *In*: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org). **Racionais: entre o gatilho e a tempestade**. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. xvi-xxviii

FANON, Frantz. “Aqui a voz da Argélia...”. **Revista de Filosofia Aurora**, Paraná, ano 2021, v. 33, ed. 59, p. 676-699, 10 jul. 2021. DOI <https://www.redalyc.org/journal/6733/673373992022/673373992022.pdf>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6733/673373992022/673373992022.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. 4ª reimpressão. ed. São Paulo, São Paulo: Editora Ubu, 1952. 312 p. ISBN 9786586497205.

FONSECA, Silvana Carvalho da. Experiências Periféricas e o Homem Negro na Poética do Racionais. *In*: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org). **Racionais: entre o gatilho e a tempestade**. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 54-80.

GARCIA, Walter. “O Preto Vê Mil Chances de Morrer, Morô?": O Ponto de Vista de um Sobrevivente em um Rap de Mano Brown. *In*: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org). **Racionais: entre o gatilho e a tempestade**. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 126-142.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. 9ª reimpressão. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017. 154 p. ISBN 978-85-326-5579-0.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. 1ª. ed. São Paulo: Editora Elefante, 2021. 349 p. ISBN 978-85-93115-21-9.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio De Janeiro, Rio de Janeiro: Record, 2003. p.86.

LOPEZ, Lori Kido. The Yellow Press: Asian American Radicalism and Conflict in Gidra. **Journal of Communication Inquiry** , Califórnia, 26 jun. 2011. DOI

10.1177/0196859911412377. Disponível em:
https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/30183016/Lopez__Lori_-_The_Yellow_Press_Asian_American_Radicalism_and_Conflict_in_Gidra-libre.pdf?1390879748=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DThe_Yellow_Press_Asian_American_Radicali.pdf&Expires=1731596724&Signature=OG5ErTbfs2yAYF9e-zXlyXGvHSN3uQDCCzgnkdazL~O2mlycOQnLusZyXjxrWYaJhAOm5o7Y-smlkCnME4mqi-H6fzHcTUbURSm81losBqSwcr6oeAgZ1997NDMGbkMvqoPGYZ7rzKZ67POyQgEYK6TKFft7ixwMX0vs2Ld8aH0E3Eum7ufueFg~SJOydWA379mNxi1h7Noy-LKDIqOE4GrUBpSewyTGwEHGSBuYTJFSeUGMgKD83EOA0pSYyHuHvqqHqPtVomBnF4ytXLH6bfmLHbxa1oul3Sikamxlb4suoJp~SnS3Xqp-Ri600mnIQUEKEISQYJAs1KyXEAZWPg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 14 nov. 2024.

MACHADO, Jaqueline. Ritmo, Logo Penso. *In*: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org). **Racionais**: entre o gatilho e a tempestade. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 106-125.

MUNANGA, Kabengele. Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 33, p. 109–117, 1990. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.1990.111217. Disponível em:
<https://revistas.usp.br/ra/article/view/111217..> Acesso em: 14 nov. 2024.

NEMER, David. **Tecnologia do Oprimido**: Desigualdade e o mundano digital nas favelas do Brasil. Vitória, Espírito Santos: Editora Milfontes, 2021. 456 p.

PEREIRA, Daiane da Fonseca. Letramento racial no contexto brasileiro de pesquisa. **XII COPENE**: Discurso, Raça e a luta na linguagem pela democracia, [s. l.], 2022. Disponível em:
<https://www.copene2022.abpn.org.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUIFVSVZPIltzOjQ6IjYyNTYiO3oiO3M6MT0iaCI7czozMjoiYmUxZTQ0ZjQ1ZWY0ZDgwZWZhMTcwZjMwYWVjNTAiO30%3D>. Acesso em: 14 nov. 2024.

POLLARD, Damien. Radio Alice and Italy's Movement of 1977: polyvocality, sonority and space. **Routledge Taylor & Francis Group**, Reino Unido, v. 7, ed. 2, p. 151-172, 21 abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.1080/20551940.2020.1759979>. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/epdf/10.1080/20551940.2020.1759979?needAccess=true>. Acesso em: 14 nov. 2024.

RÁDIO BRASIL DE FATO. **Racionais MC's**: revolução do Rap nacional em 30 anos de história. Apresentadora: Gabriela Mesquita. [S. l.]: **Brasil de Fato**, 12 de jul de 2019. Podcast. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/07/12/racionais-3-decadas-revolucao-do-rap-nacional-em-30-anos-de-historia> . Acessado em: 14 nov. 2024.

RIOS, Flavia. A trajetória de Thereza Santos: comunismo, raça e gênero durante o regime militar. **Plural**: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 73-96, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/6497/649770631012.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

ROSA, Waldemir. Notas Pessoais de um Aprendiz Sobre Intelectualidade Afro-Periférica Insurgente e Masculinidades. In: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org). **Racionais**: entre o gatilho e a tempestade. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 82-103.

SANTANA, Bianca. Nossa negritude de pele clara não será negociada. In: **ECO A UOL**. [S. l.], 28 jul. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/bianca-santana/2020/07/28/nossa-negritude-de-pele-clara-nao-sera-negociada.htm>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVA, Dávila Maria Feitosa da; FERREIRA, Rodolfo Gabriel Santana. O uso do podcast na disseminação de informações étnico-raciais. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Juazeiro do Norte, Ceará, v. 5, p. 109-117, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/download/463/409/#:~:text=Considerando%20ser%20mais%20uma%20ferramenta,ser%20utilizada%20como%20recurso%20did%C3%A1tico>. Acesso em: 14 nov. 2024.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramento de reexistência**: Culturas e identidades no movimento hip hop. Orientador: Profa Dra Angela B. Kleiman. 2009. 206 f. Dissertação (Doutorado em Linguística Aplicada, área de concentração Língua Materna) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, 2009. Disponível em:

https://www.researchgate.net/profile/Ana-Lucia-Souza-3/publication/344886674_LETRAMENTOS_DE_REEXISTENCIA_CULTURAS_E_IDENTIDADES_NO_MOVIMENTO_HIP_HOP/links/5f96cca6fdccfd7b7fa1b7/LETRAMENTOS-DE-REEXISTENCIA-CULTURAS-E-IDENTIDADES-NO-MOVIMENTO-HIP-HOP.pdf. Acesso em: 14 nov. 2024.

TRIGO, Clara Faria; BORGES, Gabriela. Vidas Negras e História Preta: podcasts dão voz ao invisível. **Enecult18**, Salvador, Bahia, 12 ago. 2022. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-607/139055.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2024.

TWINE, : France Winddance. A white side of black Britain: The concept of racial literacy. **Ethnic and Racial Studies**, Califórnia, p. 878-907, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1080/0141987042000268512>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/248995274_A_White_Side_of_Black_Britain_The_Concept_of_Racial_Literacy. Acesso em: 14 nov. 2024.

VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima. Efeito Colateral do Sistema: A Formação do Grupo de Rap Que Contrariou as Estatísticas. In: VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima (org). **Racionais: entre o gatilho e a tempestade**. São Paulo: Perspectiva, 2023, p. 2-30.

APÊNDICE A - TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO 6 DO *PODCAST MANO A MANO*: ENTREVISTA COM FERNANDO HOLIDAY

INTRODUÇÃO DO PODCAST

F: Eu tinha uma dificuldade para me incluir, porque eu via eles como *playboys*. A maioria veio de classe média branca...

M: E eles são o quê?

F: (risos)

M: São *playboys*...

F: É...De certo, é!

Som de bip

M: Eu quero ouvir de você o que é a direita!

Som de bip

M: Billie Holiday se emocionar com negros enforcados e ser contra cotas.

Som de bip

M: Você acredita numa solução de médio/longo prazo, enraizado na eficiência. Esse jovem de 16 anos não vai alcançar isso.

F: É verdade. Você encontrou uma grande contradição!

INÍCIO DA ENTREVISTA

M: Salve 'rapa'! Salve massa! Esse é o podcast *Mano a Mano*, original *Spotify*, apresentado por mim, Mano Brown. Satisfação mais uma vez estar aqui com vocês, debatendo assuntos importantes, interessantes e controversos. Nossas quintas-feiras já estão reservadas para esse papo reto, no melhor estilo *mano a mano*. Do meu lado aqui, dando suporte, a jornalista Semayat Oliveira. Estamos aqui com um cara polêmico. Quando eu resolvi trazê-lo, porque, por algum motivo, eu me interessei por saber o que ele pensa a respeito de coisas que eu quero saber dele. Fernando Holiday.

F: Isso aí!

M: Obrigado por ter aceito o convite.

F: Eu que agradeço, é um prazer estar aqui!

M: Eu acompanho o seu trabalho. Discordo de muitas coisas que você fala. Você gravou uma música de rap agora, a pouco tempo.

F: Gravei, gravei.

M: Você tem ligação alguma com... Tem algum tipo de ligação com esse tipo de ritmo? Qual que é?

F: Não. Na verdade foi meio que uma aventura, né?! Tentei entrar no meio, testar ali durante a campanha. Mas eu decidi que era só para aquilo mesmo.

M: Tem talento para a música?

F: Não. Não tenho (risos)

M: Nunca sonhou com isso?

F: Descobri isso fazendo esse rap (risos)

M: Mas você ouvia o quê quando tinha tempo?

F: Cara, eu sempre gostei bastante de MPB, samba raiz, sertanejo também é mais a minha praia... acho que sempre fiquei mais ou menos nesses ritmos musicais.

M: Uhum. Eu queria dizer também que é importante falar que muitas pessoas que eu respeito foram contra eu te chamar.

F: Oloco.

M: É! Pessoas que eu respeito a opinião deles e tal. Mas eles foram contra e tal, e eu entendo também o porquê. Mas, eu sou eu! Quero ouvir de você coisas que eu acho que podem ser interessantes, do meu ponto de vista. Você é nascido aonde, mano?

F: Eu nasci aqui em São Paulo, na Brasilândia, na Zona Norte, onde meus tios moravam, minha mãe morou também durante um bom tempo. Mas o meu pai desapareceu pouco tempo depois de eu ter nascido. Eu nasci em setembro de 96, ele desapareceu em abril de 97. E aí, por conta disso, minha mãe se mudou para Carapicuíba, que é uma cidade daqui da Grande São Paulo, que é uma região periférica. E então foi em Carapicuíba onde eu cresci, estudei e me formei.

M: Tem irmãos? Qual que é? (3:19)

F: Não. Fui filho único. Minha mãe me teve já no limite da fertilidade, com uns quarenta e cinco anos de idade, mais ou menos. E foi depois de ter tido dois abortos espontâneos, inclusive. Então, foi meio que uma gravidez inesperada e a última.

M: Filho único e de mãe solteira? Ou você tinha o seu pai com você?

F: Não, o meu pai se casou com a minha mãe, mas o desaparecimento dele foi uma coisa meio que... Ele ia viajar para visitar uns parentes, e nunca chegou lá e nunca mais voltou para casa.

M: Mas vocês procuraram no IML e essas coisas? Fez todos os trâmites...

F: Fez o boletim de ocorrência. Era em Minas Gerais que ele tinha ido viajar. Então ela fez tanto em São Paulo, quanto em Minas Gerais. Colou cartaz de desaparecido, abriram investigação, fez reconhecimento de corpo, mas nunca acharam.

M: E, você tem na sua mente... Você tem... Passa pela sua cabeça algum, tipo, algum motivo que fez ele sumir e que ninguém não achou nem o corpo, nem registro? Qual que é?

F: Olha, eu já pensei muito sobre isso, inclusive, depois que eu cresci e fiz 18 anos, tentei de tudo para encontrar: outros mecanismos, rever as investigações e tal. Eu acho que, muito provavelmente, ele foi, sei lá, sequestrado e sumiram o corpo, alguma coisa do gênero, porque nada na história dele e nada que as pessoas que conviviam com ele, justifica esse desaparecimento assim, do nada.

M: Sim! Você estudou até que ano? Qual que é o seu...

F: Eu fiz o ensino médio e todo o meu ensino fundamental, todo em escola pública. Tive as clássicas dificuldades de quem estuda em escola pública, com professores que, às vezes, não queriam tá ali; material didático defasado; escola com diversos problemas. Mas, já no final do meu ensino médio, eu tive um professor — essa história é até interessante — que ele era um professor de língua portuguesa, Moisés o nome dele, e ele era filiado no PT, inclusive. E esse professor começou a me incentivar a debater mais assuntos sobre política, especialmente as cotas raciais — que é o que eu falo muito até hoje. E, na época, eu comecei a pesquisar mais por conta deste professor, pesquisar sobre política. Comecei a debater com ele em sala de aula. E fui formando o meu posicionamento que eu tenho até hoje, que é um posicionamento mais à direita e liberal. E, a partir daí, eu comecei a gravar vídeo, comecei a entrar para o movimento político, participar de manifestações e tudo mais.

M: Qual foi o seu primeiro movimento político?

F: Foi o Movimento Brasil Livre, o MBL. Isso foi no início de 2015. E foi justamente naquela época do impeachment da Dilma.

M: Você foi a favor do impeachment da Dilma?

F: Exato!

M: Você continua sendo a favor?

F: Sim. Acho que o Governo Temer conseguiu trazer alguns avanços — poderia ter trazido muito mais. Mas, o grande prejuízo, e talvez o meu grande arrependimento até aqui, não tenha sido nem o impeachment, esse eu acho que fiz corretamente, mas foi o apoio ao Bolsonaro no primeiro turno das eleições em 2018.

M: A gente vai entrar nessa ideia. Falando sobre a Dilma: e as recentes absolvições da Dilma? O que você pensa a respeito?

F: Olha, eu sinceramente nunca achei que a Dilma propriamente tivesse organizado algum esquema de corrupção ou, talvez, participado. Mas eu sempre tive uma convicção muito grande de que o governo dela permitiu com que grandes esquemas acontecessem. E esses esquemas, ao meu ver, não eram só de, digamos assim, ‘políticos que roubavam e enchiam o bolso’, porque isso todos os governos tiveram, desde que o Brasil é Brasil. Acho que a grande a grande diferença, que eu também vi no Governo Lula, é que a corrupção no governo petista buscava corromper o Poder Legislativo, e o resultado disso era, portanto, subverter o sistema democrático. E, ao meu ver, isso foi comprovado e, nesse sentido, eu acredito que o impeachment dela foi um benefício para o Brasil.

M: Você entrou num assunto delicado. Você conhece o meu perfil ou alguma coisa do que eu penso?

F: Sim, sim.

M: Sim? Eu divirjo da tua opinião. Acredito que os avanços do governo Lula em direção a uma justiça social e uma certa diminuição do impacto das diferenças, que está longe de igualdade, foi o governo que mais se aproximou disso. Mas eu não vou entrar nesse... não ainda nisso. Eu quero saber mais sobre você! Eu quero saber em que momento que você... o que que é que você é? De direita, de esquerda, o quê você é?

F: Eu me defino como uma direita liberal. No começo, eu falava apenas que eu era de direita. Só que — a gente já vai entrar nesse assunto — com o crescimento do bolsonarismo, ficou parecendo que tudo o que era de direita era ‘Bolsonaro’. Então, para fazer essa diferenciação, eu sempre me defino como alguém de direita liberal.

M: Eu quero ouvir de você o que é a direita.

F: Bom, eu diria que a direita hoje se divide em dois grandes grupos. A primeira é a que acredita que o Bolsonaro é a grande salvação e é a direita mais conservadora, que acredita que ele é o bastião contra a corrupção e da moralidade, e etcetera. E quanto a essa direita não tem o que dizer porque ela tá nos jornais constantemente e é isso que a gente vê por aí. E tem uma direita liberal, que ao meu ver ainda não tem muito espaço, que é uma direita que acredita que o nosso Estado brasileiro é muito grande. A gente precisa se desfazer de algumas coisas, principalmente de empresas estatais e cargos públicos que... enfim, tem aos montes. E com essa diminuição, nós poderíamos focar naquilo que é realmente essencial. Isso é: investimento em saúde, educação e segurança, e em assistência social, já que a gente é um país subdesenvolvido. A partir do investimento nessas áreas essenciais, a gente consegue trazer um pouco de maior qualidade de vida para as pessoas. É isso que a direita liberal defende.

M: Você foi criado na COHAB, é isso?

F: Isso aí, COHAB 5.

M: Que época que é... De que época até que época você morou lá?

F: Eu morei lá desde que eu nasci, praticamente, 1996/1997, até 2015, que foi quando eu entrei no MBL e participei das manifestações.

M: As recentes denúncias contra o Bolsonaro de corrupção já não é mais passiva e, agora, passa a ser, acusação de corrupção ativa. Certo? Já não é mais prevaricação. Isso não dá um sinal para você que todo o radicalismo da campanha de lado a lado, da qual você fez parte também, você foi atacado e atacou. A gente não chegou a lugar nenhum. Chegamos a um governo que está prestes a entrar em um processo de impeachment, no qual você está fazendo parte e que é um ato de coragem seu também. Você sabe que você pode ser perseguido por eles ou não?

F: Sei! E posso perder eleitores também, porque querendo ou não, os meus eleitores também votaram nele...

M: Que medo você tem deles?

F: Eu acho que o que a gente percebeu desde que o Bolsonaro assumiu o poder é que ele gosta de incentivar uma claque, que é uma minoria radicalizada que está disposta a fazer tudo para defender ele e defender a família dele. E quando eu digo tudo, é tudo mesmo. A gente percebe isso quando a gente vê as estranhas relações dos familiares dele com os milicianos do Rio de Janeiro. Mas eu sinceramente não acredito que o poder deles esteja aí. Eu acho que o grande poder mesmo é alta difamação nas redes sociais. Eles demonstraram que estão usando o Governo brasileiro inclusive para isso. Através das redes sociais, eles querem difamar e inventar coisas sobre todos e quaisquer adversários deles e conseguiram isso em alguns casos.

M: Deixa eu te perguntar uma coisa sobre você mesmo, pessoais. Quem eram as pessoas que você admirava na sua adolescência e 'pa', em qualquer ramo da sociedade? Quem eram suas referências?

F: Olha, uma figura que eu sempre gostei muito e, inclusive, está no meu nome, é Billie Holiday. Eu acho que as músicas dela, realmente, me inspiraram muito e me inspiram muito. Inclusive, uma que eu gosto muito é — não foi ela quem escreveu, mas a melhor interpretação foi a dela — que é *Stranger fruit*, 'Fruto estranho', onde ela fala dos frutos estranhos do Sul, que na verdade eram os negros enforcados no Sul dos Estados Unidos. Além de Billie Holiday, sempre gostei muito de acompanhar os discursos de Martin Luther King, eu acho que o modo como eu falo, principalmente discursando, é meio que tentando imitar mesmo Martin Luther King. E uma figura que eu gosto muito, apesar de não representar as minhas ideias, mas eu gosto da história dele, é o Barack Obama.

M: Você gosta dele?

F: Gosto dele! Eu acho que a história dele é muito inspiradora...

M: Te inspira?

F: Principalmente para os jovens. Para mim, me inspirou bastante.

M: Interessante você falar tudo isso. Da Billie Holiday, dos símbolos que você citou... Negros enforcados pelo simples fato de serem negros. E todo tipo de má sorte que o nosso povo — posso chamar assim, nosso povo — vem sofrendo nos últimos cem anos após... nos últimos cento e trinta/cento e vinte anos. Isso te comove até que ponto? Essa coisa racial?

F: Olha, acho que me comove desde sempre e para sempre. Eu acho que um caso que me marca bastante e eu já contei isso em algumas entrevistas, algumas poucas mas eu já contei, acho que foi o meu primeiro contato — pelo menos o primeiro contato que eu tenha memória — com o racismo. Foi quando eu tava na pré-escola, era um dos primeiros dias de aula numa sexta-feira, porque na sexta-feira era o dia das crianças levarem os brinquedos. E aí eu ia brincar com os meus colegas, e eu fui um dos últimos a sair da sala, e eu fiquei com mais um colega branco. O nome dele era Daniel. E aí ele falou: ‘Mas você vai brincar com a gente?’. Eu falei: ‘Vou, ué?! Dia do brinquedo, trouxe meu brinquedo’, era um *Jeep* azul. Aí ele falou: ‘Ah, mas acho que meus pais não vão gostar muito disso’. Eu perguntei: ‘Por que? Você nem me conhece e tal’. Aí ele pegou e falou: ‘Porque eles dizem que criancinhas pretas como você roubam os nossos brinquedos e eu precisava tomar cuidado’. Na época eu não entendi bem o que aquilo significava e eu não tinha noção do tamanho daquele negócio. Seis anos de idade. Seis para sete anos de idade. E aí passou e eu fiquei chateado. Eu fiquei mais chateado porque eles não queriam brincar comigo. Eu não tinha entendido direito esse negócio da cor da pele e tal. Eu fiquei chorando por não poder brincar com eles e por não poder brincar porque eu tinha aquela cor. Foi um dos sentimentos mais terríveis, e, talvez assim, não desejaria nem para o meu pior inimigo, porque quando você é criança, isso eu acho que impacta muito mais, tanto é que eu nunca esqueci. E aí, naquele momento, passou uma professora que era de uma outra sala, uma professora negra. Ela me viu chorando, entrou na sala, achou que fosse uma briga ou alguma coisa, acho que deve ter sido isso. E ela me perguntou o que tinha acontecido. E eu falei o que o menino tinha dito. Ela começou a chorar também. E aí, nisso que ela começou a chorar, ela disse que nunca mais, depois que eu saísse daquela sala, eu deveria abaixar a cabeça para pessoas que pensassem como ele. E eu acho que aquilo me marcou de uma forma tão grande que eu não tenho condições de esquecer o quão isso é presente ainda hoje no nosso país. Só que os raciocínios que eu fiz, me levaram a acreditar que o caminho para superar esse problema não está nos caminhos que o Brasil tomou nos últimos anos.

M: Os caminhos que o Brasil tomou nos últimos anos. Interessante você falar sobre a raça. Você fala com... você tem o seu lugar de fala garantido, certo? Sendo um jovem negro.

F: Exato!

M: Apesar de eu discordar das coisas que você pensa e já ouvi você falar, eu tenho que admitir aqui que você é um cara assim... um... um símbolo também. Um jovem negro que pensa diferente do que, por exemplo, eu acharia certo. Eu falei: 'Eu quero conversar com ele'. Porque eu prefiro acreditar que você seja um jovem idealista, ou religioso, ou seja lá o que for verdadeiro e pura da sua parte, não um estrategista político, como todos que você mesmo combate. Pelo menos verbalmente falando aqui.

F: Sim

M: Eu prefiro acreditar que você é um jovem idealista. Seria mais fácil para mim te ver assim. Certo? Não como um personagem. Às vezes, alguns ataques que você faz a pessoas que eu conheço, eu sei que não são nada daquilo. E talvez, você precisasse conhecer também. Talvez as pessoas realmente não se conheçam, verdadeiramente.

F: Isso é verdade!

M: E acha difícil chegar num lugar onde, realmente, o mesmo povo negro que você fala e que é o que eu falo, seja realmente, tratado de uma forma digna e humana como nunca foi nesse país. Entendeu? Eu não posso ser um personagem de mim mesmo e ser um símbolo imutável de qualquer perfil político. Eu tenho que ser mente pensante e entender o que está acontecendo. Eu prefiro acreditar que você é um cara que ainda possa mudar o que você pensa. Acredito nisso. Não na força e nem na ofensa, mas no entendimento. Você é jovem. Você tem prioridades. E existem outras prioridades, que são prioridades das prioridades. Quando eu era da sua idade, eu também não ouvia, entende? Acredito que você vai ser um grande político, mas acredito também que você vai mudar, porque não é possível Billie Holiday se emocionar com um negro enforcados e ser contra cotas. Não é questão de misericórdia ou de assumir de que é inferior. São números. São dados. São corpos. Vidas negras aos montes. Eu sou mais velho que você. Anos 80, teve um dia que eu tava no ônibus, e eu olhei para o ponto do ônibus — tava eu e o Bru, que é meu parceiro de grupo — e falei: 'Porra Bru, não tem mais preto no Capão, mano'. Não tinha, tá ligado? Alí, a raça em extinção. Funcionando a mil por hora. Como é que morre? De mim formas. Como é que um povo subjuga o outro? Você gosta de história?

F: Gosto, sou estudante de história.

M: Olha que coisa maravilhosa estudar história, eu amo história. Você sabe como um povo subjuga o outro. A primeira coisa que acontece é o declínio numérico do

povo: um povo some e o outro emerge. Houve momentos dos anos 80 em que a população negra estava em franco declínio. O que você pensa a respeito disso? Mecanismo de preservação da raça.

F: Bom, essa resposta, ela precisa de alguns pressupostos. Primeiro: eu acho que todo mundo que defende as cotas raciais tem um diagnóstico sobre a escravidão e seu resultado, que eu concordo e acho que é importante dizer isso. O diagnóstico do terror que foi a escravidão e os resultados que ela...

M: Você concorda com...?

F: O diagnóstico.

M: PLIM

F: (risos)

M: Concordou!

F: Pronto! O diagnóstico tava corretíssimo. A minha discordância, ela sempre foi no remédio mesmo. Porque quando você tem o fim da escravidão, acho que o Florestan Fernandes talvez seja o sociólogo e historiador que mais estudou isso profundamente, ele tem um trabalho, raro até de conseguir, chamado *A inclusão do negro na sociedade de classes*. E aí ele estuda como que os negros no pós-escravidão fizeram para se incluir na sociedade — pelo menos tentaram se incluir na sociedade — logo ali no início do século XX depois da escravidão. E ele vai chegar a diversas conclusões que, enfim, levaria um ano inteiro aqui falando. Enfim, mas entre as conclusões dele, ele diz o seguinte: ‘O negro não sabia como lidar com a relação de trabalho’. Porque ninguém ensinou isso a ele, o Estado aboliu a escravidão e falou: ‘Vocês se virem aí, toquem a vida de vocês’, e não tiveram um preparo, não tiveram uma qualificação, não foram educados, não foram alfabetizados e tal. E a maior parte deles acabou na periferia e o resto é história que a gente conhece. Mas o meu ponto é o seguinte: se o Estado brasileiro tivesse dado condições, educação, qualificação profissional, para que aquelas pessoas conseguissem se incluir na sociedade naquele momento, ainda haveria as consequências do racismo, porque havia e há uma repulsa a cor da pele, é a verdade. Só que...

M: Você acredita nisso?

F: Acredito.

M: Na cor da pele...

F: Há um elemento...

M: De rejeição da parte de quem pratica pra quem?

F: Do branco para com o negro

M: Certo!

F: Isso existe. Isso é um fato também.

M: Você admite isso?

F: Sim, com certeza!

M: Isso é importante.

F: É, porque tem muita gente que acha que eu nego isso.

M: Okay, vamo em frente.

F: Então, a partir daquele momento, se tivesse tido uma qualificação profissional, independente dessa rejeição, que já haveria por conta da cor da pele, muito mais negros teriam conseguido ser inclusos ali. Teriam sido empregados, ou montarem o seu próprio negócio, ou aconteceria como aconteceu nos Estados Unidos, em algumas regiões, que é meio que a comunidade negra cria ali a sua própria comunidade, seus próprios comércios. Viviam em condições piores do que se comparado aos brancos, mas melhores do que se comparado aos negros brasileiros. Acho que poderia ter se desenvolvido uma situação parecida no Brasil. Só que como não houve isso, a maioria deles simplesmente não sabiam o que significava relação trabalhista, como funcionava essa relação chefe/patrão sem você ser um objeto do seu patrão. E isso causou uma série de dificuldades. Por isso, e defendo que hoje nós precisamos de um sistema que corrija esses problemas sociais, e eu acho que as cotas sociais são um caminho para isso. Que é quando você pega um aluno da escola pública de baixa renda e o inclui na Universidade. A maioria dessas pessoas são negras, mas nem todas serão, é verdade. Mas você já vai ter uma inclusão muito boa nesse sentido. O meu problema com a cota racial em si, é que ao contrário da cota social, você não tem um dado objetivo de inclusão. Você incluir uma pessoa negra pelo meio das cotas, e as universidades federais fizeram isso, e os concursos públicos também fizeram isso, você precisa que alguém diga, por algum critério, quem é negro e quem não é, até para evitar a fraude. E aí, por conta disso, você cria verdadeiros tribunais raciais. Aqui em São Paulo, por exemplo, você tem as cotas pros concursos públicos. E teve muitos casos de pessoas que eram brancas e tavam entrando pelo sistema de cotas. E aí criaram essa comissão para analisar. E muitas pessoas que eram — mulheres, principalmente — que eram negras, mas tinham um cabelo liso, foram recusadas. Mas foram mulheres que passaram por um racismo na sua vida inteira. E se o critério tivesse sido social, aquela mulher negra de cabelo liso, teria sido incluída. Então, o meu ponto principal é que eu entendo a necessidade da inclusão, mas eu acho que a cota racial, ela é uma inclusão de má qualidade. Eu acho que a cota social ela é de maior qualidade. Então, nesse sentido, o que eu defenderia é a extinção das cotas raciais em detrimento da ampliação das cotas sociais. A partir disso, na minha visão, nós incluiremos mais pessoas negras, mas, acima de tudo,

incluiremos não por critérios subjetivos, mas por critérios que dá para você medir no papel ou na realidade social daquelas pessoas.

M: Mas você há de concordar que quando você admite que houve escravidão, houve um prejuízo histórico de muitos anos, houve proibições de... genocídio e todo tipo de violência psicológica, desencorajamento, todo tipo de violência físico e mental. Quando eu falo: 'Morre como? Morre na mão, baleado?', às vezes morre baleado, acidente de moto na marginal, muitos são negros. População negra está exposta a todo momento, o tempo todo. Seja lá como for. Há um discurso errôneo também, e às vezes, sensacionalista que atribui a raça negra ao crime organizado ou coisas do tipo. Crime e tal... contravenções... É assim que a população negra morre. Morre gente negra em, todos dessa forma também, mas morrem nos corredores dos hospitais, morrem nos manicômios, em baixo das pontes, e agora, cada vez mais, nas esquinas, depois deste último governo. E é inegável a cor de origem desse povo. Tá na cor. Como se faria justiça a um povo que foi escravizado e que sofre consequências até hoje por isso, pela herança toda que trouxe? Se não for focado na raça, eu não vejo solução para isso. Eu acho que em algum momento vão se chocar o social e o racial. O social não é... As cotas sociais não são tão justas quanto parecem. Inclusive, eu pedi para alguns amigos meus formularem perguntas para você.

F: Boa!

M: Gente que não concorda com você, mas, por respeito a mim, o Djonga tocou muito no assunto das cotas. E ele disse que, mesmo dentro da favela, convivendo com brancos dentro da favela, o negro ainda é... ele sofre mais os reflexos. Você concorda com isso?

F: Olha, eu acho que, realmente, um branco que vive na periferia tem menos condições de ser excluído por qualquer outro critério que o negro estaria submetido por conta da cor da sua pele, é verdade. Mas eu, sinceramente, até por um convívio que eu tive, e no meio que eu cresci, eu não consigo ver isso como uma regra. Porque, por exemplo, eu sempre tive o que comer dentro de casa. Ia para a escola, estudava e tal, com todos os problemas, mas eu nunca tive a preocupação se eu ia ter o que comer no jantar. Eu tive amigos brancos que estudaram em escola pública que iam lá por conta da merenda, porque não tinha mesmo o que comer. Passava fome. E, por conta disso, ele não conseguia estudar mais, não conseguia se dedicar ao seu estudo. Então veja, eu sofri algo que aquele meu colega branco jamais sofreria, que foi a exclusão pela cor da minha pele. Por outro lado, ele sofreu algo que eu jamais sofri, que foi passar fome, e, por essa razão, eu jamais consegui me dedicar aos estudos como deveria. Então, quando a gente vai para a realidade da periferia, eu tenho muita dificuldade em fazer uma discussão sobre quem sofre mais.

M: Sim!

F: Que a realidade, ela é tão medonha, que, para mim, no final, menos com menos dá mais!

S: Mas tem uma coisa que eu acho que quando a gente olha para os números, a gente consegue entender um pouco mais de como essa diferença racial, ela se dá na prática. Então, por exemplo, dados de 2020 do IBGE mostram que o desemprego entre a população negra é 71% maior do que entre brancos, por exemplo. E com a pandemia, essa diferença tem aumentado significativamente.

F: Acho muito interessante você trazer esses números porque aí a gente consegue ver numa questão prática a diferença da leitura dos mesmos números. Tem um autor norte-americano, Thomas Sowell, que ele é negro também e ele pensa o mesmo que eu sobre as cotas. E ele escreveu um livro chamado *Ação afirmativa ao redor do mundo*, que basicamente é um estudo das cotas em vários países. Na época que ele escreveu, ainda não tinha uma experiência grande com cotas no Brasil, então não teve a oportunidade de estudar Brasil a fundo nesse sentido. Mas eu vou pegar os critérios dele e trazer para a leitura desses números. Nos Estados Unidos, depois da instituição das ações afirmativas pra negros, depois de algumas décadas, você teve números muito parecidos com esse, se comparado entre o branco formado e o negro formado. Ai ele... Thomas Sowell então vai se aprofundar nesses dados nos Estados Unidos, e ele vai perceber o seguinte: como havia ações afirmativas para que os negros entrassem nas universidades e se formassem, começou a se criar, principalmente nos estados mais racistas, uma resistência é... digamos, um plus de resistência aos profissionais negros. Então, o sujeito ia no médico, o médico era negro, ele já não queria mais ser atendido por um médico negro. Ai você pode dizer: 'Tá, esse cara é racista'. Tudo bem! Mas ele tinha agora um outro elemento que era dizer o seguinte: 'Ele só virou médico porque ele é negro, e havia um incentivo para que negros se formassem'. Um outro exemplo, na Universidade do Texas, teve um problema gravíssimo no final da década de 1970, foram com os seus professores universitários negros. Era um incentivo para a contratação de professores negros. E aí você tinha grandes pesquisas nas universidades sobre os mais diversos temas, e Thomas Sowell percebeu que os professores negros não eram chamados para as maiores e mais importantes pesquisas, porque havia um entendimento subjetivo, que mesmo lá não tinham coragem de dizer, de que os professores universitários negros não tinham a capacidade necessária para aquelas pesquisas porque só estavam lá por conta das cotas. O que eu to tentando dizer é o seguinte: se nós tivéssemos um sistema somente de cotas sociais, sem um critério subjetivo da cor da pele, nós acabaríamos incluindo as pessoas negras, porque proporcionalmente os mais beneficiados seriam as pessoas negras. Mas eles não estariam sendo incluídos pela cor da pele. Isso, ao meu ver, diminuiria — não significa que extinguiria — mas diminuiria a possibilidade de uma pessoa negra perder uma vaga de emprego, seja aonde for, porque o empregador, mesmo que ele não diga, ainda mais no Brasil em que o racismo, na maior parte das vezes é velado, ele pode ter um outro elemento na contratação. Quer dizer o seguinte, muito provavelmente esse

cara, que está aqui na minha frente, ele só está formado porque havia cotas, e se não fossem as cotas, ele não estaria capacitado para esse emprego. Por isso que vou contratar o cara branco. Se você tem as cotas sociais, que não faz a diferenciação do candidato branco e negro, você diminui — de novo, você não extingue — mas você diminui esse incentivo que é racista — até porque os dados também demonstram isso, que os alunos cotistas negros tem boas notas e, muitas vezes, tem alguns que até superam os não cotistas — mas você tira essa impressão equivocada e racista, e, ao meu ver, você tira mais um elemento de exclusão do negro no mercado de trabalho. Eu não sei se eu consegui ser claro, mas...

M: Polêmico o que você pensa. Eu continuo discordando.

F: Não. Eu imagino!

M: Okay. É, mas também não é para você ficar assim... achar que tudo o que você falar eu discordo, mesmo porque eu tô aqui para te ouvir também. Certo? Por exemplo: televisão. Autoestima e tal. Espelhos. População negra sempre consumiu muito. Compra muito, veste, come, bebe, paga, alimenta o sistema, enriquece o sistema, e não se vê representada em nada. Nos anos 1980, não se via praticamente pessoas negras praticamente em programas de televisão em canal nenhum. Nem na Rede Globo. Existia alguns personagens chaves, por exemplo do Sítio do Pica-Pau, tinham dois ou três, todos carregados de folclore e caricaturas e lendas. E alguns outros personagens rareados. A inclusão de artistas e a revelação de artistas nos últimos 20 anos foi em cima de militância, de trabalho, de capacitação, de renúncia, missões filosóficas, de amor a raça que elevaram pessoas a você, por exemplo, pegar um canal de televisão hoje e você ver as caras negras lá. De todos os tons de pele. Isso mostra que sem a luta, sem a militância, sem o ativismo racial não atingiremos isso através do sistema social. Não conseguiríamos atingir. Eu convivi com muita gente que se perdeu na vida por baixa autoestima, por medo, por desencorajamento, por não ter pares do outro lado, vamos dizer assim. Quando você se aventura a atravessar... cruzar uma barreira, pular um muro... e você é o único homem negro lá, única mulher negra alí sozinho, é muito mais difícil. Acho que você sabe disso. Você está num meio onde o negro é minoria absoluta, você concorda com isso?

F: Verdade!

M: Eu não ve... É lógico que você é uma exceção. Você se vê como exceção?

F: Sim, com certeza!

M: Se vê? Nas exceções custam muitas vidas. Você entende? Pra cada exceção igual nós, existe uma lacuna de vidas perdidas assim, que não foram incorporadas na sociedade na forma adequada. Da forma adequada é o que... quando o cara pode mostrar ser o melhor que ele pode ser pra sociedade. Tá ligado? Quando o cara pode ser o que ele é e ser o melhor que ele pode oferecer pra sociedade. O

que o melhor que um jovem negro pode oferecer para a sociedade quando ele não é o Holiday? Ou quando ele não é um artista? Ou um jogador? Uma exceção? Como a gente vai conseguir elevar o nível de vida dessas pessoas sem um trabalho direcionado?

F: Boa! Eu acho o seguinte, com as cotas raciais, é inegável que você aumentou a inclusão do negro. Isso não tem como negar porque isso são números. Eu não posso lutar contra os números. Se tem mais negros nas universidades, se tem mais negros formados, mais negros com empregos de qualidade ocupando locais de destaque. Isso eu não nego. Isso é resultado do ativismo negro e não há como negar. Seria loucura. O que eu acredito é que essa é uma inclusão de péssima qualidade. Só que é a mais rápida possível.

M: Baseada em quê que é péssima qualidade?

F: Aí que eu quero chegar. A opção que eu trago, ela é mais lenta e, ao meu ver, de maior qualidade, e agora eu vou dizer porque. Qual é o caminho adequado que eu acredito: nesse momento ampliar as cotas sociais, já falei isso amplamente; e fazer uma reforma no nosso ensino, na nossa educação pública principalmente. Hoje, qual é o resultado que a gente tem? O cara que estuda na escola básica particular, o cara de classe média/classe média alta, ele estuda na escola particular *top*, paga caro pra cacete, e na hora de entrar na faculdade entra na universidade pública, que tem muito mais qualidade, mais respeitada. Em outras palavras, na universidade pública o cara que pode pagar está estudando as custas de quem não pode pagar. E o aluno da escola básica pública, ele estuda a vida inteira na escola pública e agora que ele consegue entrar na universidade, na maioria das vezes, ele vai estudar numa universidade privada, que a qualidade não é tão boa e tal, e aí com programas sociais e etcetera, ele consegue fazer. Mas ele está pagando para quem pode pagar estudar na melhor universidade. Eu acredito que nas universidades públicas nós deveríamos passar a cobrar de quem pode pagar. Com esse dinheiro que nós arrecadarmos lá, nós passamos a investir na educação pública básica para que ela tenha uma maior qualidade. Para que os professores ganhem mais, os materiais sejam melhores e aquelas pessoas tenham uma maior qualidade na sua educação. Ao meu ver, toda vez que eu to falando isso, na minha cabeça, eu tô beneficiando a imensa maioria da população negra porque é essa a maioria da periferia. A partir deste momento, essas gerações futuras vão ser beneficiadas com esses investimentos, vão ter uma educação de muito maior qualidade desde o início, da educação básica. E vão passar a ter mais condição de entrar nas melhores universidades, ter os melhores diplomas, os melhores postos e no mercado de trabalho também, alcançar os melhores postos. Isso com a ajuda das cotas sociais. Essa é a minha visão do caminho ideal. Por quê? Porque essas pessoas estão tendo qualidade desde o início na sua educação básica, estão sendo preparadas desde crianças e a qualidade no processo da formação é inequívoca. Você vai ver isso pelas notas delas, pela aprovação no vestibular e tal, ou seja, desde o início você consegue ver isso. Com as cotas raciais, o que eu vejo: você está com uma

educação pública de péssima qualidade, mesmo com as cotas raciais você precisa se matar para ser aprovado numa prova, seja o ENEM ou vestibular, mas você estuda para a prova, você não estuda para a sua carreira. E aí na universidade você precisa correr atrás do tempo que você perdeu na escola pública, e na maioria consegue, os dados demonstram isso, mas, no final da universidade, você finalmente consegue o seu diploma. Mas na maioria das vezes a universidade que você conseguiu entrar talvez não seja muito respeitada, não seja tão boa, enfim, etcetera. E aí, ao meu ver, essa pessoa foi incluída, ela entrou na universidade, talvez ela até consiga um emprego, mas se na educação básica ela tivesse tido qualidade mesmo, e se na universidade ela não tivesse sido... ela não tivesse entre os critérios de seleção o ato subjetivo de escolher pela cor da pele, você, no meu ver, seria um profissional mais respeitado, e você diminuiria a ideia de que as pessoas negras — que é uma ideia racista, repito, mas é uma ideia presente hoje, ao meu ver, na elite brasileira — de que as pessoas que estão onde estão não são preparadas. A gente viu isso num caso famoso de racismo de um cara que diz que a Maju Coutinho só estava no Jornal Nacional porque era negra. E não é, ela é uma excelente profissional. Mas ao meu ver esse tipo de política estimula essas pessoas a continuarem com esse pensamento. E aí, no fim do dia, você tem pessoas em locais de destaque, você tem pessoas negras formadas com bons empregos, mas sempre vai continuar aquela sementinha na cabeça no racista que ele espalha e dissemina, que é: 'Será que ele realmente mereceu? Será que ela realmente mereceu?', e isso é muito injusto com essas pessoas. Isso é um tipo de racismo muito difícil de se combater porque ele não é tão evidente.

M: Eu lembro de uma fase bem anterior às discussões de cotas, e foi trágico... foi trágico. Eu lembro, sim, foi genocídio, foi limpeza étnica. Pode por esse nome, aí você pode por outros nomes, talvez, mas não deixa de ser uma limpeza étnica. Isso em 1983 pra frente. Eu lembro de uma época que São Paulo era bem mais... era bem diferente, anos 1970, era outro ritmo e tal. Era mais devagar, o tempo era mais lento, tudo nos anos 1980 pra frente o bicho pegou. Foi quando... antes do início... antes de tudo, entre a transição do Militarismo para a Democracia, foi bárbaro. O resultado foi bárbaro. Isso desencadeou tudo o que veio aparecer depois, em matéria de movimento negro, em musical, cultural e até religioso. Você... que religião você é?

F: Sou católico!

M: Católico. De família, tudo?

F: É, não! Na verdade minha mãe é evangélica, mas, boa parte da minha família é católica.

M: Certo. Vi também a chegada da Igreja Pentecostal nas periferias e nas favelas. Trabalho de resgate, cadeias e tal. E toda essa movimentação que era como... funcionava como, não vou dizer ONGs, mas são órgãos não-governamentais de época. Esses empregadores, esses caras, movimentos de... antes da fase das

ONGs. Então, a prioridade de se preservar vidas agora, ou de emergir uma classe imediatamente para que outras não caiam nessa vala, que pode demorar muito para acontecer isso que você está falando. Que através de uma ascensão natural dos pobres, uma grande quantidade de negros serem emergidos. É até meio crônico a gente ficar falando disso o tempo todo porque você é negro também. Eu to pensando isso aqui o tempo todo enquanto você responde. Essa temática racial, eu acho que você pode ser também um cara útil para tudo, não só para isso, para as questões raciais. Mas uma coisa que me... eu precisava ouvir isso de você, porque são coisas emergentes, coisas 'pra ontem'. Urgência. Deixar de perder vidas negras. Você entende? Por isso que eu falo: 'Morre como? Na mão da polícia?'. Não, morre em tudo qualquer jeito. Num *brazilian way of life*. Onde o negro é o lado mais fraco. Corda. Onde a corda estoura. Entendeu? Então não há tempo para que uma filosofia de quinhentos... sei lá... vinte anos a gente consiga tirar da cabeça do branco que a gente é inferior a eles. Não vai passar pelo crivo deles. Não pode ser. Vai demorar muito, se for pelo crivo dos brancos ou de quem se julga o medidor, o regulador de capacidade. O que você pensa sobre Cuba? Os médicos de Cuba e tal?

F: Olha, eu sou muito crítico ao regime de Cuba, inclusive eu assisti recentemente a um documentário que acho que exemplifica bem a minha visão sobre Cuba que é *Cuba e o cameraman*. Ele foi por várias vezes em Cuba em décadas diferentes. Eu acho que uma vez a cada década, ou alguma coisa assim. Enfim, se via claramente que apesar do esforço e da dedicação dos médicos cubanos, a tecnologia que eles têm em disposição e a qualidade de atendimento que eles conseguem oferecer para os cubanos, ao meu ver, é absolutamente inferior se comparado com o mundo capitalista, se comparado inclusive com o próprio Brasil e com o nosso SUS. Então eu acho que a falta de liberdade política e a falta de liberdade econômica em Cuba são elementos centrais que acabam justificando o atraso que eles vivem lá.

M: Teve essa polêmica envolvendo médicos cubanos que estariam dispostos a trabalhar em qualquer lugar do Brasil, enquanto médicos brasileiros se recusam a cuidar... de entrar em certos lugares, alegando falta de segurança, alegando problemas estruturais, precariedade e passa pelo preconceito o tempo todo. Entendeu? O cara que é formado em medicina mas ele quer atuar no centro, quer atuar no Hospital das Clínicas, quer atuar no Sírio Libanes, e não quer atender a periferia. O que você pensa sobre isso?

F: Olha, eu concordo que a gente tenha esse problema que precisa ser resolvido. A grande questão dos médicos cubanos, pelo menos o meu posicionamento contra, quando um médico do exterior vinha atuar no Brasil, ele é avaliado pelo revalida. Ele valida o diploma dele no Brasil, e aí você avalia se ele tem a qualidade mínima necessária para atuar como um médico brasileiro atuaria. O modo como eles vieram e depois nós viemos a descobrir que muitos deles tinham a obrigação de dar parte do salário para o governo cubano, porque as famílias deles continuavam lá. O modo e as condições que eles foram contratados, ao meu ver, foram as grandes questões. Se esses médicos tivessem sido avaliados e tivessem dentro do parâmetro de um

médico brasileiro, eu particularmente não veria nenhum problema, assim como não teria problema com médicos que viessem de quaisquer outros países, sejam eles governados pela direita ou pela esquerda. Eu acho que o único ponto, e era um ponto crucial no programa, era a falta dessa avaliação, que eu acho que não valha a pena, de novo, eu acho que é sempre o mesmo dilema, expandir o máximo possível, mas com que qualidade? Acho que não valeria a pena a gente expandir em uma quantidade enorme de médicos pelo Brasil, mas com a maioria deles sem condições de atender aquela população.

M: Vamos supor assim que você chega a ser presidente do Brasil. Você começaria por onde?

F: Cara, eu começaria urgentemente pela educação. Porque o resultado, ele não seria imediato, mas acho que os ajustes necessários a se fazer, eles são muito objetivos e acho que começariam a dar os seus primeiros resultados imediatamente.

M: Na verdade você responde, quase sempre, com a mesma resposta de formas diferentes. Eu tenho a...

F: É, porque no fundo, tudo o que eu acredito, acaba me levando para o mesmo ponto...

M: Para esse caminho de...

F: É. A origem dos meus pensamentos estão todos...

M: É a onde a gente fica aquele entrave: ele é da longa... ele acredita que daqui cinquenta não haverá mais, será, talvez o ProUni já esteja extinto, muita qualidade... e eu já temo que daqui cinquenta, talvez nem haja negro mais para usufruir dos bens de tão rápido que é a máquina.

F: Eu acho que essa é a nossa grande diferença.

M: Essa é a nossa grande diferença!

F: Acho que é isso!

M: A máquina é muito rápida. E por isso que eu pergunto para você da onde você é, o que você viu na infância, o que que te atinge, o que sensibiliza o seu coração, porque é muita gente que perde a vida, 'moro'? Nesses intervalos do que fazer com esse povo. O que que vamos fazer com eles? Entende? Porque assim parece que é pensado. Que solução tem pra esse povo? Descendente de escravo que nunca foi incorporado com dignidade, com justiça, com oportunidades iguais, com condições iguais. Se não houve uma... vamos entrar na ideia, uma ação com qualidade, você é um político eleito, certo?

F: Hum...

M: Você sabe que o vereador mais bem votado foi o...

S: O Suplicy foi o mais votado nacionalmente. Você ficou aqui em São Paulo em quinto lugar na última eleição, ne?!

M: O que você pensa sobre isso?

F: Cara, por incrível que pareça, o Suplicy foi uma grata surpresa que eu tive na Câmara. Antes de eu entrar na Câmara Municipal, eu tinha...

M: Bote o *PLIM* ai

Som de PLIM e risos de todos

F: Eu tinha uma dificuldade de ter um diálogo civilizado com pessoas que pensavam diferente. Eu acho que até...

M: Tá civilizado aqui?

F: Tá civilizado aqui!

M: Curtiu?

F: Curti? Pra cacete...

M: Vai falar bem de nós?

F: Vou falar! (risos) E o Suplicy me ensinou isso, talvez sem querer até. Porque os vereadores tem que relatar, analisar os projetos de outros vereadores. E chegou pra eu analisar um projeto dele de Renda Básica. E eu vi lá: "Eduardo Suplicy" e "PT", na minha cabeça, eu disse: "Vou ser contra né? O cara é do PT!". Aí eu comecei a ler...

M: Você tem isso com você?

F: Acho que eu tinha mais antes. Hoje eu ainda tenho, mas...

M: Mas você tem essa rivalidade...

F: ...mas eu tento me policiar...

M: ...essa rivalidade com a estrela, com a camisa vermelha, você tem isso com você ou... qual que é?

F: Acho que eu já tive muito mais, ainda tenho, mas acho que essa relação com o Suplicy...

M: Em que porcentagem você acha que diminuiu?

F: De 30 a 40%...

M: Bate o *PLIM* ai

Som de PLIM e risos de todos

F: E aí, quando eu analisei esse projeto do Suplicy, eu comecei a ler o negócio da Renda Básica, eu falei: “Cara, mas isso aqui faz sentido”, porque você simplifica todos os programas sociais do município numa renda básica pra quem precisa, principalmente, que vai fazer a diferença, e você dá condições para que ninguém fique alí na extrema miséria. E tinha até alguns autores liberais que ele usava para justificar o projeto. Aí eu fiquei curioso com aqui e fui no gabinete dele. Ai eu fui... eu lembro que cheguei até umas seis da tarde, fui falar com ele, e aí toda a assessoria ficou: ‘O que que esse cara tá fazendo aqui?’, e ele me recebeu muito bem com os assessores e tal, e começou a tirar as minhas dúvidas. Teve uma hora que ele olhou pra mim e disse assim: ‘Você quer que eu te conte a história da Renda Básica e o porquê que eu defendo a Renda Básica?’. E o Suplicy fala bem devagar né?! E eu: ‘Não, quero que você conte mesmo’. E aí ele começou desde a Grécia Antiga — nessa hora eu até falei: ‘Putá, agora vai longe!’, e foi longe mesmo! Ele foi da Grécia Antiga, Roma, Idade Média, e não sei o quê, história do Brasil...

M: Você votaria nele pra presidente?

F: Não!

M: Devido a o quê?

F: Eu acho que ele acredita que o PT ainda pode trazer transformações para...

M: Esquece o PT! Suplicy: você concorda que ele é honesto?

F: Ah, sim, isso sim! Com certeza!

M: Você concorda que ele tem... pensa coisas boas para o país?

F: Algumas sim, outras não, mas todas com boas intenções.

M: Essa da Renda Básica, por exemplo...

F: É, essa é boa! E eu me convenci nesse dia, quando ele fez essa verdadeira palestra pra mim, que ele fez a palestra, eu entrei às seis da tarde e sai às onze da noite. Ele tirou todas as minhas dúvidas, e eu votei a favor do projeto.

M: Suplicy... Eu tive uma experiência com o Suplicy muito... algumas... várias, mas eu tive uma que me marcou muito. Ele foi numa... lançar o livro dele na FEBEN. Na Unidade de Jovens Infratores, a dos mais velhos. E eu fui com ele. Ele fez uma pesquisa meio prévia assim: ‘Quem que vocês gostariam que eu trouxesse?’, ‘Ah, Mano Brown’. Meu nome pipocou lá e eu fui. E eu vi o Suplicy dar uma palestra... uma aula de, sei lá, meia hora, falando sobre o livro dele pra rapaziada que estava sentada no chão. E você vê que quando os moleques naquela condição que eles estavam, de humildade, de subserviência e de obediência total ao sistema e perante a autoridade que ele é, e eu respeito que eles demonstraram. Eles aprenderam, ele entenderam tudo o que ele falou. E eu não acreditei naquilo. A forma como ele começou a explicar o livro na FEBEN, e a forma que os moleques ficavam com os

olhos arregalados olhando para ele, eu me surpreendi quando ele começou a ensinar. Quando ele virou professor. Ele é político. Não conheço ele professor, não peguei a aula dele. Ele com o livro na mão começou a ensinar o que ele tinha escrito. Ele começou a explicar para, o que? Tinha uns cinquenta caras. E foi meia hora que deu para perceber que a molecada entendeu. Isso é fascinante. (54:15)

F: Foi isso que eu tive com ele, uma aula.

M: Quando você consegue entender que você aprendeu uma coisa muito difícil, num ambiente quase impossível de você se concentrar num assunto como aquele, ele conseguiu prender atenção dos caras. Ele conseguiu e todo mundo entendeu. Eu fiquei... foi uma experiência que eu tive com ele que eu fiquei: 'Pô, esse homem, ele é diferenciado cara'. Gostaria que ele fosse 50 anos mais novo, entendeu? Pra começar um movimento dele. Quando eu chamei você para conversar, porque eu entendo que jovens igual a você têm que ser ouvidos também, mesmo eu não concordando. Não pode ser descartável isso, de, sabe, quantos morrem para aparecer um Holiday. E, querendo ou não, é diferenciado. Então, as pessoas esperam muito de você também. Inclusive nós. Não sei se você percebe, porque a gente está no mesmo país, você sabe disso, a gente precisa... você é brasileiro. A gente não pode ter você como inimigo dos nossos, como às vezes parece. E nem eu como inimigo dos, sei lá, dos seus, que também tem que ser os meus. Você se sente parte da onde você está lá?

F: Olha, acho que demorou, mas hoje eu consigo me sentir um pouco mais parte de tudo isso. Mas, é, no começo não foi bem assim não. No começo, inclusive quando eu entrei no MBL, uma das coisas até colocadas no documentário deles diz, eu tinha uma dificuldade para me incluir porque eu via eles como *playboys*, a maioria veio de classe média, branco...

M: E eles são o quê?

F: ... que não entendia... (risos)

M: São *playboys*!

F: É, de certo é!

M: E você é periférico!

F: Periférico. E eu não conseguia me integrar bem ali. Até que com o tempo eu fui vendo que eu estava ali justamente para conseguir atrair mais pessoas como eu, que eram da periferia e pensavam como eu. E eu acho que eu consegui até, fui bem sucedido nisso.

M: Você acha que pensando como você pensa, você é muito contrário da gente, muito fora do que a gente é? Ou do PT? Ou da esquerda? Você quer coisas tão diferentes assim?

F: Depende da questão. Por exemplo: em relação à educação, por exemplo, é uma das áreas que eu tenho menos críticas ao PT, porque eu sou favorável (risos)... vai tocar o *PLIM* (risos)

Som de PLIM e risos de todos

M: Você falou uma coisa muito séria, os caras vão te trucidar porque você falou isso!

F: É sério, porque...

M: Essa vai pro ar! Olha o que você falou.

F: Porque eu sou a favor do ProUni, do FIES, do SiSU e acho que a reforma do ENEM foi fenomenal, uma das melhores coisas que já aconteceu no país. Então, quando eu olho para a educação, é o tema ali, dessas políticas públicas, que eu mais concordo. Agora, nas outras áreas todas, aí eu acho meio difícil.

M: Você... nas outras áreas todas qual?

F: Por exemplo, pegar aqui Relações Internacionais. Eu não consigo ver algo de positivo no regime de Cuba ou na Venezuela. Pra mim isso é inconciliável, inadmissível, não tem o mínimo de conversa.

M: Esse é um dos pontos. Nós temos duzentos e setenta e poucos países.

F: Vamo pegar outro: ponto de vista econômico. Para o PT, por exemplo, é inadmissível você defender a diminuição de impostos para todos, inclusive para os mais ricos. Para mim, isso é essencial e acaba beneficiando indiretamente toda a sociedade. Na visão de um petista, por exemplo, isso não faz o menor sentido porque você está privilegiando proporcionalmente o cara ricasso. E de fato tá. Só que na minha cabeça, não é possível nós termos uma sociedade que seja realmente igual. Isso nós nunca vamos ter e acho que nunca tivemos, a não ser a igualdade na miséria. As poucas experiências que nós tivemos tentativas de igualdade, seja em Cuba, seja na Venezuela ou mesmo na União Soviética, era também sempre algo assim: aqueles que estão na burocracia, que estão no poder vivem bem; e o povo tá igualado na miséria.

M: Você acha que a luta por justiça é utopia? Perto do que você falou aí. Você acha que realmente...

F: Acho que depende do conceito de justiça né?!

M: Nesse que você citou agora.

F: Isso que eu citei aqui de ter realmente uma igualdade onde todos vivem bem...

M: É utopia?

F: É, isso pra mim é utopia. Não existe!

M: Isso não existe, é óbvio! Igualdade em condições não há, certo? A gente sabe disso. Só há uma maneira de diminuir essa diferença, esse Grand Canyon que existe entre o que você diz que sonha... entre o que eu digo que sonho... aparentemente você luta por justiça. Você discorda dos mecanismos que o PT usa?

F: É, é que o que eu acredito como justiça é um negócio assim... todos nós vamos estar em níveis diferentes ao longo das nossas vidas. Sempre vai ter um mais rico, sempre vai ter um mais pobre. A justiça, ao meu ver, está no fato de que o mais pobre jamais, em hipótese alguma, pode estar na miséria. Então o ponto de partida das pessoas, ele tem que ser o mínimo decente possível. Isso nós não temos hoje e isso, ao meu ver, é possível de alcançar, e é por essa justiça que eu luto: onde você não tenha mais pessoas na miséria e onde você vai ter pessoas pobres, mas o pobre... como posso dizer... o pobre da Inglaterra não é o pobre do Brasil. É isso que eu tô tentando dizer. Um pobre com maior qualidade de vida. Porque sempre haverá pobres e sempre haverá ricos.

M: Você é um liberal?

F: É assim que eu me defino! Um liberal.

M: Sabe o que eu acho que é um liberal?

F: Não.

M: Não é uma piada com você, mas com o regime. Você pega uma criança que tem problema nos ossos, problema para pular... sei lá... problemas... subnutrição... e um que é mais forte, que já faz judô desde pequeno... e joga um chocolate para o alto e faz 'aleluia', e vê quem pega. Liberalismo é isso para mim! É assim que eu vejo. Pode ser uma forma tosca, é tosco o que eu te falei mano?

F: Não, faz sentido, e eu acho que é um erro nosso, dos liberais isso!

M: Bate o *PLIM* aí

Som de PLIM e risos de todos

F: Porque a gente não comunica direito o que a gente acredita. Porque, realmente, os desiguais não podem competir como iguais fossem. E esse é o meu grande ponto: a gente precisa fazer com que quem é pobre hoje, chegue, no mínimo, na realidade de quem é classe média hoje, para que a partir dessa igualdade de oportunidades, que é a igualdade alí na largada, a competição possa rolar. Mas não dá para você dizer que um jovem negro da periferia, numa competição — no vestibular para voltar para o negócio das cotas — vai ter um desempenho igual a um branco de classe média que sempre estudou em escola particular, não dá para competir essas duas pessoas. E é por isso que eu defendo as cotas sociais, porque aí você separa claramente. O rico concorre com o rico. O pobre concorre com o pobre. Esse é o meu conceito de justiça, digamos assim.

S: Você acabou de dizer que não dá para competir desiguais com pessoas que estão em uma situação mais igual alí.

F: Exato!

S: Mas você disse um pouquinho antes que você acha que tem que ter a baixa, por exemplo, de impostos para todo mundo. Mas hoje, as grandes fortunas são bem menos taxadas no Brasil, por exemplo. Ou seja, as pessoas mais ricas também pagam menos impostos. E aí, de repente, será que a lógica de fato é diminuir imposto para todo mundo?

F: Sim! Eu acredito que deve haver uma redução para todos, mas uma redução proporcional, óbvio. Então, quem é mais pobre no Brasil, proporcionalmente, paga mais impostos. Pra essas pessoas, você tem que, praticamente, zerar os impostos, cobrar o mínimo possível. E claro que você vai cobrar, em números absolutos, muito mais de quem ganha mais. O meu ponto é que hoje nós cobramos de todo mundo, e isso acaba afastando investidores mais ricos, que teriam possibilidade de, por exemplo, trazer suas empresas para o Brasil, ou de crescer com filiais, ou de abrir os negócios para importação e exportação. Eles não fazem isso porque na Europa ou nos Estados Unidos eles pagam menos impostos. E aí, no fim das contas, você continua prejudicando mais pobre porque ele vai ter menos oportunidade de emprego porque aquela empresa não veio pra cá. Então, de certa forma, você reduz os impostos respeitando essa regra de proporcionalidade, mas ao reduzir o cara lá de cima, eu tenho certeza absoluta que você impacta no cara aqui de baixo. Tão é que quando você olha o ranking do Índice de Desenvolvimento Humano, que mede a qualidade de vida das pessoas nos países, no ranking de liberdade econômica, que mede a facilidade para você fazer negócios nos países, é quase sempre os primeiros países em qualidade de vida são os mesmo primeiros países no índice de liberdade econômica.

BG do programa aumenta

M: Holiday, você ouve música nas suas horas vagas, em algum espaço no dia?

F: Ouço!

M: Ouve? O que você ouve?

F: Normalmente MPB.

M: É? Você tem problemas com música um pouco mais populares, tipo funk, rap e essas coisas assim?

F: É... na prática, eu ouço de tudo. O que eu mais ouço mesmo é MPB, mas ouço de tudo...

M: Não, mas você tem problema de, assim, não ouvir, de 'ah, não gosto de funk por isso e por isso'. Tem essa coisa? Fala logo, seja sincero.

F: Não, depende. Eu não posso falar que eu não ouço funk porque eu ouço.

M: Certo!

F: Mas eu evito funk...

M: Fala um artista!

F: ... que fala muito palavrão...

M: Não, okay! Certo! Okay! Qual artista de funk você conhece?

F: Olha, esses dias inclusive eu estava com ela: a MC Carol, a Anitta... quem mais... puta, eu escutava o MC Kevin também.

M: O Kevin...

F: Exatamente! Acho que esses são os que eu mais conheço.

M: Deixa eu te perguntar. Você como vereador, como jovem e como homem — não vou falar como negro mais porque já não precisa — como homem, como você pretende continuar na carreira política, pretende?

F: Sim, pretendo!

M: Vai estudar lá, vai continuar estudando?

F: Vou continuar...

M: Vai se formar em o que mais?

F: Vou me formar em história e depois pretendo fazer mestrado, doutorado e dar aula em universidade.

M: Você não acha que essa juventude não está falando coisas que devem ser ouvidos por você?

F: Sim, eu acho, inclusive eu acredito que essas músicas mais populares, até do Emicida que é um cara que eu já discordei várias vezes e já tive treta na internet, mas eu gosto muito de uma música dele, inclusive, a *Boa Esperança*, que ele lançou (risos) olha o *PLIM*...

M: Bate o *PLIM* ai

Som de PLIM e risos de todos

F: ... que ele lançou recentemente. O clipe eu não gostei, critiquei pra cacete, mas a música, realmente é boa.

M: Você criticou?

F: Critiquei!

M: Você criticou o quê?

F: No clipe, ele coloca meio que as pessoas brancas e ricas como pessoas que devem ser punidas alí, e eu acho que mensagem que o clipe passa é a ideia de que elas merecem ser punidas só porque são privilegiadas. Eu acho que isso afasta pessoas que poderiam colaborar na nossa luta. Martin Luther King, nos Estados Unidos, por exemplo, teve a ajuda de várias pessoas brancas que concordavam com a luta dele.

M: Bom, você também não é obrigado a concordar com o clipe de ninguém.

F: Não, é que o que eu to dizendo é que a música é boa...

M: Como o meu! Você conhece algum clipe meu?

F: Olha, se eu...

M: *Diário de um detento...*

F:... eu... é, então, isso que eu ia falar. Se eu conheço é *Diário de um Detento*. Eu não sei cantar a música inteira, mas conhecer eu conheço.

M: Deve ser meio assustador. Você não acha que... você falou do Kevin, né?! E que ouve funk e muitos compositores jovens negros, jovens brilhantes da sua idade assim. Gente escrevendo coisas incríveis com alto teor de análise profunda mesmo, de conhecimento. O próprio Djonga tem... estudou história, o cara que fez questão de fazer uma pergunta, não correu, falou sobre cotas e tal. Ele entende também que você tem que ser respeitado, a sua trajetória, não exatamente o que você pensa.

F: Sim!

M: Certo? Entender que o que é inteligência negra não pode ser negligenciada. Você entende? Então eu sou daquele romântico que acha que um dia o Holiday pode pensar diferente. Pensar em estratégias contra o extermínio do nosso povo ou desacelerar, entendeu? Porque a gente aqui, parece uma coisa muito louca, a gente sempre vai voltar nesse assunto da raça. Pouca gente sabe que a população negra americana é 13%. E com as políticas de aprisionamento e de... as vezes chega a 12%. Quando o governo é mais austero, atinge tanto a população negra americana que diminui em 1%/1,5% o número da população nos Estados Unidos. Onde a maior população carcerária do mundo, com... o que você pensa a respeito de maioria penal, essas coisas que atinge diretamente a população mais vulnerável e, fatalmente, a nossa... vai estar em maior número, 80/20 assim?

F: Olha, eu acho que essa também é um grande ponto de discordância. Eu sou favorável à redução da maioria penal e eu, sinceramente, acredito que não há como você ligar a criminalidade com a cor da pele.

M: São dois pontos diferentes!

F: Sim, sim. Mas eu digo, o sujeito que é jovem e vai para o crime, em sua maioria ele é negro e ele vai ser o maior prejudicado pela redução da maioria penal, é verdade. Mas, esse cara, ele não pode conviver em sociedade. Ele é um perigo para o seus pares. E é por isso que eu defendo a redução da maioria penal, porque as pessoas que vivem na periferia, elas são as pessoas que mais estão submetidas à violência.

M: Mas Holiday, se você... é um ponto contraditório do que você fala. Por exemplo: você numa solução de médio/longo prazo, enraizado, eficiência. Esse jovem de 16 não vai alcançar.

F: É verdade. Você encontrou a grande contradição.

M: E como você lida com as contradições no seu discurso? Como é que você lida com isso?

F: É que esse é um problema que eu infelizmente não consigo — e já me debrucei sobre isso, até já pensei em outras alternativas — mas eu não consigo encontrar uma outra solução para que nós tenhamos uma redução de violência praticada por jovens do Brasil.

Pra você estancar a hemorragia, você está com uma hemorragia, você precisa abraçar a redução.

M: É preciso conversar, não?

F: Na verdade, eu defendo até um modelo mais radical, que é o modelo dos Estados Unidos. Que é a onde você simplesmente não tem a questão da idade. O juiz, ele analisa cada caso como um caso, porque a idade em si mesma, ela não é um elemento de, por si só, um elemento de consideração. O contexto como um todo é. Um jovem de 14 anos com doenças mentais, ele pode cometer um crime grotesco, mas não é que ele mereça a prisão, ele merece tratamento. E aí, num julgamento, você vai levar isso em consideração. Mas como no Brasil a discussão é essa redução...

M: Essa forma de pensar que você tem de maioria penal... você sabe que, você sendo um político e você sendo a favor disso, isso custam vidas. São pessoas que vão ser, assim, varridas do mapa. O sistema não recupera ninguém, isso é fato.

F: Isso é um outro problema!

M: E não tem recuperado, pelo menos. Por que que eu te pergunto aonde você tá atuando, no meio que você trabalha? Você sente parte daquilo. Eu vou perguntar de novo, porque as coisas que vieram de lá antes de você estar lá. Já existia lá, saca? Eu já sei como funcionava. Você é jovem, você acabou de entrar. Eu fico me perguntando o que faz um jovem igual a você acreditar num discurso daquele, onde a solução do problema começa arrancando o pescoço antes. A gente não vai ter tempo. É por isso que tanta gente aparece com uns discursos... e às vezes eu vejo que vocês com os discordantes dizem assim: 'Pô, mas pessoal...'. O lance do *mimimi*, uma puta ofensa. Eu considero uma puta ofensa! Você vê que é um diálogo tão... olha quanto tempo nós estamos falando sobre isso. Mas para o pessoal lá... eu vi muita gente do MBL falar de *mimimi*, tratar de *mimimi*... Então você concorda que isso é um assunto complexo, não é *mimimi*. Olha quanto tempo nós estamos falando aqui!

F: Verdade!

M: Se fosse *mimimi* você já teria desistido da ideia, você não é burro! Então, o desrespeito às vezes, a minimização e a banalização do discurso do outro quando a direita radical e a esquerda radical e tal... então troca de flechas...

F: Vai tocar o *PLIM* de novo...vou concordar de novo...

M: ...troca de flechas... então, e não se tem, não se chega a um... eu não posso acreditar que você é um inimigo do meu povo, cara, sendo que você faz parte! (1:13:15)

F: Cara, uma crítica, na verdade não é uma crítica, é uma autocrítica que eu já fiz a mim mesmo, e depois pode até pesquisar aí, não é porque eu to aqui não, já falei isso várias vezes e percebi isso depois da eleição do Bolsonaro, é de que eu ajudei a reduzir a qualidade do debate público. Porque eu reduzia os debates que eu tinha a meme na internet, a videozinho cortado, 'é, Fulano pensa aquilo', 'Fulano não presta', '*mimimi*', 'vitimismo'. Inclusive, 'vitimismo' era uma palavra que eu usava muito e que agora eu até cortei do meu dicionário para evitar confusões das minhas ideias. Então, é uma autocrítica que eu fiz pensando nos resultados das eleições de 2018, porque se elegeu um monte de

gente que não está disposta a dialogar. Claro, ficam mais evidentes os caras que se elegeram do lado do Bolsonaro, mas eu acho que dos dois lados tem isso. Pessoas que não querem ouvir o que o outro pensa e que só estão ali para fazer vídeo na internet, pra criar treta, como se o Congresso... como se o debate público fosse um grande BBB que precisa estar com constante audiência. E eu colaborei muito para isso, com os meus vídeos, com a minha curta carreira política e nos últimos dois... três anos, vai, eu acho que eu tenho tentado mudar um pouco isso tendo debates um pouco mais civilizados, como esse que a gente está tendo aqui e como o que eu tive com o Suplicy, por exemplo.

M: Essa ideia da maioria penal, você traz isso com você a quanto tempo?

F: Ai, isso é algo que eu tenho desde sempre. Eu acho que começou por um problema pessoal meu, porque eu fui assaltado muitas vezes e quase sempre por menores de idade. E aí eu comecei a estudar sobre o tema, e comecei a perceber que essas pessoas precisam, antes de tudo, serem retiradas de sociedade porque representam um perigo pra quem já vive no perigo, e devem ser tratadas como adultos porque já tem deveres e direitos de adultos, como o próprio direito de votar e escolher representantes. Então, acredito que é perfeitamente possível você tratar um jovem de 16 anos como um jovem de 22 anos.

M: A grande contradição disso é que esse mesmo jovem que não tem direito... que tem direitos e deveres mas não tem praticamente direito a quase nada, né? Na teoria ele tem direitos e deveres. Na prática ele não tem direito a quase nada, a não ser ficar exposto a própria sorte. Não há projeto pra essa rapaziada, até a que te assaltou. Não há projetos para que outros não venha te assaltar. Não há projeto pra isso! Existe o quê? Existe uma máquina de moer carne que vai criar ladrões, assaltantes, e vai puni-los severamente, isso é... tem sido assim. Não é que você vai criar uma máquina mais gente, não, é que vai matar mais cedo. Da forma como você... se a maioria penal, daqui a pouco... vão tá buscando criança no berço, porque... é um tema que eu discordo de você, com força! Não acredito que seja por esse caminho, não acho mesmo. Porque esse jovem que tem o direito de ser preso, não tem direito a outras coisas mano. É uma máquina. Parece aquela coisa do cachorro correndo atrás do próprio rabo.

F: Posso falar um negócio polêmico? Eu acho que é muito mais urgente você proteger os direitos, que já são poucos, do cara que carrega marmitta no morro do que o cara que carrega fuzil.

M: Claro, sim.

F: Esse cara representa um perigo...

M: Não, tem que haver sim. O trabalhador também não tem uns direitos, que não são negados pelo ladrão, são negados pelo governo.

F: É verdade!

M: A grande tragédia do trabalhador brasileiro, e o ladrão faz parte, começa pelo... lá de cima, né?! A drenagem do sangue, da força, da produtividade, do melhor que o cara pode doar. Não é tirar do melhor, eu não acho que o Brasil consegue extrair do brasileiro o melhor que ele tem. Muito pelo contrário. Da forma como é feito, com o desmerecimento que é feito, com o pouco valor que o ser humano tem. Eu não acho que para arrumar a máquina é preciso moer carne, que é o que vai acabar acontecendo. Eu vivo na rua também, eu sei o

que você está falando, eu não tô fazendo vista peneira... tampar o sol com a peneira... 'Ah, o Brown não tá vendo que tá tendo assalto todo dia'. Eu sei. Eu sei que muito dos eleitores que votaram no Jair Bolsonaro foram assaltados, acabaram de ser assaltados, e vê nele esse reflexo de medo, de não se sentir protegido, de se sentir humilhado, por um sistema que não te dá, além da proteção, não te dá equilíbrio, não te dá chão. Tudo já é frágil. O crime é mais uma fragilidade que cria o próprio crime, o próprio ranço. Quem é que vai ser preso? Aquele moleque que já é filho de um cara, que também já vem de um histórico, do outro que, pô... família que foram desunidas na base. Quantas casas tem homens dentro das casas? Ou seja, na periferia você sabe quantas realmente tem um homem que pode ajudar. As famílias são mantidas por mulheres. Os homens se perdem. São números. São pessoas. Você entra nas casas e, sei lá, de dez casas, sete não tem um pai, um parceiro. Então, são coisas que vão na raiz da comunidade, na raiz do povo. Na raiz, por exemplo, você falou... eu também não tive pai. Você falou no começo. Eu também sou filho único. Eu também fui criado na comunidade. E também eu fiz de tudo para não adentrar o crime. E também sou exceção. Mas eu não acho que o que me levou a chegar onde eu cheguei foi só meu esforço não. Primeira coisa que foi o não que eu falei, da renúncia que eu fiz para poder gravar um disco, virar um músico, um cantor e tal. Renúncias que também nem todo mundo tem essa força para renunciar e chegar a algum lugar. A gente é exceção mesmo. Por exemplo, eu faço parte do movimento que vive o melhor momento da história. Os melhores compositores, os melhores números, arrecadação, dinheiro, profissionais se formando, molecada jovem de periferia que comprou um computador, comprou um mc, e a informação chegou e eles que trocam informações em redes, e a coisa aconteceu. Movimento minúsculo que nada mais era em 1988 que uma ação afirmativa. Não existia nada a não ser sonho e uma ideia na cabeça. Não tinha nada. Isso em 1988, quando se começou essa cultura de *hip hop*, que por mais que seja vendida como uma coisa de malandro, de ladrão, da periferia... é isso também, porque a gente nunca deu as costas pra problemática da periferia, mas é muito mais que isso. É o candomblé, é a igreja, é o futebol, é a ONG, é a sociedade de amigos de bairro, é o time da... é a vida como um todo. Os jovens, eles acreditam com muita fé nisso, nessa coisa do *hip hop*, nessa coisa do funk, de emergir, de dar uma condição pra família, de fazer mágica, de fazer o que o sistema não consegue fazer. Por que eu digo isso? Porque além de eles — eles são os formadores de opinião de hoje, eles falam com os milhões, mais do que os políticos, mais do que... até mais que os religiosos, em algum momento. Para muita gente *hip hop* é religião. E eu percebo que são pessoas que não são ouvidas, porque o Brown ele representa um número de pessoas... mas ele representa um movimento muito vivo, pensante, articulando agora... enquanto a gente está aqui, eles estão trabalhando por aí. Com força, com fé. Eles não estão mamando na teta do governo. Eles nem conhece ninguém do PT. Não é para isso que eles estão. Eles acreditam que eles estão sendo úteis e que eles vão salvar vidas. Eles acreditam. Ninguém está lá: 'Eu vou me promover, me eleger'. Ninguém pensa nisso. É uma paixão devastadora que faz o cara acreditar que ele é útil. Quando você tira um jovem do anonimato e do ostracismo total... da mente vazia e da apatia, e leva o cara a brilhar. Tirar da boca dele e por na boca do outro, e acreditar que ele está sendo útil, isso que a gente acha que tem que fazer. Com honestidade. Não com atalhos pelo governo ou com favorecimentos. Isso, talvez muitos não saibam, a grande maioria não sabe... não sei se você sabia disso, sabia?

F: Sabia em partes.

M: Talvez você conheça alguns...

F: É, exatamente!

M: ...que pensam, sei lá, como você concorda. Mas a grande maioria não concorda com você. Mas é muito honesto o que eles estão fazendo. Eles não têm vínculo nenhum com o governo. Então, às vezes, as coisas que você fala que bate de frente com as coisas que a gente acredita, como a maioridade penal, por exemplo, que é um crime na nossa visão. Punir quem não tem todos os direitos garantidos, justamente por ser falho, ali, naquele ponto, é onde ele vai ser punido. Então eu gostaria que você pensasse nisso. Não como... eu não tô fazendo campanha, eu não sou político, eu não trouxe você aqui para tentar desmoralizar você ou te passar um... não tem essa, você percebeu.

F: É verdade!

M: Você percebeu?

F: Sim!

M: Eu queria que, assim, você pensasse nesses milhões que estão aí, que não tem nem preferência partidária, mas que com uma lei sua ou uma... alguma coisa que você desconheça, eles vão vir a ser punidos por você, sem você perceber. Você é um jovem negro, vindo de baixo, lutou e tal, tem suas crenças, suas diferenças, mas você precisa pensar neles, não pensa no PT, tá ligado? O PT é um partido, talvez amanhã acabe e vire outro nome. O PMDB é MDB, lembra? Era Arena, MDB, PMDB, virou à direita, não foi assim? Então, eu acho até que é assim que a gente chega num ponto legal para encerrar. Eu gostaria que você repensasse sobre as coisas que você falou, e sobre as coisas que você não sabe, que você procurasse se informar. A gente... você é um representante eleito, você representa a todos, não só a direita.

F: É verdade!

M: Bate o *PLIM* aí

Som de PLIM e risos de todos

M: Você entende? Eu espero que todas as inteligências negras trabalhem em comunhão porque vai precisar, você entendeu? Mas é bom você ouvir o que os jovens negros estão pensando.

F: Tem um cara que eu gosto muito, um autor chamado John Halls. Ele escreveu um livro chamado *Uma teoria de Justiça*. E lá, entre tantas coisas que ele fala, ele diz que aquele que está no poder público, ele precisa vestir um véu da ignorância, que é sair do posto onde ele tava e das coisas que ele acredita, e tentar se colocar no lugar do outro ou enxergar as coisas de fora do poder, de fora dos seus posicionamentos. Então eu vou pegar essa sua fala toda, vou vestir o véu da ignorância e analisar do outro lado. Vamos ver o que é que dá!

M: Bom, esse aqui foi Fernando Holiday, certo? Queria agradecer a presença fundamental da Semayat, nossa jornalista de plantão. E agradecer a Fernando

Holiday pela presença, por ter aceitado. Espero que você tenha gostado do diálogo, tenha se sentido respeitado...

F: Com certeza! Foi um prazer estar aqui com você!

M: E eu espero que você trabalhe pelo nosso povo, que amplie a visão 360°, você é jovem, tem muito a aprender, e acredito que você seja um cara bem intencionado. Não quero acreditar que você é um estrategista que tenha metido pra nós, não acho que é isso. Também sou idealista. Entendo que há falhas no sistema e entendo que as falhas são cobradas com vidas, entendeu? Então, maior que nós é a causa, é a vida das pessoas. Sem vaidade, sem estrelismo, certo? Muito obrigado pela presença e é isso aí!

F: Valeu!

Som da vinheta sobe junto com o som de aplausos no estúdio

S: Esse foi o *Mano a Mano*, um original *Spotify*. Direção criativa: Gana. Produção executiva: Eliane Dias, Giovana Viana, Renata Hilário e Kaire Jorge. Produção: Boogie Naípe e Mugshot. Produtoras: Jacques de Paula e Tainá Vieira. Consultoria jornalística: Semayat Oliveira. Direção: Arthur Abrami. Fotografia: Jef Delgado. Edição: Bruno Zibordi, Henrique Oliveira e Leandro Rodrigo. Música original: Chico Reginaldo e Maurício Herskovits.

FIM DO PODCAST

**APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO 16 DO PODCAST MANO A MANO:
ENTREVISTA COM GLÓRIA MARIA**

INTRODUÇÃO DO PODCAST

M: Deixa eu ver se tem alguma pergunta que você tá dando pele a mim e não tá me respondendo.

Som de bip

G: Eu como sou um conjunto de religiões hoje, eu gosto de religiões, eu gosto de cultura.

Som de bip

G: Vou contar uma coisa pra vocês que ninguém sabe.

M: Opa! É exclusivo.

G: Ninguém sabe.

Som de bip

G: Eu me espanto hoje as pessoas pensarem na possibilidade de uma volta à ditadura. É como se a gente voltasse pro inferno.

Som de bip

G: Eu hoje sou uma fênix.

Som de bip

M: Não deixem aquela neguinha chegar perto de mim. É verdade isso?

G: É.

Som de bip

G: Eu dou a coisa mais importante, que chama credibilidade.

Som de bip

M: Ela foi a primeira em várias coisas.

G: Mano, eu nunca pensei que eu tava sendo a primeira.

Som de bip

G: Ou você faz, ou você fala que faz. Tem uma diferença enorme.

Som de bip

G: Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro.

Som de bip

M: Essa modéstia que você... atrapalha. A gente não consegue ostentar os seus números. Você nega tudo.

G: Não! Não! Eu não sou modesta, não. Veja bem: eu sou real.

INÍCIO DA ENTREVISTA

M: Salve rapa, salve massa, chegou quinta-feira. Esse é o seu podcast *Mano a Mano* original *Spotify*. Aqui do meu lado vem a assessoria da jornalista Semayat Oliveira.

S: Muito obrigada, Mano Brown. Mais uma vez honrada de estar com você.

M: Olha só, temos trazido aqui pessoas importantes para a vida do país, né? Pessoas que têm feito a diferença, gente que já vem fazendo a diferença há muito tempo. Você liga nessa pessoa aqui, ó. Formada em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É grande, hein?... aqui o currículo. Em 1970, ela se tornou rádio escuta da Globo do Rio de Janeiro. Um ano depois, em 1971, tornou-se a primeira repórter negra da TV brasileira. Numa época em que os jornalistas ainda não apareciam no vídeo — 1970 a primeira, presta atenção. Trabalhou no *Jornal Hoje*, no *Bom Dia Rio*, no *RJTV* e foi a primeira repórter a aparecer no *Jornal Nacional* ao vivo e a cores. A partir de 1986, a jornalista passou a integrar a equipe do *Fantástico*. Foi apresentadora do programa de 1998 a 2007. Durante esse período, conheceu 100 países, passando pela Europa, África e parte do Oriente. Além disso, entrevistou artistas como Michael Jackson, Nicole Kidman, Leonardo DiCaprio e Madonna — só peso pesado, hein? — Em 2007, a jornalista realizou a primeira transmissão em HD da televisão brasileira. Em 2010, passou a integrar a equipe do *Globo Repórter*, programa da qual faz parte até hoje como apresentadora. Em 2011, recebeu uma premiação nos Estados Unidos concedida pela Associação Brasileira de Imprensa Internacional. Em 2012, foi premiada como Troféu Raça Negra e, em 2013, recebeu o Troféu Mulher Imprensa de Contribuição ao Jornalismo. Boa tarde, Glória Maria. Muito obrigado por ter aceito o convite!

G: MUITÍSSIMO, boa tarde. E eu é que digo obrigada por você ter me convidado. Tô feliz, mas eu quero fazer umas reparações aí, tá? Vamos começar logo com isso. Todo mundo sabe que eu odeio data. Então já não era pra dizer 71, 70, 80, começou isso, é aquilo, então... Aí, nada do que se fala de números na minha vida é correto. Porque não tem dados pra provar e eu invento. Então não adianta botar números assim: “Em 1980, fez isso”. Só assim, quando eu entrei no *Fantástico*, no *Globo Repórter*. Mas lá atrás, ninguém vai conseguir bater *lé com cré*, porque eu confundi tanto, e eu continuo confundindo tanto, que ninguém vai conseguir fazer conta. E isso não é porque eu tenho, assim, essa vontade de esconder tempo e idade, não, não é não. Isso é uma questão de cultura familiar. Eu venho de uma família muito

antiga em que o tempo nunca contou. Idade nunca fez parte da história da minha família, porque poucos, pra não dizer pouquíssimos, foram registrados. Ninguém sabia o ano que nasceu, nem há quanto tempo. Então eu acho que só a partir das duas últimas gerações é que começou a ter registro. Então essa coisa, quantos anos tem a minha bisavó, ninguém sabe. Quantos anos tinha a minha não sei o que, ninguém sabe. Então eu fui educada, eu fui criada assim. Tempo é tempo, não é número. Porque primeiro que as pessoas não sabiam fazer conta de matemática. Nasci em 1930, então eu tenho tantos anos, não tinha. A minha família quase toda era analfabeta. A minha avó, que morreu com 104 anos, ela só sabia escrever números e ler pra, na época dela, fazer o jogo de bicho. Era a única coisa que ela sabia. Então eu fui praticamente a primeira a estudar, a me formar. Não tinha aquela coisa: “Vai pra escola”. Ninguém ia falar isso, ninguém estava preocupado com isso, porque ninguém estudou. Então assim, eu fui matriculada na primeira escola... maternal pela minha mãe. E depois disso eu me virei, eu é que ia pra escola sozinha, lá me matriculava, porque eu queria estudar. Então, esclarecido essa parte de números, que eu acho que...

M: Ou seja, não esclarecido...

G: É, mas todo mundo diz assim: “Ah, a Glória Maria esconde a idade”. Esconde a idade não.

M: Esquece.

G: Esquece, *forget about*. Porque como eu fui ensinada assim, vai continuar assim. Ninguém vai querer mudar a minha história. “Olha só, você tem que falar”. Não, não tem. Nunca ninguém disse como é que eu tinha que viver e não vai ser exatamente por causa de idade. Cada um da idade que quer, porque essa preocupação não é minha, é do mundo.

M: Sim. Glória Maria, você é do Rio de Janeiro, certo?

G: Carioca, sangue bom.

M: Fala um pouco do seu bairro.

G: Do meu bairro?

M: Do seu bairro. Raiz.

G: O meu bairro raiz já começa a complicação, porque eu nasci entre dois bairros, eu nasci no subúrbio do Rio, entre... aliás, dois não, três... entre Madureira, Osvaldo Cruz e Jacarepaguá. Quer dizer, já começa a complicação na minha vida assim. A gente morava ali numa ruazinha, em que só tinham duas famílias negras, a minha e uma outra, o resto era tudo gente mais ou menos... não classe média, mas gente pobre, mas gente bacana, nós éramos os únicos pobres, pobres mesmo. Então, assim, Madureira tinha o samba, Portela, aquela coisa toda; Osvaldo Cruz também,

berço do samba; e Jacarepaguá já era uma coisa assim mais classe média. E eu fui criada ali durante, bem pequenininha, minha infância — eu acho até seis anos, sete, oito. Aí depois fui morar com a minha mãe no outro bairro, mas no Méier. Sempre fui uma garota do subúrbio. Então, eu quando era muito pequena, até mais ou menos 12 anos, 13, eu mudei muito, porque como a gente não tinha grana... assim, não tinha dinheiro, não pagava aluguel, eu tinha que mudar para outro lugar. Então, a gente teve uma vida meio nômade, por isso que até hoje eu vivo no mundo... até hoje eu vivo no mundo sem parar, porque eu não sei ficar muito tempo em lugar nenhum.

M: Temos isso em comum.

G: Verdade?

M: Legal, muito.

G: A gente morava o tempo, às vezes, sei lá, um ano, um ano e meio, dois, mudava.

M: Isso, exatamente. Minha mãe ficava um ano, um ano e meio, dois, e de repente, às vezes eu acordava no meio da madrugada, no meio de uma mudança, criança, caindo os móveis, os poucos pratos voando.

G: Eu nunca esqueço essa coisa que, ordem de despejo, né, porque não pagava, aí entrava na justiça, tinha que sair. E a gente mudava, já fazia parte, já estava acostumada, às vezes ia para um apartamento melhor. E a gente passou muito tempo assim, era uma coisa que já não incomodava, eu já estava acostumada. E mamãe sempre dizia: “A gente vai mudar semana que vem”, ou “a gente vai mudar mês que vem”. Então, eu estava sempre preparada já para mudar. Por isso que eu não gosto de parar até hoje. Eu tenho horror de parar muito, eu paro em casa. Hoje eu moro na mesma casa há muito tempo, morei 25 anos num outro lugar, depois morei oito no outro, agora moro a seis no outro, porque aí eu quero ter mais estabilidade, coisa que eu não tive na infância. Mas fora isso, fora esse meu pouso permanente, eu preciso do mundo, eu preciso de mudança, senão eu enlouqueço.

M: Pô, você falou essa coisa de não ter documentos, de não ter datação dos seus familiares, dos seus antecessores. É uma dificuldade que não só você, mas a maioria do nosso povo tem essa dificuldade, de rastrear os seus, de onde viemos.

G: É verdade, é assim, eu até hoje tento saber as minhas origens, porque a minha família negra é muito especial, são todos muito altos. Então, eu sempre tentei, sempre tive a curiosidade — isso da família do meu pai — sempre tentei saber de onde eles vieram. A minha avó Alzira, mãe do meu pai, ela dizia que o bisavô dela tinha sido laçado nas matas de Minas Gerais.

M: Então, ele é o quê? Índio?

G: Não, escravo, escravizado como diz hoje. Eu fui, eu aprendi escravo, hoje você tem que dizer escravizado.

M: É um estado, né?

G: É um estado, mas na época quando você estava escravo, você era escravo. Você tinha sido escravizado, mas você passava um período enorme da sua vida como escravo. Então, são as coisas que vão mudando e que às vezes me incomodam um pouco, como se você mudando uma terminologia, você mudasse uma situação. São coisas que me incomodam porque você deixa de falar o que importa mesmo, para falar de coisas desnecessárias. Como se você mudando o escravo para o escravizado, você mudasse a situação de todo um povo que foi escravizado e que passou a ser escravo. Então, às vezes são umas coisas que me irritam. E aí, você não fala, você não fala dessas coisas, mas é, porque existe uma realidade, né? Nós fomos escravizados, nós fomos escravos e somos até hoje, eu não vejo...

M: De alguma forma...

G: De várias formas ou quase todas, a gente fica escravizado dentro de uma situação, a gente fica escravizado dentro de um mundo que quer que a gente seja colocado ou se coloque da maneira que esse mundo quer, seja da maneira que for. Então, agora os movimentos têm que ser assim, agora os movimentos têm que ser daquela maneira e a gente está sendo sempre dirigido. Eu odeio isso. Eu acho que a gente tem que viver os próprios sentimentos e não movimentos em ondas. E como eu fui educada, eu fui criada, educada não, mas fui criada pela minha família, para ser livre, a minha avó dizia assim: “Olha, você tem uma história”, ela falava disso do bisavô que tinha sido laçado, e ela disse: “A nossa história sempre foi de correntes, então você não pode permitir nunca que te acorrentem. Você tem que viver para ser livre, sempre, a qualquer preço, a qualquer custo.” E eu tenho vivido assim.

M: Eu sou fascinado por esses assuntos. Você entrou nele de cara, eu vou ficar nisso aqui um tempo. Eu acho muito interessante o Rio de Janeiro, a gente vê que existem muitas famílias tradicionais negras, de muitos anos que já estão no Rio de Janeiro. Tem também os que vieram de fora, Minas, Bahia, a sua família veio de onde? É do Rio mesmo?

G: Aí é que está. Até onde eu sei, a minha família é do Rio. A minha avó fala desse bisavô que tinha sido laçado nas matas de Minas Gerais, mas eu não conheço ninguém da minha família, além das fronteiras do Rio de Janeiro, todos. E aí tem o lado da minha mãe, que aí já tem uma mistura, que é assim, o meu avô — que foi das figuras mais fascinantes que eu conheci —, o meu avô, ele trabalhou com o Barão de Drummond, num jogo de bicho. E ele era um pequenininho, chamava Faro Ricardo Mata, todo mundo chamava ele de vovô miúdo, foi um dos fundadores do Salgueiro. E ele dominava ali meio Vila Isabel, ele tinha um monte de loja de sapataria, só que ele tinha muitas mulheres, então as mulheres todas iam com

aquele bando de filhos nas lojas pegar sapato. Então ele nunca conseguiu ir pra frente, porque só as mulheres e os filhos, neto, sei lá, iam lá pegar sapato. Então, assim, do lado da minha mãe, porque esse meu avô já tinha sido casado, a mãe da minha mãe era uma italiana, vovó Almeirinda, então é muita confusão. Aí meu avô casou com a vovó Almeirinda, e teve a minha mãe e as irmãs. Depois casou com mais umas três ou quatro mulheres, eu não tenho noção, talvez de quantos, sei lá, primos ou sobrinhos, eu não sei qual é o grau de parentesco, meu avô, até onde a gente conseguiu contar alguma coisa, o pai da minha mãe, ele deve ter tido uns 24, 25 filhos.

M: Deixa eu falar uma coisa, pra mim não esquecer. Eu tenho medo de interromper o raciocínio. É importante pra mim passar pra quem tá ouvindo, pra um público bem jovem, bem mais jovem do que eu — da idade dela, pra menos — quem é você, a sua figura... ela é a cara do Brasil, certo? Você tem um registro com seu rosto, nos últimos 40 anos, pelo menos. Eu lembro muito de você, daquela repórter negra, bonita, da Rede Globo, que é o maior canal da América Latina, e você era a única, a primeira e sempre esteve lá, o que é uma outra realidade. E olha só, sendo tudo isso e todo esse currículo que a gente falou no começo, você tá lembrando dos seus ancestrais que foram escravizados. Olha a ligação, como parece tão distante... pra quem vê filme de escravidão ou vê uma... Eu nunca suportei ver filmes de escravidão, nunca assisti um inteiro, eu tentava ver o primeiro e desistia no segundo, e me afetava muito na vida. O que que eu tô falando? Muita gente pensa assim: “Pô, ele fica falando de escravidão”... a noção que ele tem é a *Escrava Izaura*, aí a segunda versão da *Escrava Izaura*, o filme do Alex Haley, Kunta Kinte e *Memórias de Sofrimento*, não, não é televisão. A Glória Maria tá aqui na minha frente falando sobre ancestrais que foram escravizados.

G: É verdade, é isso, eu não aprendi...

M: Tá perto.

G: Mano, deixa eu te falar uma coisa, eu não aprendi história, como você tá falando de escravidão, no livro. Eu aprendi com a minha família, eles contavam... isso aí pra mim, isso aí que faz toda uma diferença. Eu não fiquei lá lendo... depois que eu fui começar a me informar, aí sim fui pros livros. Mas primeiro eu aprendi a história real, a história original e realmente assim, você vai aprendendo a viver de uma maneira que você não tenha ficção. É a realidade. É isso, a gente vai passar por isso. Eu desde que nasci, desde que eu era pequena, eu sempre soube que eu ia vivenciar, ia ter que enfrentar o preconceito, o racismo. Eu já vivia isso na rua que eu morava, que só tinha brancos, as minhas amigas brancas; na escola quando eu entrei no primário, sei lá, tinham quatro ou cinco meninas negras como eu; aí passei pro ginásio e só tinham duas ou três; passei pro clássico, só tinha uma; na faculdade só tinha eu. Então eu aprendi isso tudo na minha vida, no meu dia a dia, de uma maneira natural, e nunca tive uma atitude, como você falou lá atrás, assim de vitimismo, eu tive de enfrentamento. Eu nunca tive medo. Eu assim, eu sabia, eu

não era vítima, porque eu sabia que eu ia ter que passar por aquilo tudo, mas eu não queria passar, então eu tinha que fazer alguma coisa, e fazer essa alguma coisa era assim: “Não vou aceitar as cascas de banana que colocam no meu caminho, não vou! Se vão querer que eu olhe pra isso, tá perdendo tempo, eu quero ir em frente”. O que é esse em frente? Eu não sabia, não sei, porque eu não tinha... eu não tive referência, eu não tive em quem me espelhar, ninguém me ensinou, “olha, vai falar assim na televisão”. Eu quando comecei, eu usava o cabelo black power, porque eu queria usar, não é porque ninguém me falou, “olha o movimento negro”. Não, eu usava porque eu achava lindo e queria ser assim. Usei anos, de todas as maneiras: grande, pequeno, curto, careca, da maneira que eu queria. Depois, deu! Não quero mais, porque eu faço da minha vida e do meu corpo o que eu quero, não o que as pessoas querem que eu faça. Se daqui a pouco eu resolver botar black power de novo, eu boto. Se eu não quiser, eu não boto. Educo as minhas filhas assim, elas fazem o que elas querem do cabelo delas. Quando eu te falei que eu fui educada pra ser livre, é livre em todos os sentidos, todos, a qualquer preço e é um preço caro. Altíssimo hoje porque as pessoas te cobram, porque você tem que se enquadrar dentro do modelo que elas querem. Você tem que ser daquele jeito a qualquer preço. Ninguém me enquadra.

M: Glória, como era essa militância... eu estou te perguntando, eu não sei... a militância nos anos 70? Como você lidava com aquela ditadura, militância, fazer ou não, pode ou não pode, como era isso?

G: Comigo não tinha pode ou não pode, só tinha pode. Eu nunca aceitei o pode e por isso eu me ferrei muitas vezes, mas a minha militância era o seguinte: primeiro o meu cabelo de negra. Eu não era linda, eu era uma menina, eu era dentuça, porque pobre não tem muito como cuidar de dente então meus dentes eram pra frente. Eu não tinha nada muito certinho, mas nada daquilo me preocupava nem me incomodava, eu tinha outros valores, eu tinha outras coisas.

M: Quem te falou que você não era bonita?

G: Se você visse o padrão da época, como até hoje, era um padrão, na televisão só meninas loiras ou morenas, com aquelas faces rosadas, o cabelo comprido, dentes perfeitos, e eu não tinha nada a ver com aquilo.

M: Não é beleza?

G: Não.

M: Não é questão, não é beleza?

G: Não, não é, mas era o que tinha pra época, era com aquilo que eu tinha que lidar. Eu era a única, eu era a estranha no ninho e eu tinha que me comportar, teoricamente, da maneira que as pessoas queriam, mas eu não me comportava. Eu era literalmente... eu era conhecida na televisão como realmente a ovelha negra, porque eu nunca seguia nenhum dos valores, dos padrões.

M: E esse nome? O que você acha desse nome ovelha negra?

G: Ovelha negra, eu era...

M: Você acha legal?

G: Eu acho.

M: Inofensivo, é...

G: O que é uma ovelha negra? É a ovelha que não faz parte do rebanho, que normalmente só tem ovelha branca. Eu não fazia parte do rebanho, e eu sempre gostei de não fazer parte do rebanho, porque eu nunca fiz. Para mim, o Mano, é uma coisa tão natural ser da maneira que eu sou. Como eu falei para você, a minha família não se enquadrava em nenhum dos parâmetros dos valores familiares. Então, eu também não tinha nenhum valor, parâmetro familiar. Se você me perguntar assim: “Ah, como é que você foi educada?”. Eu não fui educada. Eu me eduquei ao longo da vida. Eu tive valores que eu adquiri no mundo, viajando, aprendendo, conhecendo, lendo. Tem um livro que mudou a minha vida, que eu até recomendo, não tem mais, tem que procurar em sebo, que chama *Alma no Exílio*, de um americano que chama Eldridge Cleaver. Ele foi um pantera negra que passou muito tempo na prisão, e no tempo que ele passou na prisão, por vários motivos, primeiro porque ele foi preso com maconha, depois ele foi preso por estuprar mulheres, que foi a maneira que ele teve de se rebelar contra aquele mundo branco, e depois ele teve tempo para reavaliar os valores dele até que ele saiu da prisão. Então, esse livro mudou a minha vida porque tem uma passagem do livro dele, que ele está na prisão, e aí todo prisioneiro tem foto de mulher nua na parede, né? E aí ele tinha também. Aí um dia o guarda chegou lá e arrancou as fotos dele, e ele ficou revoltado. “Por que você está tirando as fotos de mulher nua da minha parede, se todo prisioneiro tem? É porque eu sou negro?”. Ele falou não. Aí ele falou: “Mas você é racista”. Ele falou, o policial: “Não, eu não sou racista, racista é você. Porque você poderia ter botado foto de mulher negra na sua parede, e você botou foto de mulher branca.”

M: Olha só.

G: “Por isso eu tirei”. Então, são coisas que vai fazendo você refletir até que ponto o racismo do outro pode te atingir. Isso foi uma grande preocupação que eu tive ao longo da minha vida inteira.

M: Isso é um livro?

G: É um livro chamado *Alma no Exílio*.

M: É um autor americano?

G: Eldridge Cleaver. É incrível. Então, eu tive que aprender na marra, na força, a ser a pessoa que eu sou hoje. Não me deixar dominar por ondas. Porque eu acho que a nossa história de nós negros é uma história eterna.

M: Quem te matriculou? Quem te levou até a escola?

G: A primeira, como eu te falei lá, pequenininha, maternal, a primeira foi a minha mãe. Depois dessa maternal, já no primário, parará, eu fui sozinha. Fui sozinha.

M: Estudou onde?

G: Estudei numa escola chamada Delfim Moreira, no subúrbio, já perto da casa da minha mãe, que era entre o Meier, Sampaio. Estudei ali bastante tempo. Depois estudei... só estudei em escola pública, fora a PUC que foi uma bolsa de estudos. Depois eu estudei na escola Rivadávia Correia, que tem até hoje no centro da cidade, ali perto da Central do Brasil, onde tem o Ministério da Guerra. E ali acompanhei muita coisa da ditadura, porque atrás tinha a delegacia de repressão e a gente estudava, muitas vezes fazendo exercício, educação física e ouvindo os presos políticos apanharem. Então, eu participei de tudo, porque na época do movimento estudantil, eu era uma menina de 14, 15 anos e tinha as minhas amigas. Eu sempre fui muito precoce, e a gente ia para o restaurante do Calabouço para acompanhar as reuniões do movimento estudantil, mas, para falar a verdade, não era só por um motivo político. Na verdade, a gente ia também para paquerar os meninos. Não era aquela coisa só de, ah, oh, não. A gente ia, porque a gente era muito menina. Então, a gente com um olho no padre e o outro na missa. A gente acompanhou a passeata dos 100 mil também com o mesmo espírito. Mas a gente estava ali, no centro de tudo. E eu tenho orgulho enorme de ter participado de todo esse momento brasileiro ali, ao vivo e a cores. Então, eu não tenho versão. Eu tenho fatos.

M: Você estudou muito. Quanto?

G: Eu estudei até me formar em jornalismo. Depois, eu passei a estudar o mundo. Aí, leio. Adoro ler. Mas, depois que eu me formei, não vou dizer para você que eu continuei lá, vou fazer mestra... Não, parei ali e passei a viajar. Eu viajo há mais de 40 anos. Você falou lá atrás 100 países, mais ou menos, 100 países, outro mundo, outro número, mais ou menos. Eu já cheguei a mais de 160 e tenho orgulho assim.

M: Quase o dobro, praticamente.

G: Primeiro, eu viajei o Brasil inteiro, quatro vezes, todo. Conheço o Brasil, acho que, melhor do que qualquer pessoa. Depois que eu percorri o Brasil, eu passei a ir para o mundo. E, assim, viajo mesmo. Eu fico. Eu não vou para ver monumentos. Não, eu vou para entender de gente, conhecer a alma. Eu gosto de cultura. Eu gosto de sentimento. Eu fico entre 20 e 1 mês no país e vou para o interior. Eu estive em lugares, por exemplo, como na Sérvia, no interior, no interior da Sérvia, que eu conheci pessoas como uma senhora de quase 100 anos que nunca tinha visto um

único preto na vida dela. Eu fui a primeira. Ela não tinha televisão, ela não tinha visto Michael Jackson. Ela me olhava, passava a mão no meu cabelo, no meu rosto, e dizia assim: “Não vá embora. Você não sabe a felicidade que você me deu, de eu poder morrer sabendo que você existe”. Então, eu viajo para isso. Sentimento, alma. Claro, eu subi duas vezes o Himalaia, eu pulo de bungee jumping, porque eu sou atrevida, eu gosto de tudo. Mas eu gosto de gente. Eu não faço isso para dizer “oh, você, eu sou corajosa, eu sou aventureira”. Não. Eu quero saber até onde eu posso me desafiar ou posso me conhecer. Porque o medo, caramba, o medo muda tudo. O medo faz você conhecer o outro lado da sua alma. Que uma coisa é você estar ali, bonitinha, agora, quando vem o medo, o pânico, como é quando você pula do mais alto bungee jumping do mundo a primeira vez, você não sabe o que vai acontecer, eu não sei nadar, tem um lago lá embaixo, eu não sei se eu vou morrer afogada. O Diogo disse: “Glória, você está maluca? Se você cair lá embaixo, você não vai morrer afogada, você simplesmente vai morrer. Independente da água ou não”. Então, são coisas que a vida vai te ensinando. Eu subi duas vezes até o acampamento base para você chegar no Everest. Mas eu sabia que eu não ia escalar, porque eu não sou alpinista. Mas até o acampamento base eu fui. Oito dias subindo, seis dias descendo. Então, eu gosto disso. Assim como é conhecer os sentimentos dos outros, os meus sentimentos de medo. Eu não sei nadar. Eu tentei, muitas vezes na minha vida, aprender a nadar, caramba, não tem condição. Mas faço tudo dentro d’água, só no pulo do barco. Se não botar boia, eu não vou. Agora, eu gosto de experimentar o sentimento do medo, que eu acho que isso me faz sentir mais viva.

M: É adrenalina?

G: Não.

M: É o quê?

G: Conhecimento. Insegurança. Eu acho que se você não tiver insegurança, se você não tiver medo, você não consegue realmente entender o que é a vida. A vida é feita de medo também.

M: Interessante a sua visão. Como é ser a primeira? Eu achei assustador, quando eu peguei essa informação com a Semayat, que ela falou que a primeira repórter negra no Brasil foi em 1970. É isso? Quando eu nasci.

G: Olha que safadeza. A data que ele nasceu é a data de quando eu estava começando a ser repórter. O que você quer dizer com isso?

M: Nada. Não, acho que bom. Não, o foco é o outro. O foco é o cofre.

G: Você está vendo que malzinho?

M: Então. Não, mas ó, lindo. Tudo lindo. Ser a primeira. A Semayat, ela marcou bem aqui: “Ela foi a primeira em várias coisas”.

G: Mano, eu nunca pensei que eu estava sendo a primeira. Eu nunca tive tempo de pensar. Eu ia. É que para mim foi tudo... foi sendo assim tão natural. Eu cheguei na televisão para ser rádio escuta. E aí com uma semana já começaram a me mandar para a rua fazer reportagem. O repórter não aparecia no vídeo. Eu saía lá, escrevia, e aí o Sérgio Chapelleiro e o Cid Moreira que liam. E aí fui indo, fui indo, fui indo. Eu não imaginava que olhava em volta da redação só tinha eu. Eu não olhava em volta. Eu saía todo dia para trabalhar. Aí daqui a pouco, depois de quatro anos, cinco, que eu estava lá, os repórteres começaram a aparecer no vídeo. Eu fui a última porque eu tinha medo. Eu tinha insegurança. Uma coisa é quando você está lá invisível, eu só aparecia a minha mão segurando o microfone. A outra coisa é você ter que botar o rosto. Aí o medo pintava. Até que um dia eu tive que fazer. Também não pensei. Depois da primeira vez, a coisa foi. Porque não dava tempo para racionalizar: “Olha, eu estou aqui, estou sendo a primeira, vou fazer história”. Porque hoje, o que acontece? Todo mundo faz história. Eu fico vendo. Todo lugar. Eu olho na televisão para todo lado. Todo dia tem uma história diferente. “Estou aqui, estou fazendo história”. “Olha aqui, estamos fazendo história”. Eu nunca pensei em fazer história porque a história já estava ali. Então hoje eu fico olhando. Eu tenho alguns orgulhos. Eu vejo uma geração de novos repórteres, de novos pretos em todas as áreas fazendo coisas maravilhosas.

M: Lindo isso que você falou agora.

G: Eu fico vendo. Todo mundo fazendo. Mas só que hoje, todo mundo, de maneira geral, está muito menos preocupado em fazer história do que fazer. Isso, para mim, é uma coisa angustiante. Vamos fazer. Vamos abrir caminho para outras pessoas. Vamos em frente. Essa preocupação, esse ego, essa vaidade de se dar importância, de fazer história o tempo todo. Ah, me cansa, sabia? Me cansa.

M: Para você que fez tanta história, e faz, né?

G: Porque ou você faz, ou você fala que faz. Tem uma diferença enorme.

M: De repente o marketing está mais do que a obra. Está maior do que a obra, é isso?

G: Hoje tudo é marketing. Hoje você tem que mostrar o que você está fazendo. Eu não sou da época de rede social. Eu sou da época em que eu tinha provas, assim, de racismo e de discriminação. As pessoas mandavam cartas para a redação. Ou então telefonavam. Quando eu comecei a apresentar o *Fantástico*, que foi de... Na verdade eu apresentei de 1998 até 2008. Dez anos certinho. Eu e o Pedro Bial fomos a dupla que ficou mais tempo apresentando o programa. Fizemos história, hein? Entendeu? Exato. Então...

M: Quem pode ostentar, pode, né?

G: É, foi assim. Primeira negra, fiz história, hein? Mas, sabe? Então é tudo assim. Hoje é tudo assim. Então...

M: Mas sabe o que é legal, meu? A gente que não tem coragem de ostentar, a gente quando vê alguém ostentar, a gente fica orgulhoso. Chegou o meu camarada mesmo, o Xandone, falou assim: “Pô, Marighella, o podcast está em primeiro lugar, você não estoura uma champanhe, você não comemora, você não ostenta, você não posta”. Eu falei: “mano, eu sou desconfiado”. Forte abraço, Xandone. Ele falou: “Pô, a gente sente falta, mano, de ver a vitória dos nossos”. Eu falei: “Pô, é verdade, mas eu não tenho essa coragem”. Talvez me falte coragem.

G: Não, mas tem... Aí é outra coisa. Comemorar uma vitória é diferente do que você querer fazer história o tempo inteiro. Comemorar, você tem que comemorar. Eu comemei quando eu fui chamada para apresentar o *Fantástico*.

M: Comemorou?

G: Muito. Por quê? Porque todo mundo falava essa coisa de racismo, o *Fantástico* era um programa que só tinha loiras, não sei o que. Aí eu estou lá, eu comemei com os meus amigos, e disse: “Caramba, olha só, vou apresentar o *Fantástico*”. Fiquei feliz, porque foi uma conquista da minha família, não foi uma conquista minha. O que eles fizeram por mim...

M: Isso é foda o que você está falando. Isso que você está falando é foda, está vendo?

G: O que eles fizeram por mim deu certo. O fato deles não terem feito praticamente nada, a não ser ter me dado a liberdade, funcionou. Eles me deram a liberdade de eu ser quem eu quisesse ser. Não me obrigaram, “oh, vai estudar, faz história, faz isso, faz aquilo”, não. Então, assim, eu acho que se você tem a preocupação que você está vendo, assim, as coisas estão surgindo, pessoas novas, gerações, é lindo, tem que ter, tem que ser. Agora, eu não tive tempo, eu recebia cartas na redação. “Como você, uma negra, não tem vergonha de estar aí tirando o lugar de mulheres brancas lindas para apresentar esse programa?” E eu tinha que ficar com aquela carta na mão, lendo 10, 20, 30 vezes. Não é um post que você vai e apaga. Eu acabava o *Fantástico*, eu recebia telefonema. “Ah, essa neguinha aí tirando o lugar de brancas”. Eu sofri anos apresentando o *Fantástico*. Os dois primeiros anos, talvez, foram muito duros.

M: Você chegou a falar isso fora daqui?

G: Sim, não lembro. Não lembro? Não sei, acho que não, não sei.

M: Eu sempre te achei discreta.

G: Eu nunca fui de falar, eu sempre fui de fazer. Eu nunca tive tempo, não é que eu não tenha sido... eu nunca tive tempo. Eu trabalhei a vida inteira demais. Demais, demais. Eu quando entrei na TV, como eu era de família muito pobre, eu tinha que pagar todas as minhas coisas. Então, eu trabalhava. Comecei trabalhando na Embratel como telefonista, aí comecei ao mesmo tempo trabalhando na TV Globo.

Então, eu tinha que estudar... eu entrava na Globo de sete da manhã até às oito da noite, hora do *Jornal Nacional*; saía e ia fazer o meu vestibular, eu estudava, saía de lá e ia para Embratel até às oito, sete da manhã do dia seguinte, meia-noite do dia seguinte. Eu fiz isso durante um ano, até falei, agora não dá mais. Mas eu era menina, tinha 16 anos, toda a energia do mundo, não cansava, eu era a Mulher Maravilha, eu segurava a onda na boa. Então, eu sempre trabalhei demais, demais, demais. Eu nunca tive tempo de, para falar a verdade, eu nunca tive tempo de curtir, eu não tive tempo de casar, eu não tive tempo de nada, eu só trabalhei e era feliz assim. Até que eu tive as minhas filhas, aí a minha vida mudou.

M: Só fez história.

G: É.

M: Tempo todo, sem parar.

G: Fui fazendo, eu fui fazendo. Cada hora que eu olhava mais um lugar, mais um país, porra, eu digo, meu Deus, eu quero isso, eu quero mais, eu quero que... E assim, eu me sentia, eu tinha um sentimento de gratidão por eu estar ali, conquistando aquilo tudo, sem ter pensado em conquistar, porque a verdade que é o seguinte, não existia quando eu comecei. O repórter de televisão... a televisão hoje... repórter, apresentador, é todo mundo glamuroso, né? Todo mundo bonito, parará. Mas no meu tempo, não tinha glamour. Era carregar pedra mesmo, querendo ou não querendo.

M: Funcionário.

G: É, mais do que funcionário, trabalhava pra cacete. E eu amava, porque enquanto eu estava trabalhando, eu esquecia todos os problemas que eu tinha na minha família, que eram inúmeros. Não vou entrar no detalhe, mas eram inúmeros. Então, eu tinha que administrar toda uma encrenca de uma família *complicadíssima*.

M: Sua família era numerosa?

G: Era, não era muito grande, mas era grande o suficiente pra fazer barulho.

M: Homens, mulheres?

G: Homens, mulheres. E uma família toda misturada, era uma coisa bem complicada, né? E como eu fui aquela que saiu do trilho, daquilo que estava traçado pro resto da minha família, era bem complicada, né? Porque eu tinha que estar ali atenta a tudo. É preciso estar atento e forte. Então, assim, a minha vida era isso. Trabalho e administrar encrenca. Trabalho e administrar encrenca. Mas fui. Quando você tem 16, 17, 18, 19 anos, você tem uma energia tão absurda que você não sente.

M: Que música que ouvia na sua casa? Ouvia-se música? Tinha disco, toca disco?

G: Ah, no quintal da minha avó tinha. Não, o toca disco era já comigo. No quintal da minha avó tinha samba ao vivo. Às vezes tinha roda de samba. Minha avó era da Umbanda.

M: Certo.

G: E aí tinha sessões lá na casa dela, mas eu tinha muito medo, desde pequeninha. Quando tinha sessões, eu entrava debaixo da cama, porque eu tinha medo, muito medo. E tive que aprender a conviver com aquilo. Mas aí depois eu fui batizada, fiz primeira comunhão. Porque é aquela coisa do sincretismo religioso, né? Eu tinha o centro de Umbanda na minha casa, que a minha avó recebia lá os caboclos. E tinha o lado católico, que me preparavam para isso. Comunhão, fui batizada. A minha cabeça era uma efervescência. Eu tinha que tentar sozinha entender aquilo tudo, porque ninguém me explicava. É Umbanda de lado, católica do outro. E vamos que vamos.

M: Qual que era o desenho? Você falou do que a família tinha desenhado para mim. Acredito que as outras famílias desenhavam para as meninas negras da época. Qual que era o desenho das meninas negras?

G: Olha, o desenho era o seguinte. Não era casar. Porque na minha família quase ninguém casou. Não tinha quase ninguém casado. O desenho era assim. Eu ficava lá em torno da minha avó, como as minhas tias, as irmãs do meu pai.

M: Matriarcado, matriarcado, pesadão.

G: É, aí a vovó estava lá. Aí uma era cambono lá do centro dela, a outra ajudava não sei o quê. Era ali tudo... A minha avó era uma matriarca. Mesmo.

M: Aquelas mulheres, são mulheres fortes?

G: Fortes. Minha vovó era realmente uma mulher que comandava todo mundo da família. Ela. Sozinha.

M: E os homens?

G: Os homens eram todos comandados por ela. Tinha um medo, mas era aquele medo que é um medo que não muda o que eles tinham que fazer. Fazia escondido. Um bebia, o outro fazia isso. Tudo escondido dela. E quando ela pegava um bêbado, ela batia. A minha avó era tipo assim.

M: Outros irmãos.

G: Eu?

M: É.

G: Não, eu tenho uma só. Que é mais do que o suficiente. Então... Mas assim, o entorno da minha avó é que era muito... Os filhos dela, os irmãos do meu pai, todo

mundo ficava em torno dela. Ela ia fazendo pedaços de casa para ir morando. As pessoas iam nascendo e eu construindo, construindo, construindo. Por isso que eu digo que a minha história... Hoje as pessoas me veem, “Ah, Glória é Maria”... Aí querem me colocar em nichos como o que está acontecendo hoje. Mas a minha origem não é essa. Eu não tenho como me enquadrar nesses papéis.

M: Num nicho só?

G: Impossível.

M: Você inaugurou quase, sei lá, muitos nichos.

G: É, porque da minha família eu inaugurei praticamente tudo.

M: Isso, por exemplo.

G: E na minha vida eu continuo inaugurando, graças a Deus.

M: Sim.

G: Porque depois então que eu tive essa sobrevida que Deus me deu, agora é que ninguém me segura mais. Caramba, o que eu tenho aí pela frente ainda...

M: Quer falar sobre isso? Da sobrevida? O que aconteceu?

G: Assim, mas eu tive um tumor no cérebro do nada. Um dia eu caí e descobri que eu tinha um tumor que ia me matar em 15 dias se eu não tivesse operado e que tinha uma chance enorme de eu ter sequela ou de eu não sobreviver. Eu não pensei nisso. Vamos lá, tem que ser. É a minha vida, é a minha história. E eu não gosto de drama. A vida de cada um, a vida é única, intransferível.

M: Isso foi divulgado pela imprensa ou não?

G: Sim, quando eu tive o tumor. Não tinha como esconder porque eu tive que me afastar. Foi uma coisa, a Globo fez um comunicado, foi uma coisa muito séria. E pouca gente acreditava que eu ia voltar a trabalhar. Eu hoje sou uma fênix, a verdade é essa. Porque a minha chance era muito pequena. Até os médicos... a não ser o médico que me operou, que eu chamo de São Paulo Niemeyer, que foi até agora, entrou para a Academia Brasileira de Letras, é um imortal, ele que me salvou. Tirou o meu tumor. Mas ninguém acreditava que eu pudesse voltar a ser o que eu estou sendo hoje. Porque foi muito problema. Eu inchei muito, eu tive convulsão, a minha boca ficou torta, fiquei meio deformada. Foi uma tragédia, uma tragédia minha, que é parte da minha história. Então, vamos que vamos, é a minha história, vamos viver essa história, vamos ver até onde ela vai. E como, graças a Deus, Deus me adora, e o que eu acho é que ele disse: “Você teve uma vida que é assim, é símbolo de energia, sobe o Himalaia, percorre o mundo, todo mundo quer saber o segredo da saúde, da Glória a Maria, da juventude, então agora vem cá, agora chega. Agora você vai conhecer o outro lado do paraíso, que é não ter saúde”. E aí

me colocou diante desse desafio, que foi o maior da minha vida inteira, e que, graças a Deus, por incrível que pareça, está fazendo exatamente agora, essa semana, dois anos, dois anos certinho, e eu fiquei esse tempo todo para me recuperar, porque foi em novembro de 2019, aí depois eu tive um outro problema, sério de uma infecção que quase me matou de novo. Fevereiro eu perdi a minha mãe, março começou a pandemia. Então foi assim, uma porrada em cima da outra, e que eu digo, tem que ter uma razão de ser, uma pessoa que nunca tinha tido problema de saúde nenhum, e aí fui. E foi um período longo de recuperação, longuíssimo, que às vezes eu olhava e dizia, bom, uma hora eu vou chegar lá, vamos ver, até onde dá, vai dar para ir. E cheguei. Eu, quando voltei a apresentar o *Globo Repórter*, que eu entrei no estúdio pela primeira vez, que foi um dos momentos mais bonitos da minha vida, que eu não acreditava, na verdade quase ninguém acreditava. Eu, quando cheguei, todo mundo achava que estava havendo um fantasma. Mas eu falei, está havendo a minha avó, aquele negócio, envergo, mas não quebro. E como diz a música do Belchior e do Emicida, “ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro”. Então assim, estou aqui. Quase que inacreditavelmente, mas estou aqui. Porque eu acho que eu tenho umas coisas assim, eu sou positiva, eu vivo dentro da realidade, eu não tenho fantasia, eu não fico, “ah, a vida é uma nuvenzinha cor-de-rosa”, não, tem tempestade, furacão, turbilhão, e eu estou pronta para tudo. Eu estou pronta para o que tiver que viver. Porque essa vida é minha, Mano. Ninguém pode viver essa vida por mim. Aí eu vou ficar, “ah, caramba, por que aconteceu isso comigo? Por que eu sou tão legalzinha?” Não, não sei. Eu tinha que viver isso para experimentar um outro pedaço da minha existência.

M: Boa, Glória. É forte isso, né?

G: É vida. É vida.

M: É forte.

G: É vida.

BG do programa aumenta

M: Então, você cobriu a guerra das Malvinas.

G: Sim.

M: De 1982. Para quem não sabe, Malvinas é aqui do lado da Argentina, né? Perto do Brasil.

G: Exatamente.

M: Bem aqui perto, aqui do Rio Grande do Sul, aqui na região ali. Como é que é cobrir uma guerra? O que é uma guerra? Para a gente que nunca viu uma guerra de perto, né?

G: É punk, parceiro. É assim, eu fui a primeira mulher. Foram vários homens cobrir, porque o meu diretor disse: “Não, mulher não cobre guerra”, aquelas coisas, né? Mulher não cobre guerra, mulher não faz isso. Aí ele mandou vários homens, e como eu sou realmente uma pessoa abençoada, quando ele achou que não tinha mais nenhum repórter para ir, vai a Glória, porque eu ficava enchendo o saco dele. Deixa eu ir, irmã, eu quero cobrir uma guerra. Depois me arrependi tanto.

M: É o momento body jump, esse aí?

G: Exatamente.

M: Foi, né?

G: Aí eu falei, deixa eu ir, bom, me deixou ir. Cara, eu em Buenos Aires, a gente ia para Punta Arenas, que era onde acontecia a guerra, e era uma guerra que não tinha tiro. Ela foi toda feita por minas terrestres. Tanto que depois morreram muito mais soldados desativando minas do que durante a guerra. Foi horrível. E eu tive a benção de — eu sou tão cagona —, eu acho que duas semanas depois que eu estava lá, a guerra acabou. Eu anunciei o fim da guerra. Quer dizer, eu sou uma pessoa do bem, entendeu? Mas foi um alívio tão grande. Meu Deus do céu.

M: Você andou pelo... O que aconteceu na Argentina? Como é que é uma guerra tando de dentro? Você estava lá, como é que é isso?

G: Você está tensa, você tem que sair o tempo todo para ter as informações. Aí você se junta com os outros correspondentes.

M: Aonde vocês se encontravam? Aonde? Bares?

G: Não, a gente ia em todo lugar. Restaurante, bares. E a gente ia até o limite, para você não ir nas partes que podiam ser terrenos minados. Mas vai saber.

M: Terreno minado. Agora eu vou perguntar, eu ouvi você falar, eu não perguntei, quem plantou essas minas? Como assim terreno minado?

G: Era uma guerra por território. Então o que os argentinos fizeram?

M: Era o que? Bomba para pegar inglês?

G: Era. Os argentinos botaram aqui mina e tudo quanto é lugar para o inglês chegar para explodir.

M: Que lugar? Que tipo de lugar?

G: Puntarenas.

M: Puntarenas.

G: Puntarenas é essa parte das Falklands, que são essas ilhas malvinas, que para os ingleses se chama Falklands, e para eles Malvinas. E fica entre os dois territórios.

M: Qual que era o motivo da guerra mesmo?

G: É isso, a disputa do território. Os ingleses queriam essas Falklands, e os argentinos queriam para eles, o que para eles seria as Malvinas. E aí vamos que vamos, vamos brigar.

M: Quem estava certo nessa?

G: Olha, porcaria no alto mar. Mar não tem dono, terra de ninguém. Mas o homem sempre vai lutar pelo poder. Quem tem razão, não sei. Hoje elas são dos ingleses, os ingleses ganharam.

M: Terra lá longe, ser dona de uma ilha do lado da Argentina.

G: Exato, mas esse é o homem.

M: Colonialismo, né?

G: O homem quer o poder o tempo todo. Ele vive para isso. E aí, por causa disso, é que você vê hoje o mundo que a gente tem. Disputa religiosa.

M: Parece absurdo, né?

G: É absurdo. A gente quando anda no mundo, esse mundo árabe, eu como sou um conjunto de religiões hoje, eu aprendi, estudei, eu gosto de religião, eu gosto de cultura. Então, o que acontece? Eu tenho um lado muçulmano, eu tenho um lado judeu, eu tenho um lado católico, eu estudo cabalo, eu gosto de tudo. Mas o homem não. O cara, ele quer separar. Ao invés de permitir que cada um seja o que é, não, você tem que ser igual a mim, eu tenho que ser igual a você, ela tem que ser igual a ela. E vive essa merda que a gente está vivendo hoje.

M: Você consegue filtrar, entender o pensamento central de cada religião? Você, eu entendi, gostei, entendi, gostei. É muito diferente uma da outra?

G: Eu tento a essência. Eu gosto da essência. Porque, na verdade, não. Toda religião tem um objetivo só. Cada uma tem um Deus que tem um nome. É você exercitar a sua fé. Só que cada um quer exercitar a fé da maneira que acha correto. Então, um acha que a mulher tem que estar coberta, ela não pode chegar perto do homem, não pode isso. Mas se você pensar que tem religião, tem uma parte do candomblé em que também a mulher é bem separada do homem e que a mulher é que exerce o poder, toda religião, como tudo na vida, é uma disputa de poder. Quem gosta disso, entra de cabeça. Eu aprendi, tentei entender para poder ficar o mais longe possível. Então, assim, eu acordo, escuto os meus mantras budistas, que eu fui seis vezes na Índia, fiz trabalho voluntário na Índia, na África. Então, eu gosto. Aí,

eu escuto o meu mantra de manhã. Aí, à tarde, vou escutar Tom Jobim, Djavan. Eu sou uma mistura. Eu sou um samba, literalmente, o samba da crioula doida.

M: Qual foi o seu trabalho voluntário na África? Impulsionado por você mesmo? Qual foi?

G: Eu fui sozinha para a Nigéria, que eu já tinha feito matéria lá. Até postei no outro dia. Você viu? Eu postei no Instagram uma das matérias que eu fiz sobre a escravidão, de onde saíam os negros da Nigéria. Então, eu já tinha ido para a Nigéria. Fiquei lá um mês e meio percorrendo aquele país, que é incrível. Lá tem o maior festival de pesca de toda a África. Aí, fui filmar isso lá. Aí, gostei. E depois, voltei sozinha para fazer um trabalho voluntário com as meninas, com as crianças, que era muita miséria. Só que eu queria ficar dois meses, mas não consegui. Fiquei quase um mês. Fiquei vinte e poucos dias. Porque era muita violência. E lá, mulher sozinha, não tem quase que condição de existir. Eu estou falando de um trabalho, de uma coisa que eu fiz tem 15 anos, mais ou menos, 16. E era muito perigoso.

M: Que tipo de violência?

G: Ah, era o tempo todo. Eu tinha que ficar trancada no quarto quando eu não estava trabalhando com as meninas, porque tinha o risco de violência, de estupro, de ser assassinada. Porque foi lá que surgiu esse Boko Haram, que é um grupo extremista que sequestra as meninas na escola. Logo depois que nós saímos, que eu saí de lá, começou a surgir esse Boko Haram. Então, foi um país muito difícil. Mas eu fiquei lá. Consegui fazer alguma coisa que eu queria. Fiz na Índia. E depois fiz na Bahia. Foi uma coisa também que foi maravilhosa na minha vida. Aí parei. Agora deu. Agora só cuido das minhas filhas. Agora estou quietinha. E o mundo, porque também tem uma hora que você tem que... não é... É dar uma desacelerada. Porque eu estou acelerada no mundo, na vida, desde que eu nasci. Eu nunca tive tempo de respirar. Aí agora eu tenho que... estou lá focada nas minhas filhas.

M: O que é esse Boko Haram? O que é isso?

G: É um grupo extremista de origem islâmica, muçulmana, que sequestra crianças na escola. Já sequestraram 100, 200. As meninas ficam meses com eles, sendo violentadas. Aí, algumas vezes, eles devolvem. Algumas outras, não. É o grupo, talvez, atualmente considerado o mais extremista em termos de sequestro, violência de crianças no mundo.

M: Qual que é a reivindicação deles? Eles têm uma causa?

G: Não, nenhuma. A causa é maldade de alma, eu acho.

M: Eles botaram um nome, Boko Haram. Qual a informação? O que significa? Você sabe?

G: Não sei. É um nome muçulmano, alguma coisa assim.

M: Mas o islam aceita isso? Você...

G: O Mano... Cada um interpreta a religião como quer. Se você for estudar o islam com profundidade, não tem nada a ver com isso.

M: Sim.

G: É uma coisa linda. Tem nada a ver com... se você vir o catolicismo... tudo. Só que cada um, ser humano, interpreta da maneira que quer, com o olhar que quer. É isso que desvirtua tudo na religião e na divisão entre os homens. É o olhar de cada um. Que se você olhar a essência de cada religião, caramba, é tudo maravilhoso. Maravilhoso. Por isso que eu tenho em mim um pouco de cada uma delas. Que elas são maravilhosas.

M: Tem umas passagens interessantes aqui que a Semayat pesquisou. Que você entrevistou chefes de estado durante a ditadura militar. Tem um público bem jovem aqui que só ouve falar o que é uma ditadura militar, eles não imaginam. Tem uns até que flertam com isso de novo por não saber como é. Então é bom uma pessoa que conhece, que passou e que viu, explicar a verdade sobre isso. Então teve uma passagem aqui que é a seguinte. Você foi entrevistar o então presidente João Batista Figueiredo, que eu lembro bem dele. E tem uma frase aqui que foi atribuída a ele e eu quero saber se é verdade. “Não deixem aquela neguinha chegar perto de mim”. É verdade isso?

G: É. Ele sempre dizia que aquela neguinha da Globo não pode chegar aqui. Porque, o que acontece, eu comecei a trabalhar na época da ditadura, no final do governo Médici, né? Aí depois teve o Geisel. E todos de uma maneira ou de outra tinham uma certa elegância. E o general Figueiredo, ele chegou pra atropelar. E como eu tinha acesso aos lugares mais reservados quando tinha cobertura, quando eu chegava lá, todo mundo me deixava passar. Todo mundo já me conhecia. Tinha tempo que eu estava fazendo isso. E ele ficava indignado.

M: Ele?

G: Ele. Porque a gente teve uma passagem que eu fui... quando ele foi indicado pra ser presidente, aí ele fez um pronunciamento na Vila Militar que ele dizia: “Ah, pra manter a democracia eu prendo, bato e arrebento, não sei o quê”. Só que na hora que ele falou isso, o meu filme na época era filme. O filme acabou, eu não consegui gravar. E aí eu fui lá falar: “General, por favor, isso pode repetir? Porque a gente não gravou”. E ele, “não, não vou repetir”. Aí eu pedi umas quatro vezes a ele, gentilmente, “é o *Jornal Nacional*, eu não posso voltar sem isso”. Ele falou: “Minha filha, eu já falei com sujeito, verbo, predicado, predicativo, indireto, que eu não vou falar”. Só que eu sou boa de português. Aí eu falei, caramba. Aí eu lembrava, agora eu não vou lembrar, mas eu sei que na época não tinha, quer dizer, não tinha mais o predicativo direto ou indireto, uma das coisas que ele tinha citado. Eu falei:

“Presidente, desculpa, mas não tem mais predicativo direto”. Aí o cara ficou puto da vida. “Tira ela daqui, tira ela daqui”. A partir daí, ele tomou um ódio santo de mim. E eu não tinha como... ele não tinha como se enganar, porque a única preta era eu. Então eu chegava, era “tira a neguinha daqui”. E isso foi o tempo todo, enquanto ele foi presidente. Mas eu tava lá, ele mandava eu sair, mas eu tava lá. Então, assim, eu tive várias experiências terríveis, uma época terrível. A gente chegava na redação, tinha lá, hoje não pode falar sobre isso, hoje não pode falar sobre aquilo, era censura em cima de censura. Então eu me espanto hoje, as pessoas pensarem na possibilidade de uma volta à ditadura. É como se a gente voltasse pro inferno. Então, é como se a gente botasse o Boko Haram pro poder de novo. Então, assim, meu Deus do céu, ditadura nunca mais, nunca mais.

M: Interessante, bom, interessante não é a palavra, mas é uma coisa que deve ser estudada. Os jovens, que existem mesmo, que têm essa simpatia pelo braço amado. Tem gente no Brasil que acha que só a força pra dar jeito no país.

G: É falta de informação, falta de conhecimento, falta de educação e eu acho que falta de amor. Eu acho que a gente tá com uma geração, que é triste falar isso, mas uma geração muito, como é que eu vou dizer, sem afeto em todos os sentidos. E isso te leva pra caminhos que você não sabe. Eu acho que a gente tá vivendo um momento de falta de tudo. De falta de amor próprio, de falta de autoestima, de falta de vontade de você fazer alguma coisa de verdade, falta de vontade de você se conhecer. Você vive numa geração de rede social, internet, a cultura do supérfluo, a cultura da bobagem. E se você tem isso, a sua alma não cresce. Se a sua alma não cresce, você não tem como se conhecer, você não tem como aprender. Você vai ficar naquela coisa rasa o tempo todo. E o raso é isso. É a arma, a ditadura, as pessoas sem cultura, cultura de alma. Eu não digo cultura de ter ido à escola, não. Cultura de alma.

M: Você é uma mulher da televisão, não? Pode se falar isso?

G: Claro. Eu sou da televisão.

M: É, da televisão.

G: Eu só trabalhei a vida inteira na televisão.

M: Sim, no jornalismo.

G: Só, e tem orgulho, orgulho mesmo, de ter conseguido estar esse tempo todo, são quase 50 anos, 40 e poucos anos, num único lugar, um lugar em que eu sempre tive, as pessoas falam, eu sempre tive respeito, tanto que eu pude chegar onde eu cheguei hoje, num tempo que não tinha essa facilidade, que você tinha um leque enorme, num tempo em que me permitiram. Não foi fácil. Superei vários obstáculos, mas tive o direito de fazer e de chegar onde eu queria. Eu tive a sorte de chegar numa época, nessa TV que eu trabalho hoje, em que o talento valia alguma coisa. E eu sempre fui respeitada como ser humano. Eu tive a chance de crescer sem ter o

QI, o quem indica, não ter uma família rica, não ter um marido poderoso, não ter um herdeiro, não. Eu, que vim do nada, tô aqui até hoje. Assim, é raro, mas eu cheguei. Hoje tem um monte de gente, mas eu era sozinha. E tive a oportunidade que eu precisava, que eu tinha que ter, pra estar aqui até hoje. Não foi um favor. A TV Globo nunca me fez favor nenhum. Nenhum. Porque ela só me permitiu ser quem eu sou e estar onde eu estou porque ela acreditou no meu talento. Ela investiu no meu talento. Então, ela não me deve nada e eu não devo nada a ela. Absolutamente nada. Porque o que ela investiu em mim como pessoa, como profissional, eu dou de volta. Porque eu dou audiência, eu dou a coisa mais importante, que chama credibilidade. Que você pode ter tudo, mas credibilidade você não compra, você não fabrica. É o bem mais precioso que você tem. E se você olhar hoje, o que você pode considerar como credibilidade é raríssimo. Então, assim, esse é... Como é que eu vou te dizer? Que eu acho que é o bem maior que eu sempre tive e dei pra essa empresa que é a credibilidade. Eu tive, ela tem, porque ela investiu no quê? No meu talento.

M: Como foi sua entrada na Rede Globo, Gloria? O momento exato. Quem te levou? Você foi sozinha? Qual foi?

G: Não, eu tenho uma amiga que é minha amiga até hoje, chama Tânia Ignautilke. É uma amiga que é de família russa. Eu preta e ela branca. Nós éramos as mais pobres da escola. A gente sempre estudou junto. Somos amigas até hoje. E ela trabalhava na TV como secretária da tesouraria. E aí um dia ofereceram uma vaga no estágio pra ela no jornalismo. Só que essa vaga não tinha grana, era um estágio sem receber, não tinha salário. Aí ela chegou lá uma semana e falou “ó, tô afim disso não”. Aí falou comigo, Glória, porque eu sempre escrevi bem. Eu era campeã, ganhava todos os concursos de redação da escola, da rede estadual, parará. E aí ela disse, “ó, você gosta de escrever? Tem uma vaga lá pro jornalismo, eu não quero, só não tem grana”. Falei, como é que eu vou ficar sem grana? Eu tenho que trabalhar. Mas eu tinha acabado de entrar na Embratel, como eu falei. Então tinha um salário desse tamanhinho. Eu ganhava o equivalente hoje, eu acho que é uns R\$ 500 na Embratel. Mas eu resolvi ir. Fui, fui aceita na mesma hora. Porque também não tinha outra pessoa que quisesse aquilo sem ganhar dinheiro. É tu, é tu mesmo. Não tinha outra. E aí fui. E fiquei até hoje. Quer dizer, não tem favor de ninguém, ninguém me indicou. Até hoje, ela dizia assim, “pô, você deveria me dar uma percentagem hoje”. Eu falei, “pô, Tânia”, a minha amiga, querida, até hoje, nós pelo menos a cada 15 dias a gente se encontra. E eu sempre digo, na hora que eu escrevi, que eu não vou escrever o livro da minha vida, que eu vivo, mas não escrevo livro. Eu digo, a consultora é ela. Porque ela tem memórias. E eu digo, um dia eu tenho que mandar você morrer. Porque a única que sabe a minha idade, que sabe tudo, é ela. Eu digo, um dia eu tenho que sumir com você. Porque, cara, ela sabe tudo. Ela tem memória, aquela coisa virginiana. Caramba, ela tem detalhes tão pequenos de nós duas. Eu digo, “Tânia, esquece isso”. Ela, não, tá tudo lá. Então, eu tenho esse orgulho, esse prazer da pessoa que me levou para a Globo, graças a

Deus, está aí, linda, viva, bem-humorada, com saudade. Uma pessoa que, graças a Deus, é parte da minha vida, conhece a minha história. Tomara que ninguém, ninguém vai procurar ela. Eu nunca darei a dica, né? Porque esse nego vai lá atrás, “olha quantos anos”. Mas é claro, as pessoas são, caramba.

M: Se liga, você, a primeira, e durante muito tempo única, e está até hoje lá e ficou com o seu talento. Você era única. E como está a cena agora? Mulheres negras na televisão, executando o trabalho. Você assiste televisão?

G: Assistio alguma coisa.

M: Tem tempo para assistir televisão?

G: Tenho. Até agora, na pandemia, eu nunca assistia. Porque eu vivia viajando, viajando, eu não via nem os meus trabalhos. Agora, eu até que assisti, assisto alguma coisa sim. E é maravilhoso, porque assim, eu mostro para as minhas filhas e digo, “você está vendo? Olha o exemplo. Quantas meninas pretas, lindas, em várias áreas estão aí.”

M: Vocês conversam? Vocês se encontram lá nos corredores?

G: Todas não. Por exemplo, a Maju mora em São Paulo, agora parece que a gente se encontra em mais. Na verdade, a gente não se encontra muito, porque, embora sejam salas do lado, tem o *Fantástico*, tem o *Globo Repórter* aqui do lado, a *Globo News*. Mas é que todo mundo fica tão obcecado com o trabalho. Eu encontro, assim, a Leilane Neubarth, que é minha amiga da vida inteira, que é uma garota maluca que nem eu. Então, tem algumas que eu encontro, porque a gente se encontra em casa, na vida.

M: As negras eu to falando.

G: As negras... Porque, na verdade, negras, aquele daqui tem lá. No Rio, agora só tem a Aline, que a gente quase não cruza. A Maju era de São Paulo, a gente não cruzava. Então, a verdade é que não cruza.

M: Sim, vocês estão sempre trabalhando. Ótimo.

G: Pois é, isso aqui é uma maluquice. Mas aí, às vezes, olha, você vê que loucura. Às vezes, uma manda para a outra um recadinho pela rede social. No outro dia, até, a Aline fez uma entrevista para aquele caderno *Ela*, do *O Globo*, que eu fiquei até comovida. E ela falando das inspirações que ela teve, da inspiração que ela teve, aí me citou, que eu fui a inspiração dela, me citou como, assim, uma grande referência de mulher até usou, porque ela usou, que agora é fodona. Eu falei, não, não sou bem isso, mas assim.

M: Você não acha que não é?

G: Não.

M: Tem certeza?

G: Absoluta.

M: Pergunta para elas o que elas acham de você.

G: Não, não sou, não sou. Não sou. Eu sou uma pessoa.

M: A moçada não concordou com você, não.

G: Não, não sou, não. Sabe por quê? Porque isso parece que dá uma ideia, assim, de um poder que eu não tenho. Quem teve poder foi a minha família que me fez assim. Mas eu sou o fruto de uma existência inteira. Então não é uma coisa assim, agora eu estou assim, ou agora eu sou assim, não. É um caminho que você vai traçando e é muito engraçada a maneira que as pessoas veem você, que não é a maneira que você se vê. Eu sou uma bobona, mãe das minhas filhas, eu tenho um lado bem, assim, meio autoritário, porque eu sou uma leoa, eu sou leão, a Maria, minha filha, de 13 anos, ela diz assim: “Mamãe, quando você fica brava, eu tenho medo, você fica brava mesmo”. Mas eu fico. Eu perco a cabeça, o leão, eu urro. Mas aí passa aquele momento, acabou. E já a outra, ela vem toda bobinha: “Ah mamãe, você fica brava, mas eu não estou nem aí”. Pronto, acabou. Aí não tem nem graça. Então assim, não, eu não me considero uma pessoa assim, eu acho que eu sou uma boba, mesmo, é verdade.

M: Deixa eu ver se tem alguma pergunta que você está dando pele a mim e não está me respondendo. Vou consultar, acho que alguma coisa que ficou no ar, você não está me respondendo, mas tudo bem, a gente volta lá. Não tem problema, não.

G: O que que é?

M: Então, é essa modéstia que você... atrapalha, a gente não consegue ostentar os seus números, você nega tudo.

G: Não, não. Eu não sou modesta, não. Veja bem, eu sou real. Existe uma diferença enorme entre modéstia e realidade. Aí é que está, Mano, as pessoas que vêem a Glória Maria... ontem, por exemplo, fui apresentar lá o troféu Raça Negra, aí botei lá um vestido, paguei uma fenda na perna, uma paguei de verdade. Aí todo mundo, nossa, só Deus sabe. Nós viemos de carro de São Paulo do Rio, seis horas chacoalhando na van, porque eu fiz uma... vou contar uma coisa pra vocês que ninguém sabe.

M: Opa, é exclusivo.

G: Ninguém sabe. É exclusivo. Contar pra vocês, eu estou no processo de dois anos de recuperação. Tudo lindo, tudo perfeito. Eu falei, eu fiz 32 sessões de radioterapia, ainda faço a imunoterapia, e aí nos meus três últimos exames, agora dois, aliás, estava tudo bem, e de repente apareceu uma coisinha lá que os médicos acharam meio estranha. E aí foi um tempo, uma tensão. Uma equipe de médicos, um diz isso,

outro diz aquilo, ninguém chegava a um acordo, isso nas duas últimas semanas. E aí faz o quê? Não sei o que faz, não. Resolveu fazer uns exames mais aprofundados e delicados pra poder saber o que era. Podia ter a possibilidade de ter um novo tumor causado por um fragmento qualquer. E aí eu estava fufu. Isso tem duas semanas, né, Flavinha?

M: Opa!

G: Não era pra falar. E aí até que... foi tudo tenso demais. Tenso, horrível. Até que o meu santo Paulo Niemeyer, mais uma vez, com esse exame super delicado, né, no final da semana passada, sei lá, cinco, sei lá, oito dias, sei lá, seis, não sei, perdi a conta. Finalmente ele... não era.

M: Oh glória!

G: Mas eu fiquei com a foice na cabeça durante um... durante um tempo. Foi bem, bem, bem, bem tenso. Foi bem, bem difícil. Se fosse... E aí foi tudo muito horrível. Eu não podia vir pra cá. Eu tinha trabalho pra fazer. Tinha vários trabalhos. Eu não podia vir de avião por causa dessa coisa delicada que eu fiz. Tivemos que vir de carro, uma van, eu e ela, seis horas de estrada. Até porque eu, quando assumo um compromisso, eu não gosto de falhar.

M: Gratidão.

G: De falhar.

M: Respeito com a gente.

G: E vim. E aí, e assim, como eu falei, eu não tenho frescura, vocês falaram não, eu não tenho maquiador, eu não tenho nada, eu não tenho uma equipe que fica em torno de mim, não tem nada disso. Mas como Deus é maravilhoso, aí o meu amigo maquiador, que eu adoro, ele por acaso estava em São Paulo. E me mandou uma mensagem do nada, pro Ivo. Eu falei, não, eu tô aqui em São Paulo. Aí eu falei, caramba, vem aqui me dar uma força. Aí ele foi me maquiar ontem, na hora, quase na hora da gente sair. E aí eu falei, quer saber, já que é, que eu quase me ferrei de novo, eu vou e fui deslumbrante. Resolvi ir. Aí todo mundo me vendo, nossa, que mulher isso, poderosa, que mulher maravilhosa. E eu só dizendo pra ela, ninguém tem noção, por um segundo, de como é que nós estamos aqui, como é que eu estava aqui. Eu não tinha voz, eu fiquei uma semana sem falar, por causa dessa coisa que eu fiz, eu não tinha mais voz. E tinha que ter a voz pra falar durante três horas e meia nesse negócio. E eu dizia pra ela, não vai dar certo. E deu. Milagrosamente, depois de eu fazer seis horas de viagem, eu fiquei 15 minutos no hotel, ele me maquiando. E eu cheguei lá, todo mundo dizendo: "É uma deusa". Eu olhava pra ela e dizia, vai falar, vai saber. Vai saber. Então, são coisas que eu digo, não tem poder, não tem fodona, não tem, não tem. Tem é a vontade de você viver, é a vontade de você ser, a vontade de você não querer viver como uma fake news. Eu não vou aceitar isso nunca, não vou viver como as pessoas querem, não vou fazer,

não vou entrar nessa regra do jogo que todo mundo entra. Não vou. E aí, a gente pra subir as escadas, pra chegar lá pra apresentar, eu não tinha nem, nem, nem... eu não sabia nem como é que eu me segurava lá. Não dava pra ir. Mas fui. Consegui ficar três horas e meia em pé lá, maravilhosa. E consegui vir aqui hoje, que... ainda dizia pra ela, pô, será que eu... porque aí eu decidi o seguinte, eu digo, eu não vou voltar mais de carro. Porque, caramba, mesmo que os médicos tenham proibido, não vou fazer de novo seis horas chacoalhando, não dava, parecia um liquidificador, uma coisa horrorosa. Eu falei, eu não vou, não vou chacoalhar. E ela, não, mas eu não posso fazer isso. Eu digo, você vai fazer. A gente vai voltar de avião. E ela, não, não vou voltar de avião. Vamos voltar, já estava tudo, tudo já resolvido, que uma hora era carro. Falei, a gente vai voltar de avião, e vou voltar de avião, seja o que dê, vou voltar, porque eu estou feliz, eu estou inteira, eu estou agradecida mais uma vez por ter sobrevivido de novo. Pô, eu realmente eu devo ser uma pessoa do caramba, sabia? Mas do caramba assim, eu devo ter uma uma coisa bem boa, que Deus não quer que ficar longe de mim, ele não quer, ele quer que eu esteja aqui, porque ele só está me dando como é que eu vou dizer, lucros, entendeu? Só está me dando trégua, só está me dando... e é isso, gente, estou aqui, estou, como diz o meu amigo Rei, “Quando eu estou aqui, eu vivo esse momento lindo, que é a coisa mais linda do mundo”, que aliás, que é uma coisa que eu também vou dizer para vocês, que ninguém sabe, que quando eu passei por isso tudo, quando eu estava no CTI, não agora, mas quando eu saí do CTI a primeira vez, que só os médicos falavam comigo, mas ele tem poder, ele conseguiu, a primeira pessoa a falar comigo, a primeira pessoa que me ligou e que é o parceiro mais incrível que eu tenho na vida, chama o Rei Roberto Carlos.

M: Oh, que beleza, o Rei Roberto Carlos.

G: “Glorinha, você vai sair dessa e nós vamos estar juntos de novo como sempre, não abro mão de você, você não vai me deixar sozinho e eu estou aqui”. Então, assim, esse homem que todo mundo fala, é difícil, é complicado, não, as pessoas que parecem as mais difíceis, normalmente são as mais fáceis e eu queria mais uma vez obrigada para o meu Rei, porque o Roberto está sempre comigo nos momentos que eu mais preciso.

M: Caramba, você, talvez, quantas pessoas tem o Rei Roberto Carlos como melhor amigo e como parceiro de qualquer momento, né?

G: Ah, mas ele é.

M: Caramba.

G: Sabe que é você sair do CTI e... está no CTI, aí toca o telefone, é ele, ele quem? É o RC, eu falei, na hora eu nem lembrei quem era RC, aí ele botou no viva voz, “Glorinha, sou eu”. Cara, eu vivi a vida na hora, era ele.

M: Eu sou de uma época que se alguém, se você tinha uma brincadeira assim, melhor carro, não sei qual, melhor time, não sei qual, melhor cantor, se o cara não falasse Roberto Carlos, alguém falava assim: “Você está pensando que você é quem?” Não, assim, a primeira pergunta: “Você não gosta de Roberto Carlos, não?” Aí, se o cara oscilar, eu acho que... “Você está pensando que você é quem, mano? Você não é ninguém, você não é porra nenhuma, pá. Roberto Carlos é o melhor, pá”. Era um negócio assim, meio fanatismo, lá pelos anos 79, 80, Roberto Carlos.

G: Mas ainda é, ainda é. Eu sou fã, tem algum, está falando de música, você é uma pessoa que eu adoro. Adoro, adoro. Adoro. Roberto, Djavan, são pessoas que fazem parte da minha vida, da minha história. Djavan, comecei a ver Djavan cantar no bar chamado 706, quando ele não tinha gravado *Flor de Lis* ainda — lá vou eu falar de tempo.

M: Não precisa, a gente só imagina.

G: Entendeu?

M: A gente procura o vinil.

G: Então, assim, tem umas pessoas que fazem parte da minha vida, da minha história, como Zeca, Martinho da Vila. Martinho é meu parceiro de vida.

M: Você está querendo matar a gente de inveja.

G: É, o Martinho é meu parceiro de vida. De vida mesmo.

M: Agora você está ostentando.

G: Aí eu estou ostentando. O Martinho fez lá o disco dele e me pediu para eu gravar um poema que chama *Ser Mulher*. Então são meus parceiros, mas não é assim. Ah, amiguinho, não, parceiro. Que a gente vai, se liga, que a gente tem a alma unidas. Então esses são os orgulhos da minha vida, não são os outros. Esses são os meus orgulhos. Isso aí é que me faz me sentir bacana. Então, para quem está ouvindo a gente aqui, agora não faz ideia, teve um momento aqui que você deu um depoimento da sua vida aqui e as meninas aqui todas comovidas, né? Chorando aqui, a gente... O lugar de fala delas é o mesmo que o seu, né? A história de vida das pessoas, como atinge a nossa de frente.

G: A alma é igual, né? A alma é igual. Não é rede social igual. Você fica criando,

botando seguidores. Quando você fala de alma, aí muda tudo. Muda tudo. Não adianta você querer fazer uma coisa... Assim, seria muito bom para mim se eu tivesse vindo. Eu adoraria ter tido aquela família. Adoraria, não. Mas o normal é assim, você ter uma família de classe média que te ensina, vai estudar, vai fazer isso, não. Minha família não me deu isso, mas me deu outras coisas. Me ensinou a ser gente. Porque ser um ser humano, ser gente de verdade, entender o que é bacana, o que não é, o que vale a pena, o que não vale, é o mais difícil. É o que eu

tento ensinar para as minhas filhas hoje. Porque o resto tudo, de alguma maneira elas vão aprender. Mas a ser, trabalhar com a alma, aí quase ninguém ensina. Você tem que aprender.

BG do programa aumenta

M: Glória, eu tô aqui entrevistando a maior entrevistadora do Brasil, praticamente. É isso, é isso, certo?

G: É, eu gosto.

M: É a informação que eu recebi.

G: Eu sei que eu gosto, eu me acho mesmo.

M: Eu tô indo bem? O que você acha?

G: Você tá ótimo, você tá ótimo. É assim, se eu não for a melhor, eu sou uma das melhores. E assim, você falou das pessoas que eu já entrevistei, faltou alguns. É, Fred Mercury.

M: Vou perguntar deles agora.

G: É, Fred Mercury, que me ensinou um monte de coisa, mas um monte de coisa, que pessoa maravilhosa. Michael Jackson, aprendi muito com ele. Tem as pessoas que te ensinam isso, e a minha vida foi feita dessas experiências.

M: Fred Mercury, uma frase assim sobre Fred Mercury.

G: Eu perguntei pra ele, assim: “Quer dizer que você é o líder dessa banda?” Ele é o líder do *Queen*, né? Ele olhou pra minha cara e disse: “Líder? Líder de quê? Não sou líder de nada. Eu sou só um cantor dessa banda”. Isso é o poder. Tá lá, tá gravado, né, Flavinha? Tá gravado. É assim, eles dizem, líder. O Michael, a gente sentou no chão no Morro Dona Marta, aí eu fui ver aquilo tudo que as pessoas falam, que ele, “o cara quer ficar branco, se pinta, clareia a pele”. Aí eu fui ver até onde vai a maldade humana. O Michael, todo mundo esqueceu, ele passou por um negócio, ele teve um incêndio num set, se ferrou inteiro, teve que fazer um monte de cirurgia pra reconstruir o rosto todo.

M: O rosto todo?

G: Cirurgia pra reconstruir, reconstrução.

M: Um programa de televisão foi o quê?

G: A gravação de um comercial da Pepsi.

M: Cirurgia de reconstrução do quê?

G: Do rosto. E ele, além de tudo, ele tinha uma doença chamada vitiligo. E o vitiligo tomou 98, 95% do corpo dele, da pele. Então, ele não tinha como escurecer é... 2%. Ele tinha que clarear os 2% que faltavam.

M: Isso você ouviu da boca dele?

G: Não só ouvi, como vi. Tava lá. A pele dele era isso aqui. Sabe pele de papel? A cor da pele dele? Ninguém quer ser branco dessa cor. Não é o branco. Sabe a cor do vitiligo? Era aquilo, era toda a pele dele assim. E as pessoas diziam que o cara queria ser branco. Aí você vai aprendendo, você vai vendo até onde vai a maldade do ser humano. Julgar sem saber, julgar sem conhecer. Hoje todo mundo acha, o achômetro. Não porque é isso, porque é aquilo, porque é aquele outro.

M: Foi um choque quando eu vi ele a primeira vez quase branco.

G: Ele era...

M: No clipe do... *Who's bad?*

G: Ele era essa cor. Não é branco. Ele era isso aqui. Sabe aquela cor do vitiligo? Que vai piorando, vai piorando, vai piorando. Então ele tinha talvez isso aqui preto, de escuro. Ele tinha que clarear. Ele sentado no chão comigo, ele quis saber de mim porque eu comecei a fazer... acompanhar ele na Bahia e ele tava se arrumando pra ir gravar com o Olodum. E aí eu cheguei pra acompanhar a gravação. E aí quando eu cheguei, começou todo mundo a me chamar, a gritar, Glória a Maria, Glória a Maria, e ele tava no sobrado, se arrumando. Ele ouviu aqueles gritos, ele achou que era pra ele. Aí ele chegou na janela pra olhar. Ele não entendeu porcaria nenhuma. Quando acabou, ele perguntou pro *manager* dele: "O que que era que todo mundo tava gritando?". Aí o cara explicou, ah é uma jornalista aí, parece que ela é muito querida. Aí ele quis me conhecer, por isso ele aceitou falar comigo. Quer dizer, ele foi uma pessoa maravilhosa.

M: Eu ia perguntar isso agora, a impressão que você teve.

G: Maravilhosa, maravilhosa. Eu chorei sentada com ele, ele falando.

M: O que que ele te falou que marcou muito?

G: Essa coisa, essa coisa que ele queria que as pessoas vissem ele como ele era, de verdade, e não como as pessoas achavam. Isso era uma coisa que eu sempre pensei, não com relação a ele, mas com relação a tudo na vida.

M: Agora, como enxergar o Michael Jackson como uma pessoa normal?

G: Não é normal.

M: Deixa a gente doido assim.

G: Não, mas normal ninguém é normal. Quem é normal? De perto ninguém é normal.

M: Imagina o Michael Jackson.

G: Não, mas ninguém é normal. Mas como ele era, uma pessoa sofrida, uma pessoa dolorida, uma pessoa machucada, uma pessoa...

M: Você teve esse diálogo com ele, da vida?

G: Não tão longo, não. A gente falou pouco, nós conversamos 15 minutos.

M: Qual foi o diálogo que você teve com ele? Não, um pouco, um trequinho.

G: Sobre isso, sobre você ser visto da maneira que você é. Ele estava lá no alto do Morro Dona Marta, feliz, por exemplo. Ele chegou de helicóptero. Eu cheguei subindo, que nem cabrito, lá subindo o morro. Cheguei ali em cima, imunda, suando pra caramba, fedendo. Eu era a própria bactéria. E todo mundo dizia que ele era aquele cara que não pode chegar perto, tem medo de se contaminar, que andava numa bolha. Aí eu falei, caramba, o cara não vai nem olhar pra mim. Quando eu cheguei, que depois que a gente conseguiu falar, ele chegou, me abraçou, me deu beijo, e que depois a gente... Eu falei: “mas você não tem problema de bactéria?”. Ele falou pra mim: “Não, eu sou como eu sou. Não acredito no que falam por aí”. Assim, tudo curto, pouquinho, pequeno. Mas que deu pra ver a pessoa extraordinária que ele era. E são coisas que vão me ensinando ao longo da vida. Você...é difícil, é quase impossível. Eu tô caminhando muito, tô vivendo muitas experiências, tô numa vida aí que tá ainda em construção, mas você olhar o mundo da maneira que ele é real, é a coisa mais difícil que tem. Porque a gente não foi educado pra isso. Ninguém é educado pra isso. Você é educado pra ver a sombra, né?

M: Qual foi dessas pessoas a que mais te impactou quando você viu assim, de frente, ouvindo falar, nossa, essa é...

G: Eu acho que foi o Michael. Eu acho que foi ele. Eu acho que de todo mundo que eu tive perto, ele e o Fred Mercury, os dois. Os dois que eu senti mais reais, mais verdadeiros, mais ali, entendeu? Mais poder. Mas não porque eles quisessem ter poder, porque eles tinham. Tanto que foram cedo. Eu acho que esses dois foram os que realmente mais me impactaram.

M: Bebê, né? Eu sou da música, eu faço música, pelo menos eu tento, né?

G: Ó, tá brincando, né? Tá brincando, né? Belo ou meu.

M: Então, aí a gente também fica iludido um pouco também, o imaginário da gente, do fã. No dia que eu vi que anunciou a morte do Michael Jackson, é aí que bateu na minha cabeça que eu achava impossível o Michael Jackson morrer.

G: Entendo você. A gente acha que essas pessoas são imortais. Na verdade, que elas são imorríveis. E, na verdade, são. Porque a gente tá aqui falando dele.

M: E a música tá tocando. Ontem mesmo eu ouvi músicas do Michael Jackson.

G: Vivo! O Fred Mercury tem um filme dele aí. E são pessoas que não saem do nosso imaginário. São pessoas que não saem da nossa referência. Não morrem.

S: Não, eu acho que pra conectar um pouco com o fato, né? Você começou falando nesse bloco de como você é a maior entrevistadora do Brasil. E você falou várias vezes que você gosta de gente, que você ama estar com gente. E tem uma entrevista com a Madonna, que a Madonna teoricamente deu quatro minutos e depois você conquistou muito mais quatro minutos. Então tem essa energia da entrevista aqui, né? Você traz muito. Inclusive a emoção que você citou aqui acho que tem a ver com essa conexão que você consegue gerar com as pessoas, que é impressionante. Como é que é isso?

G: Não, sabe por que? Eu acho que essa é uma coisa fácil de responder. Primeiro, que quando eu vou entrevistar, eu sei quem é o poder, que é o entrevistado. Isso é uma coisa que é uma regra básica. Você quando vai entrevistar Madonna, Fred Mercury, Roberto Carlos, eles são as estrelas. Ponto. Então eu não posso chegar lá, ó, sou a Glória Maria do Brasil, sou bacana, tenho fã, não. Eu chego sempre humilde. Dou todo espaço pro entrevistado. Deixo bem claro que eu tô ali pra fazer ele brilhar. Sempre. E aí eles já ficam à vontade, porque você, ali, são super estrelas. Super, super, super, super. Egos deste tamanho, em princípio. Aí se você consegue quebrar a resistência daquele ego, você já ganhou. A Madonna foi assim, eram quatro minutos, tinha um negócio que chama junkets, sei lá, você chega, aquela coisa é toda programada, você já vai sentar do lado, a pergunta tá ali, né. Aí eu falei, caramba, o que que eu vou fazer? Eu tinha que fazer uma introdução pro Fantástico e falar, e a introdução já ia os quatro minutos. Falei, não vai rolar, não vai dar certo. Aí também sou malanda, mulher, né. Levei um, eu tava com um colar que eu adorava, e levei um igual pra ela, mas até aí ela não tinha visto. Só botei o meu lá bem pra ela ver, era uma pedra azul maravilhosa, ela olhou, mulher foi direto no olho na minha pedra, eu falei, bom, já ganhei um ponto. Aí sentei, cheguei e falei, olha, Madonna, o meu inglês é péssimo. O meu português é maravilhoso, mas o meu inglês, pra falar com você, eu tenho que fazer uma introdução e só tem quatro minutos. Eu não vou conseguir. Aí também tem outra coisa que, assim, eu já entro com o fato de eu ser negra. Que você já quebra, eles não podem te tratar mal, eu uso, tem horas que você tem que usar isso a seu favor. Não pode querer usar contra o tempo todo. Então tem hora que você tem que fazer disso também uma moeda de troca. Você não fala, mas você se coloca. E digo, eu já tenho, né, é difícil, né, eu, só tem eu de vir negra lá no meu programa, se eu não levar isso direito, vai ser um problema pra mim. Pô, me ajuda.

M: Você usou isso?

G: Claro, eu sempre uso. Mas sempre uso, na hora que precisa, eu falo, ó, cara, preciso da tua força, me ajuda. Aí ela chamou lá a diretora, “ela pode falar o tempo que ela quiser”. Aí, pô, fui, fiz a minha introdução, toda bonitinha, falei, fiz as minhas perguntas, e eu nunca vou esquecer, era sobre um disco que ela tava lançando, assim, me conte um segredo, não sei o quê, aí eu pedi pra ela contar o segredo, ela contou, aí no final — e o olho dela não saía da minha pedra — aí no final, que elas nunca recebem, não podem receber presente, você tem que dar pra assessora, elas não recebem nada, né, porque eu ia sair e já entrava outra. Aí eu cheguei e falei, ó, desculpa, mas eu adoro você e te trouxe aqui uma pedra aqui nessa, igual a minha, de presente, ela fez assim, eu queria que você visse, ela na mesma hora abriu a caixa, olhou a pedra, e botou na mesma hora e deu o resto das entrevistas todas com a minha pedra no pescoço. Então é uma questão de você ser humilde. Humildade não é subserviência, é você saber usar na hora certa. Humildade é inteligência. E eu, na hora que preciso, eu uso, sem problema. Por isso que eu consigo fazer todas essas entrevistas aí na boa.

M: É, mulher esperta.

G: É, tem horas tem que ser, né? Malandra, totatola. É isso aí. Não pode ser neguinha à toa, né? Pelo amor de Deus.

M: O que foi aprendido tem que ser usado, né? Mas se liga, tem uma entrevista sua que você levou suas filhas pra conhecer a África do Sul, pra que elas conhecessem uma realidade diferente do Brasil e tal. Suas filhas estudam... são negras, certo?

G: Claro, óbvio. Baianas. Neguinhas que nem a mãe. Baianas, sangue bom, estudam as duas em colégios maravilhosos.

M: Qual que é a percepção que uma mulher afro-brasileira tem da África do Sul?

G: Eu queria que elas conhecessem um país que tivesse maioria negra. Que elas pudessem ver o negro ocupando os espaços que eles não ocupam aqui no Brasil. Lá você vai pra hotéis maravilhosos, você vai pra restaurantes maravilhosos e 90% das pessoas são negras. Aqui quando a gente vai a qualquer lugar chique, só tem eu e elas. Não tem ninguém.

M: A verdade é que a gente que mora aqui no Brasil, a gente não tem, a gente não sente esse gosto que você tá falando, de ver os negros ocupando lugares. Realmente no Brasil você não tem esse gosto.

G: Vai, eu levo as minhas filhas no teatro, somos só nós. Levo no cinema, é basicamente nós. Vou num lugar chique, somos só nós. Então, eu queria que elas vissem que tem lugar em que o preto também é maioria. Aí ficamos na África do Sul, num hotel maravilhoso, em um restaurante maravilhoso e elas só havia um preto em volta da gente. Aí a gente diz: “Mamãe, nossa, mas aqui tem muito preto mesmo. Por que que no Brasil não tem?” Eu digo, tem minha filha, mas eles não vão nos

lugares que a gente vai. Por uma questão de cultura, de educação, de falta de condição.

M: Poder financeiro.

G: Poder financeiro, não tem como. De maneira geral, o preto no Brasil ainda ocupa as posições inferiores. E eu falo muito com as minhas filhas, a gente conversa, elas estudam em colégios de elite, uma numa escola americana, a outra escola bilíngue. A que estuda na escola americana, ela tem muito mais acesso aos pretos, porque é uma escola que tem uma rotatividade de pretos, que vem trabalhar, parará, então ela tem. Mas a maioria é branca. Então, eu tenho que localizar elas dentro desse universo. Eu tenho que preparar elas na vida, da maneira que eu acho melhor, a maneira que eu não tive, elas têm que ter. Eu dou o melhor pra elas. Mas elas têm noção de que elas são privilegiadas. E elas falam: “Mamãe, puxa, eu fui naquele lugar, não tem quase preto, né mamãe? O clube que a gente é sócia, não tem quase preto”. E elas olham o tempo inteiro, observam, porque eu faço questão que elas vejam isso o tempo todo. Uma usa cabelo black power, a outra usa trancinha, aí daqui a pouco ela diz: “Mamãe, agora eu quero alisar o cabelo”. Alisa. Faz o que quer. Cada uma tem a liberdade de fazer o que quer da vida delas, do cabelo delas, entendeu? Acho que você não pode querer educar a criança dentro do seu valor. Eu não fui educada assim. Então, ela uma hora quer trancinha, outra hora quer ficar com o cabelo desse tamanho, a outra hora quer... faz o que quer. Eu sou aquela mãe que tô ali pra deixar elas serem o que são.

M: E a Glória Maria nas horas vagas em casa e tal, qual que é o som que faz a cabeça dela? Cinema?

G: Eu adoro música, música, música, música, adoro MPB. Eu escuto Bossa Nova pra caramba. Se eu não fosse jornalista, eu seria cantora. Adoro cantar, mas agora não canto mais porque a minha voz ficou uma merda depois dessa cirurgia toda. Mas eu cantava pra caramba.

M: Cantava bem?

G: Ah, eu cantava, cantava.

M: Opa, assumiu que canta bem.

G: Eu cantava, mas aí fiquei rouca, ficou uma droga. Mas eu era afinada. Adoro música, adoro, sou fascinada. Gosto de MPB, eu escuto Elis Regina. Escuto pouco funk. A verdade é essa, não vou mentir pra você que eu escuto, porque não é uma coisa que era do meu tempo quase.

M: E o funk dos anos 1970?

G: Eu gosto de blues pra caramba. Eu gosto de Rhythm and Blues. Blues eu adoro. Eu adoro aquela coisa, que negócio de baile charme. Eu sou do tempo do baile charme.

M: Frequentou uns bailes? Frequentou umas casas?

G: Frequentei pra caramba.

M: Lembra de alguns?

G: Não, não vou lembrar. Eu ia muito no subúrbio.

M: Qual?

G: Aqueles de Madureira. Não lembro. Eu ia pra baile. Você não vai lembrar disso, não é do seu tempo. Agora é a mesma coisa. Aqueles bailes de orquestra. D'Angelo, Severino Araújo. Não é você, entendeu? É outro. Tem uma certa defasagem aí.

M: Uma mudança de...

G: Eu ia pra baile mesmo, orquestra.

M: Não era fonomecânico como falam, né?

G: Que tinha Kruner. Olha só. Marcos Moran cantando. Conheci o Djavan como Kruner, dessa boate 706. Você deu uma ideia? Ele cantava toda terça, quarta, quinta lá. Eu ia lá apaixonada por ele, ele dava a menor confiança. Ficava lá olhando. Ele cantava, adorava aquele neguinho, adorava. Então a minha formação é outra. Eu não tinha tempo. Não era época de funk, não existia. Era essa coisa mesmo. MPB. Elis, Tom, D'Angelo, Severino Araújo, Sérgio Mendes. Isso é que fez a minha cabeça. Os negros americanos. Marvin Gaye. Era isso que eu ouvia. Então assim, isso foi que me fez. Chegamos onde?

M: No Marvin Gaye. Chegamos no Marvin Gaye. Tava só esperando.

G: Ah, tá vendo? Marvin Gaye fez a minha cabeça o tempo todo. Lionel Richie. Era isso que eu ouvi sempre a vida inteira. É isso ainda que eu ouço até hoje.

M: Da hora. E cinema?

G: Cinema eu gosto de tudo que não tenha violência nem tiro porrada que eu não vejo. Nem morta. Eu gosto de filme de amor com final feliz. Só vejo isso. Não adianta me mandar pra qualquer coisa. Eu gosto de história, de amor só com o final feliz. Se disser que o cara não fica com ela eu não vou, não vejo. Já basta a tristeza da vida. Eu tenho pavor de tristeza, de drama. Então filme pra mim é assim. Às vezes uma biografia, se for uma biografia bacana, agora não me chama pra ver coisa triste porque eu já tive tristeza demais na minha vida. Então me convida só pra alegria porque o triste eu não quero mais.

M: Se fosse pra você me fazer uma pergunta agora qual você faria?

G: Tá aí.

M: Tempo para Glória Maria.

G: Não, não preciso de tempo. É o seguinte: eu tava tensa, com medo. Não medo, não, é mentira porque eu não tenho medo. Mas eu tava tensa porque eu tenho a mania de falar demais e eu não penso. Aí depois eu acabo dando merda a todo mundo. Você não devia ter falado isso. Bom, aí eu agora quero saber de você. Eu tava muito ansiosa com essa entrevista porque eu não costumo dar entrevista. Eu sei entrevistar mas não sei ser entrevistada. E aí eu falei, pô, o Mano Brown vai me entrevistar? Aquele cara marrento pra caramba. O cara não dá entrevista pra ninguém agora quer entrevistar os outros. E aí é o seguinte: primeiro você vai ser meu entrevistado daqui a pouco. Isso é uma coisa. Não tô perguntando, já exigi. Já defini. Aí eu falei, o cara que nunca gostou da minha, nunca gostou não. Gostou, claro. Mas você não era de mídia. Não gostava de ir pra programa de auditório, não gostava disso, não gostava daquilo, marrento.

M: Sim.

G: Do jeito que eu gosto. Aí é que é o problema. Por isso que eu sempre fui encantada por você. Quando falaram, o Mano Brown, eu falei: “Eu vou”. Não, não vai dar merda pelo amor de Deus. Eu vou, eu quero ir. Aí eu ia perguntar o seguinte: tava tudo ali, tinha coisa no computador, ela estudou coisa na cabeça, a outra falou, agora esquece tudo, apaga o filme, apaga tudo e eu quero a sua primeira pergunta da sua alma, do seu coração. Depois eu vou fazer uma pra você.

M: A primeira pergunta?

G: Eu quero uma pergunta da sua alma do seu coração.

M: Sobre a minha alma?

G: Sobre mim, eu quero que você faça a primeira pergunta pra mim da alma. E depois que você fizer essa, eu vou fazer a minha pra você.

M: A primeira pergunta, eu cheguei com algumas, não sei se eu tenho uma pergunta.

G: É, depois de tudo que a gente falou.

M: Porque eu cheguei com algumas coisas que eu já tinha formado assim, sobre ao longo do tempo te vendo e tal e essa coisa de ser única durante muito tempo mesmo, marcou muito a minha geração, né? E você sabe que a gente, por exemplo...

G: Já se enrolou. Eu vou fazer a minha pergunta primeiro, assim, rapidinho.

M: Me enrolei, me enrolei, admito.

G: E vou falar logo pra você. Então assim, Mano Brown, todo marrento. Aí eu tava todo... falei, vou lá fazer a entrevista com ele. Aí você mandou aquele disco de vinil, que cê tá um gato. Eu já falei, caramba, que poder. Aí ela me avisou, "olha, ele tem mulher, ele é casado. Ele é casado com a Eliane". Pois é, todo mundo me avisou "olha, ele é casado". Todo mundo me avisou isso, todo mundo. E eu falei: "Pô, eu acho aquele cara um gato, poderoso, maravilhoso", e ela, olha a cara dela, olha lá. Aí, ela falou...

M: Minha mãe tinha um ditado bom pra isso que você acabou de falar: "A mulher não casa com o sapo, porque o sapo distingue o macho da fêmea".

G: Aí, olha só, todo mundo, eu falando "cara, eu tô toda ansiosa, vou escolher a roupa... escolher uma roupa bem isso", foi tudo planejado, se você quer saber foi tudo planejado. A cara dela falou, olha lá Aí, é, agora eu vou fazer a minha pergunta, depois você vai fazer a sua, é porque eu faço assim. Mano Brown, você que é o cara que não gosta de mídia agora tá fazendo esse negócio, esse podcast. É uma coisa que tá dando uma mudança na tua vida, óbvio. Uma mudança que pode substituir ou só vai acrescentar a música, ou você acha que depois dessa experiência de entrevistador a sua música de alguma maneira pode mudar ou vai mudar?

M: Essa pergunta é excelente, eu pensei sobre isso, pensei sobre isso, será que a minha música vai mudar ou será que as pessoas vão passar a me ver diferente? Porque vê bem, tem gente que fala assim: "Nossa, até que o Brown é inteligente". Tinha uma aura de burrice em volta de mim grande, que eu associo ao racismo. Aí eu tenho esse negócio comigo. Tem, e vou te dizer... talvez não você, mas tem uma coisa assim, pejorativa sobre nós homens da periferia porque tem um jeito de falar específico se veste de uma forma específica, reivindica coisas específicas, "Esses caras é tudo meio assim". Então o Brown, ele tem ali a figura do ignorante ali.

G: Mas você não é mais o cara da periferia da periferia de essência. A gente muda, tudo muda a vida é uma eterna mudança, eu quis te falar essa coisa de gato até na frente com a tua mulher que está aí, que exatamente para quebrar, porque o cara da periferia ele gostaria de dar aquela coisa né, do machão, você ficou quebrado "Oh, essa mulher é maluca". É lógico. Então assim, a vida é um caminhar. Talvez você tenha pensado em fazer essa coisa do podcast porque se tivesse afim de outros caminhos, além dessa imagem que você criou. Talvez agora seja a hora de você querer já começar a mudar a sua posição com relação a grande mídia, com relação a tudo. Você vai mudar?

M: Então, eu tenho percebido que a mídia mudou também. Hoje o advento da internet é uma mídia poderosíssima, que me dá a oportunidade de não entrar na mídia convencional que eu evitei tanto tempo, por exemplo, através da internet. O que me impulsionou a fazer isso foi que alguns amigos meus falaram "Você é um bom contador de história, você gosta de protagonizar, contar as histórias, por que

“você não faz um podcast contando histórias?”. Aí eu falei com o pessoal, falei com o Jorge, a produção, falei: “Pô, o que você acha do...” — foi no meio da pandemia, no meio da pandemia, no começo ali, bem naquele pior momento ali de desilusão total sem perspectiva, expectativa e tal. E a gente usando a cabeça pra procurar maneiras de não ficar louco e poder trabalhar, e ser útil, entendeu? Não era nem uma coisa de mudar de profissão, “Ah, vamos escolher uma coisa nova pra fazer”, não era isso! Era uma maneira de trabalhar e não ficar louco, não ficar louco, eu estava estudando muito e tal e sempre quando eu ia conversar com as pessoas eu vinha com um caminhão de informação

G: E agora que já tem um ano quase, você está fazendo isso, não é um ano?

M: É, estamos no décimo...

G: O que mudou?

M: Décimo sexto programa.

G: O que que mudou?

M: O que mudou é que na minha mente abriu uma perspectiva assim de, é... eu saí de uma zona de conforto, que música é o meu é o que eu gosto de fazer no meu tempo, na minha casa, nos lugares que eu gosto, e aqui eu estou me expondo a errar a ser ridículo, né?! Procuro não... procuro me cercar de gente competente pra que eu não erre feio, mas se eu errar, o pessoal tem que perdoar também não é minha profissão, entendeu?

G: Não tem erro, tem a tentativa de acerto, errar ninguém erra, ninguém erra.

M: E o lance é que eu gosto de falar bastante assim. Eu tenho muitas ideias. Mas eu também sei ouvir, eu gosto de ouvir também, então eu estou aprendendo muito aqui, estou aprendendo muito. Porque o meu universo, vamos dizer assim entre aspas, a gente se informa de muita coisa pra poder fazer o que a gente faz, porém, de alguma maneira a gente também se aliena dentro do próprio universo. E todas as lógicas parte do princípio da visão do rap para o resto, ou do músico... tudo é poético, tudo é romantizado... tudo é... moro?

G: É música, né?

M: Aqui, entrevistando pessoas, nem tudo é poético, nem tudo eu concordo.

G: Entrevista é uma coisa de mão dupla, né? Porque ou você abre a sua alma ou você não abre. Eu abri porque eu não sei fazer de outra maneira. Mas também abrir, um porque era pra você e outro porque eu aceitei, porque quando eu aceito é porque eu tenho que acreditar na pessoa com quem eu vou falar, porque é muito difícil você abrir a alma. E eu só aceitei fazer isso, primeiro agora falando a realidade, eu gosto de brincar, gosto de ter humor, mas assim, porque eu tenho o maior respeito por você e sempre tive. Respeito e admiração, porque eu acredito

nas pessoas que tem verdade, e você sempre teve. Por isso que tenho essa admiração enorme, por isso que eu quis fazer. Porque é muito fácil você falar, todo mundo fala, fala, fala... Agora você abrir a alma é outra coisa. Se não fosse você, primeiro eu não teria feito, e se também não fosse você, eu não teria falado, não teria aberto a alma da maneira que eu abri. Então assim, eu me surpreendi com o nível, a qualidade, tudo de informação que vocês têm sobre mim, porque como esse país não tem mais memória, e como as coisas da internet, do Google, tudo vai passando, quando você olha procura, não tem mais. Tem um monte de coisa sobre mim que não tem mais e vocês conseguiram fazer uma pesquisa incrível, realmente incrível. E eu nunca tinha feito podcast, nunca tinha feito nada disso, eu estou impressionada, adorei. Eu estou falando... acabou, não acabou?

M: Sim, está acabando.

G: Não acabou não?

M: Está acabando, está acabando, estamos indo para o final, e no estilo, no estilo. As informações chegam através da Semayat, que é uma jornalista, uma menina negra também, que vem do gueto igual nós, e uma coisa que eu era para ter te falado desde lá... eu já vou acabar... não um conselho, nem uma frase para ficar, tipo assim... essas meninas que estão estudando, que na sua época só tinha você mas agora elas estão chegando aos poucos e estão ocupando os espaços. O que você tem para dizer? Tem algo a dizer ou é só luta mesmo e vamos que vamos?

G: Não, eu acho que tem assim, tentem ser quem são. Não se preocupar muito com mídia, rede social. Se preocupar mais com alma, com encantamento, com verdade, porque, por exemplo, eu quando entrei no jornalismo... jornalismo para mim sempre foi e até hoje é arte. Eu sempre digo assim, nós, repórteres, por exemplo, eu não sou advogado de defesa. Então a minha profissão não é para defender ninguém. Eu não sou promotor. Eu também não tenho que acusar. Eu não sou juiz. Eu não tenho que julgar. O que eu tenho que fazer, que eu acho que é a minha obrigação, é mostrar para a sociedade os fatos. É colocar diante do olhar de todo mundo o que acontece. Eu acho que o jornalista é um fiscal da sociedade e eu acho que as pessoas deviam continuar pensando isso, esquecer um pouco, é difícil, mas esquecer um pouco o glamour, a possibilidade do sucesso fácil ou do charme e lembrar que você está ali como um prestador de serviço da sociedade. Eu acho que tudo seria melhor, tudo seria mais fácil se você está ali para prestar um serviço e você não está ali para se fazer de divino, maravilhoso. Então é isso que eu diria. Veja o jornalismo como eu vejo até hoje. Jornalismo é arte. Arte de pensar, arte de falar, arte de se autoanalisar, arte de olhar para o outro. E é assim que eu quero ver a minha profissão até o final e tomara que essa geração, ou a próxima, ou todas as outras conseguissem pelo menos tirar ainda um pouquinho dessa arte do que é ser um jornalista.

M: Hoje é o décimo sexto programa. Fecha a primeira temporada. Fecha com Glória Maria. Fechou em grande estilo, a plateia está aí, não perde uma vírgula do que

you fala. Realmente é uma hierarquia que a gente entende que você está à frente no aprendizado, está à frente do que pode ser ensinado para nós e a gente tem que ouvir quem tem o que falar. Eu entendi que você vê a vida assim, que passou pelo que você passou, você entende que a gente é um grão de areia, mas a gente que não é você acha que você é a maior entrevistadora, e você, querendo ou não...

G: Olha, eu digo o seguinte: minha mãe me chamou de Glória Maria, porque minha mãe era bem assim, a mamãe era meio metida, ela não queria que na época o nome da moda quando eu nasci era Maria da Glória, que nascesse no dia que eu nasci, que é dia 15 de agosto que é o dia de Nossa Senhora da Glória, e todo mundo chamava Maria da Glória. Aí minha mãe falou: "Não, minha filha vai se chamar Glória Maria". Aí, só que assim, na minha família não tem ninguém das pessoas próximas que me chamem de Glória Maria. Eu sou Glória para a maioria, para outras pessoas eu sou Glorinha. E é engraçado que o que eu mais gosto, tanto que eu chamei a minha filha, a mais velha de 13 anos ela chama Maria, que é o nome que eu mais amo, ninguém nunca me chamou de Maria e era o que eu mais desejava a minha vida inteira, inteira. Glorinha a mamãe chamava. Glória, mas não sou eu. Eu nasci, vivi, sou e vou ser Maria o tempo todo, mas ninguém me chama de Maria, ninguém nunca me chamou de Maria porque acho que as pessoas acham que Maria é um nome, né? Perto de Glória, acham que Maria é nada...

M: É a pronúncia Glória.

G: Pô, agora Maria... e eu tenho a minha Maria, e aí ela diz assim: "Mamãe, por que você botou o meu nome só Maria?", porque ela é Maria pura. Eu falei: "Meu amor, porque eu não queria que você corresse o risco de perder o seu Maria para um outro nome qualquer, Maria Luiza, Maria Gabriela, Maria não sei, não seria mais Maria". E aí ficaram as duas: uma é Maria, que é o nome que eu mais amo, o nome que eu gostaria de ter sido chamada a vida inteira, e a outra é o nome da minha bisavó de parte de mãe, que eu adoro, que é Laura. Então assim, eu na verdade, eu acho que, eu acho não, tenho certeza, que eu sempre fui Maria, e hoje aqui, talvez mais do que nunca, eu tenha conseguido colocar a minha Maria que pô, todo mundo bota ela para o lado para fazer baixar a Glória. Caramba, mas hoje a Glória cantou para subir e aqui ficou a Maria.

M: Mas isso é um elogio que você acabou de falar para a gente aqui.

G: É verdade.

M: E eu só posso agradecer demais, agora a Maria é referência!

G: Agora você vai me chamar até o final de Maria.

M: Maria! Eu gosto muito do seu nome, sabe, eu já fiz música com esse nome de Glória

G: Pois é, agora Maria ninguém fala. Tá aí uma boa ideia, a próxima... o próximo rap, a próxima música, você vai fazer uma Maria!

M: Eu acho que os nossos... nossas avós...

G: Tudo era Maria, aí Maria sempre é considerada mais a doméstica. Todo mundo tem uma Maria e aí ninguém quer. Agora eu sou Maria, mas eu sou Maria, e aí a próxima vez você vai fazer uma música Maria e vai dizer: "Oh Glória, fiz a Maria", quero ver.

M: Tem muitas músicas com o nome de Maria. Maria, tem?

G: Tem assim, tem *Maria, Maria*, mas não tem muito. *Nasceu Maria...*

M: Não tem altura do que você considera ser digno para a Maria.

G: Toda Maria tem uma coisa assim, meio de tristeza. Agora uma Maria alegre, solar. Uma Maria simples, básica. Uma Maria 'feijão com arroz'. Não tem

M: Você é uma mulher simples?

G: Ai, eu sou. Sou mesmo. Bota simples, bota simples, bota simples. Às vezes eu quero ser metida, como hoje botei bota alta...

M: A gente imagina você assim

G: Mas não, hoje foi planejado, hoje foi tudo programado milimetricamente porque não é assim, ela briga comigo "bota uma coisa...". Não, hoje foi pensado na maldade

M: Não passa batida.

Risos ao fundo

G: Eu gosto de ter humor. Se a vida, se a gente não rir, a gente vai fazer o que? Ainda mais depois de tudo isso que eu passei, você tem que ter um mínimo de humor. Por isso que você fica viva e inteira. Se você não brincar, a vida sem leveza, a vida sem brincadeira não tem sentido. Já tem tanta coisa barra pesada, vamos ser leve, não é Maria Luiza? Não é?

M: Então me dá licença de falar: Maria, muito obrigado por tantos anos de serviço prestado às mulheres negras, às mulheres, ao Brasil é isso?

G: Poxa vida, muito, muito, muito, muito, muito obrigada do fundo do coração, adorei o meu dia, a minha tarde, o papo, a energia, o carinho, a alegria, o reconhecimento que é tão raro. Eu estou feliz! Parabéns você pelo homem que você tem. Uma grande amiga minha falou de você, a Joyce Pascowitch falou que te adora, que eu falei que ia vir aqui e ela mandou um beijo enorme pra você. Então assim, pra todo mundo que está aqui, obrigada, do fundo da minha alma, do fundo do meu coração

mesmo, vocês me deram um dos melhores dias da minha vida, um dos mais bacanas...

Palmas

G: Estou inteira e vou voltar de avião!

M: Bom demais, lisonjeado. Esse foi o *Mano a Mano* de número 16 da primeira temporada, fechamos com Maria!

G: Maria!

Palmas e gritos

G: Obrigada!

Som da vinheta sobe junto com o som de aplausos no estúdio

S: Esse foi o *Mano a Mano*, um original *Spotify*. Direção criativa: Gana. Produção executiva: Eliane Dias, Giovana Viana, Renata Hilário e Kaire Jorge. Produção: Boogie Naípe e Mugshot. Produtoras: Jacques de Paula e Tainá Vieira. Consultoria jornalística: Semayat Oliveira. Direção: Arthur Abrami. Fotografia: Jeff Delgado. Edição: Bruno Zibordi, Henrique Oliveira e Leandro Rodrigo. Música original: Chico Reginaldo e Maurício Herskovits.

FIM DO PODCAST